

LUCÉLIA BRAGHINI

UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A SUBMISSÃO
FEMININA A SITUAÇÕES CRÔNICAS DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1990

LUCÉLIA BRAGHINI

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
— Lucélia Braghini
e aprovada pela Comissão Julgadora
em 19.12.90

Data: 19.12.90

Assinatura: Sandra Pellyporel

UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A SUBMISSÃO
FEMININA A SITUAÇÕES CRÔNICAS DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1990



Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do Título de MES-
TRE EM EDUCAÇÃO na Área de Concentra-
ção: _____

à Comissão Julgadora da Faculdade de E-
ducação da Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação do(a) Prof.(a)
Dr.(a) _____

Comissão Julgadora:

Sandra Redupand

Lucia Domingues de Castro

[Signature]

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Aldo e Janete,

fonte primeira a que remontam as raízes deste estudo,
protagonistas distantes de uma história inacabada,
figuras carismáticas que deixaram para sempre imprimida a sua mar
ca inconfundível,
e contribuíram para que uma mulher escrevesse a sua história pe-
las linhas da ciência...
A vocês, meu carinho e minha gratidão.

A todas as mulheres,

forte sexo frágil,
que todos os dias se embrenham na labuta incasável pela vida,
e constantemente se dão,
e nunca param para pensar em si mesmas,
que de tão acostumadas em se alienar do prazer, fizeram da dor e
da reclamação a única via de satisfação,
e se tornaram sombras dissimuladas de desejos inconfessados,
e esperam de seus maridos a solução para seus problemas,
e fazem da sua contradição interna o seu sentido de vida.
A este fabuloso contingente que constitui mais da metade da popu-
lação mundial, minha admiração e minha homenagem....

AGRADECIMENTOS

- Às mulheres, clientes do SOS/Ação-Mulher, que me confidenciaram seu mundo, tornando possível minha aprendizagem sobre o funcionamento do psiquismo feminino. Estas mulheres, que em sua dor, tanto me ensinaram.
- À equipe técnica do SOS/Ação-Mulher, que muito colaborou para a realização deste estudo, principalmente na fase de coleta de dados, e com quem tenho exercitado a convivência entre mulheres profissionais. Agradecimentos especiais a Mani Álvares e Maria José Taube, que tiveram papel importante no início e na conclusão desta tese, estimulando e valorizando minhas iniciativas enquanto pesquisadora, e ainda, a Carmem Sílvia Bélix Castanho, pelo seu interesse no andamento deste estudo.
- Ao SOS/Ação-Mulher, entidade feminista, onde tive momentos de glória e de crise, que muito colaborou para o meu desenvolvimento enquanto profissional, cuja bandeira feminista vai estar para sempre hasteada no pavilhão dos meus ideais. Que a entidade continue incentivando a pesquisa e colaborando para o crescimento e a formação de outras profissionais, que façam disseminar as sementes que constituem o ideário, a filosofia e a prática da concepção feminista da referida entidade.
- À Faculdade de Educação da UNICAMP, que me possibilitou a concretização deste estudo, já projetado em um momento anterior de minha prática profissional, reconhecendo a relevância do tema e oferecendo os subsídios teóricos necessários. Menção especial a cada um dos professores que tive, que pelas informações transmitidas e pela sabedoria de suas atitudes me ajudaram a alargar as fronteiras de meu mundo.
- À CAPES, que pelo apoio concedido a esta pesquisa, possibilitou dedicação intensiva da pesquisadora, o que permitiu sua conclusão em prazo satisfatório. É fundamental para o desenvolvimento e alto nível das pesquisas no país, o papel de fontes de subvenção e incentivo às mesmas.
- À Dra. Sandra Shepard, minha orientadora, que em todos os momentos esteve comigo, constituindo sempre uma presença amiga que

ajudou a clarear pontos obscuros e a serenar a minha angústia nos momentos mais difíceis, mestre que me auxiliou a ir burilando pouco a pouco o perfil da pesquisadora, e vencer o desafio da competência feminina. Sua sabedoria me possibilitou ainda mais estreitar os laços com as mulheres, minhas companheiras, e me proporcionou momentos mágicos de reencontro com a natureza cósmica, e de conexão com o elo que me faz um ser no universo.

- Ao Djalma, meu companheiro, com quem pude compartilhar e dividir os encargos e ansiedades relativas à realização deste estudo, e com quem tenho podido exercitar e aprender sobre os conflitos e prazeres específicos da relação homem x mulher.
- À Rosa, uma "coleguinha" da pós-graduação, que me mostrou o mar e me ensinou a ser criança.
- À Cica, que pelas linhas de sua arte, retratou nuances do psiquismo feminino.
- À inteligência cósmica que habita dentro de mim, que em sua sabedoria apontou-me o caminho nos momentos mais difíceis.
- À mulher primordial, personagem distante de um passado remoto, que espera pacientemente ser despertada nos sonhos da alma feminina e tornar-se presente no amanhã.

RESUMO

Este estudo consiste em uma investigação sobre o fenômeno da submissão da mulher a situações crônicas de violência doméstica. O campo de pesquisa constituiu-se na clientela do SOS/Ação-Mulher, entidade feminista voltada ao combate da violência contra a mulher. Para os fins deste estudo considerou-se como violência agressões físicas ou psicológicas, bastando que tenha sido efetuada pelo companheiro/marido da vítima (ou seja, alguém com quem a mesma cultivasse vínculos afetivo/sexuais) e se configurasse um quadro de impotência, sem que a mulher conseguisse fazer nada para sair da situação em que se encontrava, resultando com isso um longo tempo de convivência com o problema.

O foco da pesquisadora está em compreender os dinamicismos psicológicos inconscientes, mais especificamente os entraves de ordem afetivo-emocional, que mantêm estas mulheres em situações de violência. Por isso, a teoria psicanalítica serviu como referencial adequado, tendo especificamente na teoria dos instintos sua maior contribuição para este estudo, visto que o tema da violência consiste em uma manifestação explícita de descarga instintiva, e a sujeição à mesma foi compreendida pela pesquisadora como uma projeção do instinto de morte.

Estudos de casos foi a estratégia que possibilitou cumprir e investigar as especificações acima referidas. Sete casos foram selecionados e submetidos à aplicação da entrevista e dos testes projetivos gráficos, os quais foram adaptados de acordo com o procedimento de desenhos-estória. Foi solicitado do sujeito a realização de quatro desenhos: uma figura humana, o teste das duas pessoas, uma cena doméstica e um desenho livre.

Os resultados obtidos demonstraram a ação conjugada dos instintos de vida e de morte na vida destas mulheres, seu estado de insegurança interna e carência generalizada, sua condição de imaturidade psicológica e de dependência do companheiro, o papel determinista das experiências de abandono e rejeição vividos na tenra idade, a condição de animosidade sob a qual é vivenciada a relação conjugal, a censura ao prazer e à própria sexualidade, e

ainda, o caráter eminentemente masoquista sob o qual vivenciam sua vida afetivo/sexual.

Estes são os aspectos de maior relevância encontrados no funcionamento psíquico destas mulheres e estão de tal maneira arraigados que apontam para traços arcaicos, herança indelével da maldição milenar que pesa sobre a mulher, e que soterrou quase irremediavelmente seu passado glorioso. São pistas que se oferecem para estudos posteriores.

ABSTRACT

The present work consists of an investigation of the phenomenon of woman's submission to situations of domestic violence. The research utilized the clientele of "SOS/Ação-Mulher", a feminist entity devoted to fighting the violence against women. For the purpose of this study, it has been considered as violence any physical or psychological aggression instigated by the victim's partner or husband (that is, someone with whom the victim had sexual or affective bonds), resulting in a situation of impotence, being that the victim was unable to alter the situation she was in, thus resulting in a long intimacy with the problem.

The researcher's center of interest is to understand the unconscious psychological dynamics - more specifically, the affective-emotional obstacles that maintain these women in situations of violence. For this reason, the basis of reference was the psycho-analytical theory, being its major contribution to this work its theory of instincts, for the subject of violence consists of an explicit display of instinctive discharge, and the submission to this was understood by the researcher as a projection of the death instinct.

The study of case histories was the strategy which made it possible to carry out and investigate the above specifications. Seven case histories were selected and the subjects were submitted to interviews and graphic projective tests, which were adapted in accordance with the procedure of picture-stories. The subject was asked to draw four pictures: one human figure, the two persons' test, a domestic scene, and a free drawing.

The results obtained showed the combined action of both life and death instincts on the lives of these women; their state of inner insecurity and generalized deprivation; their condition of psychological immaturity and dependence upon their partners; the deterministic role of the experiences of abandonment and rejection suffered when they were very young; the existence of ill will within the matrimonial relationship; the censorship of pleasure and of their own sexuality and, furthermore, the hi-

ghly masochistic nature under which they experience their affective and sexual life.

These are the most significant aspects found in the psychic functioning of these women, and they are so deep-rooted that they reflect primitive traces, an indelible inheritance of the millenary curse hanging upon woman, and which have almost irremediably buried her glorious past. They are clues presenting themselves for future studies.

SUMÁRIO

Cap. I - INTRODUÇÃO

- 1. Justificativa p. 17
- 2. O Feminismo e o SOS/Ação-Mulher p. 18

Cap. II - DISCUSSÃO TEMÁTICA

1. Fatores Sociais:

- 1.1. Fatores estruturais p. 25
- 1.2. Fatores ideológicos p. 25
- 1.3. Fatores institucionais p. 25
- 1.4. Fatores pedagógicos p. 26

2. Fatores Psicológicos: p. 28

- 2.1. O inconsciente freudiano p. 29
 - 2.1.1. O ponto de vista topográfico p. 29
 - 2.1.2. O aspecto estrutural da mente ... p. 30
 - 2.1.3. O aspecto dinâmico p. 31
 - 2.1.4. O aspecto econômico da mente p. 31
 - 2.1.5. Características especiais do sistema inconsciente p. 32

2.2. O método psicanalítico p. 33

3. A Questão da Passividade e da Sujeição da Mulher p. 34

4. A Teoria dos Instintos p. 38

- 4.1. Referências ao masoquismo p. 44
- 4.2. Primeiras manifestações agressivas p. 50
- 4.3. A escolha do parceiro p. 54
- 4.4. A dualidade amor x ódio p. 54
- 4.5. O narcisismo de morte p. 56

5. Contribuições da Teoria Jungiana p. 58

Cap. III - OBJETIVOS

- 1. Objetivos gerais p. 62
- 2. Objetivos específicos p. 62

Cap. IV - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

1. <u>As Técnicas Projetivas:</u>	p. 63
1.1. Técnicas gráficas	p. 66
1.1.1. O desenho da figura humana	p. 67
1.1.2. O teste das duas pessoas	p. 68
1.1.3. O desenho livre	p. 69
1.2. O procedimento de desenhos-estórias	p. 69
2. <u>A Entrevista Semi-dirigida</u>	p. 70
3. <u>CrITÉrios Gerais para Interpretação Psicológica dos Testes Gráficos</u>	p. 73

Cap. V - MÉTODO

1. Sujeito	p. 80
2. Instituição	p. 80
3. Procedimento	
3.1. Procedimento geral	p. 83
3.2. Procedimento para coleta de dados	p. 83
4. Estudo piloto	p. 85
5. Conclusão da coleta de dados	p. 86

Cap. VI - PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

1. Análise dos testes gráficos	p. 87
2. Análise da entrevista	p. 89
3. A síntese dos casos	p. 90

Cap. VII - ESTUDO DOS CASOS

1. <u>Caso Célia</u>	
1.1. Entrevista	p. 94
1.2. Análise da entrevista	p. 106
1.3. Desenho da figura humana: interpretação	p. 111
1.4. Teste das duas pessoas: interpretação	p. 115
1.5. Cena doméstica: interpretação	p. 120
1.6. Desenho livre: interpretação	p. 124
1.7. Síntese do Caso Célia	p. 129
2. <u>Caso Mirtes</u>	
2.1. Entrevista	p. 133
2.2. Análise da entrevista	p. 145

2.3.	Desenho da figura humana: interpretação	p. 152
2.4.	Teste das duas pessoas: interpretação	. p. 157
2.5.	Cena doméstica: interpretação p. 162
2.6.	Desenho livre: interpretação p. 167
2.7.	Síntese do Caso Mirtes p. 172
3.	<u>Caso Otília</u>	
3.1.	Entrevista p. 176
3.2.	Análise da entrevista p. 188
3.3.	Desenho da figura humana: interpretação	p. 194
3.4.	Teste das duas pessoas: interpretação	. p. 201
3.5.	Cena doméstica: interpretação p. 207
3.6.	Desenho livre: interpretação p. 211
3.7.	Síntese do Caso Otília p. 215
4.	<u>Caso Jurema</u>	
4.1.	Entrevista p. 219
4.2.	Análise da entrevista p. 232
4.3.	Desenho da figura humana: interpretação	p. 238
4.4.	Teste das duas pessoas: interpretação	. p. 243
4.5.	Cena doméstica: interpretação p. 248
4.6.	Desenho livre: interpretação p. 252
4.7.	Síntese do Caso Jurema p. 256
5.	<u>Caso Ivete</u>	
5.1.	Entrevista p. 260
5.2.	Análise da entrevista p. 272
5.3.	Desenho da figura humana: interpretação	p. 279
5.4.	Teste das duas pessoas: interpretação	. p. 285
5.5.	Cena doméstica: interpretação p. 290
5.6.	Desenho livre: interpretação p. 295
5.7.	Síntese do Caso Ivete p. 300
6.	<u>Caso Irecê</u>	
6.1.	Entrevista p. 304
6.2.	Análise da entrevista p. 320
6.3.	Desenho da figura humana: interpretação	p. 326
6.4.	Teste das duas pessoas: interpretação	. p. 331
6.5.	Cena doméstica: interpretação p. 336
6.6.	Desenho livre: interpretação p. 343
6.7.	Síntese do Caso Irecê p. 349

7. Caso Rosa

7.1. Entrevista	p. 353
7.2. Análise da entrevista	p. 363
7.3. Desenho da figura humana: interpretação	p. 370
7.4. Teste das duas pessoas: interpretação .	p. 375
7.5. Cena doméstica: interpretação	p. 380
7.6. Desenho livre: interpretação	p. 385
7.7. Síntese do Caso Rosa	p. 390

Cap. VIII - ANÁLISE COMPARADA

1. Síntese geral dos casos	p. 393
2. Comparação dos casos entre si	p. 398
3. Perfil psicológico dos casos estudados	p. 406

Cap. IX - CONCLUSÕES E REFLEXÕES

p. 409

Cap. X - ANEXOS

1. Roteiro de Entrevista	p. 426
--------------------------------	--------

Cap. XI - BIBLIOGRAFIA

p. 430

"LÚCIA

Eu não me respeito

Eu não posso respeitar a ninguém que me respeite

Eu só posso respeitar alguém que não me respeite.

Respeito Lúcio

porque ele não me respeita

Desprezo Luís

porque ele não me despreza

Somente uma pessoa desprezível

pode respeitar alguém tão desprezível quanto eu

Não posso amar alguém a quem desprezo

Logo, como eu amo Lúcio

não posso acreditar que ele me ame

Que provas me daria de que me ama? "

(Laing, 1970, p. 25)



Lisa Monteiro 1990

I - INTRODUÇÃO

1. Justificativa:

O problema que a pesquisadora se propõe a investigar é decorrente de sua prática de atendimento a mulheres espancadas, trabalho que desde 1985 vem desenvolvendo no SOS/Ação-Mulher, Campinas, entidade feminista voltada ao combate da violência contra a mulher.

Esta prática proporcionou-lhe a oportunidade de observar a semelhança entre os diversos casos recebidos pela entidade. As mulheres costumavam queixar-se estar vivendo situações de violência doméstica onde eram espancadas por seus companheiros, além dos maus-tratos verbais, humilhações e o desrespeito que já faziam parte do seu cotidiano. Este fato, contudo, se prolongava por vários anos sem que estas se dispusessem a tomar uma atitude que representasse a solução definitiva para os seus problemas. Muitas nem sequer davam queixa na polícia; viviam constantemente postergando uma tomada de decisão, chorando e rezando para que o seu agressor parasse de lhes espancar. Observava-se que nem mesmo a orientação recebida no SOS no sentido de estimular a auto-afirmação, o estabelecimento dos limites e o rompimento da passividade destas mulheres, ajudava-as efetivamente, funcionando algumas vezes como um paliativo.

Elas apresentavam vários argumentos que justificavam sua permanência na situação. A vergonha, o medo, a falta de uma qualificação profissional que lhes garantissem os meios de subsistência, a falta de moradia, o fato de não contarem com o apoio da família (resultante de um distanciamento físico ou psicológico), e o argumento mais forte: os filhos, a dificuldade para sustentá-los sozinha, ou não querer privá-los de um pai. Em resumo, a falta absoluta de perspectivas. Diante deste quadro constata-se que muitas delas voltavam para casa e continuavam apanhando.

Observava-se então que mulheres que viviam relações de violência com seus companheiros dificilmente saíam destas relações, parecendo sujeitas a um conformismo e a uma acomodação pró-

prios do equilíbrio neurótico. O quadro que aparentemente se delineava era de auto-abandono, de consideração negativa de si mesmas, de submissão, e porque não dizer, de masoquismo.

De qualquer forma era para a pesquisadora um enigma que tantas mulheres permanecessem tanto tempo submissas a situações, que diziam ser-lhes tão profundamente aversivas. Parecia lógico que, se a situação era assim tão ruim deveriam ter se separado há muito tempo. Por outro lado, jargões populares reverberavam desconfortavelmente quando afirmavam que "mulher gosta de apanhar". Intrigada diante de tantas indagações, e envolvida no trato direto e constante com esta problemática através do testemunho do sofrimento destas mulheres, a pesquisadora decidiu fazer deste assunto seu objeto de estudo.

2. O Feminismo e o SOS/Ação-Mulher:

Neste estudo, o tema do feminismo será descrito resumidamente, à guisa de introdução a fim de situar a pesquisa no seu devido contexto, considerando que o enfoque da pesquisadora sobre fatores psicológicos levou-a a adotar como referencial teórico, a teoria psicanalítica, diferindo portanto de uma abordagem sócio-antropológica. (*)

No início dos anos setenta proliferavam a criação dos grupos feministas em várias partes do mundo. Nos Estados Unidos, França, Itália, Rússia, e até mesmo no Brasil eram frequentes as passeatas nas ruas, as manifestações públicas, os grandes encontros de mulheres. Como todo movimento revolucionário leva a marca do radicalismo, o feminismo tão pouco deixou de marcar presença pelos seus excessos. As mulheres estavam se libertando de anos de escravidão, dos grilhões da clausura do casamento e da maternidade, do silêncio mutilante, da opressão dos estereótipos sexuais

(*) Para maiores detalhes consultar Pontes (1987), que tratou extensivamente da questão feminista no seu estudo de caso sobre o SOS de São Paulo.

femininos e precisavam de um símbolo forte. A queima dos sutiãs cumpriu seu objetivo. Representava seu contundente repúdio à opressão, às discriminações sexistas, ao domínio masculino, à condição de inferioridade imposta arbitrariamente. Ao mesmo tempo constituía uma reivindicação por direitos iguais aos do homem, por salário igual, e sobretudo, pelo direito ao prazer, pela liberdade sexual e pelo domínio sobre o próprio corpo.

As relações entre os sexos neste período foram marcadas por intensa disputa. Revoltadas após anos de subordinação, as mulheres brigavam pelo poder; como este estava concentrado em mãos masculinas, elas insistiam em tomar o lugar dos homens. Contudo, uma simples troca de personagens não resolvia o problema de uma sociedade essencialmente machista e discriminatória. Neste momento de rompimento de cadeias milenares, envolvidas emocionalmente, as mulheres perdiam de vista que o machismo não era consequência da maldade dos homens, mas de uma ideologia interessada em manter a supremacia de um sexo sobre o outro. (Azevedo, 1985)

Pontes (1987) observa que o homem foi associado pelas feministas à figura do vilão, do algoz e do inimigo (o que originou a crença de que feminista tem raiva de homem, e lhes valeu a pecha de "sapatões", solteironas, mal amadas), e a mulher, à vítima desafortunada. Ao perder de vista as implicações sociais da subordinação das mulheres enfocando-a como um fato isolado, e consequentemente reforçando sua condição de vítima, negou-se uma possível cumplicidade das mesmas para com seus algozes isentando-as de assumir responsabilidade sobre a própria vida, e a situação em que se encontravam. "Impossibilitadas" de definir os seus próprios rumos, só lhes restava continuar ocupando uma posição de menoridade e secundariedade no mundo dos homens.

Esta é, conforme Pontes (Ibid.), uma das muitas contradições do discurso feminista; ao mesmo tempo que prega a libertação da mulher, reforça o seu vitimismo, e coloca-a com isso numa posição de menoridade e de incapacidade para resolver suas questões.

A partir de uma vivência conflitante e opressora com o sexo masculino, o discurso feminista prega a vivência do coletivismo e da solidariedade entre as mulheres; a filosofia do não po

der, da não hierarquia, a recusa à liderança e ao profissionalismo e a ênfase na democracia participativa. A hierarquia, as lideranças, o profissionalismo são tidos como canais através dos quais se executam as relações de poder, vistas como opressivas e alienantes de um sexo sobre o outro. Em contrapartida, as feministas propõem a sua filosofia como uma alternativa sadia, promotora e igualitária das relações entre as mulheres, das quais o homem é excluído.

Contudo, apesar desta filosofia idealizada os grupos feministas não conseguiram evitar que se reproduzissem as relações de poder no exercício de sua prática, pois estas têm suas raízes na estrutura mais ampla na qual estes grupos se inserem, e da qual se originaram: a família e a própria sociedade. As relações humanas se dão de forma competitiva, sendo assimiladas pelas mulheres igualmente; quando muda o sexo a estrutura das relações tende a continuar, o que pode ser observado em casos de homossexualismo feminino e nas relações entre mulheres dentro da família. Isto explica o fechamento e a dissolução de muitos grupos de mulheres que viviam esta contradição entre o seu discurso filosófico e a sua práxis. Aqueles que "sobreviveram" seguindo o caminho da institucionalização reconheceram formas de hierarquia e de liderança mais explícitas.

Por outro lado, o feminismo se caracterizou como sendo um movimento essencialmente político, que visava resgatar na sociedade o poder que havia sido negligenciado às mulheres. "O pessoal é político", formulação que representava o ideário da luta feminista, cujo significado está em que ao tornar público o privado, fazendo tema de discussão e debate aquilo que sempre esteve circunscrito ao mundo pessoal e fechado da mulher (e que sempre esteve à margem da sociedade), estas coisas crescem de importância ganhando legitimidade e reconhecimento público. A maternidade, a educação dos filhos, os métodos anticoncepcionais, o relacionamento com o companheiro, a vida sexual, a sobrecarga doméstica feminina não se tratavam mais de conversa de comadres, mas de temas para entrevistas e programas de televisão. A mulher tornou-se notícia, tendo sido internacionalmente consagrado o ano de 1975 em sua homenagem.

O surgimento dos SOSs no Brasil possui algumas peculiaridades dentro do movimento feminista. Em 1980, como manifestações isoladas em diversos pontos do país surgiram ao mesmo tempo, sem comunicação entre si os SOSs de São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Recife, Florianópolis, Curitiba, Belo Horizonte, São José dos Campos. Sua criação foi uma resposta e um ato de repúdio à violência cometida contra as mulheres (em São Paulo, contra as prostitutas que eram então perseguidas em função da "operação limpeza", coordenada pelo delegado de polícia Richetti, com o objetivo de impedir o livre trânsito dos michês, travestis e prostitutas no centro da cidade), e sobretudo aos assassinatos de mulheres, na maioria das vezes crimes passionais, um capítulo à parte na história do direito penal onde os assassinos permaneciam impunes, sendo sua conduta justificada nos tribunais pelo argumento da legítima defesa da honra. Foram famosos os assassinatos de Ângela Diniz (M.G.), e de Eliane de Gramont (R.J.), assim como ganhou prestígio nacional o Dr. Evaristo de Moraes, advogado de defesa que se especializou em crimes passionais. (Corrêa, 1980)

A prática dos SOSs demonstrou que um assassinato é o último grau de toda uma escalada de violência, que começa com agressões verbais (violência psicológica), reincide em frequentes espancamentos até culminar na morte da vítima. Contudo, antes de se chegar à ocorrência do crime, é possível identificar no cotidiano do casal a presença do ciclo da violência, que se repete sucessivamente. Observa-se que a tensão vai aumentando gradativamente, até que fica insuportável, e então, por um motivo aparentemente banal, o marido agride violentamente a companheira. Esta, como forma de protesto, às vezes sai de casa, mas acaba sempre voltando em função dos insistentes rogos do marido, que, arrependido, promete-lhe que nunca mais acontecerá de novo. Por um certo tempo, movido pela culpa, ele até consegue tratar a esposa com um pouco mais de consideração; mas à medida que a tensão começa a se acumular vai se embrutecendo, e finalmente explode num acesso de raiva agredindo-a com violência. (Merwise, 1986)

A observação da forma como se processavam as relações de violência teve repercussão na proposta de trabalho dos grupos feministas que trabalhavam com a violência, principalmente o SOS/

Ação-Mulher.

Os grupos feministas em geral eram grupos autônomos basicamente de reflexão sobre as questões do corpo, da sexualidade, do trabalho, de política. O que diferenciava os SOSs dos demais grupos feministas era o contato direto das militantes com as mulheres vitimadas, procedimento que o combate à violência impunha, e se processava pela via dos plantões de atendimento.

Pontes (1987) afirma que dentro da proposta das feministas do SOS de São Paulo, o sistema de plantões constituía a via pela qual se tentava promover a "conscientização" das mulheres. Essa conscientização, é claro, implicava em que a mulher tomasse consciência de sua situação, isto é, que reconhecesse sua posição de subalternidade na sociedade, sua dependência do homem, seu conformismo e submissão diante da violência em que vivia o seu cotidiano, que sentia-se na mais completa impotência por haver delegado o seu poder ao homem.

Ao se aperceberem disso estariam dando o primeiro passo para se assenhorearem de seu destino e modificarem suas vidas. Logicamente a descoberta de si como um ser político implicava numa disposição de lutarem pelos seus direitos, e garantirem sua própria independência. A constatação da pobreza afetiva em que viviam, da ausência absoluta de prazer, mobilizava-as para a busca de uma vivência plena de sua sexualidade.

A criação dos SOSs representava, pois, a abertura de um espaço de apoio mútuo e solidariedade às mulheres vítimas de violência, onde estas pudessem repensar sua situação e vislumbrar saídas que até então ignoravam. Poderiam inclusive aderir à causa feminista, pretensão que as feministas do SOS de São Paulo muitas vezes possuíam. (Pontes, 1987)

Outra proposta dos SOSs era a denúncia sistemática dos casos de violência através da imprensa. Esta prática se baseava no princípio de que nenhum crime poderia ser silenciado ou acobertado, pois de acordo com a máxima feminista "o silêncio é cúmplice da violência".

Por ocasião dos julgamentos de assassinos de mulheres, era prática corrente entre as militantes vestirem-se de negro e promoverem uma manifestação em frente ao fórum da cidade, mobili-

zando a opinião pública e exigindo a punição do assassino. Era fato corriqueiro nestes julgamentos denegrir-se a pessoa da vítima, enxovalhando sua moral, abordando pelo ponto mais delicado que era a questão da fidelidade da mulher.

O SOS/Ação-Mulher de Campinas não fugiu às características gerais de funcionamento dos SOSs no Brasil, apresentando, entretanto, algumas especificidades que consistem em uma abordagem distinta sobre a questão da vitimização da mulher. A prática da equipe aliada a uma constante reflexão teórica sobre o assunto baseada, inclusive, em dados numéricos, evidenciaram aspectos que ficavam encobertos por uma atitude supostamente submissa e de impotência exacerbadas. Fatores que estavam nas raízes da violência revelavam os ganhos que as mulheres obtinham nestas relações, os quais eram responsáveis por estas entrarem em conluio com seu companheiro, chegando até mesmo a provocá-lo. A constatação de que as mulheres não eram tão vítimas quanto demonstravam, mas que havia uma manipulação subjacente nas entrelinhas de suas queixas, levou à elaboração de projetos de pesquisa. Os estudos que se realizaram a partir disso mudaram a face e a sistemática do atendimento oferecido à população, com preocupações voltadas para a prevenção e a reeducação da mulher. (*)

Este grupo foi criado em 1980, como uma iniciativa de algumas mulheres intelectuais, que a princípio não possuíam uma sede própria, nem uma verba mínima que permitisse um trabalho mais sistematizado e organizado. As atividades desenvolvidas consistiam em grupos de reflexão sobre a problemática feminista, e plantões de atendimento para mulheres vítimas de violência. Era um trabalho essencialmente voluntário, onde as plantonistas se revezavam e cotizavam o aluguel de uma sala entre si.

Em 1983 a entidade foi registrada como pessoa jurídica, ao mesmo tempo que obteve seu primeiro financiamento pela Companhia Paulista de Força e Luz, que previa o aluguel de uma sede e a remuneração de duas profissionais, contrato este que perdurou até o ano de 1987.

(*) Maiores informações sobre o trabalho da entidade à p. 80-3

Durante o ano de 1986 o SOS/Ação-Mulher, em convênio celebrado com o Ministério da Justiça, participou do projeto do governo federal "Mutirão contra a Violência, Programa Ruas em Paz". Neste mesmo ano obteve o reconhecimento público através da aprovação de projeto de lei, que a elevava à categoria de entidade de utilidade pública municipal.

Em maio de 1987 foi firmado convênio com a Universidade Estadual de Campinas, que prevalece até o presente momento, prevendo além do pagamento do aluguel da sede e telefone, a contratação e remuneração da equipe técnica composta por sete profissionais, entre coordenadora, filósofa, advogada, socióloga, duas psicólogas e atendente. Em 1989 a instituição pôde contar ainda com duas outras funcionárias que vieram alocadas da Prefeitura, uma assistente social e uma advogada. Em 1990 foram incorporadas à equipe uma terceira advogada e uma policial. A advogada foi cedida pelo departamento de recursos humanos da própria universidade, e a policial, alocada pela Polícia Feminina, em virtude do grau de periculosidade que comporta o trabalho da instituição. Foi obtido ainda, junto à PUCCAMP, o reconhecimento do SOS como campo de estágio para alunas do Serviço Social desta universidade. Como consequência disso trabalha juntamente com a equipe técnica, um quadro flutuante de estagiárias e profissionais voluntárias das áreas de Serviço Social, Psicologia e Direito. Ainda há que se contar com a Diretoria, eleita periodicamente sem vínculos empregatícios com a instituição, e que se encarrega de providenciar fundos para o SOS.

Finalizando, fica-se com a informação de que este grupo juntamente com o de São José dos Campos, são os dois únicos SOSs que ainda persistem. Os demais foram dissolvidos e seus membros, juntamente com os de outros grupos feministas, assimilados por ocasião da criação dos Conselhos a nível estadual e federal, uma conquista dos grupos de mulheres que tiveram sua bandeira legitimada pelo governo (Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Mulher, e Conselho Estadual da Condição Feminina).

II - DISCUSSÃO TEMÁTICA

1. Fatores Sociais:

Retomando o problema em estudo que consiste na submissão da mulher a situações crônicas de violência doméstica, certamente que variáveis sócio-econômicas, político-ideológicas, culturais e educacionais possuem um peso considerável na gênese e na manutenção do mesmo. São os chamados fatores sociais, que serão examinados sucintamente neste item.

A questão da violência doméstica é um nódulo, um tema tabu, que perpassa todas as classes sociais, todos os tempos e todos os lugares. Segundo Azevedo (1985) o problema da violência física do homem contra a mulher está respaldado por:

- 1.1) Fatores estruturais: como uma dimensão possível da condição feminina. Neste sentido, estudos histórico-antropológicos já evidenciaram que as mulheres são dotadas de uma existência relativa e dependente em todas as esferas sociais. Logo, quando se trata de optar entre apanhar ou garantir a subsistência pessoal e da prole, torna-se mais seguro continuar apanhando.
- 1.2) Fatores ideológicos: como o braço forte do machismo, que legitima o padrão de dominação do homem sobre a mulher, e o uso da força física quando falharem os mecanismos mais sutis de controle. O machismo consiste em um sistema de crenças e valores, que se originaram a partir de uma prática de relacionamento entre homens e mulheres, podendo garantir a supremacia masculina. O machismo é uma ideologia introjetada por homens e mulheres, e, assim como o feminismo, engendra-se a partir de uma multiplicidade de fatores: um complexo quadro psico-social, político, econômico e cultural.
- 1.3) Fatores institucionais: como a face oculta da família patriarcal. A relação de dominação de um sexo sobre o outro torna-se legítima através da institucionalização do patriarcado. A condição de desigualdade dos papéis exercidos pelos membros, e o excesso de poder nas mãos do patriarca, dão à família patriar

cal o "status" de locus privilegiado de violência doméstica, onde os conflitos são resolvidos por dominação oculta (violência psicológica) ou explícita (violência física).

- 1.4) Fatores pedagógicos: como um efeito perverso da educação diferenciada. A autora entende por educação diferenciada o processo de "fabricação de machos e fêmeas", ou seja, um processo psicossocial que se desenvolve formal (escola) e informalmente, através da família, igreja, meios de comunicação de massa, onde ocorre a aprendizagem dos papéis sexuais.

Vale a pena deter-se um pouco mais nestes dois últimos itens, a questão da família patriarcal e da educação diferenciada.

Uma mulher ao nascer em uma família cujo poder de mando está nas mãos do homem, o qual lhe delega inclusive o seu próprio nome, aprende a respeitá-lo e a temê-lo, desenvolvendo até mesmo a crença da família patriarcal como sendo uma instituição natural. Lembre-se Rousseau (apud Azevedo, 1985), defensor desta idóia.

Contudo, há outras correntes teóricas que sustentam a tese do matriarcado, através da existência de um período na história onde a linha de sucessão era feminina. Foi no final do século XIX, período em que a tese evolucionista de um matriarcado primitivo conheceu enorme sucesso. O alemão Bachofen e o inglês Lewis Morgan postularam que as famílias primitivas tinham sido primeiro matriarcados, linhagens fêmeas que só reconheciam a ascendência materna. Pouco tempo depois Engels adotava a mesma tese. Essa teoria se apoiava no fato de que a filiação mãe/filho é indiscutível enquanto a paternidade pode ser posta em dúvida, até mesmo ignorada. Somente muito mais tarde os homens teriam então tomado posse do poder, dos bens adquiridos pelas mulheres como chefes de família e se teriam dado o lugar de patriarcas. Esta tese, que celebrava fortemente o poder da mãe, alcançou um recrudescimento favorável junto às feministas da década de setenta. A maioria delas sublinhou o papel importante que as mulheres tinham desempenhado na subsistência, na fabricação de utensílios e nas tradições culturais, além de tornarem possível a socialização humana intensificando os laços afetivos. (Biblioteca Salvat)

Badinter (1986) não reconhece o patriarcado nem o matriarcado primitivos, em virtude de considerar estas formas de or

ganização social muito complexas e rígidas para se aplicarem às sociedades humanas arcaicas, e que o laço mãe-filho, apesar de ser a primeira e a mais evidente forma de relação social, não implica necessariamente na existência de um poder matriarcal. Contudo, independentemente de um regime político e das relações de poder entre os sexos, foi incontestável o prestígio alcançado pela mulher na antiguidade. Esse poder feminino e materno é atestado por um número impressionante de esculturas e de representações de personagens femininos de porte imponente, cuja natureza divina é cada vez mais evidenciada. Badinter (Ibid.) cita a célebre Pótnia sentada num trono acompanhada de duas panteras, em cuja cabeça ela coloca as mãos, como importante personagem das tribos primitivas, mãe e senhora da natureza, em quem eram depositadas as esperanças de lavradores e pastores. A Deusa-Mãe não é, pois, um mito, nem uma lenda, mas uma realidade histórica, cujo reinado se estende por um longo período, que vai do alto neolítico até a idade do bronze. Dela dependem ao mesmo tempo os seres do passado e do futuro. Genitora, amamentadora, erótica, funerária, detentora de múltiplas faces, sozinha simboliza a unidade do universo, como também a da vida e da morte.

No entanto, este portentoso passado na história da mulher está soterrado nas mais profundas camadas de sua personalidade em consequência do jugo milenar a que lhe submeteu o patriarcado mais recente. A delapidação da figura feminina vem se processando a tal ponto que o simples fato do marido manter sua família economicamente, já lhe garante uma posição de supremacia sem nenhuma necessidade de títulos legais ou privilégios especiais. As mulheres, clientes do SOS/Ação-Mulher, na situação de completa dependência de seus maridos, sujeitando-se a humilhações e agressões físicas, surpreendentemente conferem ao seu companheiro uma aura de poder, de onisciência e legitimidade, talvez impressionadas e inferiorizadas pela ostensiva supremacia de seus companheiros, e irremediavelmente alienadas de seu passado glorioso.

Outra questão a ser aprofundada refere-se à educação diferenciada. Segundo Azevedo (1985) a educação diferenciada para homens e mulheres é uma via de doutrinação e de perpetuação dos valores da sociedade patriarcal e machista. Através do processo

de "fabricação de machos e fêmeas" se produz agressores e vítimas em potencial, quando se acredita que a violência física é uma manifestação normal da virilidade do homem, e que a mulher para ser feminina deve ser passiva e submissa, sujeitando-se à violência do homem a fim de não perder sua feminilidade. Informalmente fica instituída uma pedagogia da violência que engendra o machismo e o complexo de vítima, e vai de encontro à luta travada no íntimo de cada homem e de cada mulher, quando ambos não percebem que dentro deles co-existem necessariamente os pares de opostos de força e fraqueza, medo e coragem, ternura e poder, ignorando que constituem um todo harmônico e singular.

Belotti (1973) observou em seus estudos que, desde o nascimento as meninas acabam reprimindo sua energia psíquica e contendo seus impulsos em consequência do "adestramento para a feminilidade" a que são submetidas de forma que se amoldem o mais perfeitamente possível aos estereótipos culturais de seu sexo. A mãe constitui um agente da maior importância na primeira fase deste adestramento. Logo depois, a escola vai complementar e "selar" o destino da menina, seja através da literatura e dos jogos infantis, seja através do próprio caráter da instituição, que em tudo, reforça e reproduz os modelos tradicionais.

2. Fatores Psicológicos:

Após esta ligeira incursão sobre os fatores sociais, que, conforme Azevedo (1985) condicionam, mas não determinam a violência doméstica do homem sobre a mulher, interessa isolar para efeito de estudo os fatores de ordem psicológica, mais especificamente afetivo-emocionais, de natureza inconsciente, e verificar sua influência sobre o fenômeno.

Tendo em vista este objetivo, a pesquisadora tomou por base a teoria psicanalítica e anexou contribuições deutschianas, relativas à psicologia da mulher; kleinianas, sobre as emoções básicas do homem, ambas do ponto de vista psicanalítico; e jungianas, acerca de conteúdos arcaicos, filogenéticos, presentes no psiquismo individual.

Considerando que o tema em foco é a violência doméstica, ou seja, a violência que ocorre no reduto privado do lar, do homem para a mulher, os quais teoricamente se escolheram e estariam juntos por amor, a pesquisadora parte da oposição amor x ódio para centralizar seu estudo em torno de um conflito mais primitivo e arcaico, mas íntimo à natureza humana, que é aquele entre os instintos de vida (Eros) e os instintos de morte (Tanatos). E investiga entre outras coisas, em que medida a agressividade voltada para si mesma (masoquismo) estaria contribuindo para a manutenção da mulher em situações de violência.

Como ponto de partida para esta investigação, se faz necessário explicitar aqui as diversas concepções sobre psicanálise e aquela que mais se adequa aos objetivos deste estudo. A psicanálise pode ser compreendida como um método terapêutico específico de tratamento de doenças nervosas; como doutrina sobre o desenvolvimento psíquico humano; como doutrina sobre o homem, quando estuda as raízes subjetivas de seu comportamento individual e grupal; como uma corrente filosófica; e finalmente como um método de pesquisa ou ciência dos processos mentais inconscientes, também chamada psicologia profunda.

A pesquisadora se utiliza da psicanálise como um método de pesquisa, à luz do qual são examinados os aspectos de motivação inconsciente, envolvidos na questão da submissão da mulher à violência do companheiro.

2.1) O inconsciente freudiano:

Freud (1915) refere-se à existência do inconsciente como a pedra angular da psicanálise, eixo em torno do qual se fundamentam sua pesquisa e sua terapêutica. Somente a suposição de uma mente inconsciente poderia explicar e impor uma lógica a sintomas, atitudes e comportamentos aparentemente incompreensíveis.

Em seu estudo sobre a mente, Freud (Ibid.) apresenta para efeitos didáticos, uma classificação que destaca os seguintes aspectos: topográfico, estrutural, econômico e dinâmico.

2.1.1) O ponto de vista topográfico:

No que diz respeito à topografia da mente foi proposto

um modelo esquemático composto por três "lugares" (thopos = lugar): o consciente, até então alvo da psicologia da época, o pré-consciente e o inconsciente. Em comparação com os outros dois, a mente inconsciente seria a mais extensa e abrigaria os fenômenos mentais desconhecidos de seu portador (o reprimido), os quais não se tornam conscientes ou muito dificilmente o fazem. O pré-consciente abrigaria as idéias latentes, aquelas que facilmente se tornam conscientes, e o consciente, as idéias perfeitamente conhecidas de seu portador. Esta classificação foi feita em função dos graus de clareza com que os fenômenos mentais aparecem à mente, contudo, o autor também usou a terminologia de sistemas para se referir a eles. Ela também é descritiva, ou seja, está relacionada a uma qualidade específica de um estado mental. Do ponto de vista dinâmico, que atribui uma função específica a este mesmo estado mental, só existe apenas um inconsciente, visto que o pré-consciente pode vir a tornar-se consciente.

2.1.2) O aspecto estrutural da mente:

Quanto à estrutura do aparelho psíquico Freud (1923) postulou três instâncias: o id, o ego e o superego. O id é o repositório dos impulsos instintivos e corresponderia mais ao aspecto constitucional. O ego é a parte mais superficial do id, tendo sido modificada em consequência do contato com o mundo externo. O superego se desenvolve do id, domina-o e representa as inibições do instinto que são características do homem; estas inibições se dão em consequência da formação de um código moral introjetado pelo indivíduo, para cuja formação o agente principal são os pais.

Comparando estas três instâncias o autor observa que o ego, como intermediário entre o indivíduo e o meio exterior, procura aplicar a influência do mundo externo ao id, e tenta substituir o princípio do prazer que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto; o ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, enquanto o id contém as paixões. O ego, na verdade, possui três senhores que são: o mundo externo, o id e o superego. Muitas vezes ele é obrigado a encobrir ou dis-

torcer posições, fazer racionalização para conciliar e atender aos desejos desses três senhores. Um exemplo da ação do ego é que enquanto a criança deseja a satisfação imediata de seus instintos, o adulto aprende a adiar a satisfação de suas necessidades, e a ponderar se a realização de seus desejos é possível na realidade.

Com o aprofundamento de seus estudos Freud (Ibid.) constatou que o inconsciente não coincide somente com o reprimido, posto que observou haver uma parte do ego inconsciente, reconhecida pela resistência que é devida ao ego. O inconsciente que pertence ao ego não é latente como o pré-consciente, pois, se o fosse não poderia ser ativado sem tornar-se consciente. No quadro estrutural da mente o ego sempre fora muito claramente identificado como consciente, e o id em seus impulsos instintivos, como inconsciente. Talvez por associar muito intimamente os aspectos topográficos aos estruturais, Freud (1926) tenha apresentado apenas três aspectos da mente, o dinâmico, o econômico e o topográfico, incluindo neste último as instâncias do id, do ego e do superego.

2.1.3) O aspecto dinâmico:

Freud (1923) compreende os fenômenos mentais como submetidos a um constante jogo de forças, algumas vezes antagônicas, outras se somando em uma certa direção. Estas forças resultam da ação do meio exterior sobre o psiquismo (estímulo externo), ou de excitações internas (estímulo instintivo). No primeiro caso ocorre a fuga do organismo à ação do estímulo; no segundo o indivíduo age no exterior a fim de aliviar a tensão que os impulsos geram. As forças de natureza instintual possuem, pois, uma origem orgânica; são caracterizadas por possuírem uma imensa reserva de energia (somática) com tendência à compulsão à repetição, e são representadas mentalmente como imagens ou idéias com uma carga afetiva.

2.1.4) O aspecto econômico da mente:

Do ponto de vista econômico a psicanálise supõe que as representações mentais dos instintos possuem uma carga (catexia) de quantidades definidas de energia, sendo finalidade do aparelho mental impedir qualquer represamento dessas energias e manter o mais baixo possível o volume total das excitações com que se acha

carregado. O curso dos processos mentais é regulado pelo princípio de prazer-desprazer, o desprazer sendo relacionado com um aumento de excitação, e o prazer com uma redução (uma exceção a isso são os instintos sexuais, onde, quanto maior for a excitação, maior o prazer). O aparelho psíquico ao guiar-se pelo princípio do prazer visa ao mesmo tempo uma satisfação econômica, eficaz e duradoura dos impulsos instintivos inconscientes.

2.1.5) Características especiais do sistema inconsciente:

Focalizando mais especificamente o sistema inconsciente Freud (1915) observou que este dispõe de características especiais. Reconhece-se de imediato que o mesmo possui sua própria lógica que é diferente de uma lógica da razão, e que governa-se por suas próprias leis. Berço dos impulsos instintivos que poderão ser transformados em emoções e então ter acesso à consciência, a sua forma de funcionamento é bastante peculiar. No sistema inconsciente impera a falta de contradição; uma maior mobilidade de cargas que se manifesta através dos processos de deslocamento e condensação, característicos do processo psíquico primário; independência em relação ao tempo; e a substituição da realidade externa pela realidade psíquica.

Sobre a falta de contradição, os instintos existem no inconsciente sob a forma de impulsos optativos (instintos que aspiram por derivar suas cargas) coordenados entre si, sem influírem uns nos outros nem contradizer-se. Se dois impulsos optativos inconciliáveis são ativados ao mesmo tempo, não se anulam reciprocamente, mas se unem para formar um fim intermediário.

No sistema inconsciente não há negação nem dúvida alguma, mas conteúdos energicamente carregados. As cargas associadas a estes conteúdos possuem uma mobilidade de movimentação. Pelo processo de deslocamento uma representação pode transmitir a outra todo o montante de sua carga, e pelo processo de condensação acolher em si a carga de várias outras.

O inconsciente é atemporal, ou seja, não segue nenhuma ordem cronológica. Isto garante aos processos mentais inconscientes se manterem intocados com a passagem do tempo e guardarem a mesma catexia afetiva. O que aconteceu há vinte anos conserva-se

assim tão ativo e vivo no psiquismo inconsciente quanto o que aconteceu no dia anterior.

O inconsciente responde à realidade psíquica e não externa, pois obedece ao princípio do prazer. O contato com a realidade frequentemente frustra, razão porque esta carece de sentido para a mente inconsciente.

2.2) O método psicanalítico:

Os processos psíquicos inconscientes se mostram espontaneamente sob as condições do fenômeno onírico, das neuroses e da psicopatologia da vida cotidiana, ocasiões em que os processos do sistema pré-inconsciente (superior ao inconsciente) são transferidos por regressão a uma fase anterior. Contudo, há outros mecanismos pelos quais se possa detectar ou fazer emergir os processos mentais inconscientes. Um dos mais antigos consiste no método catártico de Breuer (apud Loewenfeld, 1904) que tinha como finalidade a ampliação da consciência através da hipnose. O objetivo era a eliminação dos sintomas patológicos, o que se conseguia levando o paciente a retroceder ao estado psíquico em que o sintoma surgira pela primeira vez. Neste ponto emergiam nele lembranças, pensamentos e impulsos até então excluídos de sua consciência. O sintoma era então eliminado no momento em que o paciente comunicava ao médico esses processos anímicos em meio a intensas expressões afetivas.

Freud (1904) encontrou, contudo, grandes dificuldades com este método. Constatou que nem todos os pacientes se deixavam hipnotizar, e quando isto acontecia as coisas não eram assim tão simples, pois não vinha uma única impressão traumática, mas uma série delas. Foi assim que abandonou a hipnose, e sem exercer nenhum tipo de influência convidava os pacientes a se deitarem de costas num sofá, enquanto ele próprio senta-se um pouco atrás fora do campo de visão do paciente. Este último assumia então o compromisso de lhe comunicar todas as idéias ou pensamentos que lhe ocorressem em relação a um assunto específico. Além disso, era necessário efetuar duas mudanças: aumento da atenção dispensada pelo paciente a suas próprias percepções psíquicas, e a eliminação da crítica pela qual censura os pensamentos que lhe ocorrem.

O êxito da psicanálise depende do paciente notar e relatar o que quer que lhe venha à mente, e de não cair no erro de suprimir uma idéia por parecer-lhe sem importância ou sem sentido. Ele deve adotar a atitude do auto-observador que é tranqüila, serena, e destituída de crítica.

Freud conseguiu então pelo método da associação livre induzir um estado psíquico semelhante àquele que precede o adormecimento e a hipnose. Dalbiez (1947) refere-se a isto nos termos de fazer cessar o controle das funções psíquicas superiores sobre as funções inferiores, considerando que a inibição interna do psiquismo superior acarreta a desinibição externa do psiquismo inferior.

A associação livre, entretanto, é um método mais voltado para a terapêutica do que para a pesquisa. Aqueles que tinham interesses voltados em aperfeiçoar técnicas de psicodiagnóstico e pesquisa criaram testes específicos para este fim, cujo objetivo era detectar processos psíquicos inconscientes tendo por base o mecanismo de defesa da projeção, onde o indivíduo ao perceber no exterior aspectos de si mesmo, revela involuntariamente seus processos inconscientes. São os chamados testes projetivos, que serão descritos mais detidamente adiante. (*)

Isto acaba por lançar as bases para este estudo, que condensa no seu bojo as tendências instintuais e de agressividade auto-dirigida, um dos fatores de ordem psicológica inconsciente, que possivelmente subjaz o fenômeno da submissão da mulher a situações crônicas de violência, em consequência da projeção do instinto de morte.

3. A Questão da Passividade e da Sujeição da Mulher:

Deutsch (1949) com base em sua experiência clínica e na observação do comportamento animal, sustenta a teoria que há um laço estreito que associa a feminilidade à passividade. Remon-

(*) Veja considerações metodológicas, p. 63-6

tando-se à evolução animal a autora afirma que a passividade da fêmea no curso do ato sexual apareceu no momento onde a fecundação externa cedeu lugar à fecundação interna, o que não implica em subordinação. É somente na época do cio que a fêmea se torna acessível ao desejo do macho. Na mulher ainda se pode encontrar os últimos vestígios de uma grande docilidade sexual periódica. No entanto, seguido de transformações evolutivas, o ritmo antigo qua se desapareceu inteiramente nas relações entre homens e mulheres. A atividade sexual da mulher não é mais subordinada às estimulações de seu próprio ritmo nem ao comando da função de reprodução. Ela passa a ser subordinada à vontade sexual e ao domínio do macho. Em contrapartida, a sexualidade do macho torna-se independente do ritmo da fêmea.

Em sua hipótese filogenética em favor da passividade feminina Deutsch (Ibid.) afirma que a necessidade de carinho caracteristicamente feminina, seu desejo de ser enlaçada, prelúdio frequentemente indispensável à sua excitação sexual, poderiam ser particularidades primitivas da mulher, de traços persistentes de sua situação arcaica. Da mesma forma a fisiologia e a anatomia confluem para a configuração disto: o óvulo é relativamente imóvel, ele espera passivamente enquanto o espermatozóide é móvel e ativo. O órgão masculino é feito para a penetração ativa, enquanto o órgão feminino é feito para receber passivamente. Estes aspectos relativos à passividade da mulher, intrinsecamente ligados à sua sexualidade, poderiam se estender a outros aspectos de sua personalidade.

Freud (1932), contudo, em suas considerações sobre o masculino e feminino lança o conceito da bissexualidade humana, "... como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos - simplesmente um pouco mais de um do que de outro." (*) Esta afirmação se estende tanto às características anatômicas e fisiológicas dos dois sexos, como às qualidades do psiquismo masculino e feminino. Relativo ao argumento biológico acima citado que identifica masculino e feminino com atividade e passividade, respectivamente, o autor alerta sobre o perigo de se

(*) Freud, 1932, p. 141

incorrer em generalizações precipitadas, já que há fêmeas na escala animal que são muito mais fortes e agressivas que os machos, e mesmo mulheres profundamente ativas no trato com as crianças.

Segundo Freud (Ibid.) dar preferência para fins pas-sivos (o que requer grande dose de atividade) não é o mesmo que passividade, podendo esta característica sim, ser identificada com feminilidade. Para uma mulher a preferência por fins passivos parte de sua participação na função sexual, e se estende por toda sua vida dependendo dos limites dentro dos quais sua vida sexual se desenvolve. Além disso, os costumes sociais influenciam poderosamente de forma a compelir a mulher a uma situação passiva.

A questão da passividade da mulher continua sendo tema de discussão e debate entre as feministas contemporâneas. O SOS/Ação-Mulher, enquanto entidade feminista posiciona-se contrariamente à tese biológica que sustenta a passividade feminina, em decorrência da constante observação de mulheres aparentemente passivas e submissas, mas detentoras de um poder subreptício através do qual manipulam suas armas no reduto doméstico tornando-se elementos indispensáveis aos demais membros da família. Além disso, afirmam constantemente seu lado ativo quando muitas delas detêm um trabalho fora de casa e contribuem no orçamento doméstico. Sair para a rua a fim de garantir a subsistência pessoal e da prole é tarefa tradicionalmente masculina, que pressupõe atividade.

A passividade corresponde à sua face manifesta, a qual tenta esconder e dissimular a face sombria (ativa e determinada), que encontra-se obscurecida em estado de latência, por ter sido por demais condenada e reprimida. Socialmente, perpetuou-se a noção de que feminilidade não é sinônimo de atividade, mas de prendas domésticas, de servidão e anulação de si.

Freud (1918) relacionou o estado de sujeição em que viviam as mulheres de seu tempo à experiência do defloramento, e o direito de posse exclusiva que este conferia ao autor da façanha. Krafft-Ebing (apud Freud, 1918) definiu como sujeição sexual, o fenômeno pelo qual uma pessoa adquire um alto grau de dependência e carência de auto-confiança em relação à outra com quem mantém um relacionamento sexual. Esta sujeição pode ser tão avassaladora que implica na completa anulação de si mesma, na renúncia a qual-

quer desejo de independência, e até no prejuízo de seus próprios interesses. Segundo o autor, isto decorre da associação da condição exacerbada de estar amando, da fraqueza de caráter de uma pessoa e do egoísmo sem limites de outra.

Freud (1921) descreve no estado de estar amando a supervalorização que é dispensada ao objeto, quando este se torna livre de críticas e condensa em si todos os aspectos positivos atribuídos a uma pessoa. Quando a supervalorização sexual e o estar amando se intensificam ainda mais, torna-se explícita a idealização. O ego torna-se cada vez mais despretensioso e modesto, e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter a posse de todo amor próprio do ego, cujo auto-sacrifício decorre como consequência natural. Traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprio ocorrem em todos os casos de estar amando. Neste caso, tudo que o objeto faz e pede é correto, pois a consciência não se aplica a nada que seja feito por amor ao objeto. Então ocorre que muitas vezes, na cegueira do amor a falta de piedade pode ser levada até o diapasão do crime. Este estado extremo de estar amando foi denominado pelo autor como fascinação ou servidão.

Continuando, Freud (1918) acrescenta que o fator decisivo para atingir este estado é a proporção da resistência sexual que é vencida, o que ocorre principalmente no defloramento, tornando mais comum sua ocorrência entre mulheres.

O homem moderno herdou muitas coisas do homem primitivo além do fator puramente instintual. Freud (Ibid.) observou que o homem primitivo estabeleceu um tabu muito grande em torno da mulher, que representava para ele um perigo, o que fica claro nas inúmeras regras de evitação de mulheres. Este receio é interpretado com base no fato de que a mulher é diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e portanto, hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade, e mostrar-se ele próprio incapaz. A influência que a mulher adquire sobre o homem através do ato sexual pode ser para ele muito ameaçadora.

Além disso, na primeira relação sexual é típica a hostilidade da mulher em relação ao homem, em consequência da inveja

do pênis e por este tê-la submetido à injúria narcísica, que decorre da destruição de um órgão, o que de forma racionalizada aparece como a diminuição do valor sexual. Por trás da inveja do pênis manifesta-se a amarga hostilidade da mulher contra o homem, que nunca desapareceu completamente nas relações entre os sexos. Ferenczi (apud Freud, 1918) em uma explicação paleobiológica, atribuiu a origem desta hostilidade das mulheres à época em que os sexos se tornavam diferenciados. A cópula, a princípio, realizou-se entre dois indivíduos semelhantes, sendo que um dos quais, mais tarde, transformou-se no mais forte e forçou o mais fraco a se submeter à união sexual. O ressentimento decorrente desta sujeição ainda persiste na disposição das mulheres.

Freud (Ibid.) afirma que pode-se encontrar mulheres que apresentam reações opostas de sujeição e hostilidade intimamente associadas. Elas parecem ter-se incompatibilizado completamente com seus maridos, e mesmo assim, são inúteis seus esforços para se libertar. Sempre que desejam se envolver com outro homem, a imagem do primeiro intervém como efeito inibitório. Neste caso, as mulheres ainda se sentem ligadas aos seus companheiros em estado de sujeição, mas não mais por afeição. "Não se podem afastar deles, porque ainda não completaram sua vingança contra eles e, em casos mais acentuados, nem mesmo trouxeram os impulsos de vingança para a consciência." (*)

Freud (1921) afirma que o ódio contra determinada pessoa pode funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva.

Existem, contudo, outras forças em jogo. Mencionar-se-á agora a teoria freudiana dos instintos relacionando com o problema em questão.

4. A Teoria dos Instintos:

A primeira suposição da psicanálise sobre os instintos ateuve-se à expressão popular tipificada como "fome x amor".

(*) Freud, 1918, p. 192; o grifo é nosso.

Com base nisso Freud (1915) identificou na espécie humana dois instintos principais, os do ego ou auto-preservativos e os instintos sexuais. Os instintos sexuais requerem para sua satisfação um objeto externo, por isso são também chamados instintos de objeto. Freud abandonou esta classificação com a descoberta do narcisismo, quando o próprio ego passou para a categoria de objeto sendo considerado como reservatório de libido (energia sexual quantitativamente variável e móvel). Ele agrupou então os instintos do ego e os instintos de objeto sob a denominação de Eros, oculto por detrás de ambos e buscando sempre uma união mais estreita; em uma segunda classe agrupou os instintos de morte ou de destruição que trabalham sempre no sentido da destruição daquilo que está vivo, tendo no sadismo o seu maior representante. (Freud, 1923)

Os instintos de morte são por sua natureza mudos, executando o seu sinistro trabalho de forma constante e silenciosa. Já Eros se faz notar pela sua natureza ruidosa e agitada, constituindo o próprio clamor da vida. Estas duas classes de instintos entretanto, podem fundir-se entre si; um exemplo típico é o componente sádico do instinto sexual. O sadismo que se tornou independente na forma de uma perversão é o caso de uma desfusão.

De um ponto de vista biológico (Freud, *ibid.*) o instinto é o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, atuando de forma a exercer uma força que imprime um impacto constante. Por isto não é possível fugir dele, sendo necessário procurar uma resolução por outras vias. O termo que melhor caracteriza um estímulo instintual é o de necessidade. O que elimina uma necessidade é a satisfação, o que pode ser alcançado por uma alteração adequada da fonte interna de estimulação, através de atividades complexas e interligadas do sistema nervoso, que modifiquem o mundo externo.

Um instinto é composto por quatro elementos básicos: pressão, finalidade, objeto e fonte. Por pressão do instinto compreende-se seu fator motor, ou seja, a quantidade de força ou exigência de trabalho que ele representa. Sua finalidade é sempre satisfação, o que só pode ser obtido eliminando-se o estado de estimulação na fonte. O objeto de um instinto é a coisa através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. Por

fonte de um instinto entende-se o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, cuja representação na vida mental efetua-se através do instinto.

Um instinto pode passar pelas seguintes vicissitudes: reversão no seu oposto por duas formas diferentes (mudança da atividade para a passividade, e reversão de conteúdo através da mudança de amor em ódio, ou vice-versa); retorno em direção ao próprio eu (o masoquismo é, na verdade, o sadismo que retorna ao próprio ego do indivíduo); repressão; sublimação.

Freud (1920) acrescenta que os instintos são historicamente determinados. Afirma que todos os instintos tendem à restauração de um estado anterior de coisas, apresentam uma tendência a conservar a experiência original, o que impele a uma compulsão orgânica à repetição. A entidade viva elementar não teria desejo de mudança, desde o início. Toda modificação imposta ao curso da vida do organismo por estímulos externos é aceita pelos instintos orgânicos conservadores, e armazenada para repetição ulterior. Isto confere-lhes a aparência enganadora de serem forças que buscam o progresso, quando na verdade lutam por alcançar um antigo objetivo por caminhos velhos ou novos. Estas considerações podem justificar a resistência que as mulheres, sujeito deste estudo, apresentam diante da possibilidade de mudança de sua situação.

Freud (Ibid.) continua em suas conjecturas buscando explicações sobre a gênese do instinto, e afirma que os atributos da vida foram evocados da matéria inanimada por uma força desconhecida. A tensão resultante disso provocou o aparecimento do primeiro instinto, cujo objetivo era eliminar a tensão e retornar ao estado inanimado. Desde então a morte passou a fazer parte dos objetivos da vida, o que se observa nos tortuosos caminhos para a morte encontrados nos organismos mais elaborados, fielmente seguidos pelos instintos de conservação. Entretanto, esta situação é um pouco paradoxal, pois o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo; isto faz com que as mesmas forças que preservam a vida também conduzam para a morte. Este dinamismo, característico dos instintos do ego, contraria a lógica da razão, onde a preservação da vida deveria ser seu fim categórico. Os instintos sexuais, contudo, constituem uma exceção a isto, pois eles não visam res-

taurar um estado anterior de coisas, mas perpetuar a vida através da coalescência de duas células germinais diferenciadas. Portanto, enquanto os instintos do ego exercem pressão no sentido da morte, os instintos sexuais o fazem no sentido do prolongamento da vida.

Estes processos se realizam na vida mental independente_{mente} do princípio do prazer, que não possui controle sobre estas questões, o que não quer dizer que haja necessariamente oposição. Uma das mais antigas funções do aparelho mental é sujeitar os impulsos instintuais que com ele se chocam. Enquanto isto ocorre não pode ser concedida atenção ao desenvolvimento do desprazer, o que não implica na suspensão do princípio do prazer. Este último é uma tendência que opera que serviço de uma função, cuja missão é libertar o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de energia constante, ou mantê-la tão baixa quanto possível. O princípio do prazer está, pois, a favor da quiescência do mundo inorgânico, servindo, portanto, ao instinto de morte.

Freud (1920) encontra semelhança entre as polaridades: instinto de vida x instinto de morte e amor x ódio (ou agressividade). O sadismo é um sinal da presença de um componente de agressividade no instinto sexual. Trata-se de um instinto de morte que sob a influência da libido narcisista, foi expulso do ego, surgindo somente em relação ao objeto. Os impulsos sádicos já estão presentes nas fases de desenvolvimento psicosssexual especialmente na sádico-anal, quando aparecem os dentes e o fortalecimento do aparelho muscular. Pode-se distinguir dois estágios nesta fase: o primeiro é dominado por tendências destrutivas (destruir e perder); o segundo é dominado por tendências afetuosas para com o objeto (manter e possuir). Também para a fase oral é apresentada uma classificação semelhante. No primeiro estágio o que está em questão é somente a incorporação oral; não há ambivalência em relação ao objeto, o seio materno. O segundo estágio, caracterizado pela atividade de morder, pode ser descrito como oral-sádico, aparecendo então pela primeira vez o fenômeno da ambivalência que se torna mais explícito na fase sádico-anal. Posteriormente, na fase genital, o instinto sádico assume para fins de reprodução, a função de dominar o objeto sexual até a efetivação do ato sexual. O instinto componente complementar ao sadismo é o masoquismo, quan-

do o primeiro se volta em direção ao ego do sujeito. Neste caso o corre uma regressão do in tinto a uma fase anterior de sua história.

Por outro lado, Freud (1923) nesta mesma questão da se-melhança entre as polaridades, aponta o instinto de destruição como um representante do instinto de morte, para o qual o ódio aponta o caminho. Em sua observação clínica constatou que o amor se faz acompanhar pelo ódio; nos relacionamentos humanos pôde en-contrar o ódio como um precursor do amor, contudo, em algumas circunstâncias o ódio se transformava em amor e o amor em ódio.

Freud (1930) afirma que há uma parte do instinto de morte que é desviada para o mundo externo, e vem à luz como um ins-tinto de agressividade e destrutividade. Qualquer restrição à a-gressividade dirigida para fora pode aumentar a auto-destruição, que independentemente de qualquer coisa prossegue. A inclinação para a agressão constitui no homem, uma disposição instintiva original, auto-subsistente e inata, sendo o maior impedimento para a civilização. Em circunstâncias favoráveis, quando as forças inibidoras se encontram fora de ação, a poderosa quota de agressividade que lhe é inerente e que estava presa até então nos subter-râneos de sua personalidade, se manifesta espontaneamente e reve-la o homem como uma "besta selvagem", a quem a consideração pela própria espécie é algo estranho. "O homem é o lobo do homem", a-firma Freud.^(*)

O meio que a civilização utiliza para inibir a agres-sividade que se lhe opõe é fazer com que esta seja introjetada, internalizada, enviada de volta para o lugar de onde veio, ou se-ja, o próprio ego. Ela é então assumida por uma parte do ego, o superego, que se coloca contra o resto do ego. Esta parte, agora sob a forma de consciência, põe em ação contra o ego a mesma a-gressividade que teria dirigido a outros indivíduos. A tensão re-sultante da severidade do superego sobre as tendências egóicas é chamada de sentimento de culpa, e se expressa por uma necessidade de punição. (Freud, Ibid.)

(*) Freud, 1930, p. 133

43

Esta supressão da agressividade e o consequente sentimento de culpa que isto gera atinge mais as mulheres, fato que levou Freud (1932) a atribuir-lhes poderosos impulsos masoquistas. Observa-se que existe nas mulheres um frequente sentimento de culpa, gerado pela noção de ter feito alguma coisa má, ou de ter tido a intenção de fazê-lo. Para isso é necessário reconhecer que o mau é repreensível. Curioso que o mau frequentemente não é perigo so ao ego, pelo contrário, pode ser até desejável e prazeroso. O que decide o que deve ser chamado de bom ou de mau está no desamparo e na dependência da pessoa com relação a outras, e pode ser designado como medo da perda do amor. Se a mulher perde o amor de um homem de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos. Fica exposta sobretudo ao perigo de que ele, a parte forte da relação, mostre a sua superioridade sob a forma de punição. Mau passa a ser tudo aquilo que, com a perda do amor, a faz sentir-se ameaçada.

Riviere (1937) afirma que o instinto de agressividade também é inato no ser humano, constituindo um elemento radical e básico dentro da psicologia, não sendo, entretanto, em absoluto totalmente destrutivo ou penoso. Componente necessário para a ação, a agressividade tem um papel muito importante na luta pela sobrevivência, sendo um elemento essencial dos instintos de auto-preservação e sexuais. Os impulsos agressivos também podem estar associados a prazer e gratificação, o que provoca sensações de fascinação ou de excitação sexual (referência ao sado-masiquismo).

Os fatores que provocam a agressividade são os seguintes: uma sensação de perda em relação ao mundo externo (quer de alguma coisa necessária à vida ou de algum prazer que não se consegue alcançar); um desejo insatisfeito cuja fonte é interna (instinto) e que, se suficientemente intenso pode provocar igual sensação de perda e sofrimento; o grau de dependência do organismo humano em relação ao seu meio ambiente é outro ponto importante. A dependência é uma condição da vida em sociedade da qual não é possível fugir. Entretanto, isto se torna mais complicado quando atinge as relações de casal, ocorrendo uma tendência à não aceitação da mesma. Na realidade, é com profundo ressentimento que se constata a dependência de outra pessoa, o que vem confirmar a im-

possibilidade de realização de um desejo de auto-suficiência individual. A dependência é sentida como perigosa porque envolve a possibilidade de privação, e ainda representa a perda da segurança individual. Em contrapartida o amor pelo objeto nasce na medida em que este satisfaz as necessidades sexuais e de auto-preservação do indivíduo.

4.1) Referências ao masoquismo:

Retomando a afirmação de Freud (1930) em que o instinto de agressividade é a porção do instinto de morte que foi desviada para o mundo externo, este seria na verdade o próprio sadismo. Freud (1924) aponta este fato como uma consequência da ação da libido, cuja função é de tornar inócuo o instinto destruidor, e o faz desviando-o em grande parte para fora, e de preferência em objetos do mundo externo, onde possa manifestar sua característica destrutiva, dominar e exercer poder. Contudo, uma porção não partilha dessa transposição para fora permanecendo dentro do organismo, trata-se do masoquismo original, erógeno. O masoquismo contraria o princípio econômico de funcionamento mental, o qual pela busca do prazer e a evitação do desprazer tenta conservar a quantidade de energia constante ou mantê-la tão baixa quanto possível. No caso do masoquismo o sofrimento e o desprazer deixam de ser advertência para se constituir num objetivo.

Aprofundando a questão do masoquismo Freud (Ibid.) identificou além do masoquismo erógeno, o feminino e o moral. O que os diferencia é que enquanto o masoquismo erógeno é uma condição imposta à excitação sexual, o masoquismo feminino é uma expressão da natureza da mulher, e o masoquismo moral está ligado a uma norma de comportamento. O autor considera o primeiro tipo como presente nas outras duas formas, tendo sua base em linhas biológicas e constitucionais. A terceira forma é a mais importante sendo identificada pela psicanálise como resultante de um sentimento de culpa inconsciente.

O masoquismo feminino é o mais acessível e o menos problemático, sendo verificado em homens que, em sua sintomatologia, reproduzem situações culturais tipicamente femininas; os casos mais frequentes são aqueles de homens com personalidade masoquis-

ta, muitas vezes impotentes, ou em pervertidos masoquistas. Em ambos os casos, o desempenho de cada um representa a execução de suas fantasias de ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, forçado à obediência incondicional. Estas fantasias masoquistas colocam o indivíduo em uma situação caracteristicamente feminina: significam ser castrado, copulado, ou dar à luz um bebê. Acrescente-se ainda que nesta forma, o indivíduo também deseja ser tratado como uma criança pequena e desamparada, ou mais especificamente como uma criança travessa. Há, pois, uma superposição de características femininas e infantis. Freud (1924)

Tanto o masoquismo erógeno quanto o feminino possuem relação com a pessoa amada, e são tolerados por ordem da pessoa. No masoquismo moral a vinculação com a sexualidade foi abandonada, sendo o próprio sofrimento o único fator de relevância. "O verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha a oportunidade de receber um golpe".(*) O mecanismo psicológico subjacente a isto está em um sentimento inconsciente de culpa que acarretaria uma necessidade de punição. A satisfação desta necessidade explicaria o fato do indivíduo fazer do sofrimento e do desprazer um objetivo. Assim, o sofrimento acarretado pelas neuroses é o fator que as torna tão valiosas para a tendência masoquista, sendo responsável por um prognóstico tão desfavorável para estes casos, que fazem da reação terapêutica negativa sua norma de conduta no tratamento.

Deutsch (1949) usa a terminologia "masoquismo feminino" para designar a satisfação de tendências ao prazer erótico enquanto o masoquismo moral satisfaz as tendências auto-punitivas. A autora se utiliza de um critério quantitativo para distinguir a diferença entre os dois: um exagero de atitudes masoquistas, uma tendência evidente ao sofrimento sem compensação de amor supõe o aspecto moral do masoquismo.

Freud (1924) acrescenta que a volta do sadismo contra o eu ocorre onde a supressão cultural dos instintos impede que grande parte dos componentes instintuais seja exercida na vida. A des

(*) Freud, 1924, p. 206

tratividade que retorna do mundo externo é assumida pelo superego e aumenta seu sadismo contra o ego. O sadismo do superego e o masoquismo do ego se unem então para produzir os mesmos efeitos. O masoquismo moral é uma prova clássica da fusão do instinto, e se origina do instinto de morte.

Freud (1919) ao analisar casos de mulheres que se excitavam diante da fantasia de que "uma criança está sendo espancada" encontrou importantes dados sobre o masoquismo. Foi constatado que estas mulheres invariavelmente tinham na figura paterna o agente punitivo. O espancamento representava uma punição pela fantasia incestuosa proibida ao mesmo tempo que constituía uma realização regressiva de desejo (na estruturação psíquica primitiva a cena de espancamento é equivalente ao próprio ato sexual). Isto explica porque o presenciar da cena em fantasia vem acompanhado de excitação sexual, culminando frequentemente em masturbação.

Por outro lado, a inveja do irmão mais novo, sobrecarregado de mimos, desperta um desejo de satisfação e vingança diante do quadro de espancamento (sadismo). Esta satisfação, entretanto, não dura muito tempo; logo advém o sentimento de culpa e a necessidade de punição para dele se aliviar (masoquismo). Portanto, nas raízes do masoquismo estão lastros do complexo de Édipo, e sentimento de culpa proveniente da disputa com os irmãos pelo amor dos pais. (Freud, Ibid.)

Para Klein (1952), o masoquismo feminino não é visto como constitucional ou inerente às mulheres, mas como consequência da prevalência da representação interna do pênis "mau", que se instaura como uma reação aos impulsos destrutivos que a menina dirigiu contra aquele órgão (devido à inveja das satisfações e prazeres orais, anais e uretrais que a mãe recebe do pai), mesclados aos impulsos libidinais. Com isso, ao buscar parceiros sádicos para suas relações sexuais, o objetivo é usá-los para perseguir internamente os pais sadicamente introjetados na primeira infância.

Deutsch (1949) afirma que o masoquismo feminino está relacionado ao mecanismo de conversão do ativo em passivo, o qual impregna a totalidade da vida instintiva da mulher. Acompanhando o processo de desenvolvimento de ambos os sexos, observa-se que tanto no menino quanto na menina existe uma tendência ativa ope-

rando independentemente no ego, que se orienta em relação à marcha do crescimento e de adaptação à realidade. Quando a criança com uma intensidade crescente se afasta da mãe e de suas dependências infantis em favor de uma adaptação ativa à realidade, esta realidade se encontra cada vez mais representada pelo pai, e isto se aplica para ambos os sexos. No entanto, no caso da menina isto está sujeito a severas restrições, tanto por parte da mãe, quanto do pai. A mãe sente que a filha é mais fraca, que ela necessita de mais ajuda que o menino, e que não poderia lançar-se à atividade sem expor-se a perigos. A menina se dirige então ao pai, buscando exercer sua atividade, no entanto este também age de forma semelhante à mãe, pois passa a ser um representante do meio ambiente que exercerá sua influência inibidora sobre ela. Além disso, esta atitude do pai possui um correspondente inconsciente, onde ele aparece como um sedutor com a ajuda do qual, os componentes instintivo-agressivos da menina se transformam em componentes masoquistas.

Deutsch (Ibid.) continua em suas considerações afirmando que o desenvolvimento normal da mulher em direção à atividade pode apresentar diversos distúrbios. Entre eles pode ocorrer uma cisão entre as tendências ativas de sublimação da menina que são ligadas ao pai, e suas fantasias sexuais que assumem um caráter extraordinariamente passivo e masoquista. Neste caso, ou elas permanecem eroticamente solitárias, evitando todo perigo ou tornam-se vítimas de homens brutais. De uma maneira geral a menina abandona sua agressividade em parte, devido à sua fraqueza, em parte, à custa dos tabus do meio ambiente, e sobretudo, à custa do presente de amor que se lhe dá em compensação.

Portanto, no processo evolutivo da mulher, a atividade torna-se passividade, e a agressividade é abandonada pelo prazer de ser amada. A saída encontrada pelos impulsos agressivos está em mesclar o estado passivo de ser amada de um caráter tipicamente masoquista, o qual aparece em fantasias que expressam o desejo de "ser batida", apesar de que mulheres que assim agem não admitem sentir nenhuma sensação de prazer quando apanham. O desejo masoquista é satisfeito indiretamente, por um desvio, isto é, pela escolha de um objeto amoroso sádico e a indulgência à sua perversão.

são, enquanto que a satisfação direta é recusada. Por isso, a colaboradora ativa consagra seus dons intuitivos à obra de seu mestre, e a mulher sensível não pode abandonar seu brutal marido porque ela o ama apesar (na realidade, por causa de) sua brutalidade.

Deutsch (1949) encontrou nas fantasias de prostituição um laço muito estreito com o masoquismo, assim como na vida da prostituta propriamente dita. Pode ocorrer que durante a puberdade se encontre um ego ideal extremamente ascético e narcísico, em que a sexualidade é vista como muito baixa e vil. O ato sexual é ligado à idéia de submissão da mulher ao homem, logo, o ego ideal repudia toda liberdade sexual, sendo a percepção interior do instinto sexual condenada por um julgamento brutal: "você é uma puta!", e cada pulsão toma a forma de uma constatação masoquista humilhante. Quando esta atitude se fixa, ou é o ego ideal que comanda levando a uma vida ascética, ou é a fantasia de prostituição que pode ser concretizada dentro do casamento ou fora dele. Outro tipo de fantasia implica na figura materna de uma forma mais ou menos consciente. Em um primeiro caso, a mãe aceitou sua vida sexual não por prazer, mas por obrigação ao marido. A filha deseja desfrutar de sua sexualidade, e isto implica em não ser tão respeitável como a mãe, mas amar livremente, ser uma prostituta. A identificação com a mãe está no fato de que a fantasia de prostituição contém ela mesma o elemento masoquista de submissão à vontade do homem. Em um segundo caso, a mãe respeitável é rebaixada porque ela teve crianças, portanto, uma vida sexual, o que a enquadrava na categoria das prostitutas. Conscientemente, a filha rejeita toda identidade com a mãe, a fantasia de prostituição é mobilizada contra ela, e frequentemente colocada em ação em decorrência de uma violenta disputa com a mesma. Neste caso, a identificação com a mãe se manifesta inconscientemente. Outras fantasias de prostituição são associadas ao pai. Por exemplo, no caso da filha que tinha uma relação sublimada com o pai e que a vê rompida pela aproximação de sua maturidade sexual. Esta sente-se depreciada porque seu pai a rejeitou, e age de forma a acentuar isto reduzindo-se ao papel de objeto sexual, oferecendo-se não importa a quem. Ela se vinga de uma forma masoquista traindo sem cessar seu pai com outros homens. De forma semelhante, há outros

casos em que a moça tendo presenciado cenas brutais e exigências sexuais à sua mãe, começa a odiar o homem a quem antes amou, e cuja autoridade respeitava. Lança-se então furiosamente descarregando sua ira sobre outros homens respeitáveis. Na verdade, prostituindo-se continuava a assumir em sua profissão o papel masoquista de sua mãe.

Continuando, Deutsch (Ibid.) acrescenta que um grande número de problemas psicológicos de que se ocupam os serviços sociais com seus clientes, que habitualmente são mulheres que apanham de seus companheiros, concernem laços de amor masoquistas. A maior dificuldade destes problemas está no fato de que eles são profundamente inconscientes e muito bem racionalizados. Em geral estas mulheres, de acordo com a autora, somente se dirigem aos serviços sociais à custa de suas dificuldades financeiras. Assim, sua servidão psicológica se esconde por detrás de sua servidão econômica. Tudo o que se tenta fazer para lhes ajudar fracassa porque mesmo se elas são liberadas de sua dependência exterior, encontram sem cessar engenhosas racionalizações para se sujeitar ao domínio de homens brutais, fracos ou indignos de confiança. O masoquismo feminino é portanto, quando mal solucionado, um grave problema psicológico e frequentemente social.

Culturalmente, uma das funções da mulher é a de ter um certo masoquismo para se adaptar à realidade, que lhe exige uma quota de sofrimento. Toda a preparação psicológica da mulher às funções sexuais e às funções de reprodução está ligada a idéias masoquistas. O coito, invariavelmente é associado ao defloramento e à violação, ambos comportando uma dolorosa penetração do membro viril. Além disso, os perigos reais inerentes para a mulher a serviço da espécie obrigam-na a assimilar seu masoquismo, onde todas as fantasias conscientes e inconscientes do parto, em todas as idades, têm um aspecto doloroso e perigoso.

Freud (1931), apesar de reconhecer a precariedade de seus dados sobre a sexualidade feminina, acaba generalizando conclusões baseadas na morfologia para traços de caráter e de ética. Descreve a mulher como inclinada à simulação, ao ardil, à intriga, com valores morais menos firmes do que os homens, isto porque a proibição do incesto daria uma estrutura forte apenas ao superego

dos meninos.

Klein (1952), no entanto, ao identificar o caráter contraditório das mulheres (ambivalência), descaracteriza-o e lança uma compreensão não moralista de algumas características femininas. Segundo a autora, a mulher domina sua angústia procurando controlar por estratégias o seu mundo interior oculto. O poder mágico e o inconsciente são representações da natureza secreta feminina, um mundo que ela, assim como a mãe, encerram dentro de si. Porém, em relação à submissão do superego, Klein (Ibid.) adota posições moralistas quando afirma que a menina, naturalmente receptiva, tende mais à incorporação oral e à internalização, o que a torna mais submissa à dependência e ao temor. Sua posição é contrária à de Freud quando supõe um superego mais poderoso para a mulher, cuja influência será notada no desenvolvimento de seu ego e nas relações de objeto, tornando-se apegada à verdade, desinteressada, zelosa no cumprimento de seus deveres, capaz de pesados sacrifícios pelo outro.

Até aqui discutiram-se as questões da dualidade instinto de vida x instinto de morte, do impulso para a agressividade e das tendências femininas para o masoquismo. A fim de completar este estudo seria interessante observar como o ser humano vivenciou estes conflitos a partir de tenra idade.

4.2) Primeiras manifestações agressivas:

Riviere (1937), Klein (1937) e Segal (1964) estudaram extensivamente a este respeito, e concluíram que apesar destes conflitos se passarem na infância, no seu período mais primitivo e arcaico, eles se mantêm inconscientes, mas ativos no decorrer da vida, influenciando poderosamente na determinação de acontecimentos futuros.

Riviere (1937) afirma que o bebê, ao mamar, torna-se completamente dependente de outra pessoa, mas isso não o atemoriza, pois ele não reconhece a própria dependência. Na verdade, não reconhece a existência de mais ninguém além de si mesmo; o seio de sua mãe, no início, é apenas uma sensação e representa uma parte de si mesmo, que é desejada pelo prazer de sugar e também para aplacar a fome. Instalado no seu mundo, que são suas próprias sen

sações, o bebê espera que todos os seus desejos sejam satisfeitos. Quando isto não ocorre, é então que adquire conhecimento de sua dependência. Assustado e irritado diante do inesperado, põe-se a chorar e a gritar. Quase que automaticamente explode de ódio e ardente desejo de agredir. Igualmente, se experimenta vazio e solidão desencadeia uma reação automática, que pode tornar-se incontrolável e opressiva e conduzir a uma cólera que acarreta dor e sensações corporais explosivas. Como o bebê é incapaz de distinguir o "eu" do "não eu", quando torturado pelo desejo ou pela ira, por choros incontroláveis, todo o seu mundo é de sofrimento, já que suas sensações particulares representam o seu mundo.

Esta situação, conforme a autora, corresponde a uma primeira experiência de algo como a morte, o reconhecimento de uma perda essencial. Ao mesmo tempo, acarreta um conhecimento do amor sob a forma de desejo, e um reconhecimento da dependência sob a forma de necessidade. Trata-se de uma descoberta do amor associada a sensações incontroláveis de dor e ameaça de destruição. Por outro lado, a sensação de desamparo resultante destas experiências de privação, insegurança e agressividade criam a necessidade de proteção e segurança, preocupações constantes no adulto.

Klein (1937) por sua vez, enfatiza a situação de ambivalência vivida pelo bebê em sua relação com a mãe, ao mesmo tempo amando e odiando intensamente aquela que é seu primeiro objeto de amor e ódio. Ele ama a mãe quando esta satisfaz suas necessidades de alimento, conforto e prazer sensual. O ódio e os impulsos destrutivos são despertados quando o bebê sente fome e não obtém satisfação imediata, que aliviaria além da fome, os estados de ódio, tensão, e lhe proporcionaria a sensação de segurança de quem se sente amado.

O primeiro amor já vem, portanto, perturbado em suas raízes por impulsos destrutivos. Amor e ódio lutam entre si na mente do bebê; e essa luta persiste, até certo ponto, durante toda a vida, podendo tornar-se uma fonte de perigo nos relacionamentos humanos. (Klein, 1937)

Segal (1964) expõe muito claramente este fenômeno através da polaridade inata dos instintos. Explica a autora que, desde o nascimento, o ego imaturo do bebê é exposto à ansiedade pro-

vocada por esta polaridade pelo conflito imediato entre o instinto de vida e o instinto de morte. Quando confrontado com a ansiedade produzida pelo instinto de morte, o ego o deflete. Este deslocamento do instinto consiste em parte numa projeção, e em parte na conversão do instinto de morte em agressividade. Com isso, o ego se divide (splitting), e ao projetar parte do instinto de morte para fora, o faz no objeto externo original, o seio, que passa a ser sentido como mau e ameaçador, dando origem ao sentimento de perseguição. Dessa forma, o medo original do instinto de morte é transformado em medo de um perseguidor. A parte do instinto de morte que permaneceu no ego, mas foi convertida em agressividade, é dirigida contra os perseguidores.

A autora acrescenta que da mesma forma como o instinto de morte é projetado para fora, a fim de evitar a ansiedade despertada por contê-lo, assim também a libido é projetada, a fim de criar um objeto que irá satisfazer o esforço instintivo do ego pela preservação da vida. Fica estabelecida pois uma relação com o objeto ideal, originariamente, o próprio seio, que fica dividido em duas partes, o seio ideal e o seio persecutório.

Logo Segal (1964) reconhece a ansiedade como sendo a resposta do ego à ação do instinto de morte, vindo a assumir duas formas no caso deste ser desviado: ansiedade paranóide e depressiva. Paranóide, atribuída à projeção do instinto de morte em um objeto externo, então experimentado como perseguidor. Depressiva, decorrente do fato de que a própria agressividade aniquile ou tenha aniquilado o objeto bom.

Klein (1952) observa que já nas primeiras fases do desenvolvimento pode ocorrer a fusão dos impulsos destrutivos e libidinais, o que acarreta que a gratificação libidinal de todas as zonas erógenas implique na gratificação de seus componentes destrutivos. Os impulsos destrutivos despertam a ansiedade, que se manifesta em situações específicas ligando-se às atividades genitais correspondentes. Esta conexão resulta em que se por um lado a ansiedade do indivíduo intensifica suas necessidades libidinais, por outro, a gratificação libidinal de suas zonas erógenas ajuda-o a dominar a ansiedade. Neste sentido o ato sexual funciona sempre como um elemento redutor da ansiedade. Se, no momento em que

efetuar sua escolha de objeto, a menina for tomada por sentimentos otimistas, esta recairá sobre alguém que represente o "bom" pênis, e ela experimentará mais tarde, intensa satisfação pelo alívio de ansiedade obtido na relação sexual. Contudo, se as circunstâncias forem desfavoráveis e o temor ao "mau" pênis predominar, sua escolha recairá sobre um parceiro sádico. Os próprios danos causados pelo parceiro possuem a função de suavizar a ansiedade, e têm importância na economia de sua vida mental; pois nada do que possa vir a sofrer de qualquer agente externo conseguirá igualar-se àquilo que já está sofrendo, em consequência dos danos causados pelos objetos perigosos que em sua fantasia possui dentro de si.

Portanto, encontra-se nas primitivas fantasias do bebê a raiz mais profunda do masoquismo feminino, que está no medo que a mulher sente dos objetos perigosos que internalizou, especialmente o pênis do pai. Seu masoquismo consistiria em última análise nos impulsos sádicos voltados contra aqueles objetos internalizados. Destruindo o objeto internalizado, o indivíduo age no sentido da auto-preservação. (Klein, 1952)

Observa-se que existe uma coerência psíquica já na mente primitiva do bebê. E as fantasias representam o canal, ou a via pela qual se processa a sua vida mental. Se sente-se frustrado pelo seio, em suas fantasias o bebê o ataca. Se é gratificado, ama-o e tem fantasias agradáveis. Estas fantasias são vividas como já tendo sido realizadas; para neutralizar aquelas que são destrutivas, o bebê se utiliza de fantasias onipotentes de tipo restaurador visando a reparação. O recurso da reparação possibilita aliviar as tendências sádicas originais, e os sentimentos de culpa delas decorrentes, e com isso preservar o equilíbrio e a saúde mental.

Se a criança não possui uma mãe amorosa e pais que saibam agir com maturidade diante de seus acessos de raiva; se suas tendências instintivas inatas forem tão exacerbadas de forma que não possam ser controladas; se ela não conseguir lidar satisfatoriamente com seus conflitos de amor e ódio de forma a fazer reparações, então provavelmente os levará consigo e os reproduzirá nas relações travadas no decorrer de sua vida.

4.3) A escolha do parceiro:

A escolha do parceiro constitui um exemplo onde o indivíduo levou para a vida adulta conflitos edipianos não resolvidos; ele reproduz seu conflito original e muitas vezes ultrapassa o nível da fantasia partindo para um acting-out onde abertamente expressa suas tendências destrutivas.

Freud (1932) afirma que no caso da mulher a escolha recai segundo o tipo paterno. Aparentemente podem ser pessoas completamente diferentes, mas a semelhança se dá conforme salienta Klein (1937) em alguns aspectos mais sutis (o timbre de voz, um traço de personalidade), pequenos detalhes que ficaram esquecidos ligados a impressões primitivas da infância das figuras parentais. A autora afirma que não é possível fugir disso; está-se sempre tentando encontrar substitutos para os pais e fazer com estes o que não foi possível fazer com aqueles originariamente. Paradoxalmente é necessário chegar à fase adulta para realizar os desejos da infância. A diferença está em que, aqueles que tiveram vivências razoavelmente satisfatórias na infância terão suas relações com o companheiro preenchidas de afetividade e gratificação sexual, o que lhes possibilitará reparar e amenizar as tendências destrutivas sádicas originais dirigidas contra os pais. Aqueles que não fizeram reparações na infância também não o farão na vida adulta; provavelmente procurarão um campo fértil onde possam reproduzir seus conflitos de amor e ódio, travando relações cuja ambivalência é manifesta. O ódio primitivo experimentado na tenra idade poderá se manifestar e ultrapassar o limiar da violência, tão logo se crie situações para que ele possa emergir, e o parceiro complementa e ocupa na relação o lugar daqueles que, em sua fantasia, foram seus primeiros amores.

4.4) A dualidade amor x ódio:

Segundo Freud (1915) amor e ódio, que se apresentam como opostos completos em seu conteúdo, não mantêm entre si uma relação simples. Não surgiram da cisão de uma entidade originalmente comum, mas brotaram de fontes diferentes, tendo cada um deles se desenvolvido antes que a influência da relação prazer-dor-prazer os transformasse em opostos. O amor deriva da capacidade do e

go de satisfazer auto-eroticamente alguns dos seus impulsos instintivos pela obtenção do prazer do órgão. É originariamente narcisista, passando posteriormente para objetos do mundo externo, a acompanhados de esforços motores do ego com o fim de aproximar-se destes objetos. Está, pois, estritamente ligado aos instintos sexuais. O ódio, enquanto relação com objetos é mais antigo que o a mor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. O ódio não tem conexão com o prazer sexual. A relação de desprazer parece ser a única de cisiva. O ego odeia, abomina e persegue com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele. O verdadeiro protótipo da relação de ódio está na luta do ego para preservar-se e manter-se, ou seja, ligado ao ins tinto de auto-preservação.

Quando há manifestações de ódio na relação com o objeto amoroso, isto gera um sentimento de culpa muito intenso, o que se gundo Klein (1937) pode conduzir a um afastamento da pessoa amada ou a uma rejeição da mesma. O sentimento de culpa deriva do fa to de sentir-se ódio da pessoa a quem se ama, logo, ao se afastar dela está-se tentando preservá-la de danos irremediáveis produzidos em fantasia. O medo de que a pessoa amada possa vir a morrer torna insuportável a dependência da mesma. Há duas atitudes diante disso: o deslocamento do amor para objetos não humanos, o que dispensa a formação de vínculos, e a superdependência como uma tentativa de utilizar ao máximo a pessoa de quem se é dependente.

Por outro lado, em um relacionamento amoroso feliz, Klein (Ibid.) afirma que a gratificação sexual proporciona à mulher não apenas prazer, mas reassseguramento e apoio contra os temores e sentimentos de culpa resultantes de seus primitivos desejos sádicos. Esse reassseguramento intensifica a gratificação sexual e desperta na mulher sentimentos de gratidão, de ternura e de fortalecimento no amor. Parte desta gratificação provém também da confirmação de que seus órgãos genitais são bons, na medida em que proporciona ao marido prazer e felicidade. Igualmente os órgãos genitais do marido se lhe apresentam como benéficos, se o seu relacionamento com ele é feliz.

Tendo alcançado este ponto a mulher sente inconsciente-

mente que pode assumir o lugar que sua mãe ocupou junto a seu marido, podendo agora retirar satisfação daquilo que fora objeto de prazer para sua mãe e que lhe fora negado. Está apta a sentir-se igual à mãe e gozar os mesmos direitos e privilégios que lhe couberam, porém sem danificá-la ou roubá-la. Um relacionamento adulto bem sucedido representa, pois, uma revivescência bem sucedida da primitiva situação familiar.

Após ter chegado a este ponto, resta ainda uma indagação sobre como se articulam as tendências destrutivas representadas pelo instinto de morte, e o narcisismo.

4.5) O narcisismo de morte:

Freud (1914) propõe que o narcisismo pode ser entendido como a libido do ego, que se contrapõe à libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. Green (1988) afirma de forma sucinta e contundente que "o narcisismo é o apagamento da marca do Outro no desejo do Um." (*)

Freud (Ibid.) postula que o mecanismo psíquico que força a ultrapassagem dos limites do narcisismo para ligar a libido a objetos está relacionado a que a catexia do ego excede certa quantidade de libido. E acrescenta: "um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar." (**)

O autor relaciona o elemento narcisista do amor com a auto-estima, a partir de uma definição desta última: "... a auto-estima expressa o tamanho do ego. Tudo que uma pessoa possui ou realiza, todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-o a aumentar sua auto-estima..." (***)

E continua afirmando que nas relações amorosas, o fato

(*) Green, 1988, p. 142

(**) Freud, 1914, p. 101

(***) Ibid., p. 115

de não ser amado reduz os sentimentos de auto-estima, enquanto que o de ser amado os aumenta. A finalidade e satisfação de uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado. A dependência ao objeto amado tem como efeito a redução daquele sentimento: uma pessoa apaixonada é humilde. Um indivíduo que ama priva-se de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor da outra pessoa por ele.

Deutsch (1949) em suas investigações sobre uma possível relação entre o narcisismo e o masoquismo postula um período pré-histórico, onde o amor próprio narcísico dominaria a pulsão destrutiva dirigida contra o eu, criando assim uma predisposição ao masoquismo. No caso das mulheres cujos traços caracterológicos são "normais", triunfa o amor próprio. É somente na relação com objetos, e nos diversos atos ligados à função de reprodução, que se revelará sua tendência a associar prazer ao sofrimento.

Green (1988) postula a existência de um narcisismo negativo, "duplo sombrio do Eros unitário do narcisismo positivo, de modo que todo investimento de objeto, assim como do Eu, implica seu duplo invertido que visa um retorno regressivo ao ponto zero." (*) Este narcisismo negativo é diferente do masoquismo. Enquanto o masoquismo é um estado doloroso que visa a dor e sua manutenção como única forma de existência, o narcisismo negativo dirige-se à inexistência, à anestesia, ao vazio.

Continuando, Green (Ibid.) refere-se a um "Eu tanatofílico", ou seja, um eu metade apaixonado pela morte, onde as relações reflexivas que se instauram entre a organização narcisista do eu e o objeto, permitem compreender que a destruição do objeto pode adquirir a forma reflexiva da auto-destruição. Todo investimento afetivo traz nas suas dobras o desinvestimento, que é sua sombra projetada para trás - evocando o estado mítico anterior ao desejo - e para frente, antecipando o apaziguamento neutralizante consecutivo à satisfação de um desejo. Ao contrário, quando sob o comando do investimento libidinal do eu, pode-se diferenciar a ação positiva, unificante do narcisismo a partir do auto-erotismo

(*) Green, 1988, p. 43

ao estado onde o eu é vivido e apreendido de uma forma total.

5. Contribuições da Teoria Jungiana:

As considerações teóricas feitas até aqui referem-se ao âmago deste estudo e constituem a abordagem mais palpável e por-
que não dizer, positivista, do problema em questão. Contudo, a teo-
ria psicanalítica, apesar de muito complexa e abrangente, ignora
esferas do psiquismo humano, tais como sua herança filogenética,
sua suscetibilidade às forças da natureza (reminiscência de situa-
ções arcaicas), as quais, acrescidas aos determinantes pessoais do
indivíduo, também influem poderosamente nos acontecimentos e nas
adversidades de sua vida.

À guisa de complementação, e na qualidade de uma hipóte-
se alternativa que justifique o problema em questão, será feita u-
ma ligeira incursão na teoria analítica, tendo como ponto de par-
tida especulações acerca do intrigante paradoxo vivenciado pelas
mulheres, objeto deste estudo.

Parece que as mulheres que procuram o SOS/Ação-Mulher
estão envolvidas em uma ambivalência onde amor e ódio convivem la-
do a lado. Por isso elas não sabem o que querem. Ao mesmo tempo
que querem ficar com o companheiro, não querem. Esta situação pa-
rece deixá-las num impasse, num estado em que se vêem paralisadas,
incapazes de tomar uma decisão e de agir em consonância com a mes-
ma. Pedem a separação, solução que a mente consciente aponta como
sendo a melhor, entretanto, conflitos inconscientes não permitem
que levem adiante sua decisão. Talvez o que queiram ao procurar a
entidade seja apenas queixar-se; encontrar um depositário onde
possam esvaziar-se de seu ódio, encontrar alguém que se associe a
elas na luta contra seu marido mau, para que possam continuar ao
lado do objeto amado sem ser para ele tão destrutivas. Isto por-
que este companheiro que lhes espanca não é somente o seu algoz,
mas o seu salvador e o seu protetor. Simboliza a possibilidade de
preenchimento de seu vazio existencial, de sanar suas perdas,
frustrações, rejeições; a possibilidade de satisfação da neces-
sidade psicológica de ser amada, e de realização de fantasias in-

fantasias longamente acalentadas, fantasias proibidas com uma pessoa proibida.

Estabelece-se então uma tenaz união entre estas mulheres e seus maridos violentos, em nome de um laço simbólico quase indissolúvel. Elas querem que ele pare de lhes espancar, mas não querem perder o companheiro ideal projetado nele, aquele que vai amá-las em qualquer circunstância. Desejam se possível separar-se da parte má e ficar com a parte boa do marido. Estão a todo custo tentando preservar a relação.

Esta tenaz união acima referida parece que possui lastros muito mais profundos e arcaicos do que se pode imaginar. De alguma maneira ela reproduz o que se processa no funcionamento da lei cósmica universal, que tende a aproximar e manter na mais estreita coesão os pares de opostos. Jung (1946) estudou extensivamente este fenômeno através dos mistérios profundos que envolvem a "coniunctio", expressão que provém da alquimia (e significa ligação química), sendo frequentemente usada para designar a idéia de matrimônio místico. O postulado da "coniunctio" consegue assim, esclarecer por um lado os segredos da ligação química, e por outro, enquanto mitologema, o arquétipo que representa a união dos opostos.

Orígenes (apud Jung, 1946) afirma que a possessão pelo inconsciente é justamente o estar-se fragmentado em muitos seres e numa multiplicidade, isto é, numa "disiunctio". "O doloroso conflito que se inicia na 'nigredo', é descrito pelo alquimista na 'separatio' ou divisão dos elementos, na dissolução; no despedaçamento de um corpo humano, na desintegração do noivo em átomos dentro do corpo da noiva ... Através de inúmeros processos é formas diferentes, o alquimista tenta superar esse paradoxo ou antinomia, a fim de transformar o dois em um." (*)

A "coniunctio oppositorum" (união dos opostos), na figura do sol e da lua, ou na dos pares régios de irmão-irmã ou de mãe-filho ocupa um lugar de grande importância na alquimia. Em seu sentido mais estrito a "coniunctio" é o coito propriamente di-

(*) Orígenes, apud Jung, p. 64-5

to, o momento da concepção, e seu verdadeiro sentido é produzir um nascimento que represente o Uno e o Unificado.

Portanto, a união íntima dos opostos, o laço indissolúvel, estão inscritos na própria natureza das coisas e na memória da humanidade, através do chamado inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo, dentro do diagrama da estrutura da personalidade proposto por Jung (apud Fadiman, 1939), corresponde à última camada, onde se situam os arquétipos; ele se superpõe ao inconsciente pessoal, que pode ser correlacionado ao inconsciente freudiano.

Jung (1917) afirma que o inconsciente coletivo não se origina na experiência e na aquisição pessoal, mas é inato no ser humano. A expressão coletivo designa sua natureza universal, ou seja, em contraste com a psique individual tem conteúdos e modos de comportamento que são os mesmos em todas as partes do mundo e em todos os indivíduos.

Segundo Jung (Ibid.) "o inconsciente coletivo é uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência." (*)

Os arquétipos são os conteúdos do inconsciente coletivo e se caracterizam pelo seu tipo arcaico e primitivo. Devido ao seu parentesco com as coisas físicas, estes quase sempre se apresentam sob a forma de projeções, as quais quando inconscientes, manifestam-se nas pessoas com quem se convive, subestimando ou sobre-estimando-as, provocando inúmeros desentendimentos. Os conteúdos do inconsciente coletivo são, não só os resíduos de modos arcaicos de funções especificamente humanas, como também os resíduos das funções da sucessão de antepassados animais do homem. Tais resíduos, ou engramas, quando ativos têm a propriedade não só de interromper o desenvolvimento, como também de fazê-lo regredir, enquanto não estiver consumida toda a energia ativada pelo inconsciente coletivo. Os arquétipos mais comuns são a sombra, o animal, o velho sábio, a anima, o animus, a mãe primordial, a criança divina, além de um número indefinido deles que represen-

(*) Jung, 1917, p. 26

tas situações. Eles também são chamados de imagens primordiais, porque correspondem frequentemente a temas mitológicos que reaparecem em contos e lendas populares de épocas e culturas diferentes. (Jung, 1917)

O animus na mulher e a anima no homem são estruturas inconscientes postuladas por Jung (Ibid.), que representam a parte sexual oposta de cada indivíduo do ponto de vista psicológico. Esta estrutura psíquica básica funciona como um ponto de convergência para todo material psíquico, que não se adapta à auto-imagem consciente de um indivíduo como homem ou mulher. Portanto, na medida em que uma mulher define a si mesma em termos femininos, seu animus vai incluir aquelas tendências e experiências dissociadas definidas por ela como masculinas.

"Assim como a anima produz caprichos, o animus produz opiniões; e assim como os caprichos do homem brotam de um fundo obscuro, do mesmo modo as opiniões da mulher provêm de pressupostos apriorísticos inconscientes. ... O animus é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem, e mais ainda, é um ser criativo e engendrador, que produz o que se poderia chamar a palavra que engendra. Assim como o homem faz brotar sua obra, criatura plena de seu feminino interior, assim também o masculino interior da mulher procria gêmeos criadores, capazes de fecundar o feminino do homem." (*)

Logo, os conflitos que se dão nas relações entre os sexos podem ser uma consequência de distúrbios nos dinamismos inconscientes destas relações, chegando-se a projetá-los na figura do outro, quando não se consegue conviver de forma harmoniosa e produtiva com o seu animus e/ou a sua anima.

(*) Jung, 1928, p. 85

III - OBJETIVOS

1. Objetivos gerais:

- realização de um estudo exploratório do ponto de vista psicológico dinâmico;
- compreensão do fenômeno da submissão da mulher a situações crônicas de violência doméstica;
- conhecer mais profundamente a população que constitui a clientela do SOS/Ação-Mulher.

2. Objetivos específicos:

- realização de estudos de caso;
- comparação dos casos entre si;
- verificação de elementos comuns entre eles;
- delineamento de um perfil da mulher que se submete à violência do companheiro.

IV - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A partir do intrigante problema em que se viu envolvida, a pesquisadora julgou conveniente a realização de estudos de casos em uma pequena parcela representativa da população-alvo, o que lhe possibilitaria fazer um exame mais aprofundado da situação e das variáveis internas, psicológicas, que estariam atuando na incidência do fenômeno. O objetivo da pesquisadora era, pois, conhecer o dinamismo inconsciente da psiquismo destas mulheres, e o estudo de caso parecia ser a técnica mais adequada para estes fins.

1. As Técnicas Projetivas:

Em concordância com o referencial teórico utilizado e a estratégia acima referida, optou-se por trabalhar com uma metodologia baseada em técnicas projetivas e entrevista.

As técnicas projetivas derivam da projeção, um dos mecanismos de defesa postulado por Freud (1911), caracterizado como bastante primitivo e com grande influência sobre as percepções sensoriais do indivíduo. Em condições que não tenham sido ainda suficientemente estabelecidas, constantemente as percepções internas dos processos ideacionais e emocionais são projetadas no exterior como percepções sensoriais, e são usadas para determinar o mundo exterior, ainda que a rigor pertençam ao mundo interior.

Outros autores (Healy, Bronner y Bowers, 1930) contribuem para uma compreensão mais ampla do termo ao afirmar que a projeção é um mecanismo de defesa submetido ao domínio do princípio do prazer, através do qual o ego empurra para fora, sobre o mundo exterior, desejos e idéias inconscientes, as quais se lhes fosse permitido penetrar na consciência seriam dolorosas para o ego.

Bell (1948) em sua revisão Bibliográfica, observa que são elementos comuns nas diversas definições o fato de que o processo de projeção é inconsciente, que serve como defesa contra tendências inconscientes, que resulta de atribuir a outros os in-

pulsos, sentimentos e idéias inconscientes, reduzindo com isso a tensão emocional. O autor prefere adotar o significado comum, isto é, de "lançar adiante", que consiste na ação implicada nestas técnicas. Lançando para fora o que tem dentro de si, por meio das técnicas projetivas, o sujeito pode ter sua personalidade examinada.

Bell (Ibid.) afirma que não houve experimentação direta sobre os processos implicados nas técnicas projetivas. E faz as seguintes ressalvas: embora a projeção esteja implicada nestes testes, não é o processo exclusivo; as respostas de um teste não contêm apenas uma função defensiva; nem todos os elementos que aparecem são inconscientes, e a tensão nem sempre diminui como resultado da projeção.

Como características gerais dos métodos projetivos de estudo da personalidade verifica-se a incógnita sobre o verdadeiro propósito do examinador ao aplicar o teste, o que reduz o controle consciente do sujeito sobre sua conduta; a mostra da conduta individual ao mesmo tempo expressiva e com suficiente brevidade oferecida por estes métodos; a consideração da conduta registrada como uma totalidade organizada, onde o que atribui significado a um aspecto particular é a forma como este é integrado ou separado da totalidade.

As técnicas projetivas se baseiam em uma concepção da personalidade, segundo quatro elementos básicos (Bell, 1948):

1º) A personalidade não é um fenômeno estático, mas um processo dinâmico. Laplanche e Pontalis (1967) definiram dinâmica da personalidade como expressão do conflito dos fenômenos psíquicos, e de forças originárias dos impulsos instintivos que exercem pressão. Bell (Ibid.) assinala que um instrumento deve ser capaz de avaliar o estado desta personalidade em constante mudança, num dado momento, como de refletir as modificações nela produzidas no transcurso do tempo. Segundo Trincos (1976) um aspecto relevante da dinâmica da personalidade é o conteúdo, que diz respeito a objetos internos (representações na psique dos objetos externos), fantasias inconscientes, angústias, ansiedades, impulsos e sentimentos.

2º) A natureza estrutural da personalidade está ligada à forma e

implica em configurações psicológicas permanentes. Ela se desenvolve segundo influências fisiológicas, psicológicas, e físico-sócio-culturais que servem para modelar o indivíduo.

- 3º) A estrutura da personalidade se revela na conduta do indivíduo, a qual reflete a relação entre as exigências de si mesmo e as exigências da situação, e consiste na intenção de adaptar-se a estas demandas. A coerência lógica da conduta não é igual à coerência psicológica. Esta última está sempre presente, enquanto a anterior não.
- 4º) A personalidade não é um fenômeno superficial e sim profundo. Alguns traços dela são observados e outros estão ocultos, não só ao mundo exterior, como também para o próprio indivíduo, a través das camadas inconscientes.

O substrato teórico dos testes projetivos está não só na teoria psicanalítica, como também na Gestalt (segundo as concepções sustentadas por Wertheimer, Köhler e Koffka por um lado, e Lewin de outro), na psiquiatria, na antropologia cultural, e na psicologia experimental.

Freud e o movimento psicanalítico lançaram as contribuições fundamentais para a configuração teórica dos métodos projetivos. São os conceitos relativos ao inconsciente, suas leis, sua eficácia na determinação da conduta, assim como o método de associação livre, modelo mediante o qual se faz análise de conteúdos latentes por verbalizações manifestas. (*) Neste sentido, a maioria das técnicas projetivas podem ser denominadas formas estruturadas de atividade associativa, cuja eficácia foi demonstrada no diagnóstico e na terapêutica. (Bell, 1948)

Também a Freud deve-se a investigação da relação paciente / terapeuta, o que possibilitou adaptá-la à situação de teste, na relação sujeito / examinador, e a eliminação de uma possível influência desta sobre a personalidade.

A maior das contribuições da Gestalt consiste na ênfase atribuída à totalidade da personalidade, e na análise das forças que determinam a conduta. Os experimentos dos giestaltistas acima

(*) Assunto já tratado neste estudo à p. 33-4

citados conduziram a resultados que se relacionam com as técnicas projetivas de duas maneiras: os processos perceptuais e análise da motivação. Wertheimer, Köhler, Koffka em suas investigações empreendidas para facilitar a compreensão da percepção, contribuíram em seus descobrimentos para o conhecimento dos processos perceptuais implicados nas técnicas projetivas. O interesse destes investigadores residia nos processos de percepção de todos funcionais, mais que na experimentação com partes de objetos. Uma análise das partes nunca pode proporcionar uma compreensão do todo, uma vez que o todo é definido pela interação e interdependência das partes. Desta forma a análise das respostas nas técnicas projetivas está baseada geralmente sobre a teoria de que as respostas do indivíduo estão organizadas dentro de um padrão total, de uma Gestalt. Já as contribuições de Lewin ao conhecimento psicológico dirigiram-se mais especificamente à análise da motivação que à da percepção; sua aplicação subjacente às técnicas projetivas é mais indireta, mas, não obstante, mais importante que a obra dos primeiros gestaltistas. Lewin tentou descobrir as relações entre vetores ou forças que motivam a conduta do indivíduo em várias direções, as barreiras interpostas no curso do movimento, e a conduta do indivíduo dentro do espaço vital. (Dell, 1943)

A origem e o desenvolvimento das técnicas projetivas estão tão profundamente arraigados no campo da psicologia clínica; a maior parte delas surgiu da necessidade de diagnosticar os diferentes grupos de anormais em uma população.

Tendo delineado um panorama geral sobre as técnicas projetivas, pode-se partir agora para uma apresentação daquelas que serão utilizadas na presente pesquisa, isto é, as técnicas gráficas.

1.1. Técnicas gráficas:

Técnicas gráficas são aquelas em que o sujeito ao invés de se comunicar pela fala, o faz por meio do grafismo (desenho, pintura, traçado). Hammer (1969) observa que as pessoas tendem a expressar em seus desenhos, de forma inconsciente, uma visão de si mesmas tal como são ou tal como gostariam de ser. Os desenhos são uma forma de linguagem simbólica que mobiliza níveis primiti-

vos da personalidade; são meios que ativam e expressam associações.

Segundo Levy (1959) o desenho pode ser uma projeção do auto-conceito e também da imagem ideal do eu, uma projeção de atitudes para com outra pessoa, uma expressão da tonalidade emocional, assim como das atitudes para com a vida e a sociedade. Bender (1952) concluiu que os desenhos equivalem ao conteúdo manifesto de um sonho, as formas abstratas também expressam conflitos humanos, presentes no aparecimento de impulsos primitivos.

Abbele (1969) define o gesto gráfico como o elemento básico da comunicação, um símbolo capaz de expressar em poucos traços uma situação interior que nenhum outro meio de comunicação permite exteriorizar de modo tão espontâneo e vital.

Tendo em vista a variabilidade de testes gráficos existentes, a pesquisadora procurou selecionar aqueles que melhor serviam aos objetivos deste estudo. São eles: o desenho da figura humana, como uma exploração da auto-imagem; o teste das duas pessoas, como uma investigação da relação de casal; uma cena doméstica, tema criado pela própria pesquisadora em decorrência de sua importância neste estudo, visando verificar as cenas mais marcantes para o sujeito em seu reduto doméstico; um desenho livre, como uma forma de facilitar a expressão de conteúdos emocionalmente catexizados em um campo indiferenciado.

1.1.1) O desenho da figura humana:

Baseada na dinâmica da personalidade elaborada pela psicanálise e na teoria da imagem do corpo, Machover (apud Bernstein, 1956) elaborou em 1949, uma técnica nova e econômica para a exploração da personalidade de sujeitos de qualquer idade, educação, estado mental e meio cultural, o desenho da figura humana (e do sexo oposto). Seu objetivo com este teste era investigar a influência da cultura e do desenvolvimento na determinação da imagem corporal normal e de seus desvios, normais e patológicos, assim como no exame do indivíduo concreto através da expressão gráfica de seus traços, atitudes e conflitos.

Machover partiu do pressuposto do corpo como o referencial concreto do eu, para o qual o desenho da figura humana serve

de veículo adequado para a auto-projeção da personalidade. A figura produzida representa a pessoa, e a folha em branco, o ambiente. E a análise da representação da figura humana é um meio de se conhecer o autor. O exame de um grande número de sujeitos de ambos os sexos, crianças e adultos, comparados com suas histórias clínicas, permitiu a Machover elaborar uma relação entre os traços gráficos e seus possíveis significados.

1.1.2) O teste das duas pessoas:

O teste das duas pessoas é uma modificação do desenho da figura humana, idealizado por Bernstein (1958). Consiste em pedir ao examinando que realize uma tarefa de desenho e composição em quatro passos sucessivos:

- 1º) Desenho de duas pessoas (parelha gráfica);
- 2º) Escolha de nomes;
- 3º) Inventar uma estória sobre esses personagens (parelha verbal);
- 4º) Atribuir um título à estória.

A diferença desta técnica com a de Machover está em que se pede ao examinando que desenhe as duas figuras em uma mesma folha de papel, e se lhe pede para contar uma estória, procedimento raro entre as técnicas gráficas tradicionais. Comumente se utiliza o inquérito, conjunto de perguntas padronizadas ou não, para esclarecimentos a respeito do grafismo do sujeito e de outros componentes da situação de teste.

Como todos os testes projetivos, este pode oferecer dados sobre a personalidade em geral, mas sua utilidade específica está em proporcionar informações sobre:

- 1) A identidade: permite verificar se a auto-imagem é adequada e ajustada ao papel sexual do examinando; se sua identificação com o próprio sexo é satisfatória, e se seu nível de maturidade é correspondente.
- 2) Relação de parrelha: permite uma objetivação da imagem interna de parrelha do sujeito; quem é seu companheiro, de quem necessita, com quem pode acasalar.
- 3) Vínculo: permite observar a atitude que assume frente ao outro, se é adaptativa ou conflituosa, agressiva ou submissa, realista ou fantasiada.

1.1.3) O desenho livre:

Elkisch (apud Trinca, 1976) define os desenhos livres como movimentos expressivos que um indivíduo projeta inadvertidamente através de meios gráficos (lápiz ou pintura) em uma folha de papel ou tela. Trinca (Ibid.) define simplesmente o desenho livre como aquele não dirigido, que proporciona liberdade de execução gráfica e de escolha de tema, capaz de oferecer indicações sobre inteligência, psicomotricidade e a personalidade do indivíduo. Foi utilizado neste caso o mesmo procedimento que no teste anterior, quando é solicitado do sujeito que conte uma história sobre sua produção.

Ao associar o desenho livre a histórias em que ele figura como estímulo para essas histórias, Trinca (1976), estruturou um instrumento com características próprias para obtenção de informações sobre a personalidade, em aspectos que não são facilmente detectáveis pela entrevista psicológica direta (aquela que utiliza associações verbais espontâneas, bem como respostas a questões formuladas pelo entrevistador).

1.2) O procedimento de desenhos-história:

A elicitação de processos projetivos sob a forma de "histórias", tendo como estímulo formas gráficas mais ou menos estruturadas, é um procedimento característico das técnicas temáticas verbais, tendo como seu maior representante o teste de percepção temática. A técnica denominada procedimento de desenhos-história, apesar de não ser um teste propriamente dito, demonstrou pelos resultados obtidos a mesma eficácia. Neste caso, as figuras são produções gráficas do próprio examinando, onde a temática é livre. Com isto, a produção provém quase inteiramente do próprio examinando, ficando praticamente nulas as sugestões do examinador. E os núcleos emocionalmente significativos surgem espontaneamente. Trata-se, pois, de um procedimento que reúne e utiliza informações de técnicas temáticas e gráficas conhecidas, cuja finalidade é para ampliar o conhecimento de dinamismos da personalidade de crianças e adultos, por não serem facilmente acessíveis à entrevista psicológica habitual.

Segundo Trinca (1976), o procedimento de desenhos-história-

ria é fundamentado pelas seguintes suposições:

- 1) Ao estruturar uma situação sem estruturação, o indivíduo pode revelar seus próprios esforços, disposições e conflitos.
- 2) Quando o indivíduo é posto em condições de associar livremente, estas associações tenderão a se dirigir para setores em que o indivíduo é emocionalmente mais sensível. Para Freud (apud Trinca, 1976) o curso do pensamento não é indeterminado, ao contrário, as associações obedecem a certas finalidades. Cada vez que um elemento psíquico é ligado a outro por uma associação desconcertante e superficial, existe também uma ligação correta e profunda entre eles.
- 3) Existe uma tendência nas provas projetivas, de quanto menor for a direção e a estruturação dada ao estímulo da prova, maior será a probabilidade do aparecimento de material pessoal significativo na resposta.
- 4) Ocorre um fator de ativação dos dinamismos da personalidade, alcançando maior profundidade e clareza, quando o sujeito realiza determinada sequência de provas gráficas ou verbais destinadas à investigação da personalidade.

A pesquisadora julgou viável generalizar o procedimento de desenhos-estória para todos os testes gráficos a serem aplicados, assim como a atribuição de nomes aos personagens e de um título à estória. Isto, além de oferecer maior consistência à interpretação dos sinais gráficos, amplia os dados obtidos por esta via possibilitando maior conhecimento sobre a dinâmica do psiquismo do sujeito.

2. A Entrevista Semi-dirigida:

O sentido da inclusão da entrevista na relação de técnicas utilizadas nesta investigação está em complementar os dados fornecidos pelos testes projetivos, considerando que são instrumentos de natureza diversa capazes de gerar informações de fontes diferentes.

Além de visar a compreensão dos dinamismos da personalidade do sujeito, a pesquisadora, em seu estudo de casos, julgou

relevante obter informações sobre o histórico de vida; conhecer a própria leitura do sujeito a respeito de seu problema e da situação em que se encontra, os aspectos que apresentam para ele maior relevância, sua justificativa de um ponto de vista lógico-racional sobre sua manutenção em situações de violência.

Segundo Bleger (1971) a entrevista é uma técnica de investigação científica da psicologia. Ao mesmo tempo que ela possibilita a aplicação de conhecimentos científicos, também permite levar a vida diária do ser humano ao nível do conhecimento e da laboração científica. Tudo isto é um processo ininterrupto de interação, onde o tipo de entrevista, neste caso, está condicionado a objetivos de pesquisa e investigação, tendo como foco o estudo do comportamento total do sujeito em todo o curso da relação estabelecida com a pesquisadora.

A entrevista aberta ou semi-dirigida não se caracteriza essencialmente pela liberdade de fazer perguntas, mas em uma atitude flexível do entrevistador que permita ao máximo ao entrevistado configurar o campo da entrevista segundo sua estrutura psicológica particular, ou dito de outra forma, que o campo da entrevista é configurado o máximo possível pelas variáveis que dependem da personalidade do entrevistado. Desta forma, a entrevista semi-dirigida possibilita uma investigação mais ampla e profunda da personalidade do entrevistado. (Bleger, Ibid.)

A teoria da entrevista tem sido enormemente influenciada por conhecimentos derivados da psicanálise, da Gestalt, da topologia e do condutivismo. A psicanálise influenciou com o conhecimento da dimensão inconsciente da conduta, da transferência e da contratransferência, da resistência e da repressão, da projeção e da introjeção. A Gestalt trouxe a compreensão da entrevista como um todo no qual o entrevistador é um de seus integrantes, e considera o comportamento deste como um dos elementos da totalidade. A topologia tem conduzido de forma a reconhecer o campo psicológico e suas leis; o condutivismo tem influído com a importância da observação do comportamento.

Tudo isso permite realizar a entrevista em condições metodológicas mais estritas, convertendo-a em instrumento científico no qual há uma sistematização de variáveis, o que possibilita

maior rigor em sua aplicação e em seus resultados.

Como não está sendo incluída uma proposta de atendimento sistemático dos casos, o que proporcionaria um maior aprofundamento, serão utilizadas as técnicas citadas com o objetivo de realizar um estudo o mais abrangente possível, a nível de psicodiagnóstico. Evidentemente, os aspectos dinâmicos serão os mais enfatizados.

CRITÉRIOS GERAIS PARA INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DOS TESTES GRÁFICOS:

Foram selecionados após consulta bibliográfica sobre o assunto alguns critérios básicos que nortearão a interpretação psicológica dos testes gráficos. Contudo, estes critérios não são rígidos e não esgotam a interpretação, pois cada teste tem a sua especificidade e podem aparecer elementos novos. Conforme afirma Lourenção van Kolck (1968) nesta tarefa é indispensável uma postura "aberta" e intuitiva, livre de dogmatismos teóricos, capaz de captar e formular uma impressão global de um conteúdo simbólico.

Os critérios, segundo Lourenção van Kolck (ibidem) e outros autores encontram-se abaixo relacionados:

- 1) Posição da folha de papel: a folha é compreendida como o ambiente delimitado pelas bordas do papel. A modificação radical na posição da folha (se ela foi apresentada na horizontal e é posta na vertical) tem sido interpretada como sinal de negativismo e rejeição de sugestões, mas também indica liberdade em relação à ordem implícita, desejo de afirmação e expansão ativa.
- 2) Localização do desenho na folha: a autora acima citada propõe uma classificação de acordo com os seguintes itens:
 - 1º quadrante (canto superior direito): o que significa contato ativo com a realidade, rebelião e ataque, espírito empreendedor.
 - 2º quadrante (canto inferior direito): representa a força dos desejos, impulsos e instintos, obstinação e teimosia.
 - 3º quadrante (canto inferior esquerdo): fixação em estágios primitivos, regressão, presença de conflitos, egoísmo.
 - 4º quadrante (canto superior esquerdo): atitude de expectativa diante da vida, passividade, inibição, reserva, nostalgia.
 - metade superior: satisfação na fantasia, objetivos muito altos (praticamente inatingíveis), espiritualidade, misticismo.
 - metade inferior: fixação à terra e ao inconsciente, materialismo, insegurança e inadequação, sentimentos depressivos.
 - metade direita: denota extroversão, altruísmo, atividade, socialização, relação com o futuro.

- metade esquerda: comportamento impulsivo, predomínio da afetividade, do passado, introversão, egoísmo.
- centro: equilíbrio, comportamento emocional adaptativo, segurança, auto-valorização, pessoa centrada em si mesma.

3) Tamanho: Lourenção van Kolk (1968) propõe uma classificação de acordo com as seguintes categorias: muito grande (folha toda ou quase); grande ($2/3$ e metade da folha); médio ($1/3$, $1/4$, $1/6$ e $1/8$); pequenos ($1/16$ e $1/32$); muito pequeno ($1/64$ e $1/128$ da folha). Cada tamanho compreende os seguintes significados psicológicos:

- muito pequeno ou minúsculo: traduz sentimento de inadequação, rejeição pelo ambiente e tendências ao isolamento.
- pequeno: indica inferioridade, inibição, constrição e depressão, comportamento emocionalmente dependente. Também Hammer (1978) encontrou desenhos pequenos em sujeitos com sentimentos de inadequação e com tendências ao retraimento. Traub e Lembke (apud Hammer, 1978) estudaram independentemente desenhos de crianças ouzadas e tímidas, e observaram que aqueles excessivamente pequenos estavam associados com sentimentos de inferioridade.
- grande: sentimento de expansão e agressão, falta de controle e de inibição.
- muito grande: evidência de agressividade e descarga motora.
- exagerado, saindo do papel: sugere sentimento de constrição por parte do ambiente, com fantasia supercompensatória, o que lembra aspectos paranóides.

4) Traçado: pode apresentar as seguintes configurações e interpretações:

- interrompido (se caracteriza por pequenos hiatos, é, pois, fragmentário); significa incerteza, tenor, angústia e possivelmente tendências psicóticas.
- trêmulo (apresenta-se com pequenas ondulações produzidas por tremores na mão); significa medo, insegurança, sensibilidade, intoxicação por fadiga ou alcoolismo.
- traço repetido (resultante de avanços e recuos da mão); indica emotividade, ansiedade, falta de confiança em si, insegurança, hesitação diante de situações novas, mas também sentido atitudi

co, intuição, sensibilidade.

- contínuo (firma-se nos aspectos anteriores): significa decisão, rapidez, energia, esforço dirigido, auto-afirmção.

5) Qualidade das linhas: o que está diretamente relacionado à pressão do lápis no papel, e é uma indicação do nível de energia do sujeito (Hammer, 1973). As linhas podem ser:

- grossas ou pesadas, indicando vitalidade, iniciativa, decisão, confiança em si; possivelmente agressão e hostilidade para com o ambiente, esforço para manter o equilíbrio da personalidade.
- finas: o que denota insegurança, timidez, sentimento de incapacidade, falta de energia e confiança em si.
- linhas de grossura média: meio termo entre esses dois extremos.

Há também uma outra classificação segundo o predomínio de linhas retas, curvas ou ângulos. Predominância de linhas curvas segundo Maschover (apud Bernstein, 1958) está ligado à feminilidade, e como tal à submissão e ao narcisismo; indica também desenvolvimento restringido e menor agressividade. Krout (apud Hammer, 1973) descobriu que linhas redondas estão associadas com feminilidade e linhas retas ao humor agressivo. Predominância de linhas retas com ângulos, segundo Kinget (apud Lourenção van Kolk, 1968), denota rigidez, intransigência e capacidade limitada para fazer amizades. Wolff (apud Bernstein, 1958) atribui o significado de rapidez e decisão às linhas retas. Maehner (apud Lourenção van Kolk, 1968) em pesquisa realizada encontrou que o predomínio de ângulos agudos aparece em sujeitos abertamente agressivos, com pobre ajustamento. Hammer (1973) interpreta figuras de "palitos" como um indicador de evasão, sendo característico de indivíduos inseguros, que duvidam de si mesmos. Duck (apud Hammer, 1973) encontrou ainda que linhas reforçadas geralmente constituem um índice de insegurança e ansiedade.

6) Linha de base: está ligada ao contato com a realidade. Sua ausência indica refúgio no mundo de fantasias.

7) Petalhas: segundo Hammer (1973) a ausência de detalhe adequado transmite sentimentos de vazio e de energia reprimida, caracte

rísticas de sujeitos que empregam defesas de retraimento, ân-
 zes depressão. Por outro lado, o uso excessivo de detalhes é típi-
 co de indivíduos obsessivo-compulsivos, que tentam se proteger do
 caos interno criando um mundo rigidamente estruturado. Serão cita-
 dos aqui alguns detalhes cujo significado é bastante específico.
 A cabeça está ligada a controle racional e ao mundo de fantasias;
 o tronco é parte afetivo-emocional e o abdômen aos impulsos ins-
 tintivos. Os braços e mãos expressam capacidade de contato e comu-
 nicação. Hammer (1973) afirma que mãos escondidas estão ligadas a
 dificuldade de contato ou sentimentos de culpa em função de ativi-
 dades manipulatórias (masturbação); pupilas omitidas (olhos vazios)
 expressam culpa em relação a tendências voyeurísticas; quando
 a boca é indicada por uma linha única o sujeito pode ser verbal-
 mente agressivo. Machover (apud Bernstein, 1958) afirma que boca
 curva é indicio de simpatia forçada e busca de aprovação; por ou-
 tro lado os olhos desempenham grande parte da função de comunica-
 ção social assumida pelo rosto, é um ponto capital onde se consen-
 tra a idéia do próprio ser e de sua vulnerabilidade. O corpo pos-
 sui um componente narcisista, mas ao mesmo tempo constitui um ca-
 nal de expressão da sexualidade. Hammer (ibidem) afirma que o pes-
 coço deve ser considerado como um elo entre o controle intelectual
 e os impulsos do id; um pescoço longo pode sugerir que o sujeito
 está tendo dificuldades em controlar e dirigir seus impulsos ins-
 tintuais; uma cabeça acentuadamente grande indica que o sujeito
 pode ser introspectivo ou se refugiar na fantasia. Estes detalhes
 referem-se a figuras humanas, as quais geralmente são desenhadas
 vestidas. Se as figuras forem nuas e as partes genitais acentua-
 das, o sujeito pode estar expressando revolta contra a sociedade
 ou pode estar consciente de conflitos sexuais (Hammer, 1973). Bol-
 sos são encontrados nos desenhos de indivíduos infantis e depen-
 dentes; aqueles colocados no peito são indicadores de privação or-
 ral e afetiva. Ênfase em botões apontam para uma personalidade de-
 pendente, inadequada, infantil.

2) Uso das cores: o significado geral do uso da cor é a expressão
 da afetividade (emoções e sentimentos). Lourenção van Kolk (1968)
 após pesquisa realizada entre os diversos autores apresenta uma

classificação geral do uso das cores e suas significações. Assim é que a escolha do amarelo está ligada a extroversão, vivacidade, atividade; denota um dinamismo frio e lúcido. O vermelho representa as tendências instintivas; sua escolha sugere reações emocionais fortes, rápidas e bruscas; necessidades que são facilmente excitáveis e exigem satisfação imediata. É mais escolhido pelos homens. O azul denota as forças reguladoras da afetividade, um controle mais através da razão; presença de auto-domínio com possibilidades de desenvolvimento espiritual e racional. É mais escolhido por mulheres. O verde indica sensibilidade, sociabilidade e capacidade de contato; relaciona-se com a função de equilíbrio da afetividade. O laranja representa extroversão de natureza mais temperamental, sensibilidade pronunciada e calorosa, desejo de conseguir algo e se valorizar. O marrom representa a força da estrutura do ego, resistência psíquica, independência obstinação e teimosia. O preto indica vida interior sombria, depressão, conflitos não solucionados, tristeza, inibição e repressão. O cinza indica neutralidade afetiva, prudência e discrição; corresponde ao mecanismo de defesa que nega a realidade. O branco denota irritabilidade e reações oscilantes com descargas bruscas e fugas; vazio interior, personalidade dividida e afetos coartados. A autora adverte que a interpretação das cores deve ser configurativa, levando em consideração o todo do desenho, e não por mera adição de dados isolados. Hammer (1973) observa que desenhos cromáticos retiram as camadas próximas da personalidade consciente, e fazem emergir mais facilmente as camadas mais profundas do inconsciente. Além disso, tendem a eliciar níveis infantis de ajustamento em sujeitos adultos. Este autor (ibidem) afirma que sujeitos que manifestam preferência pelo preto, marrom ou azul revelam constrição da personalidade por não terem a audácia para abrir-se com as tonalidades mais arrojadas, constituídas pelo vermelho, laranja e amarelo. Sujeitos psicologicamente mais sadios atiram-se por completo na tarefa cromática, empregando as cores quentes com confiança refletindo assim maior segurança nas áreas emocionais representadas pelas cores. Sujeitos incapazes de estabelecer livremente relações interpessoais quentes e compartilhadas, emocionalmente típidos, demonstram um uso inibido da cor e tendem a não co

lorir seus desenhos. Um uso expressivo e exagerado de cores, especialmente se combinado ao uso não convencional, ocorre naqueles que manifestam incapacidade para exercer controle adequado sobre seus impulsos emocionais.

9) Outros aspectos que podem adquirir relevância e significado:

- sequência: refere-se não somente à sequência de elaboração das partes de cada desenho e a reação do sujeito diante disso, mas principalmente a dados que a sequência de conjunto dos desenhos pode revelar no tratamento de algum aspecto específico, como por exemplo a qualidade da linha. No desenho da figura humana é importante ressaltar que é esperado que as pessoas desenhem em primeiro lugar uma figura de seu próprio sexo. Contudo, Hammer (1978) adverte para interpretações errôneas e precipitadas (homossexualismo, neurose) caso isto não ocorra. Há várias hipóteses sobre as razões que levam o indivíduo a apresentar este comportamento atípico: inversão sexual, perturbação na identificação sexual, forte ligação ou dependência de algum indivíduo do sexo oposto, inclusive genitor, regressão a um estado narcisista infantil onde a pessoa une-se à mãe.
- distorções e omissões: sugerem conflitos relacionados com a parte que foi omitida ou distorcida. Por exemplo, indivíduos com conflitos sexuais omitirão ou distorcerão as áreas associadas com as partes sexuais.
- simetria: desenhos nos quais há uma falta óbvia de simetria apontam para sentimentos de insegurança e inadequação. No outro extremo, quando a simetria bilateral é enfatizada produzindo um efeito de rigidez, o significado é de um sistema obsessivo-compulsivo de controle emocional que se expressa na repressão e na hiperintelectualização.
- negação ou resistência a desenhar: expressam atitudes de rejeição em graus diferentes de intensidade. Enquanto no primeiro caso o sujeito se recusa a desenhar, no segundo alega "não saber", "não gostar", mas se dispõe a fazê-lo após um certo "preâmbulo". São atitudes básicas de negativismo e de oposição. Segundo Katz (apud Lourenção van Kolk, 1963) é necessário ter cuidado com isto, pois a recusa pode estar relacionada ao severo ble

quício de um histérico, à desconfiança de um paranoico ou à intensa inferioridade de uma pessoa que sente muito ameaçada por riscar-se à imperfeição e ao julgamento da outra.

- estereotipias: na figura humana podem aparecer personagens de caráter estereotipado tais como "cow-boy", bailarina, índio, etc. Koch (apud Leurgão van Velsen, 1963) afirma que as estereotipias expressam esquematismo, deficiência na capacidade de expressão, falta de independência no julgamento. Se se tratar de caricaturas, palhaços ou "caras de idiota", o sujeito está manifestando desprazo e hostilidade em relação a si mesmo.
- transparência: em desenhos de adultos traduz segundo Cumplac (ibidem) ausência de sentido de realidade, e se constitui em indício patológico em conjunção com outros sinais.
- correção e retoques: indicam que o sujeito não está satisfeito com o que está produzindo, e por outro lado aquelas áreas de desenho lhe oferecem dificuldades. Tendência acentuada à correção sugere desejo de perfeccionismo.
- sombreamento ou borradura: são considerados expressão de ansiedade e, como tal, indicadores de conflito conforme Machover (apud Bernstein, 1958).

10) Aspecto geral da figura: este item consta no esquema de interpretação psicológica dos testes gráficos com o objetivo de obter uma percepção gestáltica da figura sem restringir-se aos significados isolados das partes, que por si mesmos são insuficientes. Aqui é de grande relevância a comunicação intuitiva que quem interpreta estabelece com o desenho. Antes de recorrer aos subsídios teóricos, observar qual a impressão causada no pesquisador, que posteriormente será xocada com outras fontes de informação.

11) Análise das associações: as "estórias" solicitadas ao sujeito sobre cada produção realizada possuem o objetivo de confirmar e/ou complementar os dados acima levantados. Sua interpretação baseia-se em elementos da teoria psicanalítica.

IV - MÉTODO

1. Sujeito:

O objeto de estudo desta pesquisa são mulheres vítimas de violência doméstica, que fazem parte da clientela do SOS/Ação-Mulher. São casos de mulheres que se mantêm imobilizadas, impotentes na relação com o companheiro, da qual não conseguem sair a pesar dos constantes maus-tratos que lhe são impingidos. Os critérios para seleção dos casos são os seguintes:

- a) Caracterizar-se como um caso de violência doméstica, ou seja, agressor e vítima mantêm um relacionamento íntimo, e, independente de sua ligação ser ou não legalizada, convivem permanentemente já por certo tempo.
- b) Apresentar queixas de violência física e/ou psicológica provocadas pelo companheiro. Por violência física entende-se agressão dirigida ao corpo da vítima a fim de lhe causar dano (empurrões, socos pontapés, mordidas, estrangulamento, cortes, facadas, alvejamento a tiros), utilizando-se para isso do próprio corpo ou de instrumentos específicos para este fim. Por violência psicológica entende-se ameaças de morte dirigidas à mulher; calúnias, injúrias, difamações, adultério; menosprezo, humilhações; restrições à sua liberdade de ação e de pensamento; consideração desrespeitosa e degradante da companheira.
- c) Reverberação (fator tempo): basta que se configure um quadro em que a mulher veja se repetindo através do tempo situações em que ela se sinta agredida, psicológica ou fisicamente, sem que consiga fazer nada para sair disso, demonstrando enfim, impotência.

Serão selecionados sete casos para estudo com base nestes critérios.

2. Instituição:

O SOS/Ação-Mulher é uma entidade feminista voltada ao

combate da violência contra a mulher. Segundo levantamento estatístico realizado (Braghini, 1986), a população atendida compõe-se em sua maioria de mulheres provenientes da classe média baixa (83%). Raramente possuem algum preparo profissional; predominantemente são donas-de-casa, ou seja, dependentes economicamente de seus maridos; uma minoria se distribui entre domésticas e faxineiras.

De acordo com o levantamento estatístico de 1987, a idade destas mulheres oscila entre 31 e 35 anos (21%); o nível de escolaridade mais frequente equivale ao 1º Grau Incompleto (73%); a maior parte delas é casada (60%), possuindo de 2 a 3 filhos (44%).

Há quatro frentes de trabalho executadas pela instituição: o atendimento ao público, a área de pesquisa/estatística, o trabalho preventivo nos bairros, escolas e creches da periferia, e a área cultural.

O atendimento às mulheres tem um enfoque à primeira vista remediativo, ou seja, é destinado àquelas que já vêm sofrendo violência física ou psicológica de seus companheiros, e procuram os serviços do SOS frequentemente solicitando uma separação "para ter um pouco de paz e sossego". Longe de ser uma entidade que mecanicamente presta serviços à população, o SOS tem uma preocupação genuína para com sua clientela, e o objetivo de ajudá-las a se fortalecerem e se valorizarem enquanto mulheres, ajudá-las a se reconhecerem como um ser que tem um lugar no mundo e que merece o respeito dos demais, coisas estas que precisam ser conquistadas.

O atendimento à população se processa pelos seguintes passos: entrevista de triagem, atendimento psicológico e jurídico. O primeiro contato se dá pela entrevista de triagem, onde se processa a seleção dos casos, são dadas as orientações devidas (em caso de violência procurar a Delegacia de Defesa das Mulheres, dar uma queixa, solicitar cópia do Boletim de Ocorrência), e feitos os encaminhamentos necessários (atendimento jurídico e/ou psicológico).

Em um primeiro momento, o atendimento, tanto jurídico quanto psicológico se processa em grupos, sendo que o trabalho

posterior oferecido pela entidade está condicionado à passagem por estes grupos. Em virtude da alta demanda e para amenizar a ansiedade de espera, o grupo de orientação jurídica funciona informando as mulheres sobre seus direitos e sobre os procedimentos a serem seguidos no caso de separação. Todo o atendimento subsequente ocorre em entrevistas individuais e de casal.

Na área da psicologia procura-se estimular a prática da convivência e da cooperação entre as mulheres na resolução de problemas comuns através da participação dos grupos de apoio, de intervenção feminista e o grupo terapêutico. São três momentos diferentes que crescem em profundidade e conhecimento de si, onde apenas a passagem pelo primeiro deles é obrigatória. As mulheres que necessitam de atendimento individual também são atendidas pela psicóloga a título de psicoterapia breve. Além disso, por entender que o problema não se restringe a nenhuma das partes, mas abrange a relação como um todo, são praticados atendimentos de casais quando o marido aceita participar e colabora para que haja algum tipo de entendimento.

A área psicológica trabalha paralelamente com a jurídica, sendo que seu objetivo consiste em ajudar as mulheres a se fortalecerem, ganharem segurança e confiança em si mesmas, e despertarem para a vida recuperando sua combatividade. Vale salientar que a solução do problema dessas mulheres não é entendida pela entidade como sendo necessariamente a separação, mas aquilo que entenderem como sendo melhor para si mesmas e capaz de satisfazer suas necessidades.

Tão importante quanto o atendimento dos casos que procuram diariamente a entidade é o trabalho interno de estudos e pesquisa. Compreende-se que o atendimento indiscriminado de casos não acrescenta tanto nem tem o valor da pesquisa, pois só esta oferece possibilidades reais de compreensão do problema, e garante que a entidade possa avançar na qualidade de seus trabalhos. É prática corrente realizar anualmente um levantamento estatístico dos casos atendidos pelo SOS, o que possibilita não só um conhecimento maior dos casos e um controle interno de dados, como também capacita a entidade manter-se à disposição da comunidade científica, como um banco de dados para futuras pesquisas. Indispensáveis

para este levantamento são as fichas preenchidas no momento da entrevista de triagem, que contêm todas as informações relevantes para cada caso, as queixas apresentadas, assim como um histórico de vida completo. Paralelamente, são conduzidas outras pesquisas "extra-oficialmente", tal como o presente estudo, e aquele já concluído por Taube (1990), antropóloga e coordenadora da instituição, intitulado "Na casa manda ela, nela mando eu. O mundo doméstico e a atuação comunitária: um paradoxo feminino", subvencionado pela Fundação Carlos Chagas.

O trabalho nos bairros e a área cultural estão intimamente relacionados. Ambos possuem um objetivo preventivo, ou seja, não são dirigidos especificamente a mulheres vítimas de violência, mas à comunidade em geral, e visam a melhoria das relações entre os sexos, visto que não é possível extrair a mulher do ambiente em que vive e do convívio com seu companheiro.

Bimestralmente publica-se o boletim "Informação Mulher", importante veículo de divulgação que, além de atingir as mulheres alvo, provoca reflexão e mobiliza a opinião pública sobre as questões que envolvem a violência contra a mulher. Todo o posicionamento da entidade cumpre, pois, com os fins de informação, educação, denúncia e questionamento.

3. Procedimento:

3.1) Procedimento geral:

- a) seleção dos casos e levantamento de suas respectivas fichas de triagem;
- b) realização da entrevista acompanhada de gravação (ver roteiro de entrevista em anexo);
- c) aplicação dos testes gráficos: figura humana, teste das duas pessoas, cena doméstica, desenho livre.

3.2) Procedimento para coleta de dados:

- a) Seleção: tem início na etapa de triagem, quando a mulher procura o SOS e relata o seu caso. A maior parte das pessoas que compõe a equipe técnica, inclusive a pesquisadora, participa

84

do trabalho de triagem. Estas pessoas foram informadas sobre a presente pesquisa e os critérios para seleção dos casos. Ficou tratado que cada caso "em potencial" deveria ser encaminhado para entrevista com a pesquisadora. O sujeito era informado de que estaria participando de uma pesquisa que beneficiaria a clientela do SOS através do estudo aprofundado de alguns casos, e que posteriormente receberia atendimento psicológico individual, atendendo assim às suas necessidades. (*) Era muito importante assegurar o retorno da mulher, e sua colaboração na pesquisa.

b) Entrevista semi-dirigida: as instruções proferidas pela pesquisadora que tinham a função de rapport e de direcionar o sujeito para os fins desta entrevista foram as seguintes: "a senhora foi informada a respeito de um estudo que está sendo realizado, para o qual seria importante a sua participação. Isto vai nos possibilitar conhecer melhor o seu caso, para que possamos prestrar-lhe um melhor atendimento. Ao mesmo tempo vai estar colaborando com outras mulheres que estejam na mesma situação que a sua. Assim, seria necessário que a senhora me contasse novamente o seu problema, e os motivos que a trouxeram ao SOS." Adotando a atitude de observador participante, a pesquisadora ouvia e intervinha quando necessário, baseada no seu roteiro de entrevista, o qual lhe servia ao mesmo tempo de guia e roteiro. À medida que se processava a entrevista a pesquisadora avaliava se aquele caso realmente respondia aos objetivos da pesquisa, preenchendo os critérios para seleção. Para maior facilidade de documentação e análise dos dados foi efetuada a gravação da entrevista, sendo o uso do gravador justificado perante o sujeito como facilitador no manejo e no registro de dados. Ênfase especial era dada à natureza sigilosa do trabalho, sendo o acesso às fitas única e exclusivamente da pesquisadora. Procurava-se, pois, desta forma assegurar a colaboração máxima do sujeito e que este entrasse em campo relacionado sem opor nenhuma resistência. A duração máxima prevista para aplicação desta técnica foi de sessenta minutos (uma hora). Tendo

(*) Alguns destes casos participam atualmente do grupo terapêutico

se certificado de que a seleção do caso era satisfatória, era feito um convite à mulher para que retornasse a fim de completar o trabalho. O intervalo entre uma sessão e outra era de uma semana.

c) Aplicação dos testes gráficos: foi solicitado do sujeito que fizesse em folha de papel em branco e com lápis de cor fornecidos pela pesquisadora quatro desenhos, cada um por vez: uma figura humana, duas pessoas quaisquer (teste das duas pessoas), uma cena doméstica, e um desenho livre. Para todos os desenhos foi pedido a narração de uma estória sobre a produção realizada, além da atribuição de nomes aos personagens e à própria estória. Após isto, se necessário, era efetuado um inquérito. Durante a aplicação a pesquisadora anotava em folha à parte todas as verbalizações do sujeito, assim como comportamentos e atitudes relativos à situação de teste. A duração prevista foi de duas sessões para a aplicação conjunta de todos os testes, sendo que ficaram distribuídas para cada sessão duas unidades de produção (conjunto de desenho, estória e inquérito). Diante da argumentação muito frequente do sujeito de que "não sabia desenhar", a pesquisadora respondia sempre que não lhe interessava a qualidade artística dos desenhos, por isso, o que quer que ele fizesse estaria bem.

4. Estudo Piloto:

A coleta de dados propriamente dita foi precedida por uma pesquisa piloto, a fim de alicerçar mais firmemente o projeto de pesquisa e ter um controle maior sobre variáveis não previstas teoricamente. Além disso, era importante verificar como as mulheres responderiam à aplicação dos testes propriamente ditos, e se se poderia contar com o seu compromisso e a sua participação neste estudo, visto ser muito alto nesta classe social o índice de evasões. Foram utilizados três casos para este fim, sendo o resultado bastante satisfatório, o que conferiu segurança à pesquisadora na utilização das técnicas preconizadas.

5. Conclusão da Coleta de Dados:

A coleta de dados foi concluída tendo sido mobilizados para isso onze casos, dos quais três não voltaram para completar a coleta de dados, um foi considerado pela pesquisadora pouco representativo para este estudo, e sete tiveram concluída a fase de testagem sendo cada caso encaminhado ao atendimento propriamente dito oferecido pela entidade. Contatos posteriores da pesquisadora com estas mulheres tiveram finalidades terapêuticas e não de pesquisa.

VI - PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Em linhas gerais, o procedimento adotado foi a análise qualitativa e quantitativa dos dados obtidos.

A análise qualitativa ocorreu da seguinte maneira: inicialmente foi feito um estudo isolado de cada caso, com base na análise em separado de cada técnica aplicada; em um segundo momento estes dados foram reunidos e organizados de forma a compor a síntese de cada caso.

A seguir foi feita uma análise comparada dos casos, sublinhando e quantificando os elementos comuns entre eles, visando como produto final a elaboração de um perfil caracterológico da mulher que se submete a situações de violência física e/ou psicológica. Este perfil, dentro de uma perspectiva psicológico-dinâmica, esboça aqueles aspectos que constituem as especificidades desta classe de mulheres, e se relacionam com as tendências instintivo-destrutivas e com o curioso torpor diante do sofrimento e da morte.

Como critérios gerais para a interpretação psicológica dos desenhos foram adotadas as normas propostas por Lourenção van Kolck (1968) e Hammer (1978). (*) Com base nestes critérios a pesquisadora elaborou um esquema de avaliação contendo os principais itens a serem analisados. Este esquema não é rígido. Pode-se observar pequenas modificações de acordo com o conteúdo de cada teste. Basicamente, são pesquisados os seguintes aspectos:

- 1) Posição da folha de papel;
- 2) Localização do desenho na folha;
- 3) Tamanho;
- 4) Traçado;
- 5) Linha de base;
- 6) Detalhes;
- 7) Uso das cores;
- 8) Aspecto geral da figura.

(*) Veja p. 73-9

Genericamente, Lourenção van Kolck (1968) propõe que se leve em consideração três elementos principais na avaliação dos desenhos: o adaptativo, que consiste em verificar se o produto corresponde ao que se espera da idade e do ambiente cultural do sujeito; o expressivo, que diz respeito ao estilo particular da resposta de um indivíduo; o projetivo, aquele em que o indivíduo atribui as próprias necessidades e características a situações e objetos exteriores, sem que disso tenha consciência.

A análise das histórias (associações para as quais os desenhos serviram de estímulo) foi feita com base no referencial psicanalítico e contribuições da psicologia jungiana. O teste de apercepção temática serve como uma referência importante neste caso, onde, além do conteúdo da história em si, analisa-se o título, nome dos personagens, final, identificação do sujeito com o herói da história.

Tanto na avaliação da parte gráfica quanto verbal, para se identificar os dados significativos procede-se a uma prévia captação gestáltica, e depois à busca do padrão intra-individual de produção, e dos desvios deste padrão.

As normas utilizadas por Bernstein (1958) para análise do teste das duas pessoas no que se refere à parelha verbal estão aqui especificadas:

1) Análise da parelha gráfica e verbal como uma Gestalt;

2) Aspectos descritivos:

- composição da dupla: idade e sexo dos membros;
- natureza do vínculo: sexual, materno-filial, paterno-filial, fraterno, amigável;
- nível de realidade: dupla real ou fantasiada;
- situação da dupla: passeio, trabalho, conversação.

3) Aspectos dinâmicos:

- imagem de si e do outro; distribuição de papéis:
 - visão de parilha como uma projeção da imagem de si e do outro. Qual e como é o papel da figura de identificação; qual e como é o papel atribuído ao outro.
 - visão de parilha como uma projeção das partes internas do examinando (Ego - ego ideal; parte feminina - parte masculina; parte sã - parte enferma; parte agressora - parte a-

gredida). Como são essas partes.

4) Contato e comunicação:

- distância interpessoal; presença de comunicação ou de dissociação; observar se a comunicação ocorre nas duas direções ou em uma só.

5) Afetos:

- observar se ocorre integração, conflito, aceitação, rejeição, erotismo, ternura ou agressividade.

6) Análise dos nomes:

(oferece um material significativo das fantasias inconscientes e identificações);

- examinar se são nomes convencionais, defensivos ou impessoais, expressivos ou sofisticados, idealizados ou pejorativos.

7) Análise do título da estória:

- observar como o sujeito consegue uma elaboração final e concilia suas vivências e fantasias; se faz negação ou reparação.

A entrevista visa complementar os dados obtidos por meio da aplicação dos testes gráficos e do procedimento de desenhos-estória. Sua análise foi efetuada tendo como suporte teórico o referencial psicanalítico. Com base nesta teoria e em algumas questões de interesse para a pesquisadora, foi elaborado um plano de análise onde a primeira parte, dados principais, refere-se à história condensada do caso segundo aspectos que mereçam maior destaque; a segunda refere-se à interpretação propriamente dita. Os seguintes itens compõem os dados principais:

- 1) Queixa básica;
- 2) Caráter repetitivo da queixa;
- 3) Explicitação ou não de desejo de separação; argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência;
- 4) Atitudes de submissão;
- 5) Reação diante da violência do marido;
- 6) Dados relevantes de sua história de vida;
- 7) Ocorrência de alcoolismo do marido; associação entre o alcoolismo deste e a violência contra a mulher..

E a análise interpretativa:

- 1) Dinâmica interna do sujeito;
- 2) Dinâmica da relação;
- 3) Dinâmica familiar;
- 4) Contato social;
- 5) Mecanismos de defesa utilizados.

A elaboração da síntese de cada caso foi norteada segundo os seguintes critérios básicos (Trinca, 1971):

- seleção do essencial: deve-se ponderar o significado relativo de cada um dos fatores que compõem a análise, dispondo-os por ordem de importância de acordo com a intensidade da manifestação, colorido emocional, frequência.
- áreas conflitivas: determinar as áreas conflitivas significativas.
- consideração do conjunto: um detalhe pode readquirir significado dentro do conjunto.
- história clínica: as informações proporcionadas pelo histórico de vida do sujeito emprestam sentido e conformidade aos testes projetivos, complementando e embasando estas últimas técnicas.
- resultado dos testes: são igualmente relevantes por situarem o sujeito em um contexto psicológico mais amplo.

Com isto, a síntese de cada caso ficou assim esquematizada:

- 1) Temática do caso;
- 2) Histórico de vida:
 - elementos traumáticos;
 - situação de vida em relação aos pais;
- 3) Dinâmica do caso;
- 4) Atitude básica em relação a si própria:
 - identidade pessoal;
 - auto-imagem;
 - aparência física;
- 5) Atitude básica em relação ao mundo;
- 6) Relação de parêntese;
- 7) Sentimentos expressos;
- 8) Tendências e desejos;
- 9) Impulsos (instinto de vida x instinto de morte):
 - amorosos;

- destrutivos;
- 10) Ansiedades:
 - paranóides;
 - depressivas;
- 11) Mecanismos de defesa;
- 12) Sintomas expressos;
- 13) Alcoolismo do marido;
- 14) Tentativas de suicídio do sujeito.

Esta síntese também não foi estruturada de forma rígida sofrendo ligeiras modificações de acordo com os aspectos mais relevantes para cada caso.

A elaboração da análise comparada dos casos não partiu de um esquema pré-determinado, mas de um pequeno resumo de cada um deles que serviu de ponto de partida para as reflexões da pesquisadora. Dispondo de maior liberdade de pensamento foi possível expor conclusões e idéias, combinando de diversas formas os dados obtidos, sem necessidade de se ater a um rigor metodológico muito grande.

VI - ESTUDO DOS CASOS

1. Caso CÉLIA

1) Dados Pessoais:

Idade: 37 anos

Escolaridade: 1º Grau Completo

Estado Civil: casada

Nº de Filhos: 03 (um de 21 anos, um de 18, e uma menina de 5)

Cor: branca

Local de nascimento: Campinas - S.P.

Profissão: dona-de-casa

Encaminhada por: Delegacia da Mulher

2) Dados do Marido:

Idade: 40 anos

Estado Civil: casado

Profissão: funileiro (proprietário)

Condição sócio-econômica do casal: classe média

3) Técnicas utilizadas para estudo do caso:

3.1) Entrevista semi-dirigida p. 94

Síntese e interpretação dos dados p. 106

3.2) Testes Gráficos

Figura Humana p. 111

Teste das Duas Pessoas p. 115

Cena Doméstica p. 120

Desenho Livre p. 124

4) Síntese do Caso Célia: p. 129

Entrevista - Caso CÉLIA

P.: "Por que você procurou o SOS?

C.: Eu fui encaminhada através da Delegacia da Mulher. Eu tinha dúvidas sobre questões jurídicas ... sobre esse negócio de direito, né, a gente nunca precisou saber nada.

5 P.: E por que você procurou a Delegacia de Defesa da Mulher?

C.: Procurei lá por causa da convivência com o marido, como é que posso explicar ... Resumindo, eu casei e ele não. Sabe como é que fica a história, eu caso e ele não, eu cumprio a minha parte, mas não vejo um homem casado comigo. Isto não é uma coisa que senti
10 sempre, mas agora não sei como começou a despertar na minha cabeça. Demorou tanto, depois de mais de vinte anos que eu comecei a notar isso. Desde que nós casamos ele nunca deixou de sair de casa. Eu, como casei grávida, não podia acompanhá-lo. Eu ficava em casa; criança também não tinha com quem deixar. Depois, ele sempre
15 foi um homem que frequentava bar, gostava muito de jogo, bailes, festas. Desde o começo foi assim; eu como casei muito criança não tinha cabeça para associar as coisas. Nunca ninguém me explicou que marido não podia fazer assim. Meu marido, quando não tinha moto, tinha carro. Você sabe como é que é o povo se vê um
20 homem casado com uma outra mulher. Na região que a gente vivia, é ramos muito conhecidos. Aí eu chamava a atenção dele, brigava. Às vezes ficava de mal, às vezes ficava de bem, sabe, esquece. Enfim, foi uma vida, foi até agora assim, é assim até agora. Eu me lembro que já fui pegá-lo na porta da escola, bagunçando com as meninas. E a irmã dele estudava lá. É uma série de coisas... É claro
25 que eu não acho certo que um homem tenha outra mulher na rua, se eu não posso ter outro homem, ele também não pode. Mas eu sempre calava a boca, a gente sempre tem medo, não sei do quê. Às vezes eu ficava sabendo que ele fazia alguma coisa errada; simplesmente
30 para não ter briga eu calava a boca. Inclusive teve uma época que eu tinha três filhos (tive uma menina que morreu no acidente) que ele saía e não voltava para casa à noite. Ele chegava em casa no dia seguinte falando que tinha ido para Santos com os colegas. E para ele isso era normal. Agora se ele chegasse com mais tempo eu

35 quebrava o pau com ele, brigava mesmo. E sempre assim, sempre assim. Naquele tempo eu tinha muita força, eu armava um circo, dava um jeito de terminar com aquilo ali.

P.: Você ia até o local em que ele estava e brigava com os dois?

C.: Ah, não. Não precisava ter os dois juntos para eu brigar. Bastava eu saber, brigava com ele em casa, ia lá e brigava com a menina também. Agressão não, mas de boca eu já peguei. Passava dois meses, ele já estava na porta da Americana buscando menina. Aí, sempre foi assim. Em uma temporada, em 75, 76, quando a minha filha morreu, eu não agüentei e comecei a chegar a uma conclusão: 40 faz tempo que eu estou brigando e não está adiantando nada. Eu passei então a fazer uma coisa totalmente diferente. Eu mudei, eu quis mudar. Eu era daquele tipo explosivo, eu brigava, mas eu quis fazer diferente. Já que eu sabia que ele gostava de sair de sábado, eu pegava a melhor roupa dele e deixava até de pé de tão 50 bonita, engraxava sapato, meia. E quando ele entrava dentro de casa no sábado eu falava para ele, 'olha, você precisa sair, sua roupa mais bonita está aqui arrumadinha; vai embora, sai!'. E eu não deixava que ele ficasse dentro de casa, empurrava-o pra rua. Mas, é lógico, eu ficava magoada com isso. Então eu lembro que antigamente eu tinha um rádio de pilha. Eu botava ele no ouvido bem 55 alto, mas bem alto mesmo, para eu não pensar, que é lógico, eu não queria brigar mais. Para me distrair eu tinha que fazer isso, com aquela vontade incontrolável... Às vezes ele chegava de madrugada, eu estava lá ouvindo o rádio, sentada; às vezes tomava umas 60 doses de uísque sozinha (meus filhos eram pequenos, dormiam). Ele não ficava sentado, mas entrava. Eu até bufava de vontade de xingar, mas pensava: não vou xingar, eu não vou xingar. E fui acostumando, fui me bloqueando dessa maneira, fui me bloqueando até que chegou uma hora que eu realmente não ligava mais, sabe.

65 P.: E hoje?

C.: Hoje eu também não ligo não. Eu ligo assim, dentro de mim, mas não ponho para fora. Não ponho porque eu já tentei por, mas vejo que não tem resultado. Não adianta. Aí ele começou a notar que eu estava diferente com ele. 'Mas você mudou tanto!', 'Não é 70 que eu mudei, são as circunstâncias que obrigam a gente a mudar. Não vou poder ser o resto da vida assim, não sou santa'. Então eu

fui mudando. Aí, quase que na outra casa que eu morava eu continuei assim. Mas, às vezes eu falava prá ele: 'Não está muito certo você sair, eu fico aqui'. Eu falava e era tudo a mesma coisa, ele
75 continua até hoje, apesar de eu ter ido na Defesa da Mulher. Eu não quis apelar por alguma coisa mais grave, disse apenas que ele estava com outra mulher. Na verdade, ele estava no carro com a secretária dele, sabe. Não posso afirmar com certeza que eles estavam tendo um caso, mas tudo indica que se não estavam, estavam
80 quase. A moça estava há 8 meses trabalhando com ele, estava havendo assim uma intimidade muito grande. Inclusive ele bateu o carro com ela. Aí, eu o chamei na Delegacia da Mulher para ver. A delegada perguntou se eu queria separar. Essa pergunta não tem cabimento, se ele quiser desquitar, eu aceito. A coisa mais horrível
85 que tem é um homem que não gosta de você, que sai com outra. Acho que a partir do momento que você procura uma coisa lá fora (mulher), é porque a que está dentro de casa não te interessa mais. A mulher ainda falou que ele devia ter uma convivência normal comigo, diálogo, porque ele não conversa comigo. Nós dois conversamos o mínimo possível. Ele é alcóolatra também. Agora, quando ele
90 está bem perdido, parte para a difamação, faz calúnia. Se passa uma moto perto da minha casa roncando, está roncando por causa de mim; se um moço gritar lá na rua, está gritando por causa de mim. Sabe, esse papo. Se eu vou na farmácia, é por causa do homem da
95 farmácia. É tudo assim, uma língua!. No começo ele falava, eu chorava, agora eu nem ligo mais. Mas então ela falou que a gente tem que sair, porque a gente não sai. De jeito nenhum. Financeiramente também ele é um homem livre, porque mesmo que não seja milionário ele tem uma firma, ganha muito dinheiro, sei disso. Você vê,
100 ele tem quatro contas bancárias, e eu não sei o que ele faz com essas quatro contas, eu nunca vi, não sei. Em casa, oh, oh!, é um homem que mais ou menos há uns seis anos não pergunta se eu preciso de um par de sapato. Assim mesmo, ele ainda dá dinheiro em casa, seu eu peço 200, ele dá 150. A delegada falou para ele melhorar; agora parece que ele está começando a melhorar um pouquinho.
105 P.: Quando você procurou a Delegacia da Mulher, ele te agredia fisicamente?
C.: Não. Fisicamente ele me agredia nessa época em que nós brigá-

vamos, porque eu topava muito brigar com ele. A gente se agredia.

110 Mas depois de um tempo a gente cansa de tudo. Hoje ele me agride psicologicamente. Eu preferia que fosse até agressão com a mão, pois o que ele faz comigo hoje é muito pior. Ele é aquele tipo de homem que quando entra dentro de casa fala que não gosta de mim. E diz que detesta entrar dentro de casa: 'eu devia ter ficado na

115 rua, porque aqui não tem uma mulher que me agrade'. Mas eu não falo nada, eu sempre fico quieta. Agora, quando enche as minhas paciências... Na verdade, quando eu procurei a Delegacia da Mulher, eu queria ver se ele queria se separar, e ele disse que não queria. Então ela falou, 'já que você não quer, vê se procura acertar sua vida com ela'. Mas aí eu falei que prá gente começar uma

120 vida nova, a gente teria que casar novamente. Porque eu casei e ele não. Porque eu não acredito que casamento seja o homem ficar preso na barra da saia da gente, mas pelo menos perceber que existe uma pessoa lá dentro. Uma pessoa que não se preocupa com as necessidades da outra... ele é um homem livre, faz tudo que quer. Ele quis dizer que eu mandava; como é que eu mando num homem que faz o que quer, que nunca pediu para mim, nunca deu satisfação. Se sou mulher dele, tenho que ter participação na vida dele. Inclusive meu marido é super conhecido, 90% das pessoas que o conhecem

125 não me conhecem. Porque ele me montou dentro da casa, e fala: 'lugar de mulher é dentro de casa, de homem é na rua'. Sábado ele pegou almoço, matula, entrou dentro de casa e foi dançar a noite inteira. Então eu falo que vou entrar no carro dele e fazer a mesma coisa. Aí não, isso não pode. 'Se você pode eu posso também, não tem nada demais'. 'Mas você é ignorante, não dá para entender'. 'Eu não sou ignorante, simplesmente não aceito que isto é certo para você e errado para mim'. Meu marido age de forma totalmente livre, agora eu, eu não posso nem olhar no quintal. Ele não permite. Ele fala: 'vai dormir'.

140 P.: Como é que você se sente diante disso?

C.: Antigamente eu achava que isso aí, tem gente que fala que é ciúmes, hoje eu acho que isso é falta de amor. Terrivelmente. Eu acho que do que é bom, todo mundo gosta. Eu duvido muito que meu marido não goste de ser abraçado, de ser beijado, mas isso para

145 mim ele não faz. Nunca vi gente assim tão fria. Isso comigo, por-

que com outras pessoas ele não é assim, não dá para acreditar. Ele nunca chegou espontaneamente e me abraçou, nunca, nunca. Também nunca se preocupou em me socorrer quando eu estava doente; uma vez disse que eu não tinha nada que me queixar para ele, devia mais e-
 150 ra procurar um médico.

P.: Esta falta de carinho da parte dele já ocorria na época do namoro?

C.: Na época do namoro foi assim um pouquinho melhor, ele tinha um pouco mais de demonstração de afeto por mim, claro. Mas é daquele
 155 tipo de homem que quando a mulher tem filho, não vai no hospital ver.

P.: Como é sua vida sexual? Ele te procura?

C.: Não, não. Ele é da mentalidade que o sexo depende da mulher. Ele acha que quem dirige a vida sexual em casa é a mulher.

160 P.: Isto significa que a mulher tem que procurar o marido?

C.: Justamente. Que tem que fazer alguma coisa assim... como é que eu posso dizer, estimulação. A mulher tem que estimular o homem. Ele não, parece uma estátua. Eu estou dizendo prá você.

P.: E você procura? Antigamente eu procurava mais, mas depois eu
 165 fui deixando. E ele achou que eu me distanciei dele sexualmente. Não, não foi que eu me distanciei. Um pouco de cansaço. Eu tomo cal mante faz seis anos, então isso foi abalando a gente fisicamente. Tinha dia que eu estava cansada e eu não procurava, às vezes passa va dois ou tres dias. Daí ele achava ruim; começava a dizer que eu tinha outro homem. Mas ele não procura não. E também é daqueles ho mens que qualquer coisinha sai da cama. É incrível, nunca vi. Eu já até aprendi isso. Jogo as coisas dele todas num sofá. Depois e-recolhe e devolve tudo para a cama.

P.: Mas ele sai da cama por uma briga com você ou sem um motivo a-
 175 parente?

C.: Não. Às vezes ele está muito bêbado, começa a falar besteira, falar que não gosta de mim, que está cansado de me ver lá dentro, porque é que eu não vou embora. E já vai para o sofá.

P.: Ele bebe muito?

180 C.: Eu até acho que ele não bebe muito, mas para quem está há vinte anos bebendo, acho que começa a afetar.

P.: Ele bebe desde o início do casamento?

C.: Ele sempre bebeu, às vezes ele parava, mas não ficava mais de um mês sem beber não. Quando vem sábado e domingo ele toma todas .

185 P.: Você percebe que ele fica mais agressivo com você quando bebe ou isso não interfere no comportamento dele?

C.: Não, interfere sim. Eu convivo com dois homens, você pode ver. Um eu não gosto nem de ver. De manhã, assim, quando ele levanta a gente não conversa muito. Agora, à noite, depois que ele entra, a
190 gente espera ele falar, né, conforme ele está a gente nem abre a boca.

P.: E ele entra bêbado? Ele ontem não estava. Ontem ele estava bom. Entrou, conversou normal. Quando ele entra assim estralando os de
dos, aí ninguém conversa com ele. Se ele entra na sala, todo mundo
195 vem para a cozinha, um vai prá cá, o outro vai prá lá. Porque se e
le pega um prá falar ele é a vítima, um coitado, trabalhador. Sabe
ninguém aguenta. Assim, chance para briga sair a gente não dá. Ou-
tro dia ele disse que ia embora. 'Quer ir, vai.' No dia seguinte e-
le estava lá de novo. Uma vez eu até falei: 'Se você não tem condi-
200 ções de me respeitar, de me dar amor, de viver comigo, então, você
cai fora, não fica junto de mim não.'

P.: Ele não concorda com a separação?

C.: Até agora nunca concordou. Eu até já sugeri isso a ele, já que estava tão íntimo com a moça.

205 P.: Mas você deseja a separação?

C.: Não é assim questão de desejar a separação. É que também do
jeito que eu vou viver minha vida assim. Sendo abandonada o resto
de minha vida. Ninguém percebe que eu tenho sentimento, que eu te-
nho vontades, que eu tenho necessidades. Isso aí está me ferindo '
210 hoje, está me incomodando muito. Antigamente, encerrar a casa um
dia sim, um dia não, me bastava. Eu limpava uma casa todinha, e
deixava ela brilhando. Ainda hoje eu gosto de fazer isso, mas eu
descobri que eu tenho um outro lado. Eu não sei se vai valer a pe-
na que eu carregue uma velhice desse jeito. Fria, sem alegria, sa-
215 be, principalmente sem espaço. Tudo é essencial, mas a paz, o bem-
-estar físico é muito mais importante. Porque é isso que dá prazer
prá gente. Ter dinheiro, se você tem bastante, você acostuma com e
le bastante. Se você tiver pouco e souber administrá-lo, você con-
segue também. Você tendo paz, tranquilidade, amor, alguém onde pos

220 sa se apoiar, sentir-se segura, conversar, isto faz parte da vida da gente. E isso é o que eu estou sentindo falta. Hoje em dia eu sinto falta de uma pessoa que sente ali comigo para bater um papo, ou que uma vez ou outra me convide para dar um passeio. Mas não tem ninguém. Porque eu desconfio que o amor é isso. É a maneira de
225 você tratar. É assim que a gente descobre que ama uma pessoa. É na maneira dele me tratar que eu tenho consciência que ele não gosta de mim. E eu acredito que se ele não gostou de mim até hoje, dificilmente vai gostar. Acho muito difícil que ele vá se privar dos prazeres dele por minha causa.

230 P.: Por que você nunca se separou dele nesses vinte anos de casamento?

C.: Bem, eu sempre acreditei que ele mudasse. Hoje eu tenho consciência que ele não me ama, mesmo se ele dissesse que me ama, pois se assim fosse ele não teria agido da maneira como agiu comigo. De
235 minha parte eu achava que amava ele também, mas hoje em dia eu tenho cá minhas dúvidas. Eu acho que eu tenho assim muita necessidade dele. Eu achava que ele gostava de mim. Eu desculpava tudo que ele fazia. Quando nós casamos ele tinha 19 anos. Quando ele fazia certas coisas eu às vezes falava 'coitado, casou tão cedo, né, tem
240 tem gente que custa um pouco mais para amadurecer'. Eu achava que ele tinha condição de assentar um pouco a cabeça com o tempo como acontece com outras pessoas. Mas ele é mulherengo. Esse homem está tão pior, mas tão pior, mas o homem está tão assanhado, mas tão as
sanhado (ri) que agora piorou de vez. Piorou mesmo. Então agora eu
245 vejo as coisas diferentes com tendência a piorar.

P.: Você mencionou que se casaram muito jovens (ele com 19 e você com 15). Como foi que decidiram se casar?

C.: Bem, nós já namorávamos há quatro anos. Nós já tínhamos planos de casar, mas aí engravidei, né.

250 P.: Então foi devido à gravidez.

C.: É. Se bem que a gente já tinha planos para casar.

P.: E ele não bebia?

C.: Não, bebia sim. Sabe, quando a pessoa começa a beber a bebida não causa muito dano. Ela causa devido ao uso. Quando usa, usa, u-
255 sa, ela vai afetando, né. Nessa época não.

P.: Na ocasião em que ele batia em você, isso acontecia com frequên

cia ou apenas raramente?

C.: Ah, não, se eu achava ruim com ele por alguma coisa, ele já partia para a agressão. Acontecia frequentemente.

260 P.: Você lembra quando foi a primeira vez que ele te bateu?

C.: Acho que foi logo no comecinho quando nos casamos. Eu me lembro que ele queria sair num sábado e eu não queria deixar. Eu peguei na camisa dele, rasguei a camisa. Ele passou por cima de mim e foi, não teve jeito. Eu ainda tentei segurar ele pela camisa, eu
265 não queria que ele saísse.

P.: Nesse comecinho você chegou a pensar em se separar quando ele começou a sair sozinho?

C.: Não. Não, não. Pelo contrário, eu tinha medo que ele fosse em-
bora.

270 P.: Você tem algum problema de saúde ?

C.: Eu acho que devido a essa maneira de encarar as coisas, eu es-
tou começando a ficar assim, muito esquecida. Eu esqueço demais as
coisas. Nossa, como eu esqueço. Eu sempre tive boa memória, mas a-
gora está dando um pane dentro da minha cabeça, sabe. Eu acho que
275 o sistema nervoso se sente um pouco abalado, né. Eu tomo calmante
muito forte já há seis anos.

P.: Agora gostaria de saber um pouco sobre sua família. Seu pai e
sua mãe bebiam?

C.: Os dois bebiam. Só que meu pai começou a beber depois que mi-
nha mãe foi embora com outro homem. Bebia de cair na sarjeta, a
280 gente sofreu bastante. Porque era ele e meus quatro irmãos, né. Co-
mo a gente sofria! Meu Deus, era pobreza que não tinha mais fim. Po-
breza de baixo em cima, de ficar sem comer. A gente era pequena, eu
tinha 9 anos. Um tinha 14, o outro 12. Depois eu me casei. Eu fui
285 a primeira que casou em casa. Depois se casaram os outros dois me-
nores e por último, o mais velho. Um deles faleceu. Agora meu pai
está sumido, faz uns 8 meses que eu não o vejo.

P.: São quantos irmãos ao todo?

C.: Nós éramos em cinco, quatro homens e uma mulher, eu sou a ter-
290 ceira. Mas eu casei logo. Podia né. Minha mãe havia me ensinado fa-
zer comida, lavar roupa. Isso eu já sabia fazer. Eu e meus dois ir-
mãos menores éramos muito unidos. Acho que por causa de ser menor.
Hoje são ótimas pessoas, não tem nenhum revoltado, nenhum doido .

Mas eu sou a única que fez amizade com ela, com a minha mãe. Se e-
 295 la vai em casa eu mando ela entrar; ela passa o dia comigo de vez
 em quando. Eu não tenho raiva. O caçula diz que sente indiferença,
 pois nem se lembra dela direito. Meu relacionamento com meus irmãos
 é ótimo, eles me consideram como mãe deles. Têm assim, muito cuida-
 do comigo. A mais pirada da família sou eu.

300 P.: Você se acha a mais pirada?

C.: Não, eu não, eles que acham. Eu tenho uma cunhada que diz que
 eu preciso de um tratamento. Ela sempre fala isso prá mim. Ah, eu
 não sei, eu sempre fui muito burra. Eu sempre fui de pegar a res-
 ponsabilidade dos outros em cima de minhas costas e resolver, sabe.
 305 E eu nunca tive ninguém que fizesse isso para mim. Eu sou ... for-
 te. Eu resolvo, ajudo, faço. E eu acho que a convivência com meu
 marido é assim, né. A piração sobrou toda prá mim. Eu tenho umas
 coisinhas complicadas mesmo porque essa é a quarta vez que eu sou
 encaminhada para fazer esse tipo de tratamento.

310 P.: Em nenhuma das três vezes anteriores você levou adiante?

C.: Não, nunca fui, não tinha condição. Da última vez foi da dieta
 daquela menina ali (aponta lá fora). O papel está guardado até ho-
 je. Falei, 'não vou fazer', não quis. Também não tinha condição de
 fazer com ela pequena, sem ter quem cuidasse.

315 P.: E agora você está querendo?

C.: Eu acho que se puder me ajudar, mesmo que for um pouquinho as-
 sim, eu quero me libertar desses medos, eu quero me achar inteira.

P.: Você tem lembranças de sua vida quando criança?

C.: Eu não lembro muito. A minha mãe andava sempre comigo, onde e-
 320 la ia ela me levava. Mesmo quando tinha encontro com homens. Eu
 lembro que eu chorava muito, eu morria de raiva enquanto ela fica-
 va lá conversando. Se bem que naquele tempo eu não assimilava di-
 reito o que acontecia. Acho que nessa ocasião eu devia ter uns se-
 te anos. Eu lembro que a minha mãe gostava muito que eu fosse na
 325 missa, sabe. Ela andava muito bem arrumada e também botava roupa
 nova em mim. Eu lembro até hoje, um dia ela me comprou um sapati-
 nho de salto, sabe. Eu gostava de ir com uma amiguinha que tinha
 na rua da minha casa e ficar com o sapato. As pessoas olhavam. Aí
 eu não sei o que aconteceu. Um dia eu fui à missa com a menina, e
 330 ela tinha um irmão. Nós estávamos conversando na igreja, os dois

brigaram. Ele falou assim (foi uma coisa que eu guardei, lembro até hoje): 'Eu vou contar para a mãe que você está vindo com ela na missa, que a mãe não quer que você ande com ela mais'. Foi uma coisa que me marcou. Quando eu era solteira, a minha mãe já tinha abando
335 nado a casa, eu não podia andar com meninas decentes. Eu era proibida, as mães não deixavam por causa de minha mãe. Inclusive, meu marido até hoje fala quando ele está com saco cheio de mim: 'Ah! também, filho de peixe, peixinho é.' Mas isso não tem nada a ver. P.: O que você sente pela sua mãe?

340 C.: Pena.

P.: E na ocasião, o que você sentiu por ela quando era pequena?

C.: Ah, o que eu senti... Lembro que o dia que ela saiu de minha casa eu não chorei não, eu ria muito. Eu a ajudei a arrumar a mala e dava assim muita risada. Ela falou prá mim que ia embora, mas
345 que não queria me bater antes de ir. Eu não me despedi dela, eu não quis. Meus irmãos, quando ela veio se despedir deles, começaram a chorar. Ela saiu, foi embora. Engraçado que, depois disso aí eu tenho um bloqueio muito grande, eu não choro. A minha filha ' morreu, eu não consegui chorar nem pela minha filha. Nada, nem nin
350 guém me faz chorar. Pode morrer quem for. Não consigo, não tenho tenho lágrimas para chorar, não tenho sentimento, sabe. Eu, dentro de mim sou uma pessoa muito indiferente em relação a tudo. Eu sei que gosto de meu marido, eu sinto que gosto, mas eu não sei exprimir esse amor. Não tenho vontade, sabe. Eu falo, converso com ele,
355 eu sinto que eu preciso um pouco mais de carinho, mas eu também ' não sei dar, não consigo, não sai de dentro de mim. Às vezes os ou tros falam: 'Você precisa chorar.' Eu, em alguns momentos, até tenho vontade de chorar, uma vontade tão grande que na mesma hora ela passa. Às vezes eu penso, é problema do meu pai, meio jogado no
360 mundo. Eu o tenho dentro do meu coração, mas vou fazer o quê?. Sabe, não posso fazer nada. Até ontem ele estava dentro de minha casa, mas não tinha condição de viver junto. Ele estava completamente doido. Eu tenho muita dó. Eu sou tão indiferente, que eu tenho esses dois filhos; se você me perguntar de repente se eu tenho fi-
365 lhos, eu falo que não tenho. Eu esqueci tudo de repente. Por que graças a Deus eles não são apenas filhos para mim, são irmãos, ami gos, são duas pessoas maravilhosas para mim.

P.: Você chegou a perceber se seus problemas com seu marido, as brigas, interferem no desenvolvimento de seus filhos?

370 C.: Não. Afeta assim, de uma preocupação mais por mim, mas aí não tem revolta. Eu nunca deixei que eles se revoltassem contra o pai, nunca. Sempre procurei nunca botar meus filhos contra o pai. Meus filhos são aqueles que não respondem, não discutem; são ótimos para mim e para ele. Só o mais velho, que vai fazer 18 anos quer saber por que o pai dele é assim. Ele observa que o pai dele é diferente de todos os outros.

P.: Na escola eles não apresentam nenhuma dificuldade?

C.: Não, não têm problema nenhum. Essa daí precisa falar? (refere-se à menina que ficou esperando lá fora)

380 P.: Ela também é sua filha?

C.: É sim. Ela não é como os outros dois, é muito rebelde. Agora eu não sei se isso tem a ver com o problema dele não. Ela é rebelde e não é falta de conversar, de explicar. É a mesma coisa que não falar nada com ela. Ela é super rebelde.

385 P.: Você encontra dificuldade na educação desta menina?

C.: Ah, tenho, não consigo mais. Eu perco o controle completamente. Não, não consigo. Eu falho totalmente, isso aí eu confesso. Eu converso, mas eu não convenço ela não. Ela é muito amorosa, mas também é irritante.

390 P.: Como você julga a forma como seu marido age com você?

C.: Eu acho inaceitável. E o pior é que eu não entendo como é que eu vivo uma situação que eu não considero nem justa, nem normal, nada. Como é que eu não saio dessa. Se alguém estivesse nessa mesma situação e pedisse um conselho, eu diria 'cai fora', mas no meu caso eu não consigo fazer nada.

395 P.: Você tem sonhos repetitivos?

C.: Eu não tenho hábito de sonhar. Às vezes eu sonho com coisas que eu tenho para fazer. Eu sonho com mulher na vida do meu marido, sonho muito com traição. Esses tempos atrás eu tenho sonhado muito com números.

400 P.: Você já tentou suicídio alguma vez ou já pensou em morrer?

C.: Quando eu era solteira eu tentei cortar o pulso. Tentei umas 8 vezes, na maioria das vezes eu tomava remédio. Mesmo quando minha mãe ainda vivia com meu pai eu fazia isso. Eu achava que com a mor

405 te eu iria descansar realmente, seria o final dos problemas, das preocupações.

P.: Qual era o motivo que a levava a fazer isso?

C.: Sabe que eu não sei. Não havia uma razão concreta, nenhum motivo aparente. Mas hoje eu acho que era por incapacidade de resolver os meus problemas. Então esta me parecia a única saída.

P.: Você nunca trabalhou fora de casa?

C.: Não, mas eu faço trabalhos manuais para vender por encomenda e eu trabalho muito como dona-de-casa.

P.: Seu pai não batia em sua mãe?

415 C.: Não, mas eles brigavam muito. Minha mãe dizia que casou com ele obrigada, que não gostava dele."

Análise da Entrevista

Dados principais:

- 1) Queixa básica: adultério. Refere-se a que o homem com quem se casou há mais de vinte anos não assumiu o papel de marido preferindo levar uma vida de homem solteiro. Isto gera nela sentimentos de rejeição, abandono e solidão. Trata-se, pois, de um caso de violência psicológica.
- 2) Caráter repetitivo da queixa: por várias vezes no seu relato C. fez referências ao comportamento padronizado e repetitivo do casal. O marido saindo, abandonando-a, e deixando-a só. Ela sempre protestando, apesar desse protesto assumir formas diferentes. Ela julga essa atitude dele como sendo uma "falta de amor", o que considera a maior violência de que pode ter sido vítima. Inclusive não são citadas ocasiões em que ele a agredia, mas os dois se agredindo. Frequentemente ela o provocava tentando impedi-lo de ir embora. Nestas situações comportava-se de forma agressiva e explosiva.
- 3) Explicitação ou não de desejo de separação; argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência: apesar de verbalizar ter procurado a Delegacia da Mulher para se informar sobre seus direitos e posteriormente se separar, C. acabou admitindo que nunca quis a separação realmente. No início do casamento tinha "medo que ele fosse embora". Depois passou anos alimentando a esperança que "ele mudasse". C. alega que não teve uma educação que lhe esclarecesse a respeito dos papéis de marido e mulher, e que não tinha muita consciência de suas necessidades. Em contrapartida expressa que tinha "muita necessidade dele". Esta necessidade pode ser entendida como dependência, não somente econômica, mas sobretudo afetiva.
- 4) Atitudes de submissão: presentes, mas intercaladas com um comportamento altivo e reivindicatório. Frequentemente emudecia sua

raiva a fim de evitar briga. A submissão parece muito mais uma manobra, um recurso para manter a situação sob controle, do que uma característica de personalidade. Sua tendência natural parece estar muito mais para o autoritarismo do que para a submissão.

5) Reação diante da violência do marido: considerando que neste caso a violência é o abandono e a falta de amor, suas reações diante disso oscilam entre a agressividade explosiva, uma ostensiva atitude reivindicatória, até uma aparente permissividade associada à passividade.

6) Dados relevantes de sua história de vida: única mulher entre quatro irmãos, todos do sexo masculino, ocupando a terceira posição na ordem de nascimentos, C. traz uma história marcada pela carência absoluta de recursos, de afeto e solidão. Seu pai não batia em sua mãe, mas ela cresceu assistindo suas brigas, e participando da vida irregular da mãe. Sem possibilidade de entendimento da raiva e do abandono que sentia, já começou a partir de sua infância a tentar suicídio, o que se repetiu várias vezes durante a adolescência. Foi discriminada na infância pela vida irregular da mãe, mas o verdadeiro e mais profundo golpe que levou foi o abandono desta aos nove anos de idade. Foi uma experiência tão devastadora que ela não pode "sentir" o que aconteceu, emudecendo a partir de então todos os seus sentimentos. Assistiu à lenta deterioração do pai, que não resistiu ao golpe e sucumbiu pelos caminhos do alcoolismo à degeneração psicótica. Casou-se ainda adolescente, sem ter muita consciência do que estava fazendo muito mais para legitimar uma gravidez. Em sua vida conjugal o marido infiel também a abandona sucessivamente. Tem três filhos, dois meninos e uma menina, sendo que com esta última o relacionamento é muito difícil. A concepção que tem de si é de uma pessoa complicada e difícil, incoerente e contraditória, o que lhe gera perplexidade e imobilidade.

7) Ocorrência de alcoolismo do marido; associação entre o alcoolismo deste e a violência contra a mulher: o marido bebe desde o início do casamento, o que tem aumentado gradativamente e vem a-

companhado de lento processo de deterioração. Segundo seu relato ele a incomoda e a ofende mais quando está bêbado; isto fica bem caracterizado quando ela diz que "vive com dois homens diferentes". Um bêbado, e o outro sóbrio.

Análise interpretativa:

1) Dinâmica interna do sujeito: talvez o trauma maior da vida de C. tenha sido o abandono da mãe, não apenas sentido como falta de amor e atenção, mas vivido concretamente quando esta fugiu com outro homem. Este fato gerou um engrama que ela continuou reproduzindo no decorrer de sua vida. Abandonada por uma mãe infiel na infância, continua sendo abandonada pelo marido infiel na vida adulta. Doloroso demais para ser vivido em sua intensidade, o abandono foi negado utilizando-se de uma defesa maníaca. Em consequência estabeleceu-se uma profunda repressão de seus sentimentos, uma indiferença à dor e até uma certa apatia, acompanhada de um esquecimento dos próprios filhos. O pai é uma figura extremamente fraca sem autoridade e sem dignidade, funcionando como modelo inadequado que não lhe proporcionou nenhuma segurança emocional. A mãe, figura controvertida e geradora de conflito, apesar disso, ainda representa o lado forte da relação parental. Laços afetivos construtivos e salutareis foram cultivados com os irmãos que com ela se uniram na desgraça. Ela, de alguma forma ocupou o lugar da figura feminina que havia ficado vazio, e isto fez com que estreitassem seus laços. Esta forma de relação encontra continuidade hoje no relacionamento idealizado que C. mantém com seus dois filhos mais velhos. A relação que mantém com a mãe atualmente assim como o que sente por ela ("pena") parece muito mais uma formação reativa que tenta dissimular os primitivos sentimentos de raiva por tê-la rejeitado, deixado de lado, enquanto presenciava suas aventuras amorosas. O fascínio pela morte e as sucessivas tentativas de suicídio ainda na infância provavelmente devem ter sua gênese na época mais remota da infância, onde estes primitivos e dolorosos sentimentos eram vivenciados. Quanto ao seu marido e à dependência do mesmo, considerando que tem vivido com ele desde sua

adolescência, época em que sua personalidade estava ainda em formação, supõe-se que a figura deste esteja muito associada à sua própria identidade, e que a possibilidade de uma separação acarretaria graves danos ao seu equilíbrio emocional. Além disso, o fato de não ter se profissionalizado, de nunca ter enfrentado o mundo lá fora para garantir o seu sustento, dele ter sido seu primeiro e único homem pode intensificar ainda mais esta dependência. Por não ter muita consciência de suas necessidades, C. lidava com sua ansiedade através de comportamentos obsessivos de limpeza. No decorrer do tempo a pressão efetuada por estas necessidades aumentou, e ela não pode mais ignorá-las. Sua carência afetiva tornou-se gritante, assumiu a forma de um grande vazio, e cresceu na mesma proporção em que tem mantido reprimidas suas emoções. Viuse então vivendo uma profunda contradição, seu lado racional lhe dizia para sair desta situação, separar-se, contudo, suas emoções a mantinham paralisada.

2) Dinâmica da relação: C. passou toda a sua vida de casada reivindicando a atenção do marido, seja de uma forma mais direta e explícita, isto é, brigando, agredindo quando ele saía, pegando-o em flagrante, fazendo denúncias na Delegacia de Defesa da Mulher, ou usando uma tática de intenção paradoxal, estimulando-o para que saísse de casa e tivesse uma vida livre. O marido por sua parte, nunca se curvou ao desejo da esposa porque isto significava submeter-se ao seu domínio. Existe uma competição constante entre os dois no que diz respeito aos direitos de cada um. Ele justificava os seus privilégios com base na diferença dos papéis sexuais. Ela protesta sempre, pois sente-se excluída de seu mundo, menosprezada e abandonada, e com isso não pode exercer poder sobre ele. Em alguns momentos comporta-se como mãe de seu marido, quando chama a atenção por seu comportamento infiel, por suas atitudes de rapazola. Por conhecer bem suas "manhas" até o provoca, pois sabe que ele não vai embora. Neste sentido, C. representa o lado ativo e dominante da relação. O companheiro, cuja personalidade imatura deixa transparecer um adolescente, também é "um fraco", que se deixou dominar pelo alcoolismo, e que conta por isso, com o desprezo da família.

3) Dinâmica familiar: ela faz questão de desculpar diante dos filhos o comportamento reprovável e inconsequente do marido, a fim de preservar a sua imagem diante deles. As crianças são estimuladas à obediência, à passividade, e ao não questionamento da realidade familiar. Contudo, a manobra é falha, pois não passa despercebido para eles, a diferença existente entre o seu pai e os pais de outras crianças. Há uma supervalorização dos dois meninos maiores, e uma rejeição e negação da menina, o que ficou claro quando ela esqueceu de citá-la na entrevista. A rejeição da filha e suas manifestas dificuldades no relacionamento com esta, talvez se relacionem com suas dificuldades com a própria mãe, e a figura feminina de uma maneira geral. Da mesma forma parece haver uma idealização da figura masculina e do sexo oposto. De uma maneira geral ela nega que suas dificuldades no relacionamento com o marido possam ter repercutido negativamente no desenvolvimento psicológico das crianças. Isso pode estar relacionado com a sua tendência em se utilizar do mecanismo de defesa da negação.

4) Contato Social: ocorre por meio do seu lado forte, o que resolve o problema de todos, menos o seu próprio. C. não ousa expor sua fragilidade e suas necessidades até mesmo para o seu marido. Isto sugere um medo de se desestruturar diante da dor e da vivência de suas fraquezas, o que pode ter um caráter muito devastador. Ou ainda, o juízo social pode ser por demais implacável, o que gerou em C. um temor sobre o julgamento que outros possam fazer dela, e uma tendência a viver de aparências. Sua preocupação sobre o que vão pensar dela como mulher traída é evidente. Na verdade, o que ela revela com tudo isso é a ação repressora de seu superego.

5) Mecanismos de defesa utilizados: na dinâmica acima descrita foram salientados os mecanismos de defesa da repressão, negação, idealização, formação reativa, e defesas maníacas. Também apareceu como recurso de defesa a compulsão à limpeza.



Clia

Figura Humana

FIGURA HUMANA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: o sujeito não demonstrou nenhuma resistência ou dificuldade diante da proposta da pesquisadora de que desenhasse uma figura humana. Pelo contrário, lançou-se imediatamente à tarefa executando-a rapidamente.

Inquérito: - Como é que a Célia está se sentindo aí? Ela não está com uma cara boa não.

- O que ela está fazendo aí? Está parada, parece desanimada, não sabe para onde vai.

- Como é a vida familiar dela? Ela é casada, mas não vive bem com o marido. Tem uma meia dúzia de filhos. Mas tem esperança de que a situação dela se resolva, tem que fazer alguma coisa.

- Onde estão as mãos dela? Estão na cintura.

- Qual é a idade da Célia? Trinta anos.

Observação: nesta produção não houve solicitação por parte da pesquisadora ao sujeito para que contasse uma estória sobre o desenho realizado. No que diz respeito à postura geral de Célia diante dos demais testes, não houve qualquer demonstração de resistência, protestos, ou dúvidas quanto à sua capacidade de execução. Os desenhos foram feitos rapidamente dentro de um tempo médio de 5 a 10 minutos. Ela afirmou ter o hábito de desenhar em casa; sempre fazia uma figura como aquela (figura humana) e colocava o seu nome em baixo. A figura correspondente ao desenho livre também era objeto de suas produções domésticas. Argumenta que fazia isso para atender a uma solicitação da filha que pedia que desenhasse para ela. Em um dos desenhos manifestou sua preferência pela cor preta: "a cor que eu mais gosto é preto; o preto representa elegância, acho muito bonita roupa preta".

Interpretação Psicológica dos Testes Gráficos

Sujeito: Célia

1ª Produção: Teste da Figura Humana (Machover, 1949)

- 1) Posição da folha de papel: a folha foi apresentada horizontalmente ao sujeito. Observou-se que não houve rotação, o que sugere tendência à colaboração e aceitação de sugestões. Sua atitude inicial frente ao teste pondo-se prontamente a desenhar sem recusas ou protestos confirmam esta hipótese. Inclusive a tarefa lhe é familiar, pois possui o hábito de desenhar em casa atendendo a solicitações dos filhos.
- 2) Localização do desenho na folha: quadrante superior esquerdo, o que sugere passividade, atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva, nostalgia.
- 3) Tamanho: pequeno, o que traduz inferioridade, inibição, constrição e depressão, além de um comportamento emocionalmente dependente.
- 4) Traçado: descontínuo, o que indica indecisão, falta de energia e esforço auto-dirigido. A pressão do traço é leve, o que denota baixo nível de energia. As linhas são finas, o que está ligado a insegurança, timidez, sentimento de incapacidade. Predominam ainda linhas curvas, o que está associado à feminilidade, e como tal à submissão e ao narcisismo; indicam também desenvolvimento restringido e menor agressividade.
- 5) Linha de base: ausente, o que indica falta de contato com a realidade e predominância do mundo de fantasias.
- 6) Detalhes: mãos escondidas, que sugerem dificuldades de contato ou sentimentos de culpa em função de atividades manipulatórias (masturbação). Olhos vazados (as pupilas foram omitidas): neste caso o sujeito pode estar expressando culpa em relação a tendên -

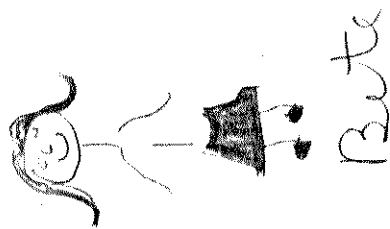
cias voyerísticas. A boca é representada por uma linha curva que é mais o prolongamento do nariz; boca curva é indício de simpatia forçada e busca de aprovação. Os cabelos parcos e retorcidos para cima apontam para uma sexualidade infantil e sem grande expressão. Os braços são disformes e desproporcionais, principalmente o direito parece ter sido estrangulado; isto indica possíveis dificuldades de contato e de relacionamento social.

7) Aspecto geral da figura: assemelha-se a uma adolescente cujos seios estão começando a despontar, de mini-saia e pernas grossas. As mãos na cintura, as pernas unidas ligeiramente inclinadas dão a impressão de que está fazendo uma pose, mas a inclinação das pernas e os pés excessivamente unidos podem fazê-la cair. Estrangulamento na cintura (ela é fina demais em relação ao quadril e ao tórax), o que aponta para uma separação, uma divisão entre o lado afetivo emocional e as pulsões sexuais (parte instintiva). No seu aspecto geral a figura é um tanto "gordinha"; a postura deixa transparecer uma aparência desengonçada e sentimentos de inadequação; a fisionomia revela uma aparência contorcida e deformada, "cegueira" para o mundo externo.

8) Uso das cores: a escolha da cor azul denota um controle mais estável através da razão, e recai na escolha preferencial das mulheres. Por outro lado, o colorido inacabado denota vazio afetivo e timidez.

9) Compreensão dinâmica geral: imaturidade; apesar de se caracterizar como uma mulher adulta de 30 anos de idade, ela parece estar na puberdade vivendo os conflitos típicos desta fase. Há fortes sentimentos de inadequação em relação ao seu meio ambiente acompanhados de dificuldade de contato e de comunicação. A sua sexualidade ainda é incipiente, recorrendo a recursos artificiais para demonstrar a sua capacidade de sedução. Sua fisionomia desmente suas intenções e revela seu mal-estar provocado por este papel. Em situações sociais e em suas relações com o meio sua atitude básica é de desconfiança, isolamento e medo. Como tendência geral observa-se falta de contato com a realidade, insegurança, va-

Teste das Duas Pessoas



110

TESTE DAS DUAS PESSOAS: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: o sujeito procedeu a uma execução rápida do desenho sem demonstrar qualquer dificuldade. Apenas comentou que esporadicamente efetuava alguns desenhos que sua filha lhe solicitava, os quais eram exatamente iguais aos que estava fazendo agora.

Estória: "O Beto é mais velho, tem 6 anos, e a Bete, 5 anos. Eles são irmãos, mas o Beto não gosta da Bete porque ela é menor, vai atrás dele e ele não gosta. Ele está fugindo dela. (Quando o outro foge a estória pára; o outro está sempre fugindo)."

Título: 1) Desentendimento entre irmãos;

2) Falta de companheirismo (ele deveria protegê-la, mas foge).

Inquérito: - O que a Bete está fazendo aí no desenho? Ela está indo atrás dele; ela é muito teimosa.

zio afetivo e timidez (pobreza em detalhes, desenho colorido pela metade).

2ª Produção: TESTE DAS DUAS PESSOAS (Bernstein, 1959)

1) Posição da folha de papel: a folha foi apresentada horizontalmente ao sujeito; observou-se que não houve rotação. São válidos os mesmos comentários do desenho anterior.

2) Localização do desenho na folha: quadrante superior esquerdo tendendo para a metade superior. São mantidos os mesmos significados do desenho anterior, acrescidos de espiritualidade, misticismo, satisfação pela fantasia, "estar no ar".

3) Tamanho: pequeno, o que além das considerações do desenho anterior também sugere sentimentos de inadequação e tendência ao retraimento.

4) Traçado: a pressão do traço é leve; há predominância de linhas retas com ângulos, o que denota rigidez, intransigência e capacidade limitada para fazer amizades. O aspecto geral é de duas figuras de "palitos", o que pode ser interpretado como indicador de evasão sendo característico de indivíduos inseguros, que duvidam de si mesmos.

5) Linha de base: ausente; a interpretação é a mesma do desenho anterior: falta de contato com a realidade, predominância do mundo de fantasias. Isto vem reiterar a observação do ítem 2, "estar no ar", relativa à localização do desenho na folha.

6) Detalhes: praticamente ausentes, o que transmite sentimentos de vazio e de energia reduzida. Persiste a tendência de olhos vazados e boca representada por uma linha curva, maior na figura feminina. Esta também é dotada de braços extremamente frágeis e não tem mãos (dificuldade de contato acentuada ao máximo). A figura masculina dispõe de mãos em forma de "bolacha" o que denota agressivi-

dade reprimida. Os cabelos de ambos são infantilizados, não só de vido à cor, como à forma (assemelham-se a duas crianças loiras, sendo que ele tem cabelos encaracolados tipo "anjinho").

7) Aspecto geral das figuras: são duas figuras de extrema fragilidade, infantilizadas e regredidas, muito semelhantes no seu aspecto geral. Ambos, parece que estão soltos no ar e afastados um do outro; não há comunicação entre eles, a não ser que ele parece estar fugindo dela (ela está com os pés voltados na direção dele enquanto o mesmo tem as pernas e pés numa posição de quem está correndo). Praticamente não possuem tronco, o que denota pobreza afetiva absoluta. O abdomen de ambos é bastante rudimentar e está caracterizado por vestimentas tipicamente infantis; contudo parece ser a única parte de seus corpos que "existe" depois da cabeça. Há uma separação nítida entre o tórax e o abdomen, o que sugere uma ruptura entre as pulsões sexuais e a afetividade. A figura feminina, sobretudo, possui um pescoço frágil e comprido o que significa que o sujeito está tendo dificuldades em controlar e dirigir seus impulsos instintuais. Enquanto esta possui um rosto bonachão, grande e gordo para o seu tamanho, a figura masculina além de ter um rosto menor, também possui uma estatura menor que a dela.

8) Uso das cores: esta produção segue o mesmo padrão da anterior: uso de poucas cores, desenho colorido pela metade. Neste caso a escolha da cor azul para ele talvez se refira à cor convencionalmente associada ao sexo masculino. O vermelho, por outro lado, está ligado às tendências instintivas, sendo a expressão de um comportamento infantil destituído de auto-crítica.

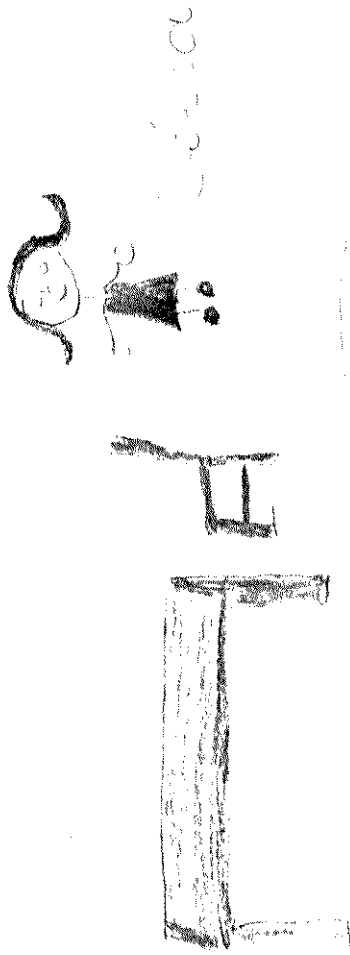
9) Análise das associações (parelha verbal):

Aspectos descritivos: trata-se de uma parrelha heterossexual, infantil, não adequada à idade do sujeito (que é de 35 anos). Mesmo aquelas idades que são atribuídas às figuras não correspondem ao que se depreende do grafismo: a menina parece ser mais velha que o menino (devido à sua estatura, fisionomia e cabelos de "anjo" deste). A diferenciação entre os sexos é bastante infantil. Os no

mes, diferenciados apenas em suas designações de gênero, reforçam a profunda identificação e semelhança que existe entre as duas figuras. A natureza do vínculo é explicitamente fraternal, a situação da dupla é de perseguição e fuga.

Aspectos dinâmicos: a figura feminina se coloca numa posição de inferioridade por se sentir menor, mais frágil que a sua parceira. Isto gera nela uma necessidade de proteção e dependência, que assustam seu companheiro, que foge. O caráter repetitivo desta dinâmica ("o outro está sempre fugindo enquanto Bete é teimosa, vai atrás"), e as sutis diferenças entre Beto e Bete sugerem que a figura feminina representa o papel ativo e dominante na relação, enquanto a figura masculina desempenha o papel passivo que constantemente se escamoteia e se esquia de corresponder ao papel que lhe é esperado (um "irmão mais velho"). Em termos afetivos ocorre rejeição da figura masculina sobre a feminina. Há tentativas de comunicação que partem dela em direção a ele, que são sempre frustradas. O nome duplo da história revela uma dificuldade de elaboração e de síntese; reflete ainda indecisão e insegurança. Por outro lado, não nega e nem repara, mas expressa uma dificuldade de relacionamento interpessoal.

10) Compreensão dinâmica geral: o sujeito expressa um nível de relacionamento heterossexual bastante regressivo, em termos de idade e natureza do vínculo (trata-se de duas crianças que são irmãos). Não há trocas afetivas, e mais do que isso, a sexualidade está completamente negada.



Cena Doméstica

CENA DOMÉSTICA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: "Ah! Você não vai me perguntar o que significa isso, né, porque eu já percebi. Ih, o inconsciente é fogo! ... Às vezes acontece que à noite, quando eu não consigo dormir, eu me levanto e vou para a sala sozinha. Lá eu sento na cadeira do meu marido e começo a pensar... Essa mesa que está aí é a minha mesa, e a cadeira é a cadeira em que ele se senta."

Estória: "Eu sei que essa aqui é minha mesa, aqui é a cadeira que ele senta. Agora eu queria saber o que eu estou fazendo aqui nas costas... Ah, eu desconfio que eu estou esperando alguma coisa. Eu acho que chamar a atenção dele de alguma maneira sobre mim mesma."

Título: (Nome está difícil... não vem nenhum nome... deu um branco...) A Espera (valeu a espera).

Inquérito: - Onde ele está? Ele não está aí; a cadeira está vazia, nem imagino onde ele pode estar.

- Como você está se sentindo aí? Sei lá, pelo jeito eu estou me sentindo bem.

- Nessa atitude de espera você está se sentindo bem? Tô, não tem ninguém na cadeira.

- E se tivesse alguém? Não tem ninguém, eu fiz ela para ficar vazia.

- Isto acontece com frequência? Não, quando eu sinto necessidade. Na minha casa dificilmente eu fico só.

- A Célia não está se sentindo solitária? Está bem, está ótima, não sei porque.

3ª Produção: CENA DOMÉSTICA

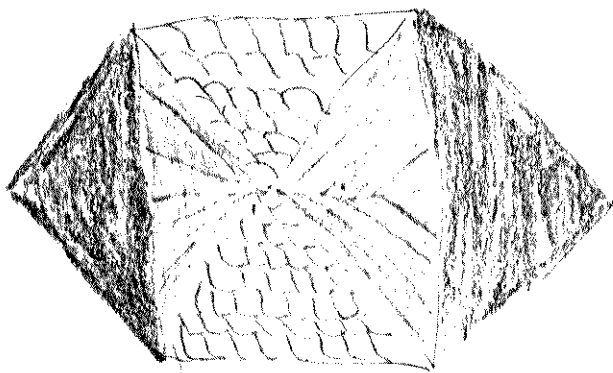
- 1) Posição da folha de papel: não houve rotação na folha de papel, que foi apresentada horizontalmente ao sujeito.
- 2) Localização do desenho: centro da folha, o que está ligado a segurança, autovalorização, comportamento emocional e adaptativo, equilíbrio.
- 3) Tamanho: pequeno. São válidas as mesmas considerações anteriores relativas a este item.
- 4) Traçado: observa-se a mesma tendência de produções anteriores, ou seja, traçado leve, linhas finas, com a particularidade da predominância de retas com ângulos. São válidos os mesmos significados já mencionados a esse respeito acrescido de que linhas retas também podem estar ligadas a rapidez e decisão.
- 5) Linha de base: está fracamente esboçada, mas os objetos e principalmente a figura humana estão distanciados dela como se estivessem suspensos no ar. Continua ocorrendo, pois, uma ausência de contato com a realidade e predomínio do mundo de fantasias.
- 6) Detalhes: como nas produções anteriores há pobreza em detalhes. A particularidade é que a figura humana presente neste desenho possui uma cabeça muito grande desproporcional ao tamanho do corpo, que é pequeno. O significado disto é que o sujeito pode ser introspectivo ou se refugiar na fantasia. Persiste a tendência à infantilização das figuras humanas (a mulher que deveria estar aí representada parece muito mais uma menina traquina). Outros detalhes tais como mãos em forma de "bolacha", boca representada por uma linha curva, olhos "vazados", pescoço comprido "em linha" já foram tratados anteriormente. O nariz pequeno, em ponta, deixa entrever uma agressividade que as mãos escondem. A cadeira e a mesa grotescamente estilizadas esboçam ligeira noção de perspectiva. A cadeira está ligeiramente afastada da mesa, sugerindo uma preparação

ção para ser ocupada, mas está vazia.

7) Uso das cores: segue a mesma linha geral no emprego das cores, faz inicialmente um esboço com lápis preto (grafite) e usa as cores sem muito empenho. A cor da mesa (amarelo-ocre), dos cabelos (marrom), e dos sapatos (preto) revela um uso convencional destas cores, o que denota uma boa capacidade de adaptação ao seu meio social. O vermelho recai na mesma escolha do desenho anterior. De uma maneira geral observa-se o uso inibido de cores, o que se traduz pelo número reduzido de cores utilizadas e por áreas do desenho que não foram coloridas; isto está relacionado com uma incapacidade de estabelecer livremente relações interpessoais quentes e compartilhadas.

8) Projeção consciente: neste desenho especificamente houve o que se pode chamar de uma projeção consciente. O sujeito identificou os objetos representados como sendo os de seu uso pessoal, e a figura humana, como sendo ela própria, fato que oferece base e subsídios para se elaborar a análise abaixo.

9) Análise das associações: uma cadeira habitualmente ocupada por uma pessoa, mas que se encontra vazia, pode representar a ausência desta pessoa. A mulher atrás da cadeira espera. Espera a volta do marido, espera ser notada por ele. Mas ela está atrás da cadeira, ou seja, fora do seu campo de visão. A curiosa afirmação 'do sujeito de que fez a cadeira para que ela ficasse vazia revela um paradoxo, que pode ser entendido como uma atitude de espera inútil e interminável. Ele não pode notá-la porque está ausente, e a cadeira está destinada a ficar vazia. Provavelmente, esta deve ser sua atitude diante de seu relacionamento com o companheiro. Grita "silenciosamente" para que este note sua presença apesar de saber que isto nunca acontecerá. A figura feminina inspira também uma certa solidão, mas uma solidão de quem está bem consigo mesmo. Talvez por isso ela não necessite e não queira a presença do marido. Suas associações trazem, pois, uma dupla conotação de abandono e de encontro consigo mesma.



Desenho Livre

DESENHO LIVRE: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: foi um pouco mais lenta em relação aos outros desenhos devido à riqueza em detalhes da figura representada. O sujeito salientou sua tendência a desenhar sempre em casa figuras como esta.

Estória: "Aqui (azul) dá a impressão de ser uma casinha de abelha. Aqui (amarelo) poderia ser a madeira de um telhado. Agora aqui (preto) não dá para entender, não dá. É interessante e é bobo.... "

Título: Uma coisa complicada

Inquérito: - O que te lembra esta figura? Um balão que vai para o espaço.

- Por que é interessante? Porque é cheio de risco.
- Por que é bobo? Porque não representa nada.

4ª Produção: DESENHO LIVRE (Trinca, 1976)

- 1) Posição da folha de papel: não houve alterações; são válidos os mesmos comentários feitos anteriormente.
- 2) Localização do desenho: centro da folha, o que aponta para um comportamento auto-dirigido e auto-centrado. São também válidos os mesmos significados do desenho anterior.
- 3) Tamanho: médio (em relação às produções anteriores). Neste caso o sujeito pôde alcançar um grau maior de expansão quando a escolha foi livre. Talvez tenha contribuído para isso a natureza do objeto representado, uma figura geométrica (losango). Nas produções anteriores, o objeto constante eram figuras humanas. O sujeito pode ter se sentido um pouco mais à vontade ao desenhar um objeto de sentido aparentemente neutro, onde o auto-conceito esteja mais dissimulado.
- 4) Traçado: neste desenho as linhas parecem um pouco mais grossas, inclusive elas foram até reforçadas. Há predominância de linhas retas e ângulos, sendo que pequenas linhas curvas estão delimitadas por retas que se interseccionam. Linhas reforçadas geralmente constituem um índice de insegurança e ansiedade, ao passo que linhas redondas estão associadas com feminilidade; linhas retas ao humor agressivo. O predomínio de ângulos aponta para agressividade manifesta e pobre ajustamento.
- 5) Linha de base: ausente; a interpretação é a mesma nos desenhos anteriores.
- 6) Simetria: este desenho especificamente prima pela simetria; simetria de formas, detalhes, cores. A figura, que é um losango, pode ser decomposta em seis triângulos equiláteros, sendo que todos eles guardam uma relação simétrica entre si. O uso de simetria em desenhos expressa necessidade de segurança e equilíbrio internos, apego a esquemas fixos, falta de adaptação intelectual, obstinação e rigidez.

7) Detalhes: os detalhes desta figura são constituídos pela curiosa formação geométrica criada por linhas retas que convergem obliquamente em direção ao centro (triângulo amarelo inferior); por linhas oblíquas que se encontram em um eixo central (triângulo amarelo superior); por linhas retas paralelas contidas no triângulos pretos, mas que foram dissimuladas quase completamente pela cor; por pequenas linhas curvas sobrepostas ordenadamente nos triângulos azuis. Esta descrição sugere tendência evidente à perseverança e ao perfeccionismo, preocupação com minúcias e controle ordenado. Observa-se ainda que a figura possui um eixo e um centro perfeitamente definidos, o que denota um comportamento auto-centrado. Porém, a rigidez das formas se contrapõe a este dado. Pode-se dizer que há vários "compartimentos" cuidadosamente separados. As linhas retas estão separadas das curvas; não há comunicação entre as partes. Estes indícios sugerem uma cisão de personalidade.

8) Uso das cores: foram utilizadas as cores azul, amarelo e preto. Conforme já foi mencionado o azul está ligado a um controle racional, indica autodomínio, com possibilidades de desenvolvimento espiritual. O amarelo está ligado à espontaneidade, indica extravasão, vivacidade e atividade. Por sua vez, o preto indica vida interior sombria, depressão, conflitos não solucionados, tristeza, inibição e repressão. A escolha destas cores sugere tendências contraditórias coexistindo simultaneamente e isoladamente. Vêm reiterar sinais de cisão da personalidade apontados acima. Azul e amarelo são cores mais "vivas" em contraposição ao preto, cujo caráter sombrio o aproxima da morte.

9) Análise das associações: o sujeito definiu a figura como sendo um balão que vai para o espaço, o que sugere um desejo de se desligar das coisas terrenas, distanciamento progressivo da realidade. Os riscos que tornam a figura "interessante", juntamente com as circunvoluções expressam um mundo de fantasias rico, mas ordenado. A casinha de abelha está ligada ao detalhe, à minúcia e meticulosidade. A madeira de um telhado pode representar necessidade de segurança e proteção. Os triângulos pretos que o sujeito não consegue entender simbolizam justamente o reprimido, o recalcado,

120

o lado sombrio de sua personalidade. O atributo "bobo" ao desenho sugere uma depreciação de sua produção, e conseqüentemente de si mesma. O nada pode representar o vazio, a faltas de perspectivas.

10) Compreensão dinâmica geral: esta produção deixa entrever traços obsessivo-compulsivos, cisão da personalidade e tendências de pressivas com desligamento da realidade.

Síntese do Caso Célia

1) Temática do caso: adultério do marido, que não assumiu o papel de homem casado, mas continuou tendo uma vida de solteiro. O sujeito fracassava sempre diante de sucessivas tentativas de mantê-lo próximo a si. Parece que ele sentia isto como uma forma de dominação enquanto C. insistia em sua falta de amor.

2) Histórico de vida:

- elementos traumáticos: abandono da mãe na infância, que "foi embora" em companhia de outro homem. Foi discriminada socialmente em função do comportamento irregular desta; era obrigada a acompanhar a mãe em suas aventuras amorosas.
- situação de vida em relação aos pais: não houve violência física do pai sobre a mãe, ao contrário, esta representava o lado forte e ativo da relação. Ela não gostava do marido e levava uma vida irregular em que o traía sistematicamente, até que o abandonou. Este não foi capaz de reestruturar sua vida. Perdeu-se na bebida e sumiu pelo mundo.

3) Dinâmica do caso: o sujeito vivenciou na sua relação com o casal parental uma situação de complexo de Édipo invertido, onde a mãe foi o algoz e a parte dominante da relação. Em uma atitude de profunda identificação com a mãe forte, mas de conduta irregular, mantém-se fiel ao seu papel de esposa para resgatar a imagem desta. E para proteger-se do perigo representado pelos próprios instintos, adota uma atitude inversa em que é traída sistematicamente para não trair. Ela reproduz, pois, com o marido uma situação arcaica vivenciada com a família de origem, contudo, conscientemente coloca-se como vítima da conduta donjuanesca e irresponsável do marido.

4) Atitude básica em relação a si própria:

- identidade pessoal: adequada em relação ao sexo, mas não quanto à idade. Trata-se de uma adolescente que tem uma atitude desconcertada diante do despertar da própria sexualida-

de, e de estranheza em relação ao papel da mulher.

- auto-imagem: negativa, com sentimentos de inferioridade e de inadequação em relação ao meio ambiente.
- aparência física: baixinha, mas de porte ativo, voz firme e grossa.

5) Atitude básica em relação ao mundo: manifestamente é de hostilidade disfarçada em indiferença, menosprezo. Atitude defensiva, rejeitadora.

6) Relação de parêlha: sua atitude em relação ao marido é de irreverência ostensiva, e também de dependência psicológica, portanto, um vínculo ambíguo. Além disso, reivindica constantemente atenção e carinho, enquanto sente que este lhe nega isto. É uma relação de "gato e rato", em que ela tenta aprisioná-lo nas malhas da exclusividade do casamento, e ele foge todo o tempo. O vínculo regride a um nível fraternal, onde a sexualidade é completamente negada.

7) Sentimentos expressos: carência afetiva, abandono, solidão, culpa.

8) Tendências e desejos: desejo de sanar carência afetiva; necessidade de atenção e consideração; desejo que "ele" assumo o seu papel na relação.

9) Impulsos (instinto de vida x instinto de morte):

- amorosos: praticamente não se manifestam.
- destrutivos: abandono, frustração, ataque, danificação, tentativas de suicídio. A direção destes impulsos é predominantemente auto-agressiva, apesar de que em algumas situações o sujeito também dirige sua agressividade para fora.

Prevalecem os impulsos destrutivos, representantes do instinto de morte.

10) Ansiedades:

- paranóides: medo de privação, de falta de afeto, medo de ser

abandonada.

- depressivas: medo de ter destruído ou danificado bons objetos (o marido); medo de ter danificado o próprio ego.

Prevalecem ansiedades paranóides.

11) Mecanismos de defesa: repressão, cisão da personalidade, negação, defesas maníacas, compulsão de limpeza, são os principais mecanismos de defesa utilizados. Porém, a repressão ocupa um papel de maior relevância enquanto os demais são secundários.

12) Sintomas expressos: o sujeito não manifesta explicitamente sintomas ou dificuldades pessoais. Incapaz de construir ligações afetuosas e amorosas, sua queixa é muito mais voltada para o companheiro.

13) Alcoolismo do marido: o alcoolismo é uma das queixas do sujeito em relação ao marido, sendo um problema de grande vulto na relação do casal a ponto dele se tornar duas pessoas diferentes, uma quando está sóbrio e outra quando está bêbado.

14) Tentativas de suicídio do sujeito: C. chegou a tentar suicídio oito vezes nas fases da infância e adolescência. Ela própria interpretou isso como uma fuga da realidade, diante da incapacidade de resolver os próprios problemas. Na fase adulta não voltou a recorrer a estes recursos.

2. Caso MIRTES

1) Dados Pessoais:

Idade: 34 anos

Escolaridade: 1º Grau Incompleto (4ª série)

Estado Civil: casada

Número de Filhos: 02 (um menino de 13 e uma menina de 9 anos)

Cor: negra

Local de Nascimento: São Sebastião da Grama

Profissão: empregada doméstica

Encaminhada por: Delegacia da Mulher

2) Dados do Marido:

Idade: 46 anos

Estado Civil: casado

Profissão: vigilante

Condição sócio-econômica do casal: classe média baixa

3) Técnicas utilizadas para estudo do caso:

3.1) Entrevista semi-dirigida p. 133

Síntese e interpretação dos dados p. 145

3.2) Testes Gráficos

Figura Humana p. 152

Teste das Duas Pessoas p. 157

Cena Doméstica p. 162

Desenho Livre p. 167

4) Síntese do Caso Mirtes: p. 172

Entrevista - Caso MIRTES

P.: "Por que você procurou o SOS?

M.: Porque eu quero separar. Sou casada há 14 anos, tenho dois filhos, um de 14 e um de 11. Eu e meu marido sempre vivemos mal, a gente briga muito. Ele já me bateu demais. Acontece que ele não dá nada, tudo que fazia era com a mão. Se masturbava e punha lá dentro, às vezes até me machucava. Um dia eu me cansei disso e arumei outro. Hoje já não tenho mais nada com essa pessoa, mas ele ficou sabendo e não esquece disso. Eu já dei muitas queixas das agressões dele na delegacia. Numa dessas vezes lá no 6º Distrito, o delegado chegou até a falar para ele fazer tratamento, mas o problema dele sempre foi psicológico. Ele sempre foi em médico e nunca resolveu nada. Sabe como é que é, não levanta de jeito nenhum. Ele fez tratamento até na UNICAMP, mas nada. Sabe, não fica uma coisa assim, dura, tem que empurrar com a mão. É um sufôco. Para eu fazer uma parte legal tem que ser com o dedo. Também nem todas as vezes eu aceito, porque mão de homem é deste tamanho. Eu sou muito sensível, então machuca tudo. Às vezes eu prefiro fazer eu mesma sozinha, é muito mais rápido para mim e eu não tenho depois que ficar machucada.

P.: Você faz alguma relação da impotência sexual dele com as agressões físicas que recebe?

M.: Não, não. Eu acho que por causa dessa agressão, ele acha que eu não sirvo para ele do jeito que ele quer todos os dias. Porque ele é um homem normal, só que ele quer fazer do jeito dele.

P.: Então, você está dizendo que ele não aceita que você não queira todos os dias fazer do jeito que ele quer. E com isso agride.

M.: Agride, mas não por essa parte também, mais é pela bebida, ele bebe. Então ele acha que eu devo aceitá-lo do jeito que ele é. Eu aceito, sempre aceitei, mas é duro. Por exemplo, hoje eu apanho, quando é amanhã vou servir para ele. Não, não aceito isso. Eu tenho a personalidade muito rebelde, sou muito ruim nessa parte. Porque fala, fala, eu sou isso, sou aquilo, me joga prá rua, me arrasta para o quintal. Isso me magoa demais, mas como para ele no dia seguinte passou tudo, já quer fazer o sexo comigo. Eu

35 não aceito, não aceito mesmo, mas já aceitei muito. Agora desde
que ele me agrediu desta última vez, nunca separei de cama, agora
foi separado. Acho que desta vez foi o ponto final, não dá mais
de jeito nenhum. Ele é uma pessoa muito cínica, ele fala aqui,
mas lá já é outro tipo bem diferente. Nós já ficamos separados se
40 te meses, ele foi para a casa dos parentes dele, mas todo final
de semana vinha para a casa. Aí saía briga e ele ia embora. E eu
sempre trabalhando. Agora não tem mais condições de viver com ele.
As pessoas me perguntam porque eu não saio de casa. Que nem, era
para ele ter saído, mas não saiu. Então, porque ele não saiu. Eu
45 não vou tocá-lo, eu sei que a casa é dele também, só que ele está
se aproveitando de mim. Ele tem roupa passada, lavada, tudo na ho-
ra certa, e eu venho trabalhando. Ele diz que eu não vou traba-
lhar. Tudo que eu levo para dentro de casa é ganho de outro ho-
mem. Então, eu já pensei, eu posso morar em qualquer lugar do Bra-
50 sil que ele não vai tirar essa pessoa da cabeça dele. Às vezes e-
le vê a pessoa, e só para provocar ele fala 'hoje eu vi fulano em
tal lugar'. 'Z. se você quer viver comigo, pára de falar, não tem
mais nada, já passou. Foi há três anos atrás, já acabou. Por que
eu fui procurar outro homem? Porque eu não tinha em casa, você en-
55 tendeu? Mas eu vi que a vida lá fora não é o que eu pensava, cer-
to. Se fosse uma pessoa que ia me ajudar, sorte minha que eu en-
xerguei rápido. Eu prefiro ficar sozinha do que mal acompanhada.'
Já cansei de falar. É preferível ele em casa do que outro, por-
que por pior que ele seja, adora os filhos dele. Então, pelo me-
60 nos não tenho medo de deixar meus filhos com ele. Posso ir traba-
lhar sossegada. Mas, medo assim, tenho na hora da bebida. Ele se
transforma, sabe. O menino não gosta de briga, ele já falou mui-
tas asneiras para ele. Diz que eu durmo com o menino. Sabe, essas
coisas. Fala coisas quando bebe, me agride; o menino tomou até fa-
65 ca. Inclusive ele já falou 'mãe, se o pai não for embora, eu vou
sair de casa'. Então as crianças perguntam: 'mãe, a delegada fa-
lou para o pai sair, por que ele não saiu?' 'Porque ele alega não
ter dinheiro.' Ele podia ir para a casa dos parentes, mas eles
também não dão apoio. Eles vivem a vida deles e deixam o irmão de
70 lado. Quando tinha essa brigaiada, eu os chamava porque eles são
bem de vida. Inclusive a última vez foi o irmão dele, ele estava

bêbado. Simplesmente puseram-no dentro do carro e levaram embora. Eu me magoei demais com isso. Eu pensei que eles fossem entrar e conversar comigo, com ele, falar 'oh, Z. não é assim!'. Pousou lá, no outro dia veio todo bonitinho de roupa deles e tudo. Fiquei ma goada porque achei que eles tinham achado que eu era a errada, né. Tanto é que fui mesmo a errada, porque deles nem entrarem dentro de casa, nem conversar comigo, pegá-lo e levá-lo. Pôxa, eu sou a esposa dele, deviam pelo menos uma satisfação. Mas não, não fizeram nada para ajudar. Para atrapalhar tem bastante, mas para ajudar não tem. E agora, eu vivo esta vida, certo, cansada. Dou o maior apoio aos meus filhos. E se eu estou com ele até hoje, como todos perguntam porque não saio, porque não vou embora

P.: Por que você está com ele até hoje?

M.: Não vou embora porque eu tenho a minha casa, que é herança do meu pai, só que ele construiu em cima. É o tal negócio, se ele construiu é dele também. Não que eu esteja ligando para isso, mas é por causa dos meus filhos, que eu nunca os deixei de lado. Como dessa última vez, era para eu ter ido embora. Mas é fim de ano, meus filhos estão na escola. Então eu penso que no dia de amanhã eles podem dizer que eu atrapalhei a vida deles. E eu não quero isso, de jeito nenhum.

P.: Mas por que você não se separou? (A separação não implica que você tenha que sair de casa).

M.: Eu já tentei me separar uma vez, procurei advogado e tudo. Aí quando a papelada estava toda pronta ele não assinou. Daí teria que partir para o litigioso, mas a gente deixou, porque não assina, não assina. E a papelada foi para o arquivo. Agora comecei a tentar novamente, a gente foi para a Delegacia da Mulher, tudo. Eu tenho hipertensão, tenho pressão alta. Deu aquele problema de doença, trabalhar, uma coisa e outra, a maior correria prá gente mas agora eu voltei para valer mesmo. Porque eu acho que não tem condições de eu viver com ele, apesar que depois que ele fez isso está um amor. Toda vez ele fica assim.

P.: Como foi que aconteceu dessa última vez?

M.: Essa última vez eu tinha ido fazer a unha, foi no sábado à tarde, eu estava de folga. Enquanto isso, ele viu essa pessoa. Viu no bairro, diz que em cima de uma casa não sei aonde, e diz

que tirou sarro dele, mas não foi nada disso. Porque meu irmão
 110 veio de São Paulo, eu mandei telegrama para ele. Meu irmão pôs e-
 le prá frente, foi conversar com essa pessoa, não tem testemunha,
 a pessoa estava trabalhando. Ele veio simplesmente, já tinha bebi-
 do todas que tinha direito, me empurrando... Disse que eu fiquei
 115 vagabunda, aquele marginal, não sei que tem. Dali um pouquinho já
 começou. Ele me avançou perto dos outros, não me respeitou. Coisa
 que ele nunca fez isso. Ichi, aí, pronto, já não vi mais nada. Le-
 varam-me para a PUCC.

P.: Então ele te agrediu e você perdeu os sentidos?

M.: Certo, perdi os sentidos, ele me deu uma mordida no rosto que
 120 ficou esta marca que você está vendo. Esse olho aqui tampou todo
 de sangue. Eu fiquei toda riscada de unha, mordida aqui. Eu só
 senti quando ele mordeu no rosto, que levantou na hora. Eu che-
 guei na PUCC com 22 de pressão. Eu fico nervosa, tenho medo, e e-
 la já se altera. Sou hipertensa. Ele também fraturou seu braço.

125 P.: Você diz que ele já vem batendo em você, há quanto tempo isso
 vem acontecendo?

M.: Há muito tempo, acho que praticamente 12 anos, desde que eu
 fui morar no Jardim Florence. Só no comecinho de casada é que
 foi tudo bem.

130 P.: O que fez com que ele começasse a te agredir?

M.: Olha, eu não posso dizer como isto começou a acontecer. Por-
 que eu não sei se é ciúmes, eu alego que deve ser ciúmes. Ele não
 era assim. A gente brigava, mas brigava feio mesmo. Inclusive ele
 tem três marcas de faca que eu dei nele, nas costas. Porque ele
 135 me agredia e eu não deixava para lá. Agora, eu que apanho, os vi-
 zinhos mesmos já falaram isso 'uai, M., quer dizer que antes você
 voava nele mesmo'. Sabe o que é, qualquer coisinha eu começo a
 transpirar. Eu não tenho mais força. Agora eu não consigo mais, e
 não é a mentalidade. Acho que é problema de pressão, que eu fico
 140 nervosa e já começo a suar frio, sabe. Então agora acho que ele
 está se aproveitando disso. E eu avançava mesmo, era só ele vir
 para cima de mim. Era unha, o que tinha não mão eu jogava, faca.
 Só que ele nunca foi dar queixa. Ele sempre fala 'Delegacia de Mu-
 lher deve estar cheio de puta, como é que você deu três facadas
 145 em mim e eu não fui reclamar'. Ele não foi dar queixa porque ele

não quis. Acho que o mais errado era ele, porque se eu vou dar queixa é que eu não devo, não mereço.

P.: Você acha então que foi por ciúme que ele te agrediu esse tempo todo?

150 M.: Eu acho que só pode ser por isso. Porque bom marido ele é. Nunca deixou faltar nada. Sabe dinheiro de pobre como é. Ultimamente que ele não está mais me dando dinheiro nas mãos. Antes, acabou de receber, se ele tomasse uma cerveja me falava antes de entregar o dinheiro. Ultimamente já não faz mais isso, mas também
155 não deixa faltar as coisas em casa. Ele vai lá, faz a compra. Agora, o que ele alega, sei lá. Ele não tira essa pessoa da cabeça de jeito nenhum. Qualquer coisa para ele, pronto. Eu não me divirto mais, não tenho o direito de sair nem no portão de minha casa. O meu direito é vir trabalhar, saio cedo, chego de tarde, assim
160 mesmo sou espancada. Porque ele fala que eu não estou trabalhando. Se eu passo na feirinha, compro alguma mistura para casa, é porque eu ganhei de homem. Então, eu parei. 'Se eu trago, por que você come? É de homem, não é. Por que você come também?' Então começa aquele jogo sujo, ele fala, eu falo, ele fala, eu falo. Sendo
165 que é uma coisa que eu não mereço. Eu cansei de viver desse jeito, e agora a situação está pior para mim. Por mais que eu evite, eu tomo. Antes, eu ainda saía, me divertia. Agora, estou em casa, ali. Mas mesmo assim ainda levo. Você entendeu, quer dizer que eu mudei completamente.

170 P.: E por que essa mudança?

M.: Essa mudança, para ver se ele melhorava. Certo, porque se eu saía com as minhas crianças é porque eu ia com outro. Então eu parei de fazer essas coisas. Agora ele está trabalhando à noite. Pior ainda, inventa que tem rastos no quintal. Se a vizinha vai
175 em casa, pronto, o rasto foi de homem que foi lá. Se ele vai trabalhar em outra cidade, então entrou homem e dormiu comigo lá. Sabe, eu não estou vivendo. Esses dias mesmo falei para as crianças, eu tenho vontade de me enfiar embaixo de um carro, porque já que eu não presto, acaba, acaba, pronto. A minha vontade está sendo
180 esta ultimamente, me matar. Eu estou desesperada, porque já que eu não devo

P.: Você alguma vez já tentou se matar?

M.: Já. Faz quatro anos, ele me bateu, eu tentei, tomei veneno. Precisei ir para a PUCC fazer lavagem. Ele ficou desesperado, mas
 185 nunca se emenda. Eu sempre trabalhei, sempre dei valor em mim. Quando ele começou a não dar valor em mim, comecei a me desesperar. É quando você perde a noção de tudo. Às vezes eu digo que vou para a linha do trem, mas minhas amigas me ajudam, me tiram isso da cabeça. Sabe, eu falo prá ele, até prostituta que é prostituta
 190 vence na vida, porque eu não posso. E se eu errei foi por causa dele mesmo. Agora, se enterrasse tudo e deixasse para lá, tudo bem. Meu irmão quase matou-lhe de tanto dar conselho desta última vez. No fim ele morre de medo do meu irmão. Pediu desculpas para ele, disse que aquilo não ia mais acontecer. E está uma
 195 beleza mesmo, tá um santo. Mas eu tenho certeza que é só o pagamento chegar, ele já começa a brigar e a beber. Aliás, beber, ele bebe todos os dias, porque tem os colegas ali perto. Esses dias e le anda bebendo porque eu separei mesmo de uma vez. De primeiro eu era boba, dormia lá, às vezes vinha passar a mão em mim, eu aceitava. Agora eu não aceito mais. Só que ele está bebendo, mas
 200 está quietinho. Por isso eu falo, um pouco não é a bebida. Eu acho que isso daí é um motivo que ele quer me atacar. Sei lá, a gente não tinha nada; porque eu acho que ele não tem de outro jeito, então ele quer ter. Ou então eu penso assim, se ele não pode ter, de outro também não será. Só que agora ele está um amor depois que a delegada "carcou" ele lá, levou dois processos. Porque não acreditou na lei a primeira vez, foi a segunda. Apesar de que eles estão sendo super legais com ele. Pediu para ele sair, ele não saiu. Só que eu também estou quieta. Estou lavando a roupa de
 205 le direitinho, estou passando. No começo eu não fazia isso, mas quando eu vi que ele estava lavando a roupa toda encardida, fiquei pensando que podiam falar que a mulher não presta... Então eu comecei a lavar roupa dele novamente para que os outros não viessem em cima de mim. Então eu não tenho sossego. Eu não durmo
 210 mais à noite, estou com problema. A gente deita na cama e já pensa no pior. Se alguma coisa acontecer com ele, eu tenho certeza que os parentes dele vão vir todos em cima de mim. Então, tudo quanto é papelzinho eu tiro xerox.

P.: Você tem medo que ele se mate?

220 M.: Que ele se mate, ou que ele faça alguma coisa e depois a culpa vem toda em cima de mim. Por outro lado eu também tenho muito medo, porque ele já falou várias vezes que me mataria, que ele me mata ainda. Ele nem está sabendo que eu estou vindo aqui. Eu estou com as minhas coisinhas tudo escondidinha, tudo guardado, eu trago até para o serviço, né. Eu tenho medo que de uma hora para outra ele faça uma bagunça lá em casa.

225 P.: Muito bem. Eu gostaria que você falasse um pouco agora sobre como foi a sua infância. Sobre as lembranças que tem dela.

M.: Eu perdi meus pais muito cedo, tinha oito anos quando minha mãe morreu e onze quando perdi meu pai. Depois fui criada por uma professora. A lembrança que eu tenho de meu pai é que ele era um homem muito bravo, só que eu era a caçula da casa, então tudo que eu fazia estava bem feito. Quando meu pai vinha para me bater, eu corria para o colo de minha mãe; ela não deixava. Meu pai era muito bravo, bravo mesmo. Mas também era muito estimado, inclusive por minha mãe.

235 P.: Seu pai nunca te bateu então?

M.: Ele batia sim, mas não de espancar. De vez em quando ele me dava uns tapas. Mas se eu deixasse ele me pegar (ri), me machucava mesmo porque ele era bravo. O meu irmão não, ele foi muito espancado pelo meu pai, mas eu fui feliz. Sempre tive o que queria, assim, roupa, tudo. Se ele estava num bar eu já ficava perto, pedia para ele comprar doce. Só que ele comprava um só. No mais eu fui muito bem tratada, tanto por ele quanto por minha mãe.

245 P.: E você tem apenas um irmão?

M.: Isso. Ele é mais velho do que eu oito anos. Ele sofreu bastante porque era danado também.

P.: Seu pai bebia?

M.: Não. Eu nunca vi bebida em casa. Às vezes ele ia ao bar para tomar pinga misturada quando estava resfriado, era como remédio. Eu comecei a beber de desgosto depois que eu casei. Era pinga mesmo. Mesmo hoje quando estou revoltada, peço para os meus filhos comprarem pinga para mim.

255 P.: Seu pai batia em sua mãe?

M.: Uma vez eu me lembro que ele deu um tapa em minha mãe por causa do meu irmão. Ele tinha ido com a molecada roubar jabuticaba.

A minha mãe quis defender o meu irmão e levou um tapa. Mas o meu irmão apanhou bastante.

P.: Nesta fase de sua vida houve algum fato marcante que você se recorda?

M.: Foi que eu perdi minha mãe, né. Quando ela ficou doente foi por hipertensão, né. Então, ela estava no quarto dela, e eu dormindo em outro quarto. Aí ela me chamou, só que ela não estava mais conversando. Foi quando ela morreu nos meus braços mesmo. Foi muito emocionante para mim. Eu não esqueço de jeito nenhum isso. Meu pai saiu, que ela estava muito ruim, e foi chamar um médico. Aí eu enfiei a mão debaixo dela, e senti que ela falou que tinha um dinheiro no colchão, era para eu pegar, e tomar cuidado que a vida não era fácil. Aí eu estava abraçada assim com ela nos braços, e eu vi quando ela fechou os olhos... Eu senti que ela morreu ali nos meus braços. Aí, depois eu fiquei pensando que ela estava dormindo. Quando meu pai chegou eu estava ali ainda, e ela já estava morta. Aí meu pai me pegou, me levou lá para o meu quarto. O choque maior foi quando eu levantei para ir para a escola, minha mãe já estava no caixão.

P.: Você até então não sabia?

M.: Não sabia. Eu acordei para ir para a escola, estava no segundo ano de grupo. Que eu olho na porta da sala, eu vi um caixão já velho, assim. Eu só vi meu pai e uma mulher que eu morria de medo dela. Aí eu corri para o colo de meu pai, e olhei para minha mãe, não sei o que falei que ele ficou bravo comigo. Eles me levaram para uma vizinha, que foi muito boa prá gente. Mas eu não fui ao enterro de minha mãe, porque eles não deixaram. E também não vi o meu pai ser enterrado, porque eu estava viajando. E isso eu sinto até hoje, certo. Quando meu pai adoeceu eu já estava morando com aquele pessoal que me criou. Quando ele faleceu eu estava em Santa Rita do Passa Quatro, e não havia jeito de se comunicar. Quando eu fiquei sabendo, me enfiei embaixo da cama, e não queria sair de lá de jeito nenhum.

P.: Você disse que foi criada por uma professora assim que sua mãe morreu. Como foi isso?

M.: É, ela era minha professora, e tinha uma filha de minha idade que era minha colega. Como eu sempre fui muito inteligente, eu en

sinava a filha dela. É gente muito unida, sabe.

P.: Você gostava desta professora?

M.: Ah, ela foi uma mãe para mim. Ela me ensinou, eu falava uma coisa errada, ela me corrigia, né. Então, ela nunca me teve por pouco. Hoje mesmo, se eu vou visitá-la, meus filhos dormem em berço de ouro. E como com eles à mesa. E a minha condição lá na verdade, quando fui morar com eles era de pajem das crianças menores. Muito bem tratada, mas empregada.

P.: Você morou com ela até que idade?

M.: Até os 18 anos. Depois eu quis seguir a minha vida, não quis mais ficar, quis mudar. Acho que eu fui crescendo, era perto de minha casa, aquilo foi mexendo. Eles não me seguraram. Só que eles foram meus padrinhos de casamento, e até hoje eles são a família que eu não tive.

P.: Como foi que conheceu seu marido, e como se deu o casamento?

M.: Eu o conheci lá também. Ele morava na fazenda dele. Um tempo eu ia lá e tudo. Às vezes eu pulava a janela e ia escondido no baile. E a gente começou a namorar escondido. Aí um dia ela viu. Falou que era gente boa que morava lá na fazenda, que com ele podia. Aí namorei três anos e depois casei.

P.: Como foi o namoro? Ele te tratava bem ou já era agressivo?

M.: Não, ele sempre foi uma pessoa sêca. Nunca me convidou para ir ao cinema. Mas eu acho que eu casei assim... Sei lá, eu pensei que fosse diferente, eu queria sair dessa vida de casa de família. Eu achava que ia ter mais liberdade com o casamento. Eu queria viver de outro jeito.

P.: Você gostava dele?

M.: Ah, sei lá, prá dizer a verdade eu casei por casar mesmo. Eu tinha vinte anos de idade. Sabe quando a pessoa fica cutucando. 'Não, não perde não. Ele é mais velho que você. É de família boa.' 'Você não tem mãe, não tem pai!' Aí, no fim, casei. Só que prá mim eu estraguei minha vida.

P.: Você se casou grávida?

M.: Casei grávida de quatro meses. Mas eu escondi a gravidez de todo mundo. Nem eu mesma esperava isso. Tudo bem, eu arrumei a papelada, cheguei e falei. Tentei abortar, não consegui. Vi que não tinha outra saída a não ser casar mesmo. Então casei. Depois de

335 cinco anos veio a menina, não sei de que jeito. Eu não esperava
ficar grávida dela também, porque comecei a tomar pílula depois
do casamento. Eu não me lembro que falha que foi. Quando isso a-
conteceu fiquei desesperada. E depois ele começou a falar que não
era filha dele.

340 P.: Como foi que você percebeu que ele era impotente?

M.: Depois que a gente casou; eu comecei a notar que ele ficava
esticando com a mão. Antes de casar parece que a gente tem aquela
idéia fixa, e não enxerga as coisas. Além disso, a gente se encon
trava muito pouco, nem dava para perceber. Só depois de muito tem
345 po de casada, eu já tinha a menina, foi que ele falou para mim.
Disse que não sabia o que havia acontecido quando ele era solteiro.
Daí foi indo, toda vida foi assim.

P.: E como foi que você acabou se envolvendo com 'aquela pessoa'?

M.: Essa pessoa, ela não saía de casa. Era um colega nosso. Então
350 ele conviveu com os nossos problemas, eu brigando com o Z., o Z.
brigando comigo. Na verdade, nós éramos vizinhos, somos até hoje.
Tudo que se passava ele sabia, e viveu o problema junto também. E
le é casado e tem a família dele. Ele sentiu o drama em que eu
vivía, e chegou a sugerir até que eu e o Z. nos separássemos, por
355 que senão um matava o outro. Um dia eu fui visitar a esposa dele
que estava internada, nós viemos embora juntos e conversamos mui-
to sobre família. Eu achei essa pessoa muito especial para mim,
eu notei que ele me aliviou de muita coisa. Sei lá, eu o ouvi, eu
o escutei, senão já teria feito besteira. Não foi uma coisa as-
360 sim, de momento. No início demorou muito. E ele foi uma pessoa
que soube esperar. Não quis atacar logo de início, nem quis se a-
proveitar de mim. Acho que ele foi uma pessoa muito bacana.

P.: Foi uma experiência que valeu a pena ter vivido?

M.: Sei. Sei lá, tudo que eu não tive assim de carinho, tudo, ele
365 pôde me dar. Soube conversar. Só que de outra parte era muito ciu-
mento. Mas ele soube me entender. Tanto é que eu fui embora e ele
entendeu. Eu quis voltar para meu marido.

P.: E quando foi que seu marido começou a bater em você?

M.: Assim, de bater, toda a vida. Depois que ele soube do caso, a
370 proveitou-se mais ainda. Toda a vida, a gente nunca combinou. Só
que ele nunca fez o que fez agora. Duas vezes já que ele me machu

cou bastante. Isso, agora que ele resolveu. Na época que ele devia até ter me matado, ele não fez nada disso. Ele não fez nada. Descobriu, e nem sequer conversou com o cara. Eu acho que o que e
 375 le queria era eu, então jogou tudo para o alto e nem ligou. E ago
 ra que não tem mais nada a ver uma coisa com a outra, ele vem me
 judiar desse jeito. Acho que é por isso que eu fiquei mais revol
 tada. Certo, porque eu nem me considero uma mulher vagabunda. Eu
 sempre fui trabalhadeira, limpa. Eu acho que aconteceu isso no mo
 380 mento mais difícil de minha vida. Se eu o tivesse como um homem
 de verdade para mim, eu não teria feito isso. Foi uma coisa que
 eu não pude segurar.

P.: Você se lembra da primeira vez que ele te bateu?

M.: Eu não lembro porque a vida toda a gente sempre discutiu. A-
 385 contecia assim uma vez ou outra. Ele já começava assim, mordida tu
 do, né. E eu nunca fiquei quieta mesmo, né.

P.: Desde quando você começou a trabalhar?

M.: Acho que desde a idade de 11 anos, lá na casa daquela profes-
 sora, eu era um tipo de pajem lá. Depois continuei trabalhando co
 390 mo doméstica sempre, que é o que eu faço hoje. Só parei de traba-
 lhar durante quatro anos depois de casada, por problemas com as
 crianças.

P.: Ele se opôs alguma vez a que você trabalhasse?

N.: Não, porque quando eu falava que eu ia, eu ia mesmo.

P.: Acha que seu relacionamento conturbado com seu marido prejudi
 395 cou o desenvolvimento dos seus filhos, M.?

M.: Eu acho que sim. Eu cheguei a levar meu menino na psicóloga,
 mas ela disse que quem precisava era eu. (Ri). Só que ele tem um
 jeito de uma criança assim, que é parádão. Mas é inteligente, sa-
 400 be. Então eu não sei se é revoltado, ou se é o jeito dele mesmo.
 É uma criança assim, meio mole, mas não tem problema de saúde. Eu
 acho que de tanto ver essa brigaiada, ele ficou assim o tipo de
 uma criança triste. Já a menina é mais alegre, mais expansiva.

P.: Como você julga a forma como ele está agindo com você? Acha
 405 certo, errado... ?

M.: Eu acho que desde que não dá para viver junto cada um deve ir
 para o seu lado. Se não é assim, pode acontecer uma besteira. Não
 faço porque tenho meus filhos, penso que eles precisam de mim.

P.: Você tem algum sonho que já sonhou várias vezes?

10 M.: Eu sonho muito com o pai dele. Ele está num caixão, fica le-
vantando, vem falar comigo na igreja cheia de gente. Esta também,
eu tenho sonhado direto. Carne demais. Eu teria que subir junto
com as outras pessoas e não consigo. Chega na festa, todo mundo
contente, bagunçando, eu estou afastada. Nunca consigo me aproxi-
15 mar. Também tenho pesadelo. A pessoa vem (é um vulto) e me segura
a garganta. Começa a apertar, apertar; eu fico com muito medo e
começo a rezar. Vou rezando, rezando... Quanto mais eu rezo, mais
mais aperta. Depois vai soltando devagar. Quando consigo me levan-
tar, eu tomo água e fico sentada rezando. Não quero dormir. (Quan-
20 do a minha mãe morreu eu ouvia um pilão batendo. Eu morria de me-
do. Meu pai era muito severo e minha mãe era uma santa. Até hoje
nem acredito que ela morreu). Se eu deito na cama, já deito com
medo. Todas as noites antes de deitar, eu olho embaixo da minha
cama e da cama das crianças, para ver se tem alguém ou algum bi-
25 cho."

Análise da Entrevista (Caso Mirtes)

Dados principais:

- 1) Queixa básica: impotência sexual do marido que quer "transar" do jeito dele; constantes agressões físicas provocadas por ciúme ou por ela se recusar a se submeter aos seus desejos. Houve adultério da parte dela, fato que se tornou um transtorno na vida do casal. Qualquer coisa que aconteça, por mais insignificante e banal constitui pretexto para que ele a acuse de traição e infidelidade.
- 2) Caráter repetitivo da queixa: a queixa de violência física faz parte do cotidiano da vida do casal, revestindo-se de um caráter de atemporalidade (ocorre desde "toda a vida" de casada). Além disso Mirtes ressalta que as coisas têm piorado no decorrer do tempo: "por mais que eu evite, eu tomo". A última agressão ocorrida foi a mais violenta de todas, fato que a levou a querer colocar um ponto final na relação com o marido.
- 3) Explicitação ou não de desejo de separação; argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência: o ponto final acima referido é a própria explicitação do desejo de separação do sujeito. Inclusive já houve uma tentativa de separação judicial alguns anos atrás que não se efetivou porque ele se recusou a assinar, e M. não levou adiante por não se sentir preparada para enfrentar as tensões de uma separação litigiosa. Na ocasião viu recrudesceda sua sintomatologia básica de hipertensão. Mirtes discute a possibilidade de sair de casa (o que significa esquivar-se da violência doméstica rotineira) e do porquê não sai. Argumenta que o terreno em que a casa foi construída é herança do pai dela, contudo, não pode mandá-lo embora porque ele também tem direito à casa, já que ajudou a construí-la. Além disso, "é preferível ele em casa do que outro, pois, por pior que ele seja, adora os filhos dele". M. deixa transparecer uma preocupação em relação aos filhos no sentido de não atrapalhar a vida deles (mudança de colégio e outras coisas mais). De qualquer forma, se há uma pessoa

que tem que sair de casa é ele, já que é o autor das agressões, o que ficou determinado pela própria delegada.

4) Atitudes de submissão: o sujeito oscila entre um comportamento rebelde e auto-afirmativo a uma submissão desmedida, que ocorre quando ela resolve se sujeitar às regras e ao controle dele "para que as coisas melhorem", e quando já não consegue mais revidar às agressões recebidas por "não ter mais forças". Em geral, Mirtes não pedia, mas comunicava suas decisões ao marido; saía para onde queria com seus filhos. Depois passou a se deslocar somente para o trabalho "para evitar brigas", mas mesmo assim era acusada de adultério. Possivelmente o fato que a levou a modificar seu procedimento tornando-se manifestamente submissa e impotente foi a culpa decorrente de sua experiência extra-conjugal. O sujeito parece ter buscado novas estratégias de resistência diante desse quadro. Sua hipertensão e os desmaios diante da violência do marido demonstram uma fortíssima reação, que, ao invés de ser dirigida para o exterior, volta-se contra ela mesma, significando não só uma forma de repúdio como também uma estratégia de manipulação que a coloca na posição de vítima e minimiza a sua culpa.

5) Reação diante da violência do marido: Mirtes apresenta dois padrões de reação diante da violência do marido. O primeiro consiste em revidar com violência à violência recebida, ela "avançava" e agredia com faca. No âmbito público tomou atitudes de defesa dando várias queixas na delegacia, sendo a última efetuada na Delegacia da Mulher. Além disso procurou instituições especializadas, que além de orientá-la poderiam efetuar sua separação. O segundo padrão diante da violência do marido, conforme já foi citado acima, é de ordem fisiológica: o sujeito desmaia em decorrência de um estado de hipertensão ativado por uma situação que lhe impõe medo e nervosismo. Ela começa a suar frio e perde a consciência. Entretanto, isto não diminui sua combatividade psicológica. Depois da última agressão ocorrida efetuou a "separação de cama", recusando-se a manter qualquer tipo de relacionamento íntimo com o marido, e tratando-o com distância e frieza.

6) Dados relevantes de sua história de vida: Mirtes tem apenas um irmão mais velho; é portanto a caçula, razão pela qual foi objeto de muitos mimos e concessões por parte dos pais. Apesar da aparente intransigência do pai, a mãe intermediava em sua defesa e ela sempre teve todos os seus desejos satisfeitos. Foi privilegiada em relação ao irmão, que apanhou muito de seu pai e não teve as mesmas regalias que ela. O pai, apesar de ser muito bravo, era também muito estimado por todos, inclusive por sua mãe, que era uma "santa". Ele não bebia sendo que apenas uma vez deu um tapa em sua esposa. Entretanto, Mirtes veio a perder seus pais muito cedo, a mãe aos oito anos de idade, e o pai aos onze anos. A perda da mãe principalmente foi um fato muito traumático em sua infância, talvez devido às circunstâncias em que isto ocorreu. O fato de ter sido impedida de ir ao enterro de ambos deixou-lhe mágoas e ressentimentos. Na condição de pajem foi morar na casa de uma professora, que substituiu de alguma maneira a mãe que havia perdido, e lhe ofereceu o calor de uma família. O sujeito destacou-se pela sua inteligência e sempre foi tratada como um membro da família, com consideração e respeito. Aos dezoito anos quis sair para viver a sua vida; aos vinte se casou. O rapaz já era um velho conhecido de infância, com quem já vinha namorando há algum tempo com o consentimento da professora. Era de boa família e bem mais velho que ela. Mirtes queria sair daquela vida de casa de família, ter mais liberdade. Acabou "casando por casar" movida por pressões sociais e para legitimar uma gravidez. Percebeu que "estragou sua vida". Foi surpreendida tanto pela gravidez do primeiro quanto do segundo filho cinco anos depois. Logo após o casamento percebeu que o marido era impotente, isto é, ele não tinha ereção suficiente para introduzir sem dificuldade o pênis, precisava empurrar com a mão. O casal brigava muito, e frequentemente se agrediam fisicamente. Ele sempre bebeu, tornando-se com isso muito mais agressivo. Mirtes começou a beber depois de casada, "de desgosto". Após uma das agressões sofridas tentou suicídio, mas foi socorrida a tempo. Um vizinho e amigo da família que vivia muito de perto, e acabou se envolvendo com o drama do casal, ganhou sua confiança. Ela sentiu-se amada e apoiada num momento tão difícil e acabou tendo um caso com ele. O marido descobriu e não emitiu

nenhuma reação. Somente mais tarde vieram as agressões, calúnias, e ciúmes retardados. Mirtes está disposta a se separar definitivamente, apesar de insistir em dizer que "não tem mais nada com essa pessoa". O sujeito sempre trabalhou, tanto na sua vida de solteira quanto de casada; somente parou quatro anos por problemas de saúde dos filhos.

7) Ocorrência de alcoolismo do marido; associação entre o alcoolismo deste e a violência contra a mulher: ele bebe e torna-se mais agressivo com a mulher nesta circunstância. Ofende-a com calúnia, difamações e agressões físicas além de querer impor sua vontade sobre ela. Um importante dado é que depois que ele foi obrigado a sair de casa pela delegada, está bebendo "quieto" sem molestá-la.

Análise interpretativa:

1) Dinâmica interna do sujeito: de garota mimada e voluntariosa Mirtes se viu muito cedo na condição de órfã de pai e mãe, sem ter podido "fechar" e elaborar esta perda. A morte da mãe foi negada na ocasião, e de alguma maneira ainda continua sendo. Na casa da professora ocupava um papel ao mesmo tempo de subalternidade e proeminência. O que ela pretendia que fosse a "família que nunca teve" na verdade não conseguiu suprir e apagar o seu sentimento de orfandade e de estranhamento em uma casa que não era a sua. O casamento é uma tentativa de situar-se no seu próprio espaço e de assenhorear-se de sua própria vida. Manteve contudo o seu caráter impetuoso e auto-afirmativo. Foi surpreendida pela impotência dele e por duas gestações inesperadas. Ela esperava proteção e segurança do marido; em lugar disso encontrou um homem fraco, inseguro de sua masculinidade que tentava compensar isso através de um comportamento machista e agressivo. A violência física sempre foi uma constante na vida do casal. Mirtes experimentava isso como constantes ataques desferidos à sua auto-estima e à expoliação de seu ego, comprimido entre seu egocentrismo original e

a desqualificação pelo companheiro. Este conflito levou-a a uma tentativa de suicídio decorrente da incapacidade de romper com este impasse (ela continua se submetendo à violência do companheiro apesar de sua altivez). O sujeito possui fortes tendências depressivas que se manifestam em desejos obsessivos de morte, mas encontram no alcoolismo a sua válvula de escape. Mirtes também se debate com intensos sentimentos de culpa, fato que impediu que levasse adiante seus projetos de separação. Esta culpa se expressa no medo de ser responsabilizada por qualquer coisa que aconteça ao marido e aos filhos após a separação; passa pela questão do adultério, mas parece que tem lastros mais profundos. Sua experiência extra-conjugal possui uma dupla conotação de pecado e prazer. Ao mesmo tempo que se sentiu amada e apoiada em um momento de crise de sua vida, que foi belo e promovedor para a sua pessoa, dentro do casamento foi sentido como um crime de proporções catastróficas. Por isso, o sujeito, apesar de racionalmente não se considerar "uma mulher vagabunda", emocionalmente talvez se sinta assim. Seus fenômenos psíquicos estão intimamente interligados à sua fisiologia corporal; ela fica "nervosa", a pressão sobe e ocorre desmaio se o momento é de grande tensão. Seus sonhos revelam uma não aceitação da morte (o "morto" fala com ela), censura ao prazer, sentimentos persecutórios e um clima de terror instaurado por simulação sádica de assassinato. Ela se mostra indefesa e impotente, sendo que seu único recurso disponível, a reza, serve como estímulo ao virtual agressor. Sua defesa consiste então em recusar-se a dormir. Sobressaltada, reconhece estar à mercê do fantasma do medo que desperta antigas vivências de cunho sobrenatural.

2) Dinâmica da relação: as brigas sempre foram uma constante na relação do casal, delas fazendo parte agressões físicas mútuas. Esta dinâmica, contudo, veio a sofrer uma modificação quando Mirtes se sentiu sem forças para revidar às agressões. Isto também veio acompanhado de uma restrição geral do seu comportamento, deixando de fazer passeios com os filhos e dedicando-se somente ao trabalho. Seu objetivo era que as coisas melhorassem entre eles; no entanto o sentimento que deveria estar subjacente a tudo isso e que possivelmente pode ter provocado a mudança foi a culpa por

ter se envolvido num relacionamento extra-conjugal. O marido que a princípio não emitiu reação alguma pune-a constantemente por este "delito" com calúnias, difamações e agressões físicas violentas apesar do caso já haver terminado. Na ocasião foi formado um curioso triângulo entre o casal e um amigo (vizinho) que participava intimamente de seus problemas. Mirtes só pode viver a experiência de ser amada e valorizada fora do casamento, o que lhe resultou como tributo um gosto de pecado e culpa. A impotência do marido é um dado muito importante nesta dinâmica. Ela casou-se enganada e ignorante deste fato; o resultado foi que viu acontecer na sua prática dois modelos distintos de homem. Um fraco e literalmente impotente; o outro, machão e prepotente, capaz de impor a sua vontade à força principalmente quando alcoolizado. Perfilando entre estes dois opostos está o "bom marido" que presta conta do seu salário para a esposa e se desespera quando esta tenta suicídio. Perdido entre a força devastadora de seus instintos, suas culpas e sua insegurança, este homem parece mais uma "criança grande" que teme a autoridade e se protege usando como escudo o machismo e a tirania no espaço doméstico. Contudo, uma traição constitui uma afronta por demais perigosa a um ego tão frágil. Incapaz de conseguir assimilá-la, atormenta-se a si mesmo e à esposa com fantasias persecutórias de traição dela. Através de seu ciúme desmedido projeta nela desejos que sente-se incapaz de realizar. Tudo isso são formas de puní-la por tê-lo feito sentir-se tão insuficiente como homem, ao despertar suas dúvidas acerca de sua masculinidade, não só pelo caso com o vizinho, mas por sua própria feminilidade. Enredada nas malhas da culpa, nada resta a Mirtes, a não ser sujeitar-se e continuar exercendo o papel de boa esposa apesar de seu caráter "rebelde", e apesar de sentir-se explorada. Porém, por mais que se esforce para ser submissa, não consegue modificar as fantasias e os fantasmas dele, que está sempre desconfiado e provocativo. A violência da última agressão, todavia, veio acrescentar um fato novo nesta dinâmica. O sujeito cortou toda e qualquer forma de relacionamento sexual e começou a agir no sentido de efetuar uma separação de fato. Recuperou, portanto, o domínio de si, e passou a ditar aparentemente as regras do jogo.

3) Dinâmica familiar: é tenso e conturbado o ambiente familiar, o que torna quase insustentável a convivência entre o "chefe da casa" e os demais membros da família. Em geral, este é isolado e privado de qualquer atenção; todos querem que ele vá embora. Fica explícito nesta dinâmica que o agressor tornou-se o bode expiatório da família; contudo, este se vinga procurando macular e deteriorar as relações entre mãe e filho através de insinuações maldosas. O menino já se interpõe em brigas do casal, tirando armas para que estes não se ferissem. Mirtes acredita que estes acontecimentos repercutiram desfavoravelmente no desenvolvimento psicológico de seus filhos, apesar de não saber expressar muito bem como isto aconteceu. Ela apenas observa que o mais velho é muito passivo. Por outro lado, para se fazer respeitar dentro de casa Mirtes solicita a ajuda do irmão. O marido, por sua vez, pede desculpas a ele e não a ela. Isto demonstra que o sujeito não consegue se defender sozinho, necessitando que o intermedieiem diante do marido, o que resulta em um pedido indireto de desculpas. Com isso, evidencia-se a dificuldade de comunicação existente entre o casal, e a necessidade do sujeito se apoiar em outras pessoas para enfrentar o marido. No entanto, o vínculo que mantém com os filhos é muito gratificante, tornando-se o seu próprio "sentido de vida". Suas trocas afetivas a revitalizam e os mantém unidos.

4) Contato Social: Mirtes supervaloriza o juízo social e age muito frequentemente em função dele. Ela se preocupa com o que possam falar ou pensar a seu respeito; teme escândalos na vizinhança. Apesar de qualificar-se como muito querida em seu bairro, com uma fluente comunicabilidade social, o sujeito revela em seus sonhos dificuldade de integração e contato, isolamento, sentimento de estranheza e alienação. Além disso, sente-se culpada dependendo da forma como as pessoas agem e respondem ao seu "chamamento".

5) Mecanismos de defesa utilizados: o sujeito usa como defesas a racionalização e a somatização. Também a negação (da perda) e a repressão da sexualidade.

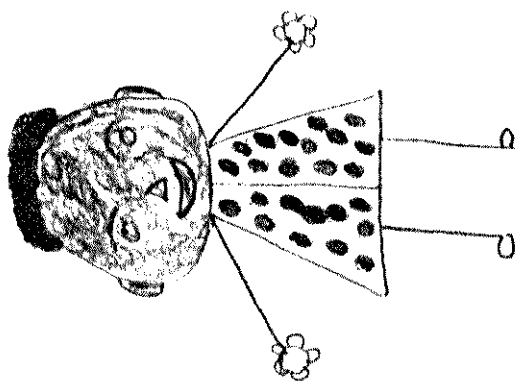
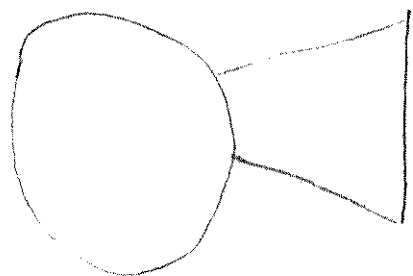


Figura Humana

FIGURA HUMANA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: esta produção é uma reaplicação. Ocorreu que na sessão anterior planejada para este fim, M. se encontrava muito mobilizada emocionalmente; chorava ao mesmo tempo que falava ininterruptamente. A pesquisadora achou conveniente interromper a aplicação do teste (figura humana e teste das duas pessoas), e retomá-la na sessão seguinte. Mesmo assim demonstrou muita ansiedade, disse que precisava aprender a desenhar. Fez um esboço, achou que não estava bom, perguntou se podia fazer outro. Esfregou as mãos uma na outra para enxugar o suor. Após a conclusão do desenho, ela responde à pergunta da pesquisadora a respeito do sexo da figura afirmando tratar-se de uma mulher. No entanto, resolve acrescentar uma linha à boca fechando-a e se surpreende: "Agora ficou homem, mas um homem de vestido. (Ri muito divertindo-se com isso). Agora que eu me lembrei. Ele tem 35 anos e se chama Antônio."

Estória: "(Ah, não sei. Não sei como começar. O começo é duro) Ele está na margem do lago vendo os peixinhos. Está sozinho, pensando na vida dele. Acho que ele foi para esse lago para se distrair um pouco. Ele estava com a cabeça meio quente, então saiu para ver os peixes lá dentro. Acho que ele fala 'essa mulher tá louca, faz a cara de homem e me veste de mulher'. Ele não está contente porque fiz ele de mulher." ("A minha intenção era fazer uma mulher, e fiz um homem. Ficou mais homem com o rosto bem bravo. Eu estava fazendo uma coisa e virou outra ao mesmo tempo, no minutinho que eu descuidei eu mesma virei ao contrário"). M. continua rindo muito e se divertindo com a "traquinagem" que havia feito.

Nome: Antônio com suas aventuras

Inquérito: - Antônio é casado? É.

- A esposa dele o acha meio afeminado? De um lado ele é, de outro é indiferente. Ele é machista, é bravo, quer tudo na hora, mas do lado sexual não é nada do que apresenta ser.

INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DOS TESTES GRÁFICOS

Sujeito: Mirtes

1ª Produção: TESTE DA FIGURA HUMANA (Machover, 1949)

1) Posição da folha de papel: não houve rotação na folha que foi apresentada horizontalmente ao sujeito. Isto sugere tendência à colaboração e aceitação de sugestões.

2) Localização do desenho na folha: quadrante superior direito, o que significa contato ativo com a realidade, rebeldia e ataque, es pírito empreendedor.

3) Tamanho: pequeno, o que indica sentimentos de inferioridade e de inadequação, inibição, constrição, depressão e comportamento e mocionalmente dependente.

4) Traçado: contínuo; predomínio de linhas retas de grossura média. Isto significa energia, decisão aliada a uma certa rigidez e intransigência.

5) Linha de base: ausente, o que denota falta de contato com a realidade e predominância do mundo de fantasias.

6) Detalhes: a figura, em seu aspecto caricaturesco e estilizado, possui uma cabeça muito grande desproporcional em relação ao corpo. Isto sugere tendências introspectivas que levam o sujeito a se refugiar na fantasia. O corpo lembra muito mais um boneco, um palhacinho, do que uma pessoa humana. O vestido de bolinha atribui esta conotação zombeteira, ao mesmo tempo que infantilizada. Os braços e pernas compõem o padrão estilizado ao mesmo tempo que indicam profundas dificuldades de contato e de comunicação. As mãos em forma de flor indicam agressividade reprimida. A boca curva tenta esboçar um sorriso, mas reflete simpatia forçada e busca de aprovação. Não há distinção entre tórax e abdômen, assim como o pescoço está ausente. Os braços saem da base da cabeça. Estes

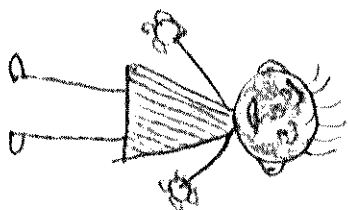
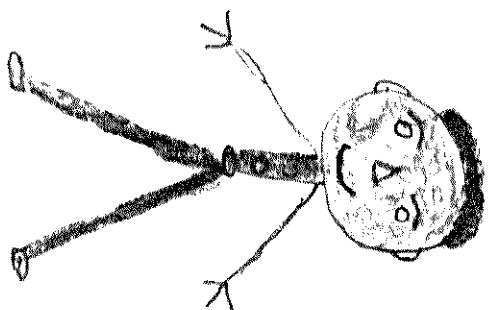
aspectos apontam para alterações graves no esquema corporal, inclusive a linha média na zona central do corpo evidencia preocupações somáticas. As orelhas, em compensação foram minuciosamente trabalhadas, o que sugere tendências paranóides e talvez um conflito homossexual passivo. As pupilas omitidas possivelmente expressem culpa em relação a tendências voyeurísticas. Os cabelos situados no topo da cabeça constituem um sinal inaugural de virilidade juvenil, enquanto que a fisionomia evoca um homem mais velho. O esboço inicial abandonado revela a insatisfação do sujeito em relação às suas produções, perfeccionismo, elevado sentido de criticidade e do julgamento interno expressando com isso a ação censora do seu superego.

7) Uso das cores: foram utilizadas as cores, verde, vermelho, amarelo-ocre e preto. Estas duas últimas possivelmente foram escolhidas em função dos objetos que pretendiam representar (cabelo e pele); refere-se pois a uma aplicação convencional. O verde e vermelho, cores vivas, talvez possam ter sido utilizados em função de melhor caracterizarem a roupa de "palhaço".

8) Aspecto geral da figura: no seu aspecto geral a figura inspira uma certa ambigüidade. Enquanto o rosto traduz força e masculinidade, o corpo extremamente frágil parece ser apenas uma roupa de palhaço que não possui nada dentro de si, a não ser estruturas de sustentação.

9) Análise das associações: há que se ressaltar a intenção consciente do sujeito em "fazer uma mulher", mas acabou "fazendo um homem", por um instante em que se descuidou. O gesto final de "fechar a boca", que fechou a gestalt, trouxe-lhe à consciência o que até então estava inconsciente, o desejo de zombar da virilidade de um homem tão "machão". Ela parece se divertir muito com o que fez com ele, e com o mal-estar que possa estar lhe causando, o que sugere uma atitude de agressão e vingança de sua parte. O nome da estória possui um tom de ironia e menosprezo, ter aventuras é tudo que ele não poderia fazer. Ao tentar "refrescar" a cabeça em companhia dos peixes do lago, Antônio tenta desvendar os

mistérios que envolvem a sua sexualidade. 'Por que um homem que é muito "macho" socialmente na sua intimidade se torna impotente?' Por outro lado, o sujeito além de descarregar sutilmente o seu ressentimento, traz à baila seus conflitos com o companheiro relativos à sexualidade, e que confundem a sua própria identidade obscurecendo-a e subjugando-a à influência dominadora do marido. Estes conflitos mobilizam grandes cargas de catexia afetiva, ocupando por isso o primeiro plano na sua psique.



Teste das Duas Pessoas

TESTE DAS DUAS PESSOAS: PARELHA VERBAL

Execução: transcorre sem maiores dificuldades. Lembre-se apenas que esta também é uma reaplicação.

Personagens: Márcia (15 anos); Luís (20 anos)

Estória: "O Luís gosta da Márcia, então eles sempre passeavam juntos. Iam ao cinema, divertiam-se bastante. Aí chegou um dia que eles brigaram e resolveram se separar. Separaram de uma vez por todas, porque não dava certo mais o namoro dos dois. Aí acabaram felizes, um para um lado, o outro para o outro, sem mágoas. Eles acharam melhor; decidiram assim."

Nome: Antônio e Maria

Inquérito: - Como eles estão aí no desenho? Aí eles já estão separados. Estão sem mágoa, pois decidiram que seria melhor assim.

2ª Produção: TESTE DAS DUAS PESSOAS (Bernstein, 1959)

- 1) Posição da folha de papel: ídem ao anterior.
- 2) Localização do desenho na folha: metade superior, o que indica satisfação na fantasia, objetivos muito altos, espiritualidade, misticismo.
- 3) Tamanho: pequeno; ídem ao anterior.
- 4) Traçado: ídem ao anterior.
- 5) Linha de base: ídem ao anterior.
- 6) Detalhes: a figura masculina quase chega a ser uma figura de palitos, o que pode ser interpretado como um indicador de evasão, característica de indivíduos inseguros que duvidam de si mesmos. Persiste a tendência para cabeças grandes e um corpo minúsculo e frágil; ausência de pupilas, orelhas evidenciadas, mãos em forma de flor para ela, cabelos no tampo da cabeça para ele. Observam-se aspectos regressivos da figura feminina em relação à masculina: a estatura é bem menor, os cabelos parcos e espetados e as listras do vestido transparecem infantilização e traços nascituros. Tudo indica que ela se sente inibida e inferiorizada diante dele, tendo que regredir a níveis bem mais arcaicos de seu desenvolvimento e conter sua agressividade. A figura masculina demonstra sua agressividade pelos dedos (reduzidos em seu número) em forma de garras, pela sua postura espigada, e pelo caráter forte (predomínio do racional sobre o corpo). Apesar disso a figura está deslocada em relação ao seu eixo, o que denota falta de consciência de si e de um centro de comando; os braços retocados associados às mãos em garras demonstram fragilidade e profundas dificuldades de comunicação e contato. O tronco estreito denuncia pobreza afetiva aberrante associada a dependência psicológica (botões). O tronco quase se "quebra" sobre as pernas (não há abdômen), o que demonstra uma dissociação entre essas duas partes do corpo.

7) Uso das cores: foram utilizadas as cores amarelo (ocre), preto, verde e azul. São válidos os mesmos comentários do desenho anterior no que se refere às duas primeiras cores. Azul e verde são cores frias, e seu uso possivelmente está associado a uma postura defensiva do sujeito, e constrição da personalidade por não ter a audácia para abrir-se com tonalidades mais arrojadas.

8) Aspecto geral da figura: o desenho obedece a um padrão geral estilizado, demonstrando com isso uma tendência defensiva de evasão. Há uma presença esmagadora da cabeça sobre o corpo, diante da qual este praticamente não existe. Com isto, na relação perde-se o contato com os impulsos instintivos e com os afetos. Uma leitura gráfica aponta para distanciamento e falta de comunicação entre as duas figuras, ambas sem vida e caricaturizadas. Parece não haver nada que lhes aproxime, tendo sido colocadas juntas ao acaso.

9) Análise das associações (Pareilha verbal):

Aspectos descritivos: trata-se de uma pareilha heterossexual, adolescente, regressiva em relação à idade do sujeito, com uma razoável diferenciação entre os sexos. A natureza do vínculo é sexual, a pareilha, fantasiada, e a situação, de passeio e conversação.

Aspectos dinâmicos: a temática da estória é de separação de um casal de namorados. Esta separação é bem elaborada, não ficam mágoas nem ressentimentos, sendo que os dois ainda se sentem felizes. É óbvio que se trata de uma situação idealizada pelo sujeito tal qual ela gostaria que fosse em sua vida. Curioso que se trata de um casal de namorados, adolescentes, que cumprem um namoro muito respeitoso e não exercem sua sexualidade. Talvez esta regressão seja devida à dificuldade do sujeito de lidar com a própria sexualidade, e o desejo de voltar a uma fase da vida onde as relações não são tão tenazes, e os conflitos possam ser solucionados de uma forma mais harmoniosa e menos traumática. Assim, na estória a separação foi definitiva e eles continuaram mantendo laços afetivos, apesar de separados enquanto namorados. Os nomes dos personagens são nomes comuns, apesar de não muito tradicionais à cultura brasileira. Curioso foi o fato do título da estória ser

constituído por dois nomes próprios, estes muito típicos e bastante expressivos em seu conteúdo. Antônio e Maria são nomes singelos e simples, denotando com isso toda a pureza e inocência de um mundo de faz-de-conta, onde não se conhece a maldade nem a natureza perversa dos instintos, ou sequer separações dolorosas. Na parelha verbal observa-se que as partes se comunicam perfeitamente, com plena aceitação de sua realidade. Observa-se em confronto com a situação real do sujeito, sua utilização do mecanismo de defesa da negação.

Jose

Maria



1-7-71

0.0

2/1



Cena Doméstica

CENA DOMÉSTICA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: depois de admitir não saber como fazer, o sujeito pergunta: "Posso fazer eu com meu marido brigando?". A pesquisadora informa que ela pode fazer como quiser. Concluído o desenho, M. ainda insegura, pergunta: "Fica mais ou menos assim?". Diante disso, o sujeito é encorajado no sentido de que o desenho é dela ao mesmo tempo que é estimulada a colorir.

Estória: "O José e a Maria estão discutindo. O José está batendo nela e ela está chorando. Ele já jogou prato, copo. Ele está jogando, está quebrando tudo dentro de casa. Os filhos estão de longe chorando e pedindo 'pelo amor de Deus, pai, não faça isso! Vá embora que é melhor! A gente não quer que o senhor fique batendo na mãe desse jeito.' Aí ele continua a brigar. A Maria sai e vai para o quintal chorar junto com os filhos e pedir para eles que não se aborream por tudo que está acontecendo. Que logo, logo, e la vai dar um jeito nisso."

Nome: Bagunça, não quero mais

Inquérito: - Por que o José está batendo na Maria? Porque ele chega embriagado e já chega espancando. Fala que é porque ela chegou tarde, não estava trabalhando nada. Daí ele já começa empurrando. - Como é que a Maria reage? A Maria antigamente reagia feio. Mas agora ela ficou um pouco comodista, está pensando em levar vantagens futuras. Antes ela jogava faca, batia também, bagunçava mesmo. Ultimamente ela viu que não resolve; ele é mais forte, ela não agüenta ele. Então ela resolveu apanhar e tirar vantagens disso. Quanto mais ele agride, é pior.

- Quais são essas vantagens? Ele não estando machucado, não pode alegar nada contra ela. Ele já cortou a mão no vidro e disse que foi ela. Dessa última vez, quando "eu" fiquei meio transtornada, ia matar ele mesmo. "Eu" peguei a faca, mas o menino tirou da minha mão e jogou fora. Alguma coisa "me" iluminou. Tem hora que a gente cansa.

3ª Produção: CENA DOMÉSTICA

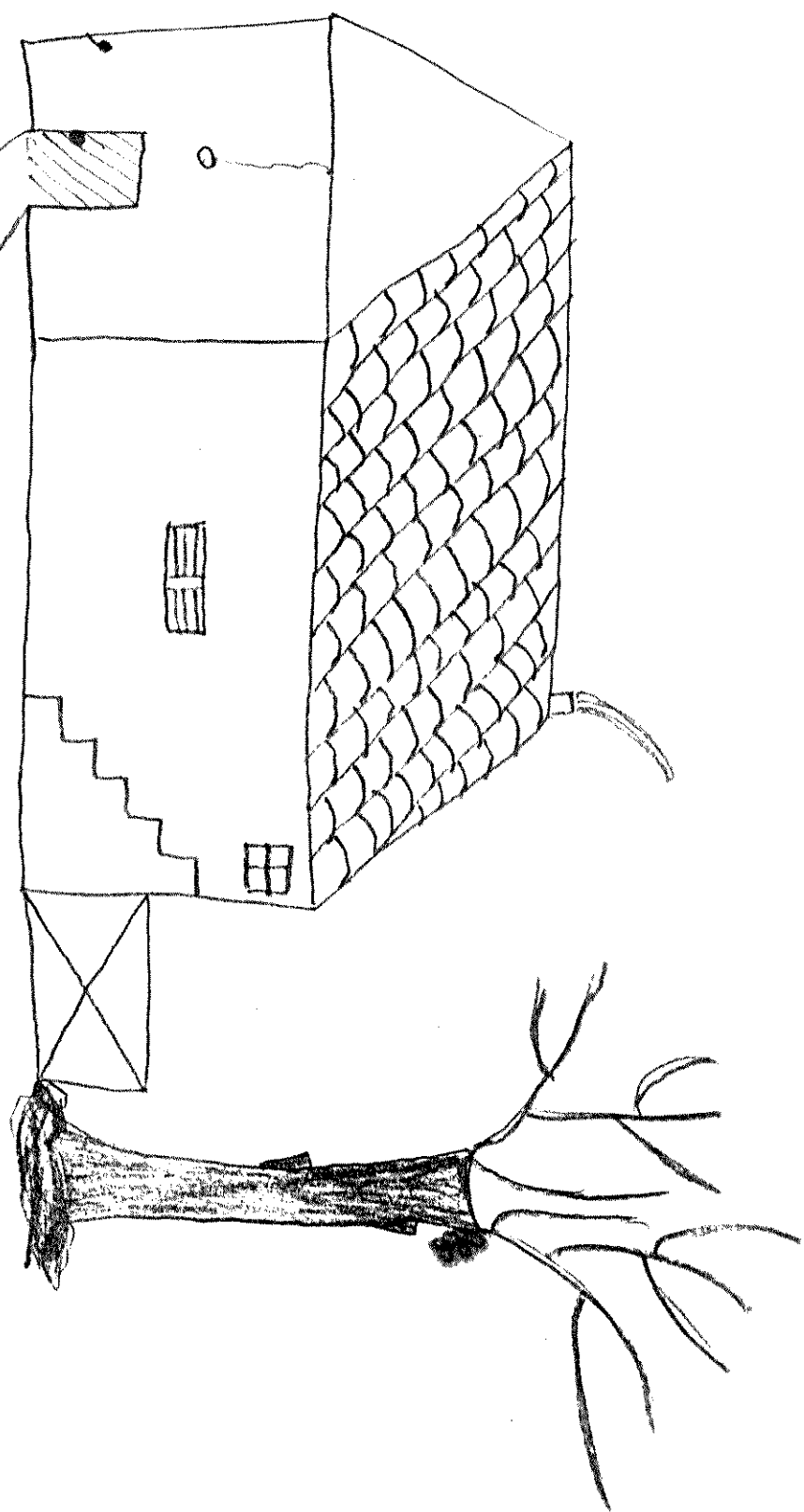
- 1) Posição da folha de papel: ídem à primeira produção.
- 2) Localização do desenho na folha: metade esquerda, o que indica comportamento impulsivo, predomínio da afetividade, do passado, introversão e egoísmo.
- 3) Tamanho: pequeno; são válidos os mesmos comentários da primeira produção.
- 4) Traçado: ídem à primeira produção, acrescido da particularidade de que este desenho se trata efetivamente de uma figura de palitos, esquematizada, o que é considerado como indicador de evasão, característico de indivíduos inseguros que duvidam de si mesmos.
- 5) Linha de base: ídem à primeira produção.
- 6) Detalhes: devido ao fato da figura ser esquematizada observa-se uma pobreza quase que absoluta em detalhes, o que expressa sentimento de vazio e energia reduzida, além de defesas no isolamento, às vezes, depressão. Persiste a mesma tendência de tamanho desproporcional da cabeça em relação ao corpo. Não há qualquer diferenciação entre os sexos a não ser que as duas figuras se agredem mutuamente com objetos dilacerantes, sendo que a figura feminina está chorando. As crianças situadas abaixo da mãe também choram, e os objetos quebrados estão próximos a ele. As orelhas mantêm o mesmo padrão anterior; as bocas tentam esboçar um sorriso como uma forma de negação do que está acontecendo.
- 7) Uso das cores: ocorreu por sugestão, e de forma aleatória. Por isso fica destituído de sentido o significado psicológico isolado das cores utilizadas pelo sujeito (amarelo-ocre, verde, azul e vermelho). Impõe-se, no entanto, uma tendência do sujeito em não colorir seus desenhos, o que revela vazio afetivo, timidez ao expressar suas emoções, dificuldade de estabelecer livremente rela-

ções interpessoais quentes e compartilhadas.

8) Aspecto geral da figura: o aspecto esquematizado das figuras lhes atribui um caráter altamente regressivo, o que pode estar em consonância com o tema da cena representada (violência e desagregação familiar), visto que em suas produções anteriores o sujeito revelou um nível mais elevado de elaboração.

9) Análise das associações: a cena descrita consiste em uma reprodução fiel da realidade vivenciada pelo sujeito, inclusive ocorreu projeção consciente desde sua proposta inicial de representar, a si mesma e ao marido brigando; no final do inquérito passa a falar subitamente em primeira pessoa (apesar de ter consciência de estar o tempo todo falando de si, o discurso até então havia se efetuado em terceira pessoa). Em geral, o sujeito se limita a descrever o desenho, atribuindo ao tema da violência doméstica um enfoque rotineiro. A cena que se repete com muitos outros casais aqui também tem lugar: o marido chega alcoolizado em casa, insulta a mulher, e termina por agredí-la fisicamente. Os filhos interferem, e está formada uma grande turbulência. A mãe, inconformada, vai chorar com os filhos no quintal e promete lhes resgatar a paz e o sossego na ordem do lar. O título da estória "bagunça não quero mais" é incisivo e determinado. Vem revestido de um tom autoritário, que lembra uma mãe austera bradando diante dos excessos de sua prole rebelde. Diante disso fica subentendido que sua relação com o marido resvala por estes limites, ele, incapaz de controlar seus impulsos excede em suas agressões, para logo depois se submeter passivamente ao desprezo da mulher e dos filhos. Ela, através de sua "fraqueza" manipula o marido, pois aprendeu que pode extrair muitas vantagens da situação de vítima. O sujeito declara isso abertamente ao afirmar: "então ela resolveu apanhar e tirar vantagens disso". Estão explícitos aqui os ganhos secundários que a mulher possui submetendo-se a situações de violência. Entre outras coisas, está o isentar-se de toda culpa, fazendo com que ele incorpore toda a maldade e a feiúra tornando-se o vilão da história. Depreende-se desta dinâmica que o elemento masculino passa a ser o bode expiatório, canal através do qual ir-

rompem na relação as forças agressivas em erupção, há muito movimentando-se de forma caótica e sem controle. Este, como elemento causador do distúrbio deve ser banido e proscrito para que se restabeça a paz em família. Ela, o elemento feminino, não é uma pessoa fraca, ao contrário, sempre teve forças para reagir, até mesmo fisicamente, mas deixou de fazê-lo quando isto não lhe interessava mais.



DESENHO LIVRE: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: o sujeito dá por terminada a tarefa sem colorir. A pesquisadora informa-lhe que ela pode colorir, se quiser. M. diz que não, mas resolve pintar o sol. Em seguida, continua pintando outros detalhes do desenho, mas apenas reforçando o traçado.

Estória: "Aqui é uma fazendinha. Então aqui é uma escola, aqui é uma estrada que passam os caminhões, aqui são as crianças indo para a escola. Aqui são as galinhas pastando no verde, aqui é uma porteira, um coqueiro, o sol e a lua. As crianças estão indo para a escola, e depois que terminar a aula eles vão subir no coqueiro para apanhar os coquinhos. (Sapecas essas crianças! Eu era assim) E daí vão embora para casa, felizes da vida."

Nome: Escola da tia Maria

Inquérito: - Quem é a tia Maria? É a professora que dá aula para eles. Então, eles a chamam de tia, gostam dela. Ela sempre gostou de criança, faz brincadeira, brinca com eles.

- Onde ela está? Está dentro da escola, mas eu não fiz o desenho dela porque a escola está fechada ainda. Só que eu não fiz o telhado... Posso fazer? (diante do assentimento da pesquisadora põe-se a executá-lo). As crianças estão indo para a escola, só que está cedo e ainda não abriu.

- Que horas são? São 7,30 da manhã.

4ª Produção: DESENHO LIVRE (Trinca, 1976)

1) Posição da folha de papel: ídem à primeira produção.

2) Localização do desenho na folha: ocupa a folha toda. O significado psicológico disto relaciona-se ao item abaixo que diz respeito ao tamanho.

3) Tamanho: exagerado, saindo do papel, o que sugere sentimento de constrição por parte do ambiente, com fantasia supercompensatória, o que lembra aspectos paranóides.

4) Traçado: contínuo, o que pode estar relacionado, neste caso, a falta de sensibilidade e de vida, medo de iniciativas (o traçado é por demais contínuo, como se o lápis tivesse ficado aderido ao papel). As linhas grossas denotam esforço para manter o equilíbrio da personalidade e falta de adaptação. O predomínio de linhas retas com ângulos denota rigidez, intransigência, assim como maior agressividade, espírito crítico e masculinidade.

5) Linha de base: a linha do solo ficou evidenciada mais abaixo através da estrada. No desenho da casa está se encontra insinuada através da porteira e da base da árvore. O correlato psicológico disto são tentativas tênues de contato com a realidade.

6) Detalhes: o telhado bem trabalhado da casa, a princípio esquecido sendo efetuado somente no momento do inquérito, demonstra conflito em relação a um mundo de fantasias rico e absorvente. O sinal de fumaça aponta para os prenúncios de uma sexualidade ainda incipiente. O traçado geral da casa-escola é como se tivesse sido feito a régua, tamanha a precisão e o cuidado com que foi elaborado. Este desempenho excessivamente perfeito do sujeito reflete seu esforço em "segurar-se", face à ameaça de desorganização iminente. É uma manifestação direta de sua hipervigilância e implica na presença de um ego relativamente fraco, temeroso de que os impulsos proibidos irrompam, não podendo por isso relaxar sua vigilância constante. A meticulosidade com que foi feita a es

cada, as venezianas das janelas, as treliças da porta, e o próprio telhado sugere ao sujeito um caráter obsessivo-compulsivo. Os vários elementos em torno da casa se constituem em traços fóbicos. A ênfase na maçaneta da porta, assim como sua estrutura indicam que a escola está fechada, apesar de os alunos já estarem caminhando em sua direção. Isto significa que o sujeito ao mesmo tempo que possui aspirações intelectuais, sente o mundo da cultura e do intelecto de forma inacessível e idealizada. A árvore ao lado que pretende ser um coqueiro revela dois possíveis traumas em seu desenvolvimento (dois nódulos no tronco). Há uma nítida divisão entre o tronco e as folhas da árvore, parecendo que este tivesse sido cortado; isto sugere dissociação da personalidade, sendo que há uma parte viva composta pelas folhas e frutos, e outra morta, constituída pelo tronco decepado, onde as folhas e coquinhos foram enxertados artificialmente. Os coquinhos representam um sinal de fertilidade, enquanto os ramos pontiagudos expressam intensa agressividade, constituindo o elemento que norteia a sua comunicação e dificulta os contatos interpessoais. A presença simultânea do sol e da lua revela a dualidade do sujeito diante do par de opostos, masculino e feminino. Sua bissexualidade inconsciente, o elemento masculino como que, desempenhando a função consciente aparece em primeiro plano ocupando posição dominante na consciência de vigília. A feminilidade, nos seus aspectos mágicos de sedução e encantamento, permanece inconsciente, tendo sua beleza ofuscada pelo sorriso forçado de um sol "humanizado". A estrutura dos caminhõezinhos da estrada, galinhas e crianças (boneços de palitos) demonstra um padrão de produção infantil. Estes elementos juntamente com a porteira são materiais ancilares que povoam a fazendinha e protegem a escola, tendo sido incluídos em função das tendências fóbicas do sujeito apontadas anteriormente.

7) Uso das cores: revelou-se de forma mais estampada neste desenho a tendência do sujeito que já vinha se insinuando em produções anteriores, que é a de não colorir seus desenhos. Neste caso M. recusou-se abertamente em fazê-lo, abrindo uma exceção para o sol que foi logo seguido pela lua, pelo verde das plantas e pelos coquinhos. Isto representa um sinal de vida e de energia

que se destaca de um todo indiferenciado, neutro, apagado, que transparece vazio interior.

8) Aspecto geral da figura: a firmeza do traçado e a precisão milimétrica das formas e medidas caracterizam um desenho excessivamente perfeito, severo, executado com controle e cuidado inusitados. A presença simultânea do sol e a lua atribui ao desenho um aspecto sui-generis. Deduz-se que possivelmente o sujeito se utilize de defesas obsessivo-compulsivas diante da ansiedade provocada pelos conflitos ligados à bissexualidade e à agressividade.

9) Análise das associações: limitam-se a descrever as diversas partes do desenho, e a rotina matutina das crianças que estão indo para a escola e são saudadas pelo sol. A estória parece ter um conteúdo regressivo muito forte, onde o sujeito retorna aos anos dourados de sua infância de uma forma muito idealizada. Talvez seja este o elemento terapêutico de que M. necessita diante de formas gráficas tão precisas, prisioneiras de emoções: a espontaneidade e a despreocupação da criança. Em suas traquinagens, estas vivenciam o cotidiano da vida sem o peso das responsabilidades, mas de forma marota, eufórica, prazerosa. O único personagem adulto é a "tia Maria", o qual serviu de cognome à escola e se tornou marcante pela sua presença afetiva, acolhedora e empática. Aqui o ser adulto não perdeu a espontaneidade infantil e a capacidade de brincar com a vida. No entanto, ele não está visível no desenho, o que demonstra uma censura do sujeito para com estes aspectos, reservando à intimidade experiências de prazer e descontração. O mundo "pintado" nesta produção é um mundo paradisíaco, portanto idealizado, que contrasta frontalmente com a anterior, uma cena de violência doméstica. As tendências de reparação passam, pois, pela idealização e por uma fuga (regressão) à infância.

Síntese do Caso Mirtes

1) Temática do caso: violência física brutal, impotência sexual do marido e experiência extraconjugal do sujeito são os três elementos que caracterizam este caso. As brigas sempre foram uma constante na relação do casal, diante das quais M. sempre revidava. Ultimamente ela resolveu se subjugar e apanhar calada para tirar vantagens disso.

2) Histórico de vida:

- elementos traumáticos: perda abrupta da mãe na infância que expirou em seus braços. O pai também faleceu poucos anos depois. Não pôde ir ao enterro de nenhum dos dois.
- situações de vida em relação aos pais: M. foi criada por uma professora logo após a morte da mãe, numa condição servil. Praticamente não houve violência física do pai sobre a mãe.

3) Dinâmica do caso: a vivência culposa da sexualidade associada a intensos conflitos na relação de casal exacerbaram ao máximo o instinto de agressividade, tanto interna quanto externamente. Neste caso também está explícito a questão do ganho secundário sobre a condição de vitimização da mulher, que entre outras coisas, se exime de toda culpa. As situações de perda vivenciadas na infância fizeram-na buscar no marido um protetor, ao mesmo tempo que lhe geraram profundos sentimentos de inferioridade e de inadequação no ambiente.

4) Atitude básica em relação a si própria:

- identidade pessoal: adequada em relação à idade, mas não em relação ao sexo. Sua identidade é ofuscada pela figura dominante do marido e pelo conflito emergente da sexualidade. Pela íntima conexão existente entre a feminilidade e a masculinidade supõe-se uma bissexualidade latente, e uma indefinição em relação ao papel sexual.
- auto-imagem: manifestamente positiva: o sujeito se vê como uma pessoa ativa e voluntariosa. Inconscientemente, contudo,

existem profundos sentimentos de inferioridade e de inadequação.

- aparência física: negra, mas "limpa", segundo uma auto-referência do próprio sujeito. Possui a marca de uma mordida na face, logo abaixo do olho direito.

5) Atitude básica em relação ao mundo: defensiva, refletindo insegurança, inibição, reserva, contrição.

6) Relação de parilha: não é possível integrar uma parilha sexual, harmoniosa, prazerosamente compartilhada, pois a separação é iminente. Resta elaborar bem esta separação. Além disso, observa-se uma dissociação de sexo, carinho e amor com o casamento, o qual está associado a briga e pancadaria. Sexo e carinho são coisas excusas, vivenciadas de forma proibida. A clausura do casamento se cristaliza através da impotência sexual dele condenando à fatalidade todas as possibilidades de uma relação prazerosa. A severa repressão à sexualidade sufoca os impulsos vitais, e provoca intensos desejos de morte.

7) Sentimentos expressos: culpa exacerbada, angústia, pânico.

8) Tendências e desejos: desejo de livrar-se de dano físico (provocado pelo marido); desejo que ele vá embora; desejo de cometer suicídio; de evitar humilhações e escândalos. Necessidade de ajuda, de atenção e consideração, de compreensão.

9) Impulsos (instinto de vida x instinto de morte):

- amorosos: reparação, ajuda, quando o objeto catexizado são os filhos. A direção dos impulsos neste caso é hetero-erótica.

- destrutivos: morte, ataque, danificação, frustração, perda. A direção destes impulsos é predominantemente auto-agressiva, apesar de que em um momento anterior foi hetero-agressiva em relação ao marido.

Prevalecem impulsos destrutivos em relação aos amorosos.

10) Ansiedades:

- paranóides: medo de alma de outro mundo; medo de ser assassinada, de privação, de falta de afeto.
- depressivas: medo de destruir ou danificar o companheiro, medo de ter danificado o próprio ego.

Prevalecem as ansiedades depressivas.

11) Mecanismos de defesa: repressão, racionalização e a somatização são os principais mecanismos de defesa utilizados, sendo que recai sobre o primeiro um peso maior.

12) Sintomas expressos: desespero, pensamentos suicidas, sensibilidade exacerbada (mobilização emocional), insegurança.

13) Simbolismos apresentados: sol e lua emparelhados. Símbolo do masculino e feminino, bissexualidade latente.

14) Objetos e outras figuras de ligação: o amante, seu vizinho, figura de grande importância, com quem o sujeito constituiu uma relação de triangulação e pôde liberar sua afetividade. Veio a ser "peça" que faltava para justificar uma dinâmica onde o marido é "machão", ciumento e impotente.

15) Alcoolismo do marido: o marido é alcóolatra, e aparentemente isto constitui um fator precipitante de violência contra M.. Contudo, da última vez em que foi repreendido pela delegada, o sujeito observou que este tem bebido e tem se mantido quieto, sem incomodá-la.

16) Tentativas de suicídio: ocorreu uma vez. Apesar de ter sido salva, M. não deixou de ter pensamentos suicidas cada vez que se sentia pressionada pelas circunstâncias, ou o marido lhe fazia chantagem emocional. Nestas ocasiões seu sentimento de culpa era reativado.

3. Caso OTÍLIA

1) Dados Pessoais:

Idade: 35 anos

Escolaridade: analfabeta

Estado Civil: casada

Nº de Filhos: 2+1 (3 meninos: um de 14 anos, um de 10 e um de 9)

CCr: branca

Local de Nascimento: Valinhos - S.P.

Profissão: dona-de-casa (ex-prostituta)

Encaminhada por: Delegacia da Mulher

2) Dados do Marido:

Idade: 33 anos

Estado Civil: casado

Profissão: comerciante (proprietário de bar)

Condição sócio-econômica do casal: classe média baixa

3) Técnicas utilizadas para estudo do caso:

3.1) Entrevista semi-dirigida p. 176

Síntese e interpretação dos dados p. 188

3.2) Testes Gráficos

Figura Humana p. 194

Teste das Duas Pessoas p. 201

Cena Doméstica p. 207

Desenho Livre p. 211

4) Síntese do Caso Otília: p. 215

Entrevista - Caso OTÍLIA

P.: Por que razão você procurou os serviços do SOS?

O.: Eu procurei porque eu brigo demais com meu marido. Não é de hoje. Mas é porque eu tive um passado, porque eu fiz a vida, né. Quando eu me perdi tinha 13 anos. Depois conheci um senhor de 35 anos quando eu tinha 17. Aí tive um filho com ele, mas eu descobri que ele era casado e não quis mais saber dele. Percebi que não era nada daquilo que eu pensava. Eu caí nessa porque ele disse que ia me ajudar, ia alugar um quarto de pensão prá mim, ia me colocar, né.

10 P.: Você estava numa situação difícil?

O.: Meu pai tinha me tocado de casa porque eu tinha me perdido com o rapaz, até ele é de Valinhos.

P.: Onde você morava quando conheceu este senhor?

O.: Eu o conheci em um baile. Depois que me disseram que esse baile era isso e aquilo, mas eu não tinha cabeça, não tinha juízo. Aí eu conheci esse senhor, até ele era oficial de justiça. Ele disse que me alugava um quarto, que ia morar comigo, mas na condição de que eu engravidasse. Aí engravidei, esperei ter esse filho, era um menino. Quando descobri que ele era casado já estava morando 'numa casa de fundos que ele havia me levado. Então eu disse para ele 'eu não vou ficar com você não, você cria o menino?'. Aí, ele levou o menino para a mulher cuidar. Isso, eu não estava nem com 18 anos. Ele pegou e me levou para lá. Aí cheguei nesse lugar, não sabia como é que era. Nunca tinha ido. Porque eu sou nascida em Valinhos, trabalhava de apanhar café, carpia. Nem estudei, nem a primeira série eu fiz. Então eu não sabia como é que fazia, eu só dançava, escutava música, via as meninas dançando lá. Daí a cafetina me chamou. Falou que eu não podia ficar só dançando, não. Tinha que agarrar um homem. Eu disse que tinha vergonha, tinha medo que ele me xingasse. Eu sei que eu ficava um dia, saía. Ficava prá lá, prá cá, de uma casa na outra, sabe. Ficava andando. Cheguei a ficar dois anos nessa vida. Sofri muito. Inclusive, esse que eu tive filho chegou a aparecer, queria que eu saísse com ele, mas eu não quis, falei 'você já levou meu menino, eu não saio mais

35 com você. Além disso, eu conheci um rapaz aqui do lado, ele é sol-
teiro. Amanhã ele vai me levar embora.' Ele não acreditou. No ou-
tro dia, o rapaz que hoje é meu marido encostou a perua do irmão
dele. Eu não tinha nem mala, nada. Coloquei todas as minhas coi-
sas dentro do lençol, amarrei. Fui morar com ele. A gente passou
40 um começo muito difícil. Fomos morar junto com a cunhada porque '
não tínhamos casa ainda. Não tinha móveis, não tinha nada. Aguen-
tava muito desaforo porque usava as coisas dela, panela, fogão. No
começo ele quis dar um tempo para experimentar. Pediu um dinheiro
para o irmão dele, muito cismado, com medo que ele ficasse bravo.
45 Mas o irmão concordou. A gente começou com criação de porco, eu
cuidava enquanto ele trabalhava. Compramos fogão, geladeira.

P.: Vocês se casaram?

O.: Nós nos casamos, mas ficamos seis anos juntos para ver se da-
va certo. Casamos quando eu estava já de sete meses do segundo fi-
50 lho. Porque esse outro, mesmo que eu quisesse, ele não aceitava. E
le falou isso logo que a gente se conheceu. Eu também não podia '
pegar o menino porque o pai dele já havia me ameaçado de morte se
eu fizesse isso.

P.: Então o menino ficou com o pai e a mulher dele.

55 O.: Isso, até inclusive eu fui conhecer a mulher dele. Quando eu
fui visitar o menino, estava com um ano de idade. Aí, ela falou '
assim: 'Olha, todo mundo já pegou amor nele aqui. Tem outra coisa,
ele é meu marido. Eu sou casada com ele e eu o amo. Você é novi-
nha ainda.' Na época eu era bem novinha e era muito bonita. Inclu-
60 sive essa vida que eu fazia, eu não servia para isso. Ele passa
na cara que eu não tinha nada, 'você veio comigo só com uns pani-
nhos de bunda', ele fala. Às vezes me perguntavam já que eu não
servia para aquela vida, porque eu estava lá, 'ou você é isso ou
então é ser lavadeira! Sofri muito. Depois de passado muito tempo
65 agora o menino está com 14 anos. Está do meu tamanho já, até maior
que eu, está bonito. A mulher deixou que eu o visse, mas pediu que
eu segurasse, que eu não perguntasse pelo marido dela, por que e-
le já tinha lhe abandonado também. O próprio Ricardo (meu filho)
não quer nem saber do pai. Quando eu o conheci para vir para Cam-
70 pinas, eu estava meio desorientada. Foi nesse baile que eu o co-
nheci. É que eu ia pro baile, às vezes dormia, ficava na rua. Dor-

mia atrás da igreja. Quando eu estava nessa vida quase que me levaram para o juizado de menores, porque eu fui prá lá menor, né.' Daí ele me tirou porque me conhecia e tinha muitas amizades. Falou, 'você vai, fica uns tempos, quando fizer 18 anos você volta. Foi quando ele me colocou na pensão, depois me arrumou uma casa, aí eu fui na casa dele. Aí a mulher dele falou, 'você ainda é nova, é bonita, você tem tudo pela frente; com tudo que ele fez ele é meu marido, eu o amo, porque eu já tenho mais idade, para mim a vida é mais difícil. Só que você não vai ter mais nada com ele ' não.' Inclusive ele foi me procurar quando eu estava lá, eu disse que não queria mais nada porque a mulher dele estava criando o me nino para mim. Esse que eu me perdi foi assim, eu tinha 13 anos, nem sei como. Também foi por causa que ele me iludiu, meu pai judiava muito, bebia.

P.: Seu pai judiava de você?

O.: Judiava de minha mãe. Inclusive uma vez, quando nós ficamos morando um tempo em Guarulhos, meu pai bateu tanto em minha mãe, que ela estava grávida. Eu lembro que eu não tenho mais mãe, sabe, ela faleceu faz uns 8 anos já. Ela punha até sangue pelo nariz, pe la boca, que ele judiava demais dela.

P.: E você chegou a ver isso acontecendo?

O.: Eu via, todos nós víamos. A gente corria, ia dormir no chão do banheiro, de medo. Ou então a gente gritava, chorava, saía, fugia, dormia. Às vezes ia dormir na casa de colega. Esse rapaz mesmo, eu me perdi com ele porque ele falou que ia casar comigo.

P.: O que você sentia quando via seu pai batendo em sua mãe?

O.: Ah, eu sentia uma revolta! Aí dava vontade que ele morresse para deixar a gente em paz. Coitada, e quem foi, foi ela. Quando eu casei minha mãe era viva. Um dia quando íamos chegando em casa ela estava embaixo de uma árvore. Meu marido perguntou-lhe o que havia acontecido, ela disse que não poderia entrar em casa porque meu pai estava bêbado, se ela entrasse ele bateria nela. Minha mãe sempre trabalhou, bem dizer, ela nos criou todos na roça, de empregada. Inclusive, a morte dela foi assim, ela entrou de férias num dia, quando foi no outro, morreu. Disse que entrando de férias iria descansar um pouco. E descansou mesmo para sempre.

P.: Como foi que você se sentiu quando isto aconteceu?

O.: Eu senti muito, porque perder uma mãe é muito duro, por causa
110 que ficaram dois menores, dois irmãos meus menores.

P.: Você tem quantos irmãos?

O.: Nós somos em cinco. Tem a mais velha, tem eu, e tem a outra ,
eu sou a segunda. Essa outra minha irmã, quando minha mãe morreu, e
la ficou com meu pai. Então, eu a levei lá prá casa, ela tinha
115 uns onze anos. Meu pai ligou em casa, disse que era para mandá-la
de volta, senão ele iria se jogar embaixo de um trem. Porque era
ela quem lavava roupa, não tinha ninguém que fizesse comida para
ele. Daí meu marido achou melhor mandá-la de volta. Não passou
muito tempo ela fugiu. Ela conheceu um cara até meio bobo, e foi
120 para a casa desse rapaz, ficou morando lá. Inclusive, também tem
um filho com ele. No caso dela foi a mesma coisa, saiu para poder
fugir de casa.

P.: Mas você não chegou a fugir propriamente, você se entregou a-
creditando numa promessa, não foi assim?

125 O.: Foi prá poder ver se casava, se saía de casa. Levava uma vida
melhor. Mas daí eu também fiquei na casa desse, a mãe dele me xin
gava de negrinha. Me xingava de tudo quanto era nome, porque ela
não queria, não aceitava.

P.: Como é atualmente sua vida com seu marido?

130 O.: Então, agora eu caso com ele, ele passa na minha cara 'você ,
você é vagabunda, você quer o quê, eu te tirei de lá; você não
tem onde cair morta; você tem inveja de mim porque não tem família
você não tem ninguém para te apoiar'. E ainda me jogava na cara ,
'você quer o quê, você tem filho com homem casado'. Respondi que
135 a mulher dele me deu o maior apoio, disse que eu podia ver meu fi
lho quando eu quisesse, mas não falar nada.

P.: Seu marido bate em você O.?

O.: Ah, ele me ameaça, muitas vezes ele me ameaça. Ele esses dias
mesmo falou assim... inclusive hoje chegou tijolo porque ele dis-
140 se que ia fazer um cômodo para colocar as bebidas prá turma não
ver que tem estoque.

P.: Ele chegou a bater em você alguma vez?

O.: Já, ele já chegou a me bater já, só que eu também enfrento por
que eu não aguento. Esses dias meu irmão estava em casa e ele es-
145 tava falando que não aguentava, que eu não tinha mais jeito. Eu

disse que ele tinha que parar de ficar passando na minha cara que eu fui uma prostituta, que eu sou uma vagabunda. Eu sofri tanto . No começo para ele nunca foi assim, porque era difícil. Fomos morar junto com a cunhada, aguentava desaforo, porque eu não tinha
 150 nem uma panela. Depois, fomos morar numa casa que o irmão dele ' fez; ele deixou a gente morar lá a troco de que a gente cuidasse direitinho no quintal. Eu carpia, plantava milho, fazia hortinha, criava criação. Com o tempo o irmão dele foi vendo e passou a casa para o nosso nome. Ele falou assim para mim.... porque ele me
 155 chama de R., porque lá o meu nome era assim, R., mas o meu nome é O. Toda a família dele me chama de R., meus cunhados, minha sogra, tudo. Só pelo lado de minha família que me chamam pelo meu nome. Então, esse meu cunhado falou, 'Agora R., vocês estão casados, passei a casa no nome do C., porque se caso um dia ele virar a cabeça, qualquer coisa você tem onde cair com seus filhos .
 160 Porque quando nos conhecemos, ele trabalhava no bar ao lado da casa. Ele continuou lá ainda por 12 anos. Tá com uns 4 anos que ele saiu de lá. Nós viemos juntos, ele ficou lá, mas eu nunca mais ' pus os pés lá. Ninguém nunca mais me viu lá, depois que ele me tirou de lá. Aí o irmão dele diz isso; eu já estava grávida do segundo filho. Eu falei, 'não sei como agradecer, porque o que eu mais morro de medo é de ficar na rua com as crianças.' 'Aí ele briga comigo e fala assim para mim. Diz que eu não tenho onde cair morta, 'você quer o quê, eu trabalhei sozinho, trabalhei senão nós
 165 não tínhamos nada'. Mas eu nunca deixei de trabalhar.

P.: Quando você disse agora há pouco que reagia, como era isso?

O.: Acontece que ele vem em cima de mim, eu fico nervosa e xingo. Ele me xinga de nome feio, aí eu também xingo. Esses dias mesmo a gente estava jantando. Ele começou a discutir comigo, ergueu, puxou a cadeira que estava sentado e veio em cima de mim. Meu irmão estava perto e não falou nada. Eu peguei outra cadeira e me defendi, disse que jogava nele se ele viesse. Muitas vezes eu penso que morrer para mim é a melhor coisa, eu já sofri demais. Ele diz que vai largar de mim, senão um dia ele me manda para o inferno. E
 175 le também fala que vai dividir a casa, uma hora é para fazer esse cômodo para guardar as bebidas para a turma não ver, outra hora vai repartir a casa para separar de mim. Hoje quando os tijolos '

chegaram, ele queria passar com eles pela cozinha, ia estragar o
piso. Falei que ele podia fazer a repartição, mas que não podia ne
gar nada para os meus filhos. Quando ele me procurou pela primeira
185 vez, não tinha o dinheiro que eu estava pedindo. No outro dia ele
voltou e conversou comigo. Eu disse que ele poderia pagar só o
quarto, para mim não precisava pagar nada, não. Quando eu o vi já
gostei, sabe. Aí nós saímos, e ele ficou gostando de mim. Ele vi-
190 nha e pagava só o dinheiro do quarto. Se ele não tinha eu mesma '
pagava só para ele ficar comigo. Fazia hora para não ficar com os
outros. Aí foi onde a gente resolveu ficar junto. Mas as meninas
me avisaram 'R., homem costuma tirar mulher daqui, depois passam
na cara. Tem muitas que saíram e voltaram.' Mas eu quis tentar mes-
195 mo assim, porque já não aguentava mais. Tem que ficar bebendo o-
brigada, tem que sair obrigada. Muitas vezes eu dizia que não pre-
cisava me pagar nada não, tinha dó de pegar o dinheiro. Eu ficava
com dó, a não ser que eu visse que era um que podia. Eu não servia
mesmo, não dava. Minha revolta, minha revolta é que sempre que a
200 gente briga, ele passa na minha cara isso, me põe por baixo. Tô
de um jeito que parece que eu tô é louca.

P.: Como é que você julga o comportamento dele para com você? A-
cha certo, errado...?

O.: Eu fico achando que ele está errado, porque eu paguei muita '
205 coisa junto com ele. Não era qualquer mulher que sairia de lá e
enfrentaria as dificuldades que nós tivemos. Ele não tinha nada .
Quem tinha um bar era o irmão dele, que ainda era arrendado. De-
pois ele comprou um na frente e eles foram subindo, subindo, né .
Aí nossa situação também melhorou por causa disso. E eu sempre a-
210 li junto dele. Se ele me desse um dinheiro para comprar um vesti-
do, eu comprava por bem menos para economizar e comprar as coisas
para dentro de casa, mais necessárias. Ele dizia 'coitada de você
bem, o dia que nós melhorarmos eu quero te por no altar, você me-
rece'. Eu fico tão revoltada com isso que eu dou murro na porta
215 e começo a beber. Eu bebia, menina, bebia demais.

P.: Você bebia demais no trabalho, profissionalmente, ou em sua
casa?

O.: Eu bebia no trabalho, inclusive quando ele veio comigo pela
primeira vez eu tinha bebido, bebido, bebido, mas eu estava cons

220 ciente do que fazia. Eu bebia, bebia, parecia que não fazia efeito.

P.: Você bebia porque te obrigavam, ou tinha mesmo vontade de beber por si mesma?

O.: Não, ali a dona da casa obriga a gente a beber mesmo, mas vontade eu também tinha. Até hoje, quando eu estou assim revoltada, eu tenho vontade de sentar num lugar, mas beber. Inclusive, ontem fui até a casa da minha cunhada depois de vir aqui, me deu vontade de beber uma Skol que eu vi na geladeira dela, mas ela disse que eu não bebesse mais nada, e eu não bebi. Mas eu bebo às vezes de ficar pensando, porque eu já sofri tanto. Inclusive ele fala prá mim: 'nunca vi uma mulher assim que só quer saber de beber'.

230 P.: Você alguma vez já pensou em se separar dele O. ou nunca desejou isso?

O.: Eu, na verdade, se a gente vivesse bem, nunca desejei não, porque esses 15 anos que eu estou com ele, nunca estive com outro homem. Inclusive, ele mesmo reconhece isso. Ele diz para a mãe dele: 'Ó mamãe, ela não tem defeito nenhum. O único defeito que ela tem é isso. Eu devia ter conhecido essa mulher fora dali. Esses bichos, esses bichos... essas mulheres que viveram lá, isso não é mulher, isso é o cão.'

240 P.: O que você pensa sobre sua história de prostituição?

O.: Eu acho essa vida muito dura, para mim não servia. Senão eu tinha ficado, porque eu era nova. Eu já tinha uma cabeça que não era ali que eu queria. Eu pensava que queria sair dali, mesmo que fosse para ir morar num barraco. Mas por eu ter saído e ter respeitado ele esse tempo todinho, acho que ele está errado.

P.: Mas você não quer a separação?

O.: Não, eu não quero a separação, mas eu queria que ele melhorasse. Porque ele é pirracento demais. ... Quando eu vim com ele não queria engravidar. Eu não queria arrumar filho, tinha medo por causa da bebida. Eu engravidei porque ele quis demais. Inclusive ele chegou a fazer até promessa desse meu primeiro filho. Demorou, ficamos mais de um ano sem conseguir. Aí, ele chegou até a falar isso para mim 'não sei porque fui fazer filho numa mulher dessa!'

255 Eu comecei a chorar, sabe, e dar sôco, e gritar. As crianças nervosas com ele.

P.: Você dava sôco nele ou em você mesma?

O.: Não, nas coisas. Se eu desse nele, ele me empurrava. Quando ele vem mesmo em cima de mim, que eu fico nervosa, eu fecho a porta e me tranco. Inclusive, tem um buraco assim na porta que ele furou tentando abrir. Ele fez assim, falou 'sai daí, eu te mato sua prostituta'. Eu, do lado de dentro, dá vontade de falar prá ele, 'você vai pagar o que está me fazendo, vai pagar! Você me condena porque eu fiz essa vida, mas você tem irmã também'. Sabe, às vezes eu fico pensando que tudo foi só ilusão na minha vida. Essas coisas que me aconteceram, aquele homem, esse de agora que passa todas essas coisas na minha cara.

P.: O que foi real em sua vida?

O.: Foi ele que eu casei, tenho um lar, tenho dois filhos nossos, que foi assim um casamento, né. Casado na igreja, no civil. Mas tem hora que eu chego a pensar que ele deve ter gostado de uma outra, que alguém tenha mexido mais com ele, então ele não liga mais para mim.

P.: Como tem sido a vida sexual de vocês atualmente?

O.: Sei lá, mais a gente briga do que faz sexo. Mas quando a gente transa, eu gosto e ele também parece que gosta, mas só naquela hora. Depois disso, ele vira e dorme. Não é um homem assim, carinhoso. No começo ele era bem mais amoroso, bem diferente mesmo. Ele mudou mesmo depois que nós melhoramos de vida, que ele comprou o bar. Então ele começou a dizer que eu nunca tive nada, que eu não tenho onde cair morta.

P.: Esse bar é o meio de vida de vocês?

O.: É, mas só ele trabalha lá. Eu não fico por causa que eu não tive estudo. Eu não sei nem fazer uma conta. Mal assino meu nome. Então eu também sou revoltada por isso. A moça que me atendeu ontem falou porque eu não estudo. Parece que eu não tenho cabeça mais para isso. Tem dia que eu tenho vontade de procurar um hospital, me internar e ficar, porque eu sinto que estou louca. (Chora) Ele nem com os filhos conversa. (Chorando). Até com os filhos certas coisas eu que tenho que falar. Tempos atrás quando ele me chamou de prostituta, meu filho perguntou: 'Ô mãe, o que é prostituta?' Falei 'Filho, prostituta é uma mulher que cai nessa vida não porque ela quer. Mas se ela casar, se você dar carinho para

295 ela, ela te respeitando, ela pode ser melhor do que qualquer uma
 outra. Por quê?' 'Porque o pai xingou a mãe, falou que a mãe era
 prostituta!' Eu disse que tinha sido mesmo. Eu não tenho vergonha
 de falar para os meus filhos que eu fui, só me revolta que ele fi
 que gritando, fique falando. Porque quando foi para eu sair de lá
 300 eu falei para ele 'aqui tem mulher que diz que homem costuma ti-
 rar elas daqui e depois passar na cara, você vai me passar na ca-
 ra mais tarde?' Ele disse que não. Falou que estava me tirando '
 porque gostava de mim, que eu ia enfrentar junto com ele, que
 quando nós melhorássemos de vida ia me botar em um altar. Mas a-
 305 cho que também em bar tem muito enchimento de cabeça. A maioria,
 que frequenta lá eu sei, um diz que tem uma mulher aqui, outro diz
 que tem uma mulher ali. Inclusive eu conheço uma mulher que trabal
 ha para ajudar o marido, ele ao invés de dar para ela tira e dá
 para outra. Ele diz que homem que faz essas coisas é que tá certo.
 310 Então eu respondi que mulher safada é que está certa, porque mu-
 lher honesta não tem valor. Quando eu ainda estava lá, ele ia me
 procurar, mas às vezes eu estava ocupada, e ele me esperava todo
 sorridente. Hoje, 15 anos eu estou com ele, e sou só dele. Nunca
 arrumei lavadeira igual minhas cunhadas (o irmão dele casou com
 315 uma de lá). Elas não lavam, não passam, e quando querem sair dei-
 xam o filho na minha sogra. Eu nunca fiz isso, nunca fiz nada de
 errado, economizo. Então eu falei para ele 'elas que são boas' .
 P.: Você está dizendo que faz tudo para ser valorizada por ele co
 mo esposa, como dona-de-casa, mas que ele não te valoriza.
 320 O.: Igual para eu vir aqui mesmo. Vou chegar em casa agora e vou
 lavar roupa à noite porque ele fecha o bar tarde. Então, quando e
 le entra para dentro de casa, faz muito tempo que esse homem não
 faz um carinho. Faz muito tempo que ele não passa a mão no meu ros
 to. Ele entra, janta, assiste televisão e às vezes quando finalment
 325 te vai dormir, eu já estou dormindo. Sabe, quando você não tem ca
 rinho você se torna uma mulher fria. Ele vem mexer comigo e eu
 estou morta de sono. Tem um menino que entra às sete horas da ma-
 nhã, porque eu não durmo à noite e ele também não. Dá cada puxão
 na perna, que ele está assustado por causa das discussões uma em
 330 cima da outra.
 P.: Você acha que as discussões, o clima tenso estão perturbando

o desenvolvimento dos seus filhos?

O.: Estão. Meu irmão é o primeiro a bater nas minhas costas e falar 'Aguenta, minha irmã, aguenta!' Tem hora que eu penso que se eu tiver que aguentar é para não passar dificuldades com as crianças. Eu morro só de pensar.

P.: Você já chegou a pensar em ter que aguentar para não ter que voltar para lá? (casa de prostituição)

O.: Não, voltar prá lá eu não quero, eu não tenho vontade. Mas às vezes eu fico imaginando para onde eu vou caso eu venha a me separar. Porque minha família não pode me ajudar, eles não podem nem com eles. Mesmo essa minha irmã mais velha eu sinto que ela tem medo que eu me separe e fique na casa dela. Então eu me sinto sem amparo. Inclusive eu penso e ao mesmo tempo tenho medo, se há uns tempos atrás quando eu era nova, eu tinha muita noção disso, mas não servia para aquela vida, imagine agora com 35 anos do jeito que eu morro de medo de doença. Como agora, eu estou esse tempo com ele, se por acaso fosse para eu aceitar, eu fico com medo dessas coisas de doença. Quer dizer que eu acostumei a ficar com um homem só, apesar dele ser desse jeito. Nós chegamos a ficar quase um mês... Se eu fosse uma mulher sem vergonha já teria procurado outro. Às vezes eu fico imaginando se um homem fica um mês sem procurar uma mulher. Quando ele sai eu fico imaginando que pode ter ido para um motel com alguma mulher.

P.: Você espera que ele melhore algum dia O.?

O.: Não sei, faz tempo. Agora estou vendo esta situação. Ele com esses tijolos, não sei se ele vai dividir o cômodo que ele vai fazer. Eu não sei o que pensar. 'Você não era nenhuma fechadinha', ele fala. Eu já escutei tanta coisa, me chama de arrombada, prostituta, me chama de tudo quanto é nome. Outro dia ele e os fregueses do bar falaram que eu era boa. Falei 'não tem nada demais achar que é boa, mas só que você vive me rebaixando dentro de casa.'

P.: Você alguma vez em sua vida pensou ou tentou se matar?

O.: Ah, eu não sei. Eu já pensei tanta coisa de ruim. Eu já pensei muitas vezes. Eu até bebi para ter coragem. Até mesmo agora, muitas vezes dá vontade de fazer isso. Quando ele vir para me matar deixar ele fazer isso. Mas, parece que eu nunca perco assim, a consciência, aquela coisa...

P.: A vontade de viver....

370 O.: Isso. Eu quero viver, mas não é essa vida que eu quero, sabe. Eu quero ser feliz. Porque quando eu vejo uma pessoa que é feliz, eu tenho inveja. E sabe, você vê, marido com a mulher. Tá num lugar, os dois saem. Porque ele não sai comigo. De primeiro ele saí a, sabe, agora não sai mais. Ele diz que quando a gente sai junto, 375 que eu só brigo com ele. Por isso eu tenho dúvidas se ele ainda gosta de mim. Porque ele já disse que se ainda está tentando comigo, é pelas crianças. Esses dias eu fiquei tão, mas tão revoltada que me deu vontade de abandonar a casa, as crianças. Cheguei a tirar a roupa de dentro do guarda-roupa, abri um lençol, ia fazer um 380 trouxa igual quando eu saí de lá. Só que eu não sabia para onde ir. Eu nunca tive apoio não. Para você ter uma idéia, já com sete anos fui trabalhar de doméstica prá poder trocar com a comida e a roupa do corpo. Em Guarulhos cheguei a trabalhar muito tempo na casa de um escrivão. Inclusive a mulher dele gostava muito de mim, 385 me tratava como se fosse filha. Eles iam para restaurante e me levavam, me ensinavam a comer, como se proceder nos lugares. Já passei tanto na vida. Só nunca matei, também nunca roubei ninguém graças a Deus. Mas assim de sofrer, sabe. Só ser rejeitada, isso quase sempre fui. Agora caso com ele e ele me rejeita. Meus próprios 390 filhos já fazem isso, pensa que eles me respeitam?

P.: Seus filhos não te respeitam?

O.: Quase não me respeitam não. Na escola são educados, eu converso com a professora, elas falam. Em casa quando as crianças não fazem as coisas do jeito que meu marido quer, ele xinga, fala que 395 elas são sem-vergonha. Eles são assim nervosos, acho que devido ao clima dentro de casa. Por isso tenho medo que mais tarde eles venham a passar o que eu estou passando. O menor é nervoso, mas é nervoso! O maior ainda é mais calmo, mas a gente vê que ele guarda dentro. Ele fica pálido, não sente, sabe, só que ele não fala nada. Agora, o pequenininho já chegou a entrar no meio de briga 400 nossa feia. Ele falava para o menino assim 'Sai da frente F., sai da frente que eu mato essa desgraçada'. E ele ficava na frente. O menino ficava na frente, esse meu mais pequeno. Ficava na frente. Então eu disse para ele que se ele fosse me mandar para o inferno, 405 que mandasse eu e meus dois filhos, porque não vou largá-los na

mão de ninguém não. Porque a família dele não quer tanto bem às crianças, já que eles nem vão lá visitá-los. Eles não vieram por um acaso, ele quis demais, agora está parecendo que ele só quis mostrar que faz filho.

410 P.: Seu marido bebe?

O.: Não, ele não bebe e também não fuma. Mas ele disse que eu fumo e bebo também. Eu não bebo todo dia não, não bebo de cair, não bebo no bar, mas tem dias que eu trago cerveja para dentro de casa. Quando ele sai eu me tranco dentro de casa, escondo, penho uma
415 ma na geladeira e bebo. Aí eu começo a chorar, aí eu choro, choro. Às vezes meu menino fala 'mãe, por que você tá chorando?', meu pequeno está sempre me rondando por perto. Eu digo que não é nada, que eu não estou aguentando. Quer dizer que eu não sei. Ele fala que eu estou louca. Eu acho que eu não sei se eu estou louca mesmo
420 não. Não sei o que fazer de minha vida. Não sei se eu fico em casa mesmo, se eu fico ali fazendo a minha obrigação e largo ele prá lá. Se ele quer fechar lá, que feche, eu fico só aqui com as crianças. Nem que fosse para eu tomar conta dos filhos das mulheres de lá. Mas daí eu penso, eu vou ganhar pouco com isso, e ele
425 vai subir, vai subir. Eu não mereço também? Eu comeci a vida com ele, não foi fácil. Uma vez eu falei, eu assino a minha parte para os meus filhos e vou embora, nem que seja para ficar embaixo de uma ponte. Vou pro mundo. Só que um advogado me aconselhou a não fazer isso. Disse que eu não podia largar tudo assim. O que
430 ele está querendo é isso mesmo, que eu largue dele, que eu deixe minha roupa, que eu saia. Ele está com bronca, quer passar o tijolo pelo meio da cozinha, sendo que o ladrilho dela parece taco, é muito bonito. Falei, no meio da cozinha você não vai passar com esses tijolos não, não vai passar. Tô cheia de derrubar a casa em
435 cima de mim para poder fazer isso, fazer aquilo, e eu sempre limpando, limpando, e tomo o nome de quê.

Análise da Entrevista (Caso Otília)

Dados principais:

- 1) Queixa básica: violência psicológica do marido, que não aceita sua história de prostituição. Ele lhe ofende constantemente com palavras de baixo calão, menosprezando-a mesmo diante dos filhos, fazendo questão de chamá-la de "prostituta". Também a humilha por não ter tido recursos nem uma família que a apoiasse, e ter tido um filho de um homem casado. Em resumo, ele usa a história dela como arma para agredi-la.

- 2) Caráter repetitivo da queixa: isto vem ocorrendo desde que a situação financeira do casal melhorou. No início eles enfrentaram muitas dificuldades, mas O. sempre fez economia e trabalhou muito para ajudar o marido. Ele dizia que "iria colocá-la em um altar quando as coisas melhorassem". Não só não fez isso como passou a jogar-lhe diariamente "na cara" o seu passado. Além de não valorizá-la também não lhe dá carinho, o que fez de O. uma mulher fria.

- 3) Explicitação ou não de desejo de separação; argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência: O. não deseja a separação; quer apenas que "ele melhore". Também não apresenta nenhuma argumentação lógica sobre os motivos que a têm mantido nesta situação de violência psicológica simplesmente porque não tem consciência disso. Ao contrário, teme que ele a abandone e fica sobressaltada quando ele ameaça de separar-se dela. Ocorre que ele a "salvou" de um mundo hostil e cruel; separar-se de ele significa ficar sozinha novamente, e possivelmente voltar para "aquele" mundo.

- 4) Atitudes de submissão: o irmão instiga-a à submissão estóica: "agüenta, minha irmã, agüenta!" O sujeito admite que suporta para não passar dificuldades com as crianças. Ela sabe se defender quando ele tenta lhe agredir, mas passa por períodos de grande de pressão e desnorteamento (já pensou em abandonar a família e sair

pelo mundo). Contudo, apesar das constantes brigas das quais ela também participa revidando com palavras, O. se submete àquela situação onde a sua pessoa sofre ataques e depreciações rotineiras.

5) Reação diante da violência do marido: quando O. percebe que seu marido "vem para lhe bater" ela corre, fecha a porta e se tranca. Trancada chora, dá sôco em objetos e grita. Também chegou a enfrentá-lo com uma cadeira. Em geral xinga, devolvendo os mesmos "nomes" que recebe dele. Em todas estas situações fica muito nervosa.

6) Dados relevantes de sua história de vida: ocupando a segunda posição em uma constelação familiar de cinco filhos, o sujeito conheceu desde muito cedo e conviveu com a tirania do homem sobre a mulher. Seu pai bebia e espancava barbaramente sua mãe. Diante disso as crianças gritavam, choravam, corriam com medo. Às vezes dormiam no chão do banheiro ou na casa de um colega. O. sentia revolta e desejava que o pai morresse. Aos sete anos foi trabalhar como doméstica em troca de comida e roupa do corpo. Depois passou a fazer serviços braçais em ambiente rural. Nunca frequentou a escola. Aos treze anos conheceu um rapaz que prometeu casar com ela e tirá-la daquela casa. O resultado foi que O. "perdeu-se" e o pai a pôs para fora de casa. Chegou a morar por algum tempo na casa do rapaz, depois saiu e veio para Campinas. Ficou desorientada, vagando pelas ruas, dormindo atrás da igreja. Aos dezessete anos conheceu um homem casado que lhe prometeu apoio e moradia se ela engravidasse. Ao descobriu seu estado civil, O. recusou-se a continuar com ele entregando-lhe a criança para que criasse. Ele a levou então para uma casa de prostituição. No começo esta não sabia como se portar. Aprendeu com muito sofrimento que tinha que beber obrigada, tinha que "sair" obrigada. Não conseguia se adaptar àquela vida; às vezes nem cobrava de seus clientes. Decorridos dois anos conheceu um rapaz solteiro que trabalhava num bar próximo. Ele a tirou dali para tentar uma vida em comum. No começo foi muito difícil, pois não possuíam nenhum recurso. Com a ajuda do irmão aos poucos foram melhorando sua situação financeira até que seis anos depois, ele casou com ela. O. não conseguia en -

gravidar, mas ele queria muito, fêz até promessa. Tiveram dois filhos. Ela sempre trabalhou muito, mas seu marido não reconhece isso. Ao contrário, passou a rememorar seu passado de uma forma insultuosa. O sujeito se martiriza com este procedimento do marido. Atualmente, seu primeiro filho está com quatorze anos, mas não sabe que ela é a mãe, apesar de conhecê-la. Sua mãe também faleceu há oito anos, sendo que trabalhou até a véspera de morrer. Sofreu a vida toda os desmandos de um homem prepotente e alcoólatra, e foi até a morte a vítima silenciosa da violência que dilacera a carne. O sujeito admite que já "sofreu muito na vida", principalmente do "mal de rejeição", que não ocorreu apenas no passado mas que continua acontecendo no presente, quando seu marido e seus filhos lhe rejeitam. O. sente inveja das pessoas felizes.

7) Ocorrência de alcoolismo do marido; associação entre o alcoolismo deste e a violência contra a mulher: o marido não bebe assim como não possui qualquer outro vício. Neste caso quem bebe é a mulher em momentos de grande desespero. Ele a critica por isso sugerindo que é estranho uma mulher beber. É mais um argumento que usa para menosprezá-la. Apesar de tudo, O. foi fiel ao marido e nunca mais pôs o pé em uma casa de prostituição.

Análise interpretativa:

1) Dinâmica interna do sujeito: este caso caracteriza-se por um profundo sentido de desorientação e de desnorteamento que pode ter sido originado nas vivências da infância. Este desnorteamento levou-a aos caminhos da prostituição, cuja marca indelével permanece como um estigma mordaz que cobra eternos tributos. A dinâmica deste caso funda-se em dois sentimentos básicos: a rejeição e a culpa. Vê reproduzido no seu cotidiano o engrama da rejeição ; foi rejeitada na infância, pela sociedade, pelo marido e pelos filhos. Carrega uma culpa milenar que se extravasa pela via da prostituição, e é expiada por fortes tendências masoquistas. Tem na figura materna um modelo determinante em direção à submissão e ao masoquismo feminino. Já a figura paterna exerce um domínio bru-

tal; é rejeitadora e impiedosa. Não pode, portanto, encontrar carinho e amor nas suas relações com homens. Seus dois nomes indicam que a sua identidade está muito mesclada e contaminada pela prostituta, mesmo não exercendo mais a profissão. Por isso, o casamento na igreja, no civil, os filhos são a única realidade possível, pois sente redimida pela sociedade a prostituta que há dentro dela. Contudo, a sua realidade interna não se deixa enganar por uma fachada e sucumbe à depressão, ao alcoolismo e aos pensamentos suicidas. Perdida entre seus sentimentos e as cobranças do mundo externo O. vê-se envolvida em intenso estado confusional que afloram à sua consciência como sensação de estar louca. São flagrantes seu estado de desamparo e sua carência afetiva. O fato de ela não conseguir cobrar muitas vezes de seus clientes atesta que não encarava a prostituição como uma profissão ("não servia para aquela vida"), mas que estava vinculada a ela por fortes tendências masoquistas. Não podia usufruir daquilo que lhe era de direito, mas estava condenada à mendicância, ao abandono e ao desprezo das pessoas. Apesar de toda a sua tendência auto-destrutiva, ainda mantém dentro de si um centro propulsor da vida que não permite a desestruturação de sua personalidade, e é responsável pelo seu desejo de estar viva e sua busca da felicidade.

2) Dinâmica da relação: o casal briga frequentemente; movido por discriminações sociais e pelo seu próprio machismo ele não consegue aceitar o passado da esposa. Na verdade, este fato passou a ter relevância quando a situação financeira melhorou, momento em que passou a desvalorizá-la e a cobrar o seu passado sombrio. Com isto evidencia-se sua frágil estrutura egóica, sua insegurança e sua preocupação para com o juízo social, além de um profundo desamor para com O.. Esta, contudo, tem nele o seu salvador, o homem que lhe tirou de "lá" e lhe garantiu o respeito da sociedade. É necessário a figura de um homem que garanta a credibilidade das pessoas sobre sua reputação, razão pela qual ela não podia sair de lá sozinha. Por isso é tão ameaçadora a idéia de separar-se dele (representada pelos tijolos), pois paira a ameaça de voltar para lá. O. sente-se lesada e enganada pois ele lhe prometeu um "altar" e lhe dá insultos e agravos. Não reconhece e não valoriza o

seu esforço em adaptar-se e desempenhar bem os papéis de esposa, dona de casa e mãe. Para o sujeito o seu lar é o seu mundo e devolve-lhe o sentido de orientação e apoio. Em nome disso manteve-se fiel e nunca mais voltou "lá". A idéia de um lar está associada a calor e afeto, ajuda-a a situar-se dentro e fora de si e elimina o risco de sair perambulando pelo mundo como um "pobre diabo" à procura de afeto e de um "porto" em que possa ancorar-se. O. sente-se muito insegura na relação, pois além da falta de amor e de carinho ele lhe procura com muito pouca frequência. Aquele amor à primeira vista, que na verdade era a projeção das próprias necessidades no outro e os aproximou de imediato, agora parece ter se diluído e cedeu lugar ao ressentimento e à desconfiança. E eles convivem opondo em suas dissidências o desprezo dele à dependência dela. Amaldiçoada pelo companheiro, ambos não conseguiram assimilar um passado que se faz presente e se interpõe entre eles. Confusa, O. não sabe se protesta ou se continua fazendo a sua obrigação em silêncio e o deixa erguer o muro que os separará.

3) Dinâmica familiar: o fantasma da prostituição está presente na dinâmica familiar, pois os filhos participam das brigas dos pais e ouvem acusações mútuas. O pai não conversa com os filhos, apenas faz valer a sua autoridade com estupidez quando quer ser obedecido. O., na posição constrangedora deixada pelo marido, tenta explicar aos filhos o que é uma prostituta, e se justifica diante deles pelo seu passado. Influenciadas pelo exemplo do pai, estão começando a desrespeitá-la e menosprezá-la, apesar de gostarem dela e lhe estarem mais próximos. Sem poder, O. tranca-se no quarto para beber, mas não é abandonada pelo filho mais novo que lhe tem especial atenção (ele pode estar vivendo psicologicamente uma relação edipiana com a mãe). O ambiente extremamente tenso gerado pelas brigas constantes do casal repercutiu desfavoravelmente no desenvolvimento psicológico das crianças deixando-as nervosas e com sono agitado. Além disso, pode estar gerando um conflito entre aliar-se à mãe e defendê-la do pai (como já ocorreu), ou aliar-se ao pai e desprezar a mãe. O desejo de O. de unir-se aos filhos para ser morta com eles pelo marido revela em grau extremo seu sentimento de rejeição e de alienação das pessoas, e inclui

os filhos, uma extensão que se desgarrou de seu corpo, como vítimas indefesas do homem impiedoso e cruel. Isto tem uma conotação de tragédia mórbida, e recai no determinismo de uma fatalidade. O mesmo ocorre com a irmã, escrava de um pai-patrão, e com cuja história se identificou. A prostituição é uma experiência presente, direta ou indiretamente, na vida de membros das duas famílias e está muito intimamente ligada à história de cada um.

4) Contato Social: se processa de forma caótica e desordenada. Sua desorientação interna impede-lhe de estabelecer com as pessoas vínculos fortes e duradouros. De forma geral sente-se discriminada e rechaçada pela sociedade, contudo, o apoio da mulher que criou seu filho e que deveria ser sua rival teve para ela um efeito indulgente e valorizador. Por outro lado, também teve uma conotação "feminista" no sentido de que as mulheres se unem e se solidarizam entre si para remediar os "males" provocados pelos homens.

5) Mecanismos de defesa utilizados: neste caso o sujeito parece muito mais imerso em um estado confusional que lembra os estados borderline (limiar entre a neurose e a psicose); as defesas, portanto, não parecem bem estruturadas.

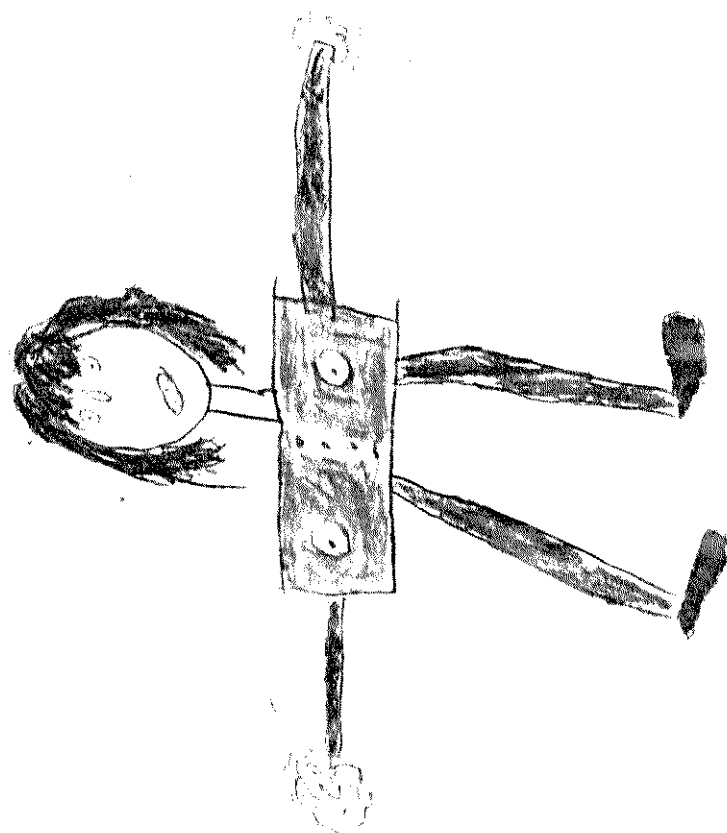


Figura Humana

FIGURA HUMANA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: diante da proposta da pesquisadora de que sejam feitos alguns desenhos, o sujeito leva um susto muito grande. Diz que não sabe ler e escrever, muito menos desenhar. É explicado que não está sendo avaliada a qualidade artística dos desenhos, não importa que ele seja bonito ou feio, mas o que ela fizer está bom. Para isso não é necessário saber ler e escrever; crianças não alfabetizadas já fazem suas garatujas. Com muita oposição e dificuldade ela parece entender; diz que o único desenho que sabe fazer é uma casa. A pesquisadora solicita-lhe então o desenho de uma figura humana; Otília começa a fazer uma casa. Inquirida sobre o que está fazendo responde "uma casa". Só então se dá conta de que havia sido pedido outra coisa. O sujeito é instruído para terminar o que está fazendo, e só depois executar aquele que foi solicitado a princípio. Enquanto executa os dois desenhos ela ri muiro, e fala sem parar a respeito do seu cotidiano, de seus filhos inteligentes que desenhavam bem, de seu marido. Na produção da figura humana aponta "essa daqui acho que sou eu". No momento que está colorindo acrescenta mais uma linha (inferior) no braço direito e diz: "eu fiz uma flor ao invés de fazer a mão!". E comenta: "eu faço tudo para agradá-lo, nem saio de casa. Não sei porque não dá certo. Eu gosto muito dele, faz nove anos de casados, sendo que ficamos seis anos juntos. Nunca tive outro homem." Terminada a tarefa Otília é inquirida a respeito do sexo de sua figura humana. Para surpresa da pesquisadora trata-se de um homem, e possui dezenove anos.

Estória: "Esse homem é o marido que eu conheci. É meu marido que conheci em outro mundo onde vivi, que é com ele que eu estou há muitos anos. Ah, ele é muito nervoso (o cabelinho está parecendo ele), muito bravo. Mas ele é bom. Só que eu gostaria que ele não me ofendesse tanto com palavras, com o que eu fui no passado. Porque eu dou valor no meu lar. Só que eu me revolto muito com as palavras porque acabo ofendendo ele também, né. Então eu queria que ele fosse diferente. Só que não sei como podia mudar. A gente vai tentando até que Deus ajude que um dia melhore, é o que eu espero.

Porque é triste não ter onde ficar, não ter um lar. Não tem como a casa da gente, um marido, os filhos. Ser feliz, né." (Eu acabei contando a minha história).

Título: Só quero ser feliz

Inquérito: - Onde esta figura se parece com seu marido? O cabelo é parecido, e aqui também (aponta o tórax); ele usava um guarda-pó amarelo.

- O que é o outro mundo? É onde eu vivi. É um mundo diferente. Ali você faz em pé sem querer. É obrigada a beber. A gente não quer uma coisa e ter que fazer é horrível.

- Quais são as palavras a que você se refere? "Prostituta", "você quer o quê, te tirei de lá, você não tinha onde cair morta, só tinha uns panos de bunda", "você quer sair vai você, eu não vou"; também chama de "vagabunda". Quando ele me chama de nome feio, eu também xingo, falo palavrão.

INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DOS TESTES GRÁFICOS

Sujeito: Otília

1ª Produção: TESTE DA FIGURA HUMANA (Machover, 1949)

1) Posição da folha de papel: a folha foi apresentada horizontalmente ao sujeito. Não houve rotação, o que sugere tendência à colaboração e aceitação de sugestões. No entanto, involuntariamente ela desenha uma casa ao invés de atender à solicitação da pesquisadora. Possivelmente isto não seja devido a uma atitude negativista em relação ao meio ambiente, mas um indício à perseveração (visto que a casa era uma figura familiar) e à volta em direção ao mundo interno, o que dificulta ouvir as solicitações do meio.

2) Localização do desenho na folha: centro, tendendo para a metade direita. Estes dados isoladamente sugerem equilíbrio, segurança, extroversão, atividade, socialização, pessoa centrada em si mesma. Contudo, considerando o quadro geral do desenho e das associações, isto induz muito mais a uma tendência defensiva da personalidade de caráter compensatório. Urge xecar isto ao lado de outros indícios.

3) Tamanho: médio; o significado seria semelhante ao item acima. Entretanto, com base em outras evidências, também neste item deve-se por em questão sinais adaptativos que o sujeito procura insinuar.

4) Traçado: descontínuo, o que traduz indecisão, falta de energia e esforço auto-dirigido. As linhas são de grossura média, o que está ligado a relativa vitalidade, espírito de iniciativa e confiança em si; meio termo. Esta interpretação parece contradizer a anterior, relativa ao traçado. Isto mais uma vez reitera a importância de não se ater a significados isolados. Há predominância quase que absoluta de linhas retas e ângulos, o que denota rigidez, intransigência e capacidade limitada para fazer amigos, além de constituir uma evidência de humor agressivo.

5) Linha de base: ausente, o que denota falta de contato com a realidade, predominância do mundo de fantasias.

6) Detalhes: a figura é rica em detalhes a serem comentados. Observa-se a ausência de abdomen, o que resulta em pernas muito compridas e sugere intensa repressão à sexualidade. A presença de botões na linha mediana do corpo indica que o sujeito pode ter preocupações somáticas, assim como denota infantilidade e dependência afetiva. As mamas em transparência, além de negação da realidade, supõem privações orais e afetivas com resultante fixação nesta zona erógena. A contradição está em que este desenho, tratando-se de uma figura masculina não deveria apresentar seios. Outro detalhe que feminiliza a figura são os cabelos compridos. A boca oval com dentes indica que o sujeito pode ser oralmente agressivo e sádico. As mãos em flor, como ela disse, sugerem mais um punho fechado e apontam para uma agressividade reprimida. Na verdade elas parecem ter sido acopladas aos braços (duas varas em riste). Tudo isso indica enormes dificuldades de contato, pois ao mesmo tempo que tenta se comunicar com suavidade e delicadeza de forma a corresponder aos padrões sociais, é traída por primitivos impulsos agressivos. O pescoço demasiadamente longo sugere que o sujeito está tendo dificuldades em controlar e dirigir seus impulsos instintuais. A flagrante falta de simetria desloca a cabeça e o pescoço em direção à parte esquerda do corpo. Isto, além de indicar sentimentos de insegurança e inadequação, sugere o predomínio do lado esquerdo do corpo, que está ligado às forças do inconsciente, à prevalência dos impulsos instintuais e de tendências intuitivas. A forma retangular do tórax sugere rigidez e automatismo mecânico; afetos coartados. Esta "armadura" pode estar sendo utilizada como defesa e proteção dos afetos cuidadosamente "guardados". Os olhos redondos parecem ter sido dilatados, e podem estar expressando além de medo e pavor, possíveis tendências paranóides.

7) Uso das cores: as cores utilizadas pelo sujeito são o azul, amarelo, vermelho e preto. O uso do vermelho e do preto parece estar mais em função dos aspectos que eles pretendem representar e que convencionalmente se caracterizam por estas cores (cabelo, sa

199

patos, a pele). Revela com isso capacidade de adaptação aos padrões sociais. Já a escolha do amarelo justifica-se como sendo a cor representante do marido (ele usava um "guarda-pó amarelo"). Por outro lado vermelho e amarelo são cores quentes, e seu uso de nota extroversão, atividade, reações emocionais fortes. O azul representa as forças reguladoras da afetividade, um controle mais através da razão. É uma das cores que compõem a síndrome normal.

8) Aspecto geral da figura: pelo seu aspecto rígido e quadrangular, a figura lembra um robô em que as partes foram acopladas uma à outra para constituir um todo semelhante a uma pessoa. O resultado é que esta "pessoa" não comunica a idéia de um todo harmonioso, mas de partes compartimentadas e fragmentadas, independentes uma da outra que não mantêm nenhuma comunicação entre si. O sujeito parece não ter muita consciência de si, nem ter uma identidade própria. A confusão quanto à determinação da identidade sexual da figura vem de encontro a isto (no início da execução diz que a figura é ela mesma, depois quando termina é um homem, seu marido). Sinais gráficos já discutidos também apontam para uma ambigüidade quanto à presença de caracteres sexuais secundários. Para este caso não parece viável a hipótese de homossexualidade, apesar da figura humana ter sido declarada como masculina. Parece mais provável a hipótese de perturbação na identificação sexual e a forte influência da figura do marido sobre sua personalidade. Uma possível dependência emocional e dificuldade de afirmação pode tê-la levado a literalmente vestir a camisa dele, e deixar que "ele falasse por ela".

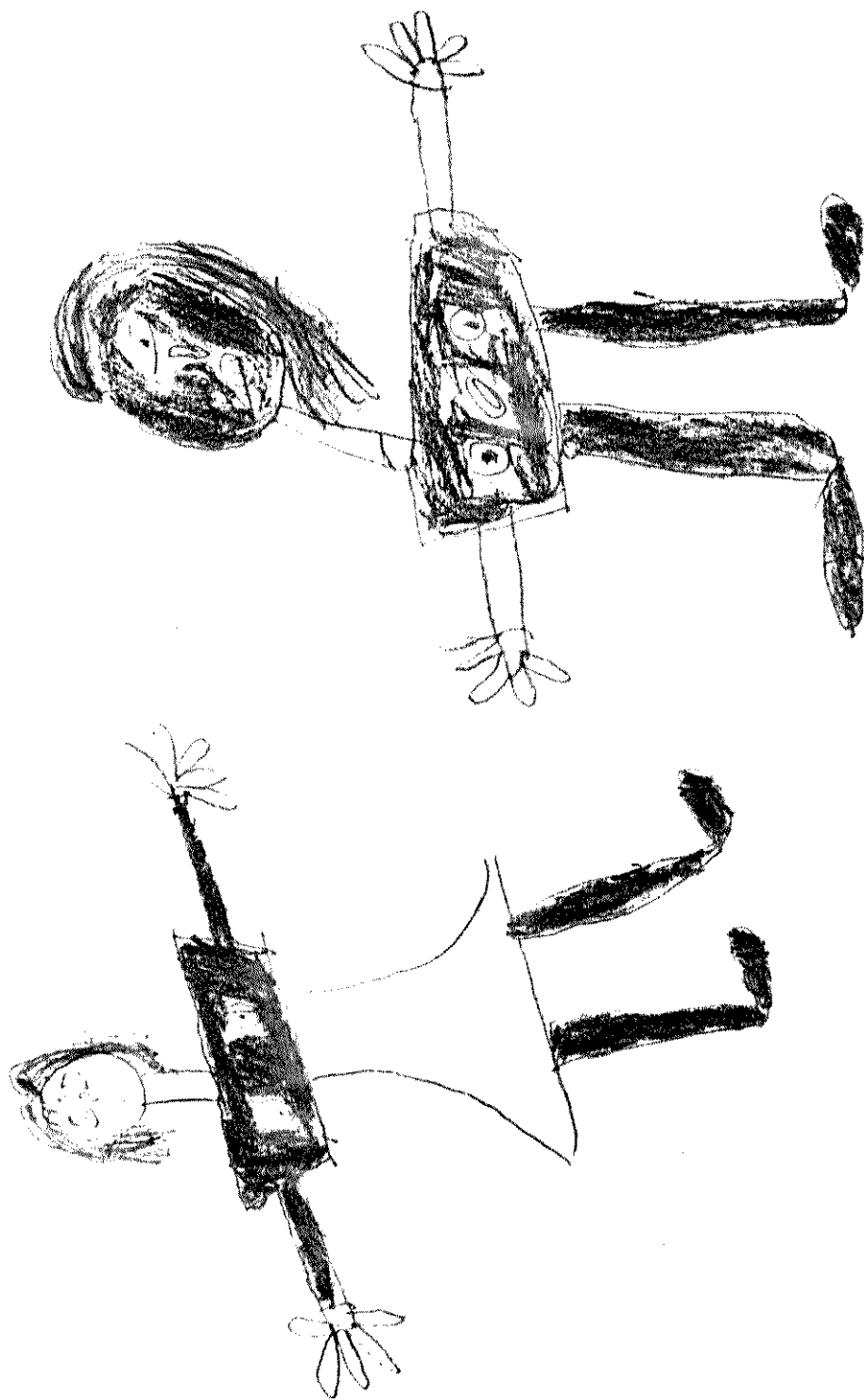
9) Análise das associações: observa-se explicitamente que o sujeito realizou uma projeção consciente, não só nesta como em todas as suas produções. Isto se deu de uma forma quase que automática, com pouca ou nenhuma intervenção dos processos mentais. Pareceu muito mais uma transposição simples e sem retoques do seu cotidiano e de suas preocupações rotineiras; uma atividade tal como se ela estivesse pensando alto. Isto associado ao fato dela falar ininterruptamente enquanto desenha demonstra, além de fraça capacidade de elaboração, uma necessidade compulsiva de falar de si mes

ma. A temática da estória refere-se às suas dificuldades de relacionamento com o marido, que a ofende constantemente com palavras. Estas referem-se ao seu passado e ao papel que ela desempenhou no "outro mundo", o de prostituta. Ele não a perdoa por ter sido uma prostituta. Otília revida agredindo-o verbalmente. Ela gostaria de mudar sua situação, mas sente-se impotente para fazê-lo. Espera soluções mágicas da profecia divina. A manutenção do seu casamento representa a garantia de um lar, o respeito da sociedade e a redenção pelo seu passado. Contudo, ela não pode redimir-se porque ele não a redime, ou vice-versa. Otília não consegue apagar seu passado na zona de prostituição, que permanece vivo e presente tal qual o estigma "que queima a alma" impedindo-a de ser feliz. Na verdade, é seu próprio superego quem lhe condena pelo seu passado obscuro e irremediável. Aprisionada entre sua culpa e as marcas de sua própria história, resta refugiar-se no convencionalismo de um casamento. Neste sentido é completamente dependente do marido e de sua proteção diante da sociedade. O nome da estória, ao mesmo tempo singelo e revelador, além de explicitar o seu desejo exime-a de toda culpa.

10) Compreensão dinâmica geral: vários sinais apontados no decorrer desta análise configuram um quadro de atmosfera psicótica:

- figura de aspecto mecânico, com extrema rigidez;
- tendência à perseveração;
- monólogo interno automatizado, o qual provoca perturbação na capacidade de comunicação;
- ambigüidade quanto à identidade sexual pode estar associada a alterações no esquema corporal.

Tudo isso sugere transtornos emocionais graves e despersonalização. Contudo, o sujeito ainda conserva elementos adaptativos, o que descarta a possibilidade de franca psicose, mas situa-o dentro da zona fronteira borderline.



Teste das Duas Pessoas

TESTE DAS DUAS PESSOAS: PARELHA VERBAL

Execução: começa por uma figura feminina, muito semelhante à figura humana anterior e diz: "Quase que eu esqueço de por as mãos de novo. Estou com falta de ar! (mostra a roupa apertada e abre um botão) Eu encontrei com a mulher que cuida do meu filho". Otília faz o desenho de uma pessoa, colore e esquece da outra. A pesquisadora reafirma que são duas pessoas. Ela diz que uma coisa que "guardou" foi este filho que não ficou consigo. Pede a borracha, "queria fazer dois olhos e fiz um só". Informada de que não é possível usá-la tenta fazer a figura de perfil. Comenta: "Hoje eu estou esquecida, tem dia que eu estou com a cabeça longe!". Deixa a figura com um olho só, e começa a colorir o rosto de preto.

Personagens: Otília (35 anos); Felizberto (26 anos, irmão desta).

Estória: "Eu tenho muita dó desse meu irmão, porque ele não estudou, como eu. Nunca pôde arrumar um bom serviço e está sempre atrapalhado. Acho que é por isso. Ele também saiu cedo de casa. Nunca teve sorte na vida. Agora ele trabalha como motorista de táxi e eu fico muito preocupada, porque tenho medo que aconteça alguma coisa. Porque ele já foi tão sofrido desde pequeno, como todos nós lá de casa. Ele tem vontade de ter uma casa, mas sei lá, parece que ele não consegue. Às vezes quando ele tenta, a gente pensa que ele está indo para frente, aí pronto. Ele também viveu e vive aonde eu morei. Ele é motorista lá. Todo mundo que vive ali fica meio pirado. Eu desejo que ele saia de lá, desejo tudo de bom para ele, porque lá é um lugar muito perigoso."

Título: Um rapaz que queria ser alguém, mas que não teve condições

Inquérito: - O que vocês dois estão fazendo aí? A gente está conversando, ele sempre vai em minha casa. O apelido dele é robô. Eu gosto muito dele.

- Por que "lá" é perigoso? Porque pode sair tiroteio, aparecer la drão. Eu queria que ele saísse daquele lugar.

- Você está se referindo ao "Itatinga", a zona de prostituição de Campinas? Isso mesmo.

2ª Produção: TESTE DAS DUAS PESSOAS (Bernstein, 1959)

1) Posição da folha de papel: a folha foi apresentada horizontalmente ao sujeito; não houve rotação, o que sugere tendência à colaboração e aceitação de sugestões.

2) Localização do desenho na folha: centro; a interpretação com as devidas ressalvas é a mesma do desenho anterior.

3) Tamanho: médio; ídem ao anterior.

4) Traçado: descontínuo; linhas de grossura média; predomínio de linhas retas e ângulos. São válidos os mesmos comentários do deseenho anterior.

5) Linha de base: ausente; significado idêntico ao anterior. Nota-se que dentro da falta de contato com a realidade, a posição das duas figuras difere no sentido de que a masculina parece melhor "apoiada" do que a feminina. Esta última está num plano superior, está inclinada para trás, e parece estar flutuando "no ar".

6) Detalhes: de uma maneira geral os detalhes seguem o mesmo padrão da produção anterior. São figuras quadrangulares, tipo robô. Ela tenta dar outro formato às mãos que não perdem, contudo, a característica de flores (os dedos mais parecem pétalas). Os seios são visíveis, tanto na figura masculina quanto feminina. O mesmo ocorre com os dentes, o pescoço comprido, o tórax tipo armadura. A figura masculina continua sem abdômem, no entanto, a feminina o tem estranhamente estilizado. O caráter aberrante desta produção está no uso das cores e na estranha aparência da figura masculina, que mais parece um cíclope. A cabeça suspensa lateralmente por um pescoço longo e fino parece estar prestes a rolar tronco abaixo. O sujeito pretendia fazer uma figura com dois olhos, mas "traiu-se" e acabou se esquecendo. Tentou dissimular através do penteado dos cabelos, mas a posição do nariz e da boca revelam claramente que a figura está de frente. Por outro lado, este único olho foi bastante valorizado, não só pelo tamanho, como pela presença

de cílios e pela pupila colorida de um vermelho vivo (cor maravilhosa), o que indica possíveis tendências homossexuais. O nariz fino e comprido pode estar relacionado à impotência sexual. A boca formada por uma linha reta e uma linha curva parece muito mais deformada em função de uma "careta". As pernas e pés são desproporcionais, sendo que o lado direito do corpo (incluindo pernas, tórax, pescoço e cabeça) parece mais "forte" e desenvolvido que o esquerdo. Ambas as figuras possuem braços abertos, o que pode estar relacionado com suas posturas rígidas, mas também traduz um pedido de aceitação, atitude de espera e passividade. A figura feminina apresenta o tórax desproporcional ao abdômem. A "armadura" localizada na parte superior do corpo (tórax) parece destinada a proteger seus afetos. O rosto parece inexpressivo e apagado, bloqueando assim sua função de comunicação social. A boca em linha reta com dentes reforça a agressividade verbal do sujeito. Nos olhos, as pupilas foram omitidas o que pode expressar culpa em relação a tendências voyeurísticas, mas também dificuldade de comunicação social, personalidade "indiferenciada". O nítido "estragulamento" situado na cintura revela cisão, separação entre a parte afetiva-emocional e as pulsões instintivas. De qualquer forma a parte abdominal (representante das pulsões instintivas) é maior e mais desenvolvida que o tórax (função afetiva-emocional).

7) Uso das cores: foram selecionadas e utilizadas as cores, preto azul e maravilha de uma forma extremamente aberrante. O que na produção anterior havia se revelado como adequado em relação ao uso convencional das cores, aqui perde completamente o sentido. A figura feminina teve seus braços e pernas pintados de preto, enquanto a masculina teve os seus pintados de azul e maravilha, respectivamente. O tórax de ambos é preto, assim como o rosto da figura masculina. Isto, mais do que revelar um uso convencionalmente inadequado das cores, aponta para uma grave descompensação da personalidade do sujeito, quanto à área afetivo-emocional. Principalmente no que tange à figura masculina, o uso do preto além de indicar vida interior sombria, afetos coartados, depressão, transparece uma "nódoa suja" aderida à essência do seu ser (face); também sugere a possibilidade de discriminação social. Há, no entan-

to, uma certa ordem dentro do caos visto que os dois braços e as duas pernas de cada figura mantiveram a mesma cor. O significado isolado das cores azul e maravilha (uma variante do vermelho) já foi tratado na produção anterior.

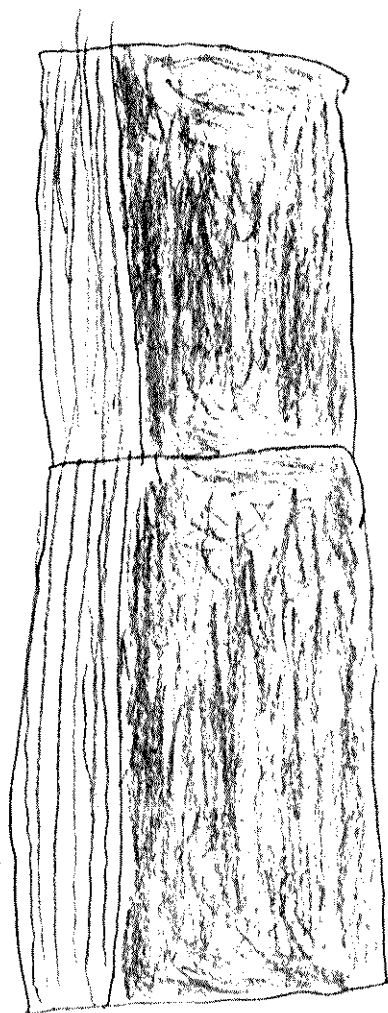
8) Aspecto geral da figura: o aspecto aberrante das figuras tanto em relação às formas, quanto às cores sugere um ego frágil com tendência à desestruturação da personalidade e graves danos relativos ao esquema corporal. Estes sinais vêm reiterar aqueles já apontados na produção anterior, o que permite sugerir a hipótese de esquizofrenia incipiente, complementando aquelas especulações. Outros sinais são a transparência (dos seios) que em adultos tem fortes conotações patológicas, a extrema rigidez das figuras deformadas com aparência mecânica e destituídas de vida, o aspecto primitivo e medonho da figura masculina esquecida (execução), polimórfica em seus caracteres de monstro, de homem e de mulher.

9) Análise das associações (parelha verbal):

Aspectos descritivos: trata-se de uma parrelha heterossexual, adulta, adequada à idade do sujeito, com grosseira diferenciação entre os sexos. A natureza do vínculo é fraternal. A situação da parrelha é de conversação; as relações são ao nível verbal e reproduzem a realidade vivida.

Aspectos dinâmicos: a figura feminina representa explicitamente a figura de identificação (é o próprio sujeito). Ao constituir sua parrelha com o irmão e não com o marido revela além de repressão à sexualidade, uma identificação secundária com o irmão. A ligação com o marido parece preencher mais suas necessidades de proteção e segurança do que propriamente sexuais. Por outro lado, o irmão viveu as mesmas coisas que ela e parece ser uma extensão de si mesma; representa sua parte masculina que coincidentemente também está associada ao seu lado enfermo. Ele, é como se fosse sua própria sombra, "um cara sem sorte", desprivilegiado pela vida que não consegue melhorar sua situação. Um dado relevante consiste em que este permaneceu preso ao "outro mundo", ou seja, pode ser a parte dela que ficou "lá", e que mantém vivo seu passado na prostituição. O que Otília sente por ele, "pena", é na verdade o que

ela sente por si mesma; um indivíduo miserável que não tem potência bastante para modificar sua vida e livrar-se de uma vez da nódoa enegrecedora da prostituição. Na verdade, ambos são protagonistas despersonalizados, vítimas à mercê de um ambiente psicotizante. Este é o vínculo que os une. A narrativa atribui inadvertidamente um caráter masoquista ao infeliz Felizberto. É flagrante a antítese entre o nome do personagem e a situação real vivenciada por ele, o que pode estar em função da negação da realidade e de uma situação idealizada pelo sujeito. Apesar de toda a consideração positiva direcionada por Otília ao irmão, sinais gráficos apontam para total falta de comunicação, uma dissociação entre as duas figuras sendo que cada uma parece estar imersa no seu próprio mundo, em planos diferentes. O tema afetivo é de frustração, o que inclusive se observa no nome da estória. A sensação de fracasso fica bastante evidenciada, o clima é de depressão. O nome atribuído à figura feminina é o do próprio sujeito, Otília, em consequência da projeção consciente. Ela optou pelo seu nome verdadeiro, de batismo, já que a prostituta "Roberta" foi projetada no irmão.



Cena Doméstica

CENA DOMÉSTICA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: dadas as instruções pergunta: "Uma coisa lá de casa?" "Como quiser". Após se certificar que deveria pintar, conclui sua tarefa informando: "Esses aí são dois tanques lá de casa."

Estória: "Eu não saio desses dois tanques. Eu não posso ver roupa suja para lavar, fico nervosa enquanto não vejo tudo limpo. Eu tenho máquina, mas prefiro eu mesma esfregar tudo. Não consigo bater só na máquina, é roupa de criança, roupa de cozinha, do trabalho dele. Porque eu quero fazer tudo num dia só. Limpar a casa, fazer tudo ao mesmo tempo."

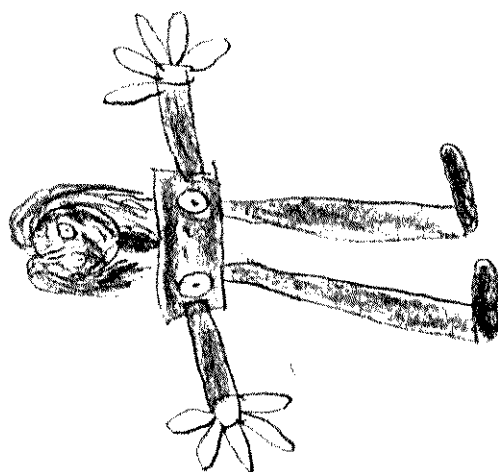
Título: Eu preocupo demais

3ª Produção: CENA DOMÉSTICA

- 1) Posição da folha de papel: ídem ao anterior.
- 2) Localização do desenho na folha: centro; comentários idênticos ao desenho anterior.
- 3) Tamanho: médio; ídem à primeira produção.
- 4) Traçado: descontínuo; linhas de grossura média; predomínio de linhas retas e ângulos. São válidos os mesmos comentários do desenho inicial.
- 5) Linha de base: ausente; são válidos os mesmos comentários realizados na primeira produção.
- 6) Detalhes: de uma maneira geral a figura é muito pobre em detalhes, a não ser pelas linhas "paralelas" que se sobrepõem na parte superior do desenho. A figura humana que é ela mesma e deveria estar aí representada, pois se trata do protagonista da estória, não está presente. Tudo que existe é um tanque formado por dois compartimentos de tamanhos diferentes. Isto pode estar relacionado com uma interpretação errônea das instruções ou esquecimento de uma das partes do desenho assim como aconteceu nas produções anteriores. Por outro lado a tarefa de limpar e lavar roupa pode ser tão absorvente e imperiosa que isto se torna mais importante que a própria representação pessoal. A figura em si é vazia e carente de significado.
- 7) Uso das cores: a escolha e o uso da cor verde parece ter sido em função de uma reprodução fiel de um objeto de seu uso pessoal. Portanto, não faz muito sentido aqui o significado psicológico isolado do uso desta cor, mas o caráter marcadamente consciente e vivo de suas projeções.
- 8) Aspecto geral da figura: de aspecto quadrangular, a figura não foge ao padrão geral das produções anteriores. Neste caso não ofe

rece dados para maiores interpretações.

9) Análise das associações: observa-se através da estória que o sujeito apresenta uma compulsão a lavar e limpar, e uma ansiedade muito grande diante da sujeira. Não basta deixar só para a máquina, ela precisa se debruçar e se desgastar com a limpeza da roupa e a execução das tarefas domésticas, fazendo tudo ao mesmo tempo. Há duas interpretações possíveis para esta atitude. Uma é a de que ela esteja tentando provar para si e aos seus familiares que desempenha bem os papéis de esposa e dona-de-casa cumprindo com presteza e perfeição as funções que lhe cabem. Reveste-se de especial importância provar isto devido ao seu passado sombrio, o qual deixou-lhe uma mancha que procura eliminar e apagar em cada peça que lava. Isto refere-se à segunda interpretação, ou seja, à culpa e à vergonha por ter sido uma prostituta. Compulsivamente e la tenta baixar o nível de ansiedade entregando-se ferozmente às tarefas domésticas, o que possui conotações masoquistas, já que se esgota e se exaure. Sua luta diária se processa sempre tentando silenciar suas emoções quanto a um passado sombrio, cansando-se nas lides intermináveis, mas seguras, de uma honesta e fiel dona-de-casa.



Desenho Livre

DESENHO LIVRE: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: enquanto desenha o sujeito faz os seguintes comentários: "É quase tudo esquisito, meus desenhos. Hoje eu acordei com olho inchado, o médico disse que é acesso nervoso (o remédio que eu tomo para emagrecer já é calmante). Isso aqui, a hora que eu passei lápis vermelho, lembrei na hora da mulher desse meu irmão. Ela mora lá com ele, também não teve estudo, é que nem ele."

Personagem: Cecília

Estória: "Essa é uma mulher que é prostituta também. Foi igual a mim, não teve estudo. Ela também tem uma filha com sete anos, e tem vontade de sair de lá. Meu irmão por enquanto não tem condições de tirá-la de lá. Ele está fazendo um esforço trabalhando como motorista lá, porque antes era garçom da casa onde ela trabalha. Aí, ele passou para motorista de táxi para poder arrumar uma casa para ele, para ela e para a menina. Ele disse: 'pior sou eu, tenho que servir ela e o macho que está com ela', quando era garçom."

Título: Duas pessoas que até hoje não tiveram juízo.

É curioso o fato de que o sujeito tenha representado o seu desenho livre por uma figura humana. Isto sugere tendência à perseveração (já que foi o terceiro na ordem de execução, visto que as duas solicitações anteriores foram necessariamente de figuras humanas), falta de iniciativa e criatividade, dificuldade de expressão e de afirmação pessoal. A figura em si possui basicamente o mesmo padrão e as mesmas características que o primeiro desenho (figura humana), diferindo apenas em alguns detalhes. Por esta razão não será feita uma análise em separado de cada item especificamente, mas apenas uma "leitura" dos detalhes que a diferenciam da figura humana original.

Neste caso, difere quanto ao tamanho, que é um pouco menor, o que revela sentimentos de insegurança, dependência psicológica e constrição da personalidade. Também o formato das mãos segue o mesmo padrão do desenho anterior (lembra pétalas de flor) devido a uma correção consciente do padrão original, o que não deixa de ter o mesmo significado. O vermelho do rosto e do pescoço é outro detalhe que se destaca, constituindo a marca característica da personagem da estória (Cecília). Contudo, esta é mais uma figura de identificação do sujeito, o que fica explícito nas associações. Ela, assim como Otília é prostituta, também não teve estudo, tem filho ilegítimo. Para que ela saia de "lá" é necessário que seja pelas mãos de um homem, mas quando este homem é fraco e já se submeteu passivamente a situações onde teve sua dignidade masculina ultrajada, isto se torna quase impossível. A zona de prostituição é um círculo vicioso que se fecha sobre as pessoas que com ela tiveram alguma relação engolindo-as com seus tentáculos. É curioso como isto atinge direta ou indiretamente os membros de toda uma família, deixando nestas pessoas marcas indeléveis, despersonalizando-as. Na estória fica implícito o sentimento de impotência das pessoas diante "deste mundo", e sua impossibilidade de sair dele. É como se pairasse sobre elas uma inexorável fatalidade, o que exprime a poderosa influência do determinismo psíquico ao lado de uma tendência fortemente masoquista. O sujeito, no entanto, não tem consciência desta dimensão do proble

ma, reduzindo-o a falta de maturidade entre duas pessoas (nome da estória).

Síntese do Caso Otília

1) Temática do caso: trata-se de um caso de prostituição, na verdade uma ex-prostituta que tem na sua história passada um estigma indelével, uma marca sempre presente em sua vida que lhe impõe sucessivas penas. O marido não a perdoa por ter sido uma prostituta, apesar dela lhe ter sido fiel durante todo o tempo que está com ele. O. admite ter passado por muitos sofrimentos na vida, sentindo-se muitas vezes à beira da loucura.

2) Histórico de vida:

- elementos traumáticos: testemunhou a mãe ser espancada violentamente pelo pai; despotismo deste sobre a prole; foi expulsa de casa por ter se "perdido"; ingresso na zona de prostituição na adolescência.
- situações de vida em relação aos pais: os elementos acima citados acrescido do falecimento da mãe anos mais tarde.

3) Dinâmica do caso: transtornos emocionais graves na infância e adolescência geram desnorteamento e perda do eixo de equilíbrio, sentimento de desestruturação iminente. Personalidade eminentemente masoquista, gerada por profunda identificação com a figura materna. O fantasma da prostituição torna sua vida um purgatório sem fim, onde se expia culpas intermináveis, o que reafirma o aspecto do masoquismo moral neste caso. Paradoxalmente, apesar das constantes condenações do marido, o casamento é a via pela qual o sujeito se reabilita perante a sociedade, portanto, sua tábua de salvação que lhe garante uma segurança relativa. Alguns sinais gráficos constituem indícios psicóticos e apontam para uma esquizofrenia incipiente. São eles: desorganização no esquema corporal, excesso de borradura (uma expressão direta da atmosfera psicótica), perseveração dos assuntos dos desenhos.

4) Atitude básica em relação a si própria:

- identidade pessoal: adequada em relação à idade, mas não quanto ao sexo. A figura do marido se sobrepõe à identidade

dela. Indefinição quanto à própria identidade sexual; confusão relativa à distinção entre os sexos masculino e feminino. Alterações no esquema corporal.

- auto-estima: negativa; sentimentos de inadequação e de inferioridade acompanhados de auto-comiseração.
- aparência física: boa aparência, bonita, apesar de sentir-se desgastada pela idade e pelos sofrimentos passados no decorrer de sua vida.

5) Atitude básica em relação ao mundo: submissão, insegurança, temor, desnorteamento, falta de orientação.

6) Relação de parêlha: relação altamente conturbada, marcada principalmente por violência psicológica, onde O. é menosprezada e amaldiçoada pelo marido em virtude de sua história passada. Observa-se uma dependência econômica e afetiva do sujeito para com o companheiro. Contudo, a sua parêlha psicológica inconsciente é na verdade o irmão, figura de forte identificação, já que o vínculo sexual lhe é tão penoso e fonte de intenso conflito. Ambos, figuras mecânicas e desarticuladas, não dispõem de força interior nem potência para dirigir suas vidas, permanecendo vítimas espectrais de um mundo que os aniquilou para sempre. Com isso, verifica-se a poderosa influência do determinismo psíquico do sujeito, assim como do masoquismo, aprisionando-o definitivamente aos tentáculos asfixiantes da zona de prostituição.

7) Sentimentos expressos: auto-comiseração, carência afetiva, abandono, rejeição, solidão, desagregação psicológica (loucura), inveja.

8) Tendências e desejos: desejo de morte (auto-destrutivo), de evitar humilhações, de livrar-se de dano psíquico, de sanar carência afetiva. Desejo de "ser perdoada", respeitada. Necessidade de ajuda, proteção, atenção e consideração. Desejo de cura; desejo de ser feliz.

9) Impulsos (instinto de vida x instinto de morte):

- amorosos: busca desorientada de ajuda. Impulsos amorosos muito ofuscados pouco se manifestam.
- destrutivos: abandono, frustração, danificação, morte, desorientação. A direção destes impulsos é auto-agressiva.

Prevalecem os impulsos destrutivos.

10) Ansiedades:

- paranóides: medo de desaprovação, de privação; medo de falta de afeto, de ser devorada, ser abandonada, medo de enlouquecer, de não ser aceita.
- depressivas: medo de ter danificado o próprio ego.

Prevalecem ansiedades do tipo paranóide.

11) Mecanismos de defesa: possível fixação na fase oral do desenvolvimento psíquico; estado confusional intenso; defesas pouco estruturadas.

12) Sintomas expressos: alcoolismo (feminino); desorganização iminente da personalidade; ansiedade.

13) Objetos e outras figuras de ligação: o filho que teve com o homem casado que a levou para a casa de prostituição; rejeitado, não citado, atestado público que desqualifica a sua reputação, logo, uma "mancha" denegridora em sua vida. Outra figura de ligação é a própria esposa do referido homem, a qual criou e educou seu filho; uma figura promovedora, pela qual sente-se respeitada e valorizada.

14) Alcoolismo do marido: este não bebe, apesar de ser proprietário de um bar na zona de prostituição.

15) Tentativas de suicídio do sujeito: não houve nenhuma, apesar desta manifestar desejo de morrer, e de "deixar" que o marido cumpra a ameaça de morte. Trata-se de uma forma "passiva" de suicídio, onde o agente da façanha é projetado em outra pessoa.

4. Caso JUREMA

1) Dados Pessoais:

Idade: 31 anos

Escolaridade: 2º Grau Completo (Normal)

Cursos profissionalizantes: datilografia

Estado Civil: casada

Número de Filhos: 01 (menino de 10 anos)

Cor: branca

Local de Nascimento: Oswaldo Cruz - S.P.

Profissão: escriturária

Encaminhada por: colega de trabalho (UNICAMP)

2) Dados do Marido:

Idade: 32 anos

Estado Civil: casado

Profissão: ajudante geral

Condição sócio-econômica do casal: classe média baixa

3) Técnicas utilizadas para estudo do caso:

3.1) Entrevista semi-dirigida p. 219

Síntese e interpretação dos dados p. 232

3.2) Testes Gráficos

Figura Humana p. 238

Teste das Duas Pessoas p. 243

Cena Doméstica p. 248

Desenho Livre p. 252

4) Síntese do Caso Jurema: p. 256

Entrevista - Caso JUREMA

P.: "Por que você procurou o SOS?"

J.: Bom, eu procurei porque estava super angustiada mesmo, né. Eu achava que era forte e que podia resolver meus problemas sozinha. Eu pensava 'eu trabalho, eu peço a separação e acabou'. Mas na
5 verdade eu me enganei. Começou a me dar aquele desespero, vi que não adiantava conversar com ele, que era em vão. Eu tocava no assunto, ele mudava, não tinha como conversar com ele. Então eu procurei o SOS. Também foi uma amiga minha que me deu um toque.

P.: Então, na verdade você veio buscar aqui um apoio e não a separação imediata?
10

J.: Não, meu objetivo é esse, agora, o medo, eu sempre tenho. Eu tenho medo dele. Ele nem imagina que eu estou vindo aqui, tive que mentir. Eu tenho medo de pedir a separação e ele me agredir. Eu tenho certeza absoluta que ele não vai aceitar. Esses tempos a
15 trás até tentei falar com ele sobre o assunto, mas ele pediu que eu não falasse mais sobre isso, que ele não queria. Então eu tentava conversar para ele mudar, para que não fizesse mais o que estava fazendo, principalmente com o filho. Não adiantou nada. Então eu vi que a melhor coisa é a separação. Sinto dentro de mim
20 que se eu me separar vou ter um pouquinho de paz.

P.: Mas você nunca tentou se separar dele?

J.: Nunca, por causa do poder aquisitivo. Eu não trabalhava, não tinha estudo. Vou largar dele para viver do quê? Faxina não dá para pagar aluguel. Eu enfrentei a barra, fui estudar à noite. Durante o dia fazia artesanato para pagar a escola. Eu estudava um
25 ano, no outro parava. Não tinha condições porque ele não deixava; queimava meus livros, meu avental. Então eu fazia intercalado. Neste ritmo terminei o 1º Grau, fiz o 2º Grau, depois fiz cursos de auxiliar de escritório e telex. Fiz cursinhos mais profissionais,
30 lizantes, porque se eu fosse enfrentar a barra lá fora tinha um pouquinho de bagagem.

P.: E tudo isso intercalando?

J.: Intercalando. Inclusive eu estava no primeiro ano de Contabilidade, precisei parar porque era à noite. Ele não deixava estu-

35 dar à noite de jeito nenhum. Aí fiquei um ano e meio sem estudar.
Fui arrumar um trabalho e me exigiram o 2º Grau. Eu não tinha; aí
precisei fazer o supletivo para poder continuar no meu trabalho.
Só que aí ele interferiu também. Ele não me deixou trabalhar. Foi
na firma, me tirou a pontapé. Na época eu não dei queixa dele. De
40 via ter dado, mas se eu fosse dar achava que tinha que dar e lar-
gar. Não de dar e ele tentar melhorar, que eu acho que ele não mu-
da. Aí eu saí da firma. Antes de ser admitida eu havia escrito u-
ma carta para o gerente explicando a minha situação. Eu não ar-
rumava emprego porque não tinha experiência profissional; não ar-
45 rumava emprego porque era casada, tinha um filho. E estava preci-
sando trabalhar porque meu marido ganhava pouco. Disse ao gerente
que estava sendo barrada por tudo isso. E ele me deu uma chance.
Quer dizer que foi super difícil conseguir um trabalho. Depois e-
le me tirou assim. Então, eu fiquei super magoada, fiquei quinze
50 dias, eu não sabia nem quem eu era.

P.: Foi o primeiro emprego que você conseguiu?

J.: Foi o segundo. O primeiro eu só escrevi, fiz a entrevista, ia
começar. Ele escondeu todos os documentos e me trancou dentro de
casa. Não me deixou trabalhar. Mas a minha intenção de trabalhar
55 não era para por comida dentro de casa. A minha intenção era ajun-
tar um dinheirinho para mais para frente largar dele. Eu sempre
dizia isso. Eu queria ter uma profissão, por onde eu pudesse ga-
rantir o sustento meu e de meu filho, para então largar dele. Por
que eu não queria depender dele, tipo pensão, além do que eu te-
60 nho certeza de que ele não vai dar. Então foi por isso que fiquei
todo esse tempo com ele. Depois eu nunca mais arrumei emprego,
trabalhava em casa com artesanato. Mas continuei tentando. Não
consequia porque era casada. No Jumbo Eletro mesmo estavam preci-
sando de uma escriturária, não me admitiram. O gerente disse na
65 minha cara 'não vou te admitir porque com essa lei que saiu agora
a mulher tem direito a ficar praticamente meio ano em casa; eu
vou pagar uma funcionária para ela engravidar depois!' Eu disse
que traria um atestado de que não engravidaria. Se isso aconteces-
se eu mesma pediria demissão. Até isso eu cheguei a falar. Mas
70 ninguém quis me admitir. Então foi um sufôco. Então eu prestei
concurso, porque por concurso é mais fácil. Não tem discriminação.

Prestei na UNICAMP, passei em todos os testes. Quando me chamaram
 ele grampeava as cartas. Aí eu mudei de endereço, pus o endereço
 da minha irmã. Prestei concurso no SUDS e me chamaram para traba-
 75 lhar na UNICAMP. Eu fui, mas pensei que meu marido não ia deixar
 que eu trabalhasse lá. Contudo, eu me sentia preparada psicologi-
 mente; se ele tentasse me impedir, eu daria parte dele. Foi onde
 ele deixou. Mas eu tinha que tomar ônibus fretado na esquina de
 80 minha casa, porque senão ele faria escândalo na frente de todo
 mundo. Para evitar isso, eu saía mais cedo, levava meu filho para
 a escola, de lá já pegava na esquina. Depois com o tempo fui mos-
 trando para ele que eu tinha que trabalhar. Aí eu fui juntando di-
 nheiro. No começo comecei a comprar fogão, compra isso, compra a-
 quilo. Ele gastava o dinheiro dele todo com bebida. Quando chega-
 85 va em casa, metade já tinha ido. Falei, 'nós temos que pensar no
 futuro, se fosse para beber eu não precisava sair para trabalhar'.
 Foi pensando no meu futuro que eu me sacrifiquei. De repente ele
 perde o emprego. Ficou três meses em casa parado. 'Fulano, vai ar-
 rumar trabalho!' 'Ah, tem dinheiro aí, a gente vai se virando'.
 90 Só que em vez de pegar esse dinheiro e investir em alguma coisa,
 ele punha na poupança e ia tirando todas as vezes que precisava
 de dinheiro. Então foi perdendo os juro; foi quando comecei a
 brigar com ele. 'Pega esse dinheiro, compra alguma coisa, que vo-
 cê está perdendo dinheiro'. 'Não, porque eu não arrumo emprego'.
 95 'Parado não arruma mesmo, você tem que sair e batalhar'. 'Ah, meu
 colega vai arrumar serviço para mim'. Falei 'seu amigo está pouco
 se lixando para você, você que é o interessado tem que ir atrás'.
 Eu sempre orientando, sempre falando e nada. E eu só trabalhando.
 Chegava em casa, aquela bagunça toda. Ficava o dia inteiro em ca-
 100 sa e não fazia nada. Aquilo foi me irritando. Eu acabava de che-
 gar em casa, ele ia para o bar e só chegava de madrugada. E quan-
 do ele bebia, não me deixava dormir direito. Me puxava da cama,
 tirava o lençol, ih, era um inferno. Ele não me deixava dormir pa-
 ra que no outro dia eu não agüentasse ir trabalhar.

105 P.: Ele sempre bebeu muito?

J.: Desde que nos casamos, há 11 anos, Tem pessoas que me chamam
 de masoquista por eu ter vivido 11 anos com um homem desse e nun-
 ca ter tomado uma atitude.

P.: O que você acha disso? Você é masoquista mesmo?

110 J.: Você sabe que eu comecei a por na cabeça que eu sou mesmo.
Se eu tenho capacidade de conseguir as coisas sozinha, por que es
tou dependendo dele? Eu era tão nova aquele tempo, porque não
tomei uma decisão? Medo de quê? De ficar sozinha, medo de parente
115 não aceitar. Porque meus pais eram contra a separação, não podia
nem falar nisso. Eles também nunca foram a favor do casamento. En
tão eu não tinha praticamente apoio nenhum. E eu pus na cabeça
que se não está dando certo, vou tentar batalhar sozinha para con
seguir sair desse casamento sem precisar da ajuda deles diretamen
te. Então é isso, eu não quero voltar para a casa dos meus pais, u
120 quero começar sozinha tudo de novo, eu e meu filho. Então é isso.
Eu não convivia com ele, nunca imaginei que ele fosse tão ir-
responsável. Nós namoramos somente um ano e seis meses.

P.: Como foi o período de namoro e como se conheceram?

125 J.: Eu o conheci numa primeira viagem que eu fiz, eu tinha 18 a-
nos. No mesmo dia ele começou a pegar no meu pé. Eu disse que não
gostava dele, que não adiantava porque não queria mesmo namorar
com ele. Aí começou. A gente namorava um tempo, eu dizia que não
queria, que não gostava dele, e ele insistia, insistia, insistia.
As pessoas diziam 'nossa, esse cara te ama!' Tendo despertado as-
130 sim uma paixão tão grande em um homem, eu achava que ia ser super
querida. Todos me diziam que ele ia me fazer feliz. Eu mesma era
uma pessoa super difícil de me apaixonar. Conversava com todo mun
do, tinha amizade, mas gostar mesmo foi muito difícil, sabe. Eu
gostei de uma pessoa só e acabou. Foi meu primeiro namorado, eu
135 tinha 18 anos também. Mas ele tinha um problema, era pai solteiro.
Na verdade, ele tinha dois filhos e morava com uma moça. Eu mesma
fui investigar, falei até com a moça e fiquei super abalada. Logo
em seguida veio o C.. Ele era muito carinhoso comigo e me dava to
das as atenções. Era solteiro, eu conhecia a família dele. Era u-
140 ma pessoa decente. Então comecei a namorar um para esquecer o ou-
tro. Depois de um ano e seis meses aconteceu. Fiquei grávida. Eu
não queria aceitar, fiquei revoltada porque queria continuar meus
estudos, terminar o 1º Grau. Eu comecei a estudar tarde. Não ti-
nha escola perto, e aquela mentalidade de pai antigo 'mulher não
145 precisa estudar, mulher foi feita para ficar no fogão, cuidar de

filho'. Aí meus pais não me deixaram estudar, porque achavam que ter uma quarta série na época já era suficiente. Então eu falei 'quando eu fizer 18 anos eu volto a estudar'. Fiz 18 anos, voltei a estudar. Tive que parar os estudos por causa do casamento. Só
150 que aí começou só problema. Eu trabalhava como balconista nas L.A. Meu marido logo em seguida perdeu o emprego. Aí ele arrumou um trabalho à noite num restaurante. Então, você veja bem, a mulher gestante, super carente. Eu me sentia carente prá caramba. Trabalhava o dia todo, chegava tarde em casa, cadê meu marido? Tá trabalhando. Tudo bem. Só que ele chegava às quatro, cinco da manhã,
155 quando deveria chegar às onze horas da noite. Aí, já começou problema desde a gravidez, de solidão, este tipo de coisa. Nas folgas dele, ao invés de ficar fazendo companhia para mim ele saía com os amigos. E eu grávida. Chegava nele e falava. Saía briga, ficava nervosa, ficava até doente. Eu estava com seis meses já,
160 fui ao médico, deu problema. Fiquei 15 dias em casa. Na época do menino nascer meu sogro já havia preparado o carro. Já há uma semana que eu estava ruím. Em uma noite ele pegou o carro e saiu. Eu comecei a passar mal. Ninguém até hoje sabe onde ele estava.
165 Meu sogro saiu atrás dele e o achou não sei aonde. Quer dizer, eu já fui ter nenê com aquele nervoso todo. Ele deveria estar do meu lado e não podia ter me deixado sozinha. Então isso eu não perdôo, ficou marcado. Dentro de mim, com aquele barrigão, eu fiz uma promessa de não ter mais filho. Se dependesse de mim, eu não engravidaria mais. Porque um filho estava bom. Eu achava que filho a gente põe no mundo com amor, e tem que ter carinho dos dois, pai e mãe. Ele não dá atenção para o menino, então porque vou por outro filho no mundo para sofrer a mesma coisa. Foi aí que eu comecei a ir atrás de anticoncepcional. Pílula me fez mal. Precisei parar e
175 por o aparelho. E pus escondido para ele não saber.

P.: Você quer dizer, o DIU?

J.: É pus o DIU. O meu corpo não rejeitou. Fiquei com o aparelho e agora vou ter que trocar de novo. E ele não perdoa. Falei 'prá quê? Prá eu ficar socada dentro de casa enquanto você curte a vida? Não, um está bom'. E ele me ameaçou quando a gente fosse ter relação, de enfiar o dedo e tirar o aparelho a força. E eu tinha medo que ele fizesse isso, então eu menti dizendo que tinha ido

ao médico para tirar o aparelho quando na verdade eu troquei. Não quero ter mais filhos e ser obrigada a ficar em casa, e com isso deixar de trabalhar. Eu sempre disse a ele que quando eu arrumasse um bom emprego, eu me separaria dele. Por isso, ele faz de tudo para que eu pare de trabalhar, porque tendo um bom emprego, se eu precisar eu largo dele. Ele sabe que quando eu quero uma coisa eu luto até conseguir. Me derruba, me puxa o tapete, eu me levanto de novo e continuo a luta. Eu já falei para ele, o nosso casamento não vai acabar por causa de mulher não, vai acabar por causa de bar.

P.: Você percebe que ele fica mais agressivo quando bebe?

J.: Percebo. Hoje de manhã ele estava super agressivo, porque passou a noite no bar. Ontem ele chegou do bar, pôs o menino de castigo porque ele não estava em casa a hora que ele chegou. O menino já veio chorando. Depois ele mandou o menino descer com uma garrafa e trazer um refrigerante. 'Mas eu não estou de castigo, como é que eu vou descer?', o menino falou. Quer dizer, 'não, para pegar o refrigerante você pode'. Então o meu filho ficou louco da vida.

P.: Você observa que os problemas do casal estão prejudicando o desenvolvimento psicológico do seu filho?

J.: Estão sim. Ah, eu não guardo segredo dele, não consigo esconder do menino o que eu sinto, o que eu penso. Então eu falo, 'um dia eu vou largar do seu pai, o que você acha?' No começo ele achava que não, ele tinha uns 6, 7 anos. Agora de uns tempos para cá ele fala 'ah, é mesmo, né, mãe, fica só nós dois'. Às vezes ele me pede para estreiar um pouquinho mais a presença do pai dele. Eu procurei mostrar-lhe que se o pai fosse embora seria melhor porque ele o teria mais perto de si do que em nossa própria casa. Agora, eu tento evitar briga, aquelas brigas feias, que era de tapar perto do menino, porque ele cresceu com aquele medo do pai. A gente ia brigar, ele ficava com o olho desse tamanho. Falavam que o menino teria problema se ficássemos brigando perto dele. Eu evitei a briga, só que aí eu me isolei. Pensei assim, eu tenho que reagir, o que adianta que eu fique coagida num cantinho, meu marido fazendo o que quer, chegando a hora que ele quer. Então foi onde eu enfrentei, falei que ia na justiça para ver se eu como mu-

220 lher casada tenho direito ou não de trabalhar. Ele viu que eu ia
mesmo fazer isso. Então, foi onde ele deixou, mas entre aspas. E-
le brigava, mas eu continuei trabalhando. Agora, meu filho, dá a
impressão que ele quer que a gente melhore. Porque quando ele vê
o pai dele bonzinho, a gente conversando, ele se sente feliz. Eu
225 sinto que ele está feliz. Só que esses momentos são raros.

P.: A maior parte do tempo vocês estão brigando?

J.: Ultimamente até que não temos brigado muito, eu estou me segu-
rando mais. Eu sinto em mim, vai até aqui no fundo, dá vontade de
dar, sabe, mas eu me seguro. Então é onde eu estou tentando engo-
230 lir e deu tudo aquilo em mim. Eu fiquei nervosa, qualquer lugar
onde estava, chorava. Me deu aquele desespero. Eu falava que, nem
se fosse embaixo da ponte eu ia morar, mas não iria mais ficar
com esse homem. Eu ia largar tudo o que eu já labutei para ter.
Aí minha chefe falou 'não, você não vai abandonar tudo o que você
235 tem. Se for para separar, vai dividir, vocês têm os mesmos di-
reitos'. Porque eu ia fazer um acordo com ele, eu deixo tudo, mas
eu quero só sossego. Só que quando eu estivesse numa boa e ele to-
masse o dele e fosse parar na sarjeta, aí ele viria atrás de mim
para me perturbar de novo. Então eu cheguei à conclusão que é pa-
240 ra dividir tudo.

P.: Houve alguma situação que te deixou neste estado de angústia?

J.: Ai, acho que foi o acúmulo, né, o acúmulo de anos. Ele chega-
va tarde, e sempre me pegava chorando. Aí eu começava a lembrar.
Puxa vida, eu casei para ter um marido do meu lado, para me dar
245 apoio nas horas que eu preciso. Ele não participa da vida da gen-
te, não sabe dos nossos problemas, nem nos leva para passear. Che-
gava final de semana eu via os casais saindo juntos, e eu só em
casa com meu filho. Eu saía, mas sozinha, como se eu fosse uma
mãe solteira. Pior que mãe solteira, porque eu ainda era casada e
250 não podia nem arrumar namorado. Então eu me sentia lá embaixo, su-
per abandonada. Mas comecei a enfrentar meu marido assim, meu fi-
lho adora água, eu o levava para a piscina. Eu vivia fazendo car-
teirinha para ele, porque ele queimava todas. Meu filhinho não ti-
nha culpa se eu e o pai dele não nos entendíamos. Porque ele sa-
255 ía; aos sábados jogava bola, se divertia. Então, foi onde comecei
a sair sozinha. Botava meu filhinho aqui e a mochila nas costas.

Ia ao clube. Às vezes tinha algum showzinho de criança, eu ia. Tu
do na base do escondido. Se ele soubesse, não deixava. Se eu fos-
se pedir 'me leva', 'não vou levar'. 'Me deixa ir!', 'não deixo'.
260 Aí aquele dia acabava, ficava em casa trancada, chorava. Então eu
comecei a fazer diferente, comecei a mentir que ia para a casa
dos meus pais. Então, saía de fininho. Roupa, por exemplo, eu não
podia ir bem arrumadinha porque senão ele desconfiava. Quando eu
chegava, tudo bem, pelo menos a gente já foi e já se divertiu. Eu
265 falava para o meu filho ir para o quarto dele e ficar lá quieti-
nho que eu me entendia com o pai dele. Então, de uns tempos para
cá eu comecei a mentir. Meu filho tinha muita vontade de conhecer
a praia. Eu pedia para ele levar, não levava. Um dia o marido de
minha irmã resolveu levar a gente, e eu fiz a maior ginástica pa-
270 ra ir com eles escondido, só que meu marido ficou desconfiado. A-
gora eu falo que estou na casa de minha mãe e ele vai lá. Então
tive que arrumar uma outra tática. No Carnaval tive que dizer que
fui passar o final de semana na casa de uma amiga minha em Amparo.
Essa amiga nem existe. Quando eu voltei ele não queria me deixar
275 entrar, me empurrou. Eu caí na escada. Ele já estava desconfiado.
Respirei fundo, disse que ele parasse de criancice, enfim, tra-
tei-o como débil mental. Como ele continuou insistindo, fui na de-
legacia dar queixa.

P.: Eu gostaria que você contasse como foi que ele começou a te a-
280 gredir fisicamente. Foi logo no início do casamento?

J.: Foi um ano depois que o menino nasceu. No começo, acontecia
pelo seguinte: fator econômico. Porque ele trabalhava, recebia o
pagamento, aí ia para o bar. Lá ele gastava metade do salário. O
O que ficava, mal dava para as nossas despesas. Então era onde eu
285 brigava com ele e ele me batia. Faltava alimento dentro de casa,
e o dinheiro que eu tinha foi se acabando.

P.: Quando ele te batia, como é que você reagia? Você ficava quie-
ta, aceitava, ou batia nele também?

J.: Não, eu reagia. Era por isso que eu brigava. Como é que uma
290 pessoa vai te espancar e você fica quieta. É onde eu começava a
falar palavrão, xingava, né. Aí minha sogra entrava no meio, meu
sogro. Tiravam ele de cima de mim. Não passava nem quinze minutos
a briga começava de novo. Então a minha vida virou um inferno.

P.: E tem sido assim até hoje?

295 J.: Agora melhorou um pouquinho depois que eu comecei a trabalhar. Eu enfrento e falo 'agora eu tenho como me sustentar, você não en costa mais a mão em mim'. Então ele tem um pouco de mendo. Antes eu não podia reagir pelo seguinte, eu não tinha dinheiro. Ele não ia dar a pensão mesmo; eu ia viver de quê? Então ele me dominava
300 porque eu não tinha emprego. Eu não tinha segurança. Agora eu estou trabalhando, estou registrada. Eu me sinto mais segura. Então é onde eu o enfrento com mais facilidade.

P.: Mas você ainda continua com ele. O que te mantém nesta situação?

305 J.: Eu não sei se é porque foi o primeiro homem, o primeiro namorado, assim. Nunca tive outro. Um pouco é isso. Mais é por causa do menino. Porque eu sinto que o menino quer que o pai melhore; eu já conversei com ele. A opinião dele é que eu sou uma mãe perfeita. Já o pai dele não, ele quer que o pai pare de beber. Então
310 um pouco é o menino, e eu tenho medo dele também. Medo do que ele possa vir a fazer se eu me separar dele.

P.: O que você acha que ele pode fazer?

J.: Ah, eu não sei viu. Pela cabeça dele, pelas reações que ele já teve, eu tenho medo até de ele me matar. Uma vez ele tentou me
315 enforçar, a minha vizinha foi que tirou ele de cima de mim, acho que ele estava drogado aquele dia. Eu nunca tive certeza se ele u sava tóxicos, mas ele mudava muito de personalidade. Nesse dia ele me pegou pelo pescoço. Nós começamos a brigar por causa de uma simples laranja. Eu queria que ele comprasse laranja para o menino, ele não quis porque o dinheiro dele era para cigarro e cerveja. Aí nós começamos a brigar. Depois que a minha vizinha apareceu ele começou a chorar, e depois veio com uma sacola de laranja. Então eu não sei se esgotou o limite, só sei que agora eu não agüento mais ficar nesse jogo.

325 P.: Como é sua vida sexual?

J.: No começo já ele bebia, e me procurava a cada vinte dias, uma vez por mês, tal. Eu achava que o defeito era em mim. Fui ao médico, não havia nada de errado comigo. Aí eu comecei a falar pa ra a minha sogra. Ela chamou a atenção dele, perguntou se ele tinha outra mulher, ele disse que não. Então a nossa vida era assim.
330

Prá eu ter uma relação com ele, eu que tinha que procurar. Eu tinha que fazer carinho nele, só que ele não me dava carinho. Aí, depois dessa conversa que eu tive com a mãe dele, ele começou a mudar um pouco, começou a me dar mais atenção.

335 P.: E ele não justificava a razão desse comportamento dele?

J.: Não, e é por isso que eu queria gravar a conversa que eu tenho com ele. Ele dizia que era desse jeito mesmo e que não iria mudar. Eu não me conformava que ele fosse tão frio assim. E o pior é que desde o começo do casamento ele é assim. Antes nem deu
340 para perceber porque logo na primeira relação eu fiquei grávida. Agora eu acho uma humilhação ter que procurá-lo. Às vezes quando eu estou a mil eu faço isso, mas mesmo assim, tem vez que ele me rejeita. Um dia eu cheguei nele e falei 'você tem nojo de mim? É porque eu sou feia, sou magrela demais? Quer que eu mude em quê? Quer que eu engorde, quer que eu faça o quê?' Eu tento e não adianta. Antigamente ele não era assim, ele era carinhoso, passava a mão no meu rosto, me beijava, agora ele nem me beija! Eu digo para ele que a relação não é só aquilo. Se fosse só aquilo eu vou lá numa loja onde compra esse tipo de coisa, e pronto. Eu quero
350 carinho, não quero isso. Um dia conversando com a mãe dele, ele disse 'também, o que ela quer, ela está precisando de um jumento!' Aquilo me ofendeu até hoje. Mas eu respondi que uma mulher cujo marido a procura uma vez por mês não precisa de um jumento, mas de carinho. Uma época atrás eu achava que ele era até bicha. Porque tinha um rapaz da firma que trabalhava com ele, que vivia me enchendo o saco. Eu achava meio esquisito o relacionamento dos dois. Então, eu pus na cabeça que ele era aquilo e falava mesmo. Eu não escondo, eu falo. Quando eu tomei essa decisão de procurar o SOS, parece que na minha cabeça já estava mais do que formado
360 que não tem outro jeito.

P.: Você alguma vez pensou em suicídio, tentou suicídio?

J.: Não. É uma das coisas que eu peço a Deus que não passe pela minha cabeça nunca. Eu penso muito no meu filho. Se eu não tivesse o menino, eu já teria sumido. Nem no Brasil eu estava. Eu iria
365 ser faxineira de alguma coisa no exterior. Mas tem hora que eu me sentia super acabada. Dava a impressão que você está esperando a morte. Você não quer, mas parece que não tem outra solução a não

370 ser a morte. Eu não procuro, eu evito, lógico. Mas aí eu comecei a me sentir doente. Porque eu sempre fui de reagir, de brigar, de lutar. Meus colegas de trabalho mesmo notaram. Minha fisionomia mudou de uma hora para outra. Eu fiquei acabada, calada, não ligava mais para nada. Sempre eu tive problemas, sempre fui depressiva, frustrada, sempre fui carente, mas conseguia dominar isso. E de uns tempos para cá não consegui mais dominar, deixei transparecer o que eu estava sentindo. Então eu comecei a ficar com medo. 'O que está acontecendo? Eu nunca fui assim!' A minha mãe começou a estranhar, os meus irmãos. Eu era muito brincalhona, conversava com todo mundo. De repente eu morri. Eu chegava num lugar e ficava, não tinha ânimo para mais nada. Agora eu estou um pouquinho mais firme, estou me sentindo mais segura depois que comecei a vir aqui.

P.: Como foi sua vida quando criança e quais as lembranças que você tem de sua infância?

385 J.: Quando criança eu era muito trabalhadora. A minha mãe, coitada, ela não tinha tempo de cuidar da gente. Ela teve um filho atrás do outro e tinha que trabalhar. Ela teve doze filhos, seis homens e seis mulheres. Eu sou a sexta. Logo depois que me teve minha mãe ficou doente e teve que ir para São Paulo. Então era minha irmã de sete anos que cuidava de mim. Eu era pequenininha. Ela que cuidava da casa, da comida, tudo, com sete anos de idade. 390 Aí a minha mãe voltou. Ela trabalhava para ajudar em casa, e o meu pai era aquele tipo de homem que não ligava muito. Não tinha muita responsabilidade como pai e como marido. Então eu fui crescendo vendo tudo aquilo. Eu estava na escola com oito anos de idade, super fraquinha, desnutrida. Material de escola, não tinha. 395 Depois meus irmãos cresceram, começaram a trabalhar, e a gente tinha um pouco mais de alimentação. Só que quanto ao material de escola, não dava. Então eu era um pouco traumatizada, porque eu via todo mundo com bolsa, essas coisas, e eu não tinha. Depois nós mudamos para outro bairro, e cada um dos meus irmãos foi pegando uma profissão boa. Eles foram progredindo; a mais ralé mesmo sou eu, para falar a verdade. Ralé entre aspas porque meu marido não ajuda. Eu comecei a trabalhar com 18 anos. Fazia tudo em casa, lavar, passar, cozinhar, olhar as crianças. Bom, só que eu queria

405 trabalhar registrada. Eu era muito encenqueira. 'Eu trabalho em casa, o que é que eu estou aprendendo aqui.' Minha mãe toda semana me dava um dinheirinho, mas eu insistia que queria trabalhar fora até que ela deixou. Eu entrei direto nas L.A.. No meu horário de almoço fazia datilografia, e à noite eu fazia o ginásio. 410 Tirava nota boa, tudo. Minha vida era super corrida. Depois eu emagreci e casei. Agora, minha infância foi essa. Minha mãe tinha que trabalhar e a gente tinha que cuidar de casa.

P.: Você apanhou de seus pais quando criança?

J.: Não, de minha mãe nunca apanhei. Que eu me lembre não. Do meu pai acho que uma vez só. Com meus irmãos mais peraltas bastava fa 415 lar com energia e nem chegava a bater não.

P.: Seu pai chegou a bater em sua mãe?

J.: Meu pai nunca encostou a mão em minha mãe, nunca. Eles estão há um ano separados. Até hoje ninguém entende essa separação de- 420 les. Viveram tanto tempo! Minha mãe foi daquelas que sempre deu conselho para a gente agüentar o marido. Minha mãe sofreu muito com o meu pai. Ele era muito desnorteado, não tinha aquele regula-mento para o sustento da casa. E não sei porque, ele trabalhava. Quem sustentava a casa era minha mãe e meus irmãos. Meu pai era 425 mais para progredir, comprar terreno, construir, vender. Só que a gente não via o dinheiro. Não sabíamos onde ele aplicava, pois ele entrava com muito pouco. Praticamente só pagava as despesas dele. Eu acho que puxei a ele nisso de querer progredir.

P.: Houve algum fato marcante em sua infância?

J.: Olha, não aconteceu assim nenhuma coisa extraordinária, mas o que marcou mesmo foi a falta de carinho. Meus pais não davam mes- 430 mo. Uma, porque tinha que trabalhar, não dava tempo. Acho que foi falta de carinho dos dois, porque de resto... Minha mãe dá mais carinho para a gente agora do que quando eu era criança. Assim como meu pai também. Essa falta de carinho foi constante em minha 435 vida. Eu digo sempre, não tive carinho nem de pai, nem de mãe. Agora nem do marido. Só tenho do filho, graças a Deus.

P.: Como você julga o fato de você estar ainda presa nesta situação, e a forma como ele age com você? Acha isto certo, errado...

440 J.: Eu me acho covarde. Eu já deveria ter tomado uma decisão. Agora em relação a ele eu tenho um pouco até de pena. Porque ele me

trata tão mal, depois ele volta diferente. Então é onde a gente fica adiando, adiando, adiando. Eu não sei se é normal nele isso, se não é. Ele pede desculpa, diz que não vai fazer mais aquilo, 445 Pior que ele não sabe porque ele fez aquilo. E com isso eu vou adiando, é onde eu estou nessa até hoje.

P.: Você tem algum sonho repetitivo?

J.: Não, eu quase não sonho. Eu sonho assim, a gente está conver- 450 sando aqui, passa dois, três dias, eu sonho com a gente conversando. Acontece isso comigo. Se acontece alguma coisa, depois de algum tempo eu sonho aquilo de novo."

Análise da Entrevista (Caso Jurema)

Dados principais:

- 1) Queixa básica: abandono do companheiro que a deixava só desde a gestação (início do casamento); falta de carinho e desinteresse sexual do marido para com ela; agressões físicas; tentativas de dominação expressas através de boicote à sua emancipação profissional, ao uso de métodos anticoncepcionais, à sua formação educacional. "Não consegue se separar". Necessidade de apoio.
- 2) Caráter repetitivo da queixa: os fatos citados acima ocorrem desde o início do casamento, há onze anos. J. admite estar sempre adiando a sua decisão em decorrência da instabilidade emocional dele, que ao mesmo tempo que a maltrata se arrepende e lhe promete que não acontecerá de novo. Tem-se instaurado um círculo vicioso, que somente poderia ser rompido com a separação.
- 3) Explicitação ou não de desejo de separação; argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência: o desejo de separação existe, mas ainda não pôde ser concretizado. Segundo J., ela não se sente forte o bastante para enfrentar o marido, que não aceita a separação. J. teme que sua reação possa ser muito violenta. Ela apresenta vários argumentos que justificam sua permanência numa relação onde sofre violência física e psicológica. O medo da reação do marido é o mais evidente. Acrescente-se a isto o fato dele ter sido seu primeiro homem; ela sente muita pena dele nos momentos em que este se arrepende e reconhece não compreender o próprio procedimento; o filho, apesar de aparentemente aceitar a separação, deseja que o pai melhore (pare de beber) e fique com "eles"; ela não conta com o apoio emocional da família, que não aceita a separação. Outro argumento importante é que ela não teria condições econômicas para manter-se sozinha e também ao filho; procurou então se profissionalizar e ganhar estabilidade para não depender economicamente dele. Afirma que "nunca se separou por causa do poder aquisitivo". Também admite que é "masoquista e

covarde", já que tem capacidade de conseguir as coisas sozinha e continua dependendo dele. Tem medo de ficar sozinha. Observa-se ' que o sujeito já refletiu muito sobre esta questão e tem racionalizado sobre muitas hipóteses que justificam sua permanência na relação. Ela só não admite que pode estar sentindo uma viva atração sexual pelo seu marido, fato que pode estar dificultando o rompimento do vínculo e da relação.

4) Atitudes de submissão: apesar de contar com um componente ativo e determinado de sua personalidade, e até com uma certa dose de agressividade, o que lhe possibilitou abrir caminho no mercado de trabalho, na área afetiva contudo, francas atitudes de submissão fazem-na curvar-se ao domínio e ao controle do marido. Prova disto é que mesmo tendo adquirido sua autonomia e sua independência econômica admite-se impotente diante dele, não conseguindo impor sem subterfúgios seu "desejo" de separar-se. Precisa mentir para conseguir conviver com ele. Convivem pois, lado a lado, tendências de imposição e afirmação da personalidade com tendências à submissão e ao aniquilamento do eu.

5) Reação diante da violência do marido: diante da violência física J. se defende. Reage xingando, falando palavrões, batendo também até que familiares não venham em seu socorro. Diante das interdições do marido e boicote às suas tentativas de arrumar emprego, reage ameaçando de procurar a justiça para legitimar seus direitos de mulher casada ao trabalho. Efetivamente nunca fez nada. Admite que preferiu não dar queixa, "porque para dar queixa tem que dar e largar". Demonstra com isso que ao mesmo tempo que racionalmente possui uma orientação para agir com firmeza e segurança, na prática isto não acontece por não estar ainda muito certa de seu desejo de separar-se.

6) Dados relevantes de sua história de vida: sexta filha de uma numerosa família de doze irmãos (seis homens e seis mulheres), conheceu desde muito cedo a pobreza, a precariedade econômica, a subnutrição. Desde a infância o trabalho ocupou um papel de grande relevância em sua vida. A saída da mãe para o mercado de traba

lho forçou-a a assumir precocemente os encargos de uma dona de casa, ao mesmo tempo que lhe resultou uma profunda carência afetiva. O pai é mostrado como uma figura imatura e irresponsável, que não se preocupava muito com a subsistência da família envolvido com seus negócios que ninguém via. Na prática a mãe acabava sendo o "chefe da casa", responsável juntamente com os irmãos que trabalhavam, pelo sustento da prole. J. cresceu vendo tudo isso e também as brigas que eles tinham, apesar de que o pai não batia na mãe. Sua natureza batalhadora e empreendedora levou-a a querer estudar e trabalhar fora de casa, registrada. Sofreu a primeira discriminação, quando na quarta série foi impedida de continuar seus estudos pelos pais sob o pretexto de que "mulher não precisa estudar". Ao atingir sua maioridade retomou seus estudos e iniciou sua vida profissional. Casou-se jovem, aos vinte anos de idade, em decorrência de uma gravidez. Foi obrigada a interromper os estudos sendo que teve que contar com uma vontade férrea e obstinada para dar prosseguimento aos seus projetos futuros. O marido que parecia tão carinhoso e apaixonado durante o período de namoro mudou radicalmente. Mostrou-se um adolescente irresponsável que abandonou-a durante a gestação e na hora do parto, e nunca conseguiu se firmar profissionalmente. Cometeu violências e arbitrariedades para impedi-la de trabalhar. As brigas em geral eram porque ele não sabia administrar bem o dinheiro ou por questões aparentemente irrelevantes. J. enfrentou também discriminação no mercado de trabalho, pelo fato de ser casada. Dirigiu todos os seus esforços no sentido de se firmar profissionalmente, o que era tido como a chave de sua libertação e segurança. Possui apenas um filho de onze anos, com quem mantém um relacionamento muito próximo e "adulto". Optou por não ter mais filhos. Pretende separar-se assim que se fortalecer mais.

7) Ocorrência do alcoolismo do marido; associação entre o alcoolismo deste e a violência contra a mulher: ele bebe desde o início do casamento, o que tem sido um problema muito grande para o casal. J. afirma que "o casamento não vai acabar por causa de mulher, mas por causa de bar". Além de gastar a metade do dinheiro que recebe em despesas de bar, fica mais agressivo e muito dife-

rente quando bebe. Incomoda a todos em casa, não a deixa dormir e com o menino age incoerentemente e grosseiramente. Às vezes ele se transforma, o que leva J. a suspeitar do uso de tóxicos.

Análise interpretativa:

1) Dinâmica interna do sujeito: a questão profissional e financeira é um tema até obsessivo no discurso e na dinâmica interna do sujeito. Isto sugere ser esta uma importante via de afirmação de sua personalidade, uma forma eficaz de lidar com a ansiedade e ganhar segurança emocional. Junto ao grupo familiar originário seu apego ao trabalho poderia ser entendido como uma forma de ganhar a aceitação e o reconhecimento dos demais. Diante do marido, contudo, torna-se uma obstinação garantir o seu próprio sustento por que isto está associado a uma necessidade interna de preservar a sua individualidade, e não se submeter ao domínio aniquilador deste. Mais do que isso, pode oferecer até as possibilidades concretas para rompimento desta relação. Entretanto, isto não é suficiente. Há outros "laços" que a prendem ao marido que escapam à sua lógica racional e a mantêm numa posição de ambivalência. O sujeito é dotado de uma personalidade ativa e determinada que, porém sucumbe à figura dominadora/sedutora do marido. Dividida entre o medo e a atração sexual, ela não consegue tomar uma atitude permanecendo numa posição de imobilidade e perplexidade. Racionalmente tem claro para si que a melhor saída é a separação, mas emocionalmente não se sente fortalecida para efetivar isto. Encontrou um meio termo para enfrentar o marido que é fazendo as coisas que ele não quer, mas mentindo sobre isto, fazendo escondido. Este recurso demonstra que ao mesmo tempo que existe uma disposição para não se submeter, ela não se sente forte o bastante para assumir as consequências disso, por isso se esconde sob a máscara da mentira. O sujeito possui tendências depressivas arcaicas, as quais tenta dissimular através da comunicabilidade social e de constante movimento expresso no acúmulo de atividades. Contudo, o afrouxamento destas defesas provocado pela tensão interna de suas necessidades ("acúmulo de anos"), e a interceptação de descarga de

agressividade nas brigas com o marido (para não prejudicar o menino), deflagaram uma onda depressiva que a deixou em pânico. Aflo-
raram desejos de morte, o que parece ser um evento muito mais cir-
cunstancial do que um traço marcante deste caso, que se orienta ' para a combatividade e a disposição para a luta. Marcante neste caso seria uma profunda carência afetiva, que tem origens no a-
bandono não explícito, mas justificado da mãe, e na ausência do pai, que não cumpria seus encargos junto à família. Os modelos da figura materna e paterna refletem por um lado frieza, mas seguran-
ça na liderança e na manutenção; por outro, imaturidade, ausên-
cia, atividades fantasistas e obscuras. Isto continua sendo repro-
duzido em sua relação com o marido.

2) Dinâmica da relação: há um jogo de forças que constantemente ' se inverte na relação do casal. Quando se trata de garantir o sus-
tento da família e "pensar no futuro" ela é a cabeça do casal, desempenha o papel do adulto e da autoridade, enquanto ele parece o próprio adolescente que não tem muito "juízo" e prefere gastar todo o seu dinheiro com bebida. Quando se trata de relações afeti-
vas, mudam-se as regras do jogo e o poder se transfere para ele. J. torna-se submissa e "covarde", não sabe exatamente como se de-
fender. Sente-se fraca e amedrontada diante daquela figura mascu-
lina que cresceu, ficou forte e agora a mantém presa em suas mãos. A vida sexual do casal é motivo de intenso conflito entre eles. J. sente-se rejeitada e inadequada como mulher pela baixa frequência com que este a procura. Tem dúvidas explícitas sobre a heterosexua-
lidade dele, e talvez inconscientemente sobre a própria feminili-
dade e o papel da mulher. Está em constante relação de competição com ele (não gosta de procurá-lo porque isto lhe é humilhante, mas se isto não acontece ele também não lhe procura). São imensas as dificuldades de contato e de comunicação entre eles, não há diá-
logo. De qualquer forma fica evidente nesta dinâmica que a figura masculina tem poder e controle sobre a figura feminina, apesar dos traços fortes e determinados desta.

3) Dinâmica familiar: a criança compartilha diretamente dos pro-
blemas do casal, através das brigas que presencia e das confidên-

cias da mãe. Isto resultou em que o menino se aliasse à mãe e desenvolvesse com esta uma forte relação edípica, o que não elimina contudo seus conflitos e sua ambivalência em relação ao pai. A própria ausência do pai provocou que mãe e filho se aproximassem e se unissem, o que faz lembrar uma relação simbiótica. É importantíssimo o papel da criança na vida de J., única pessoa com quem pode construir uma relação afetiva sólida e gratificante. Por sua parte a criança amadureceu precocemente e deve trazer em sua personalidade os danos causados por ter crescido em um ambiente conturbado de tensão e violência ("ele tem medo do pai"). A mãe reconhece o prejuízo que possa estar causando a seu filho e resolve não brigar mais diante dele. Contudo, a criança já está aprendendo um de seus recursos, que é a mentira, e a sobrecarrega de solicitações de atenção, talvez movida pelo vazio que a ausência do pai provoca. Está explícita a idealização do menino para com a mãe, e a concepção do pai como figura imperfeita e defeituosa, que, no entanto também o domina e controla.

4) Contato social: ocorre de forma extrovertida e comunicativa negando suas dificuldades e escondendo suas reais necessidades. É extremamente crítica e apresenta um alto nível de exigência para consigo em suas relações sociais. No trabalho seu desempenho deve ser perfeito. Isto traduz uma insegurança e desconfiança quanto às próprias capacidades, além de profundas necessidades de aceitação.

5) Mecanismos de defesa utilizados: a racionalização é o mecanismo de defesa básico neste caso. Além disso, observa-se uma compulsão para o movimento e a ação.

Michelle.

4 anos

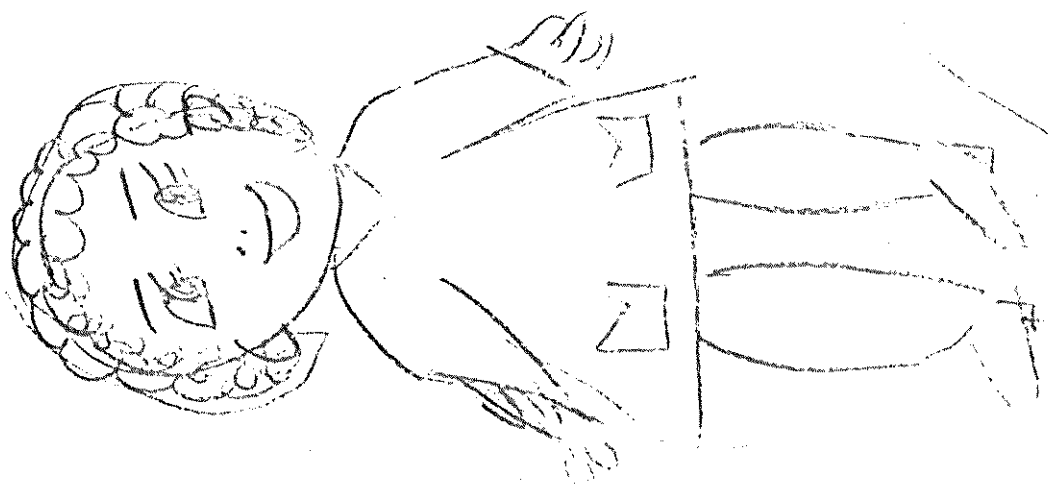


Figura Humana

FIGURA HUMANA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: diante da proposta da pesquisadora de que sejam feitos alguns desenhos, o sujeito reage com estranheza e com veemência a firmando que não sabe desenhar, e que seus desenhos são "horrorosos". Colocou-se que não está sendo avaliada a qualidade artística dos desenhos, o que ela conseguisse fazer estaria bom. J. se lança à tarefa com relutância e uma certa dificuldade.

Estória: "Michelle é uma menininha muito peralta, cabelinho crespinho. Ela gosta muito de brincar de boneca, de bola, de esconde-esconde. Tudo que uma criança gosta de brincar, sem distinção. E la é muito sapequinha. Quando o pai dela chega em casa ela quer tomar sorvete. Ela adora tomar sorvete. Um dia o pai dela disse que não podia levá-la, porque ela estava com gripe, o sorvete faria mal a ela. Mas ela não quis ouvir o pai e bateu o pé dizendo que queria tomar sorvete. O pai falou "eu levo, mas se você ficar doente terá que tomar injeção". Assim foi Michelle e o pai dela tô mar sorvete. Depois Michelle ficou doente, precisou tomar injeção. O pai disse: "eu avisei que você ficaria doente; agora você aprende que quando estiver com gripe não pode mais tomar sorvete". Depois disso Michelle nunca mais fez birra para tomar sorvete quando está com gripe. Ela aprendeu a lição. "

Nome: Uma Criança Desobediente

Inquérito: - O que a Michelle está fazendo aqui? Ela está esperando o pai dela chegar do trabalho para tomar sorvete. Mania de tomar sorvete.

- A mãe dela, onde está? Ela não morava com a mãe, não tinha mãe. Também não tem irmãos. A avó que cuidava dela durante o dia.

INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DOS TESTES GRÁFICOS

Sujeito: Jurema

1ª Produção: TESTE DA FIGURA HUMANA (Machover, 1949)

1) Posição da folha de papel: a folha foi apresentada horizontalmente ao sujeito. Não houve rotação, o que sugere tendência à colaboração e aceitação de sugestões. Contudo, sua atitude resistente frente ao teste, alegando que "não sabia desenhar", ou que "seus desenhos eram muito feios" aparentemente contradizem esta hipótese. Supõe-se, no entanto, que sua resistência esteja relacionada a um aguçado senso crítico originado por um alto nível de exigência e perfeccionismo em relação às suas produções, o que torna muito difícil arriscar-se ao próprio julgamento e ao julgamento da pesquisadora..

2) Localização do desenho na folha: centro, o que denota equilíbrio, segurança, auto-valorização, pessoa auto-dirigida e centrada em si mesma.

3) Tamanho: médio, o que traduz equilíbrio, segurança, adequação em relação ao meio ambiente, **comportamento adaptativo**, determinação e firmeza ao impor-se diante do meio.

4) Traçado: contínuo, o que significa energia, decisão, esforço dirigido, auto-affirmação. As linhas são grossas com suficiente pressão, o que denota energia, vitalidade, iniciativa, decisão e confiança em si, e talvez esforço para manter o equilíbrio da personalidade. Há uma tendência maior para linhas curvas com alguns ângulos agudos. O predomínio de linhas curvas está ligado à submissão e ao narcisismo, indicando ainda desenvolvimento restringido e menor agressividade.

5) Linha de base: presente, mas com ondulações, o que indica instabilidade e dificuldade no contato com a realidade.

6) Detalhes: os cabelos crespos foram destacados por uma cor diferente (preto) revelando-se em uma zona de sensibilização, cujo valor especial parece estar no narcisismo e na sexualidade vigorosa, inadequada e precoce em uma menina de quatro anos. Também o tamanho das pernas parece desproporcional ao resto do corpo, que é pequeno. Isto sugere propulsão e força, principalmente quando associado aos pés pontudos e com saltos, cuja conotação é de segurança e agressividade. A presença de bolsos sugere infantilização e dependência, assim como de botões. A boca oval e aberta pretende ser um sorriso, mas na verdade expressa erotismo oral e dependência. Os olhos, grandes e com cílios, estão voltados obliquamente sugerindo charme e sensualidade. Os braços curtos, a zona sombreada no lado direito acompanhada de corte brusco na manga são índices de ansiedade e indicadores de conflito relativos a atividades de manipulação ou contato.

7) Uso das cores: o padrão básico das cores utilizadas pelo sujeito é o amarelo-ocre. O preto entrou apenas para dar destaque ao cabelo, e o verde para representar a linha de base. O sujeito justifica a escolha desta cor como sendo a que mais se adapta ao ser humano, quanto à cor da pele. Trata-se de uma cor neutra, cujo efeito está em camuflar, fazer passar despercebido o desenho, que parece apagado e sem vida. Talvez isto seja devido a dois fatores: pode ser uma expressão da resistência de J. que apesar de aparentemente ter aceito a proposta, em um nível mais profundo continua se recusando para não expor sua produção à sua auto-crítica; ou ainda uma dificuldade de estabelecer relações interpessoais "quentes e compartilhadas" gerando vazio interior e pobreza afetiva.

8) Aspecto geral da figura: no seu aspecto geral a figura possui uma aparência infantil e estereotipada, comum de se encontrar em publicações para crianças. As estereotípias podem estar ligadas a uma deficiência na capacidade de expressão, mas revelam também algum grau de identificação com a figura que está sendo representada. A figura pretende ser uma menina de quatro anos, o que demonstra por si só uma falta de adaptação em relação à idade real do sujeito (31 anos). Evidências gráficas, no entanto, apontam para

uma figura híbrida, com cabeça grande, pernas e pés fortes e determinados, e um corpo pequeno, o que denota dificuldades no desenvolvimento físico e psicológico. O tamanho acentuado da cabeça associado à ausência de pescoço revela a ação esmagadora de controle intelectual e racional sobre os impulsos do id, o que resulta em uma atrofia do tórax e abdômem. Impossibilitada de exercer uma sexualidade adulta, esta se manifesta nos cabelos crespos escuros e diferenciados, e em seus traços coquetes.

9) Análise das associações: são relativas à dinâmica e às preocupações infantis: uma criança muito traquina comete uma falta e é punida involuntariamente por isso. Evidenciam-se fantasias de punição e culpa pela teimosia e obstinação em ver satisfeitos seus desejos mais pueris. Desobedecer as recomendações do pai significa romper com as contravenções sociais. Contudo, isto é vivenciado de uma forma muito perigosa, dadas as consequências. A injeção é um castigo merecido para uma criança desobediente. Por outro lado sua relação exclusiva com o pai (não possui irmãos e a mãe não mora com eles) sugere que ela ocupou o lugar da mãe e parece estar no auge do complexo de Édipo. J. demonstra possuir uma boa capacidade de síntese ao mesmo tempo que expressa seu conflito básico através do nome da estória.

10) Compreensão dinâmica geral: através da infantilização da figura humana observa-se que o sujeito está regredido a uma fase anterior de seu desenvolvimento, onde, com toda sua energia e vivacidade, está em conflito com a figura paterna. Possui dificuldade de trocas afetivas, ao mesmo tempo que sua auto-crítica está exacerbada ao extremo.

Wente das Duns Pessoa s

Sebastião -
Machelli -



TESTE DAS DUAS PESSOAS: PARELHA VERBAL

Personagens: Michelle: 4 anos; Sebastião: 32 anos (marceneiro)

Estória: "Era uma vez um senhor que tinha uma filhinha que ele adorava muito. Eles moravam sozinhos num lugar bem afastado do centro. De manhã ele a levava na casa da vovó, para que ele pudesse trabalhar. À tardinha, ele passava para pegá-la. Aí, iam embora os dois felizes para casa. Mas um dia Michelle começou a fazer perguntas para o pai, para as quais ele não tinha resposta. Ela queria saber onde estava a mãe dela, por que só ela não tinha mãe. Foi passando o tempo e ela fazendo as mesmas perguntas. Seu Sebastião não teve argumentos, precisou contar a verdade a ela. Michelle tinha sido abandonada pela própria mãe, quando ela tinha apenas um ano de idade. Seu Sebastião mostrou as fotos da mãe que ele havia guardado durante muitos anos. A filha tinha toda liberdade para procurar a mãe e saber qual foi o motivo do abandono. Seu Sebastião ficou com uma dor no peito com medo da filha ir embora ao encontro da mãe e nunca mais voltar. A curiosidade de Michelle foi matada; ela voltou decepcionada para os braços do pai e os dois viveram felizes."

Título: A Mãe Desaparecida

Inquérito: - Por que a mãe desapareceu? Porque quando a menina nasceu ela viu que não era aquilo que ela queria, ficar cuidando de criança, de marido. Queria mais era aventuras. Ela era muito nova, o casamento iria prendê-la. Então ela saiu pelo mundo e abandonou a filha e o marido, fez sua vida lá fora e nunca mais voltou.

- Como Michelle se sentiu tendo sido abandonada pela mãe? Antes de conhecer a mãe ela era muito triste, sofria a ausência da mãe, pois via as outras crianças com mãe. Depois que a conheceu, ela viu que o pai dela lhe dava todo carinho e sentiu-se feliz.

- Qual foi sua impressão ao conhecer a mãe? Michelle se decepcionou porque sentiu na mãe uma mulher muito fria, calculista e não demonstrou nenhuma alegria em vê-la.

2ª Produção: TESTE DAS DUAS PESSOAS (Bernstein, 1959)

- 1) Posição da folha de papel: a folha foi apresentada horizontalmente ao sujeito; não houve rotação. São válidos os mesmos comentários do desenho anterior.
- 2) Localização do desenho na folha: metade esquerda, o que está relacionado a introversão, predomínio da afetividade, do passado e do esquecido, comportamento impulsivo.
- 3) Tamanho: médio; são válidos os mesmos significados do desenho anterior.
- 4) Traçado: contínuo, com predominância de linhas retas e ângulos, o que denota humor agressivo, e possivelmente rigidez, intransigência e capacidade limitada para fazer amizades. A pressão do lápis é maior na figura masculina, o que confere-lhe maior destaque; e grossura às linhas. Quanto à figura feminina, as linhas que a compõem são mais finas e débeis. Isto significa que enquanto a figura masculina possui maior vitalidade, iniciativa e confiança em si, a figura feminina demonstra insegurança, timidez e sentimento de incapacidade.
- 5) Linha de base: ausente, o que denota falta de contato com a realidade.
- 6) Detalhes: quanto ao tamanho, a figura masculina também é maior que a feminina, estando num plano superior. Não há comunicação entre eles; apesar de relativa proximidade suas mãos não se tocam, inclusive ele não tem a mão direita. Ambos possuem uma carreira de botões na linha mediana do corpo, o que além de dependência e infantilização também pode evidenciar preocupações somáticas. Ambos possuem bolsos; no caso dele situa-se no peito sendo um índice de privação oral e afetiva. Há uma linha divisória (cinto para ele, barra do vestido para ela) que separa tórax e pernas deixando estas partes do corpo desproporcionais e desengonçadas. Isto, associado aos ombros assimétricos e atrofiados sugere à figura

masculina fraqueza e insegurança, apesar da aparente força que o sujeito tentou imprimir-lhe nos traços. O rosto possui o mesmo padrão que o dela, um caráter indiferenciado e infantil sem traços de masculinidade. O chapéu sobre sua cabeça pode ser comparado a um órgão receptor simbólico (a vagina); observa-se que há um destaque maior na área envolvida por ele (oval, com um ponto no centro). Tudo isso são traços que feminilizam muito uma figura que pretende ser masculina. Suas pernas são muito compridas, talvez na tentativa de compensar a ausência do abdômem. A gravata levemente esboçada sugere sentimentos recalcados de inferioridade orgânica. A figura feminina além de ter os ombros e a mão direita atrofiada, teve seus cabelos esmaecidos, que passaram de preto para uma tonalidade quase imperceptível. Isto sugere inibição e restrição diante da figura masculina. Ambos estão olhando em direção a um ponto qualquer, convencionalmente interessante. As bocas que tentam esboçar um sorriso, mas que estão tortas e contorcidas, expressam esse caráter formalista e artificial.

7) Uso das cores: segue a mesma tendência do desenho anterior tendo como exclusividade de uso, o amarelo-ocre. Os significados são basicamente os mesmos.

8) Aspecto geral da figura: de uma maneira geral as duas figuras são muito semelhantes, seguindo o mesmo padrão. São infantis e estereotipadas. Aparentemente não há distinção de sexo a não ser pela vestimenta. Ambas parecem estar "no ar". Diferem apenas no sentido de que a figura masculina recebeu maior destaque através da força dos traços e maior riqueza em detalhes; enquanto isso a figura feminina lembra uma criança de tenra idade.

9) Análise das associações: a "estória" é uma continuação da primeira, podendo ser considerada como um segundo capítulo.

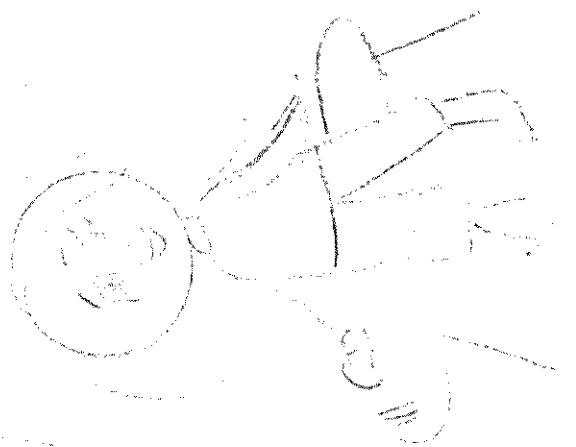
Pareilha verbal, aspectos descritivos: trata-se de uma pareilha heterossexual, cuja diferenciação entre os sexos é feita com base na indumentária somente. A idade é mista (adulta e infantil), regressiva em relação à figura de identificação do sujeito. A natureza do vínculo é paterno-filial, contudo sinais gráficos apontam

para uma infantilização e efeminização da figura masculina. A situação da dupla é de passeio e corresponde a uma produção do mundo de fantasias.

Aspectos dinâmicos: a estória sugere uma idealização da relação entre pai e filha com um colorido edipiano muito intenso. A figura paterna é mostrada como sendo protetora e magnânima. A figura materna, aquela que abandona e rejeita, é fria e insensível. Recusou-se a assumir os papéis sacramentados de esposa e mãe, preferindo levar uma vida livre e inconseqüente. Por isso é uma figura má e traiçoeira, a própria vilã da estória. O homem e a criança são vítimas que foram abandonadas. Ele cultiva a memória da esposa guardando suas fotografias, e envolve de mistério o abandono como a própria cena primária. Michelle vai conhecer a mãe, mas volta para o pai. O triângulo vivenciado em fantasia já não constitui mais ameaça, a frieza da mãe afastou uma possível traição ao pai, e os dois podem "viver felizes para sempre". A imagem que o sujeito faz de si mesmo nesta estória é a de uma criança órfã (figura de identificação) e a do seu pai como um pai injustiçado e cumpridor de seus deveres, que é pai e mãe ao mesmo tempo. Neste caso a parêntese também pode ser interpretada como uma projeção das partes internas do sujeito, seu ego (Michelle) contraposto ao seu ego ideal (Sebastião); sua parte feminina amparada pela parte masculina ao se sentirem duplamente abandonadas. O contato e a comunicação são exaltados de forma estreita e profunda na parêntese verbal, o mesmo não ocorrendo na parêntese gráfica (já descrito). O tema afetivo é de íntima e calorosa integração com a figura paterna ao mesmo tempo que é de abandono da figura materna. Quanto à escolha de nomes, o dele é bastante comum enquanto o dela é sofisticado. A análise do título demonstra que o sujeito tentou abrandar o abandono com uma palavra menos comprometedora ("desaparecida") fazendo da mãe o protagonista da estória. Pode-se observar uma tendência à negação de conflitos e traumas através da idealização de uma relação "amorosa" com o pai.

Cena Doméstica

Lucena



CENA DOMÉSTICA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: enquanto desenha J. faz as seguintes observações: "Eu só uso uma cor, você reparou? É que eu começo a fazer, não quero parar porque senão vai ficar mais feio ainda. Meus desenhos são muito feios." Inquirida sobre a escolha daquela cor especificamente (amarelo-ocre), ela justifica dizendo que é a que mais se adapta ao ser humano, quanto à cor da pele. Diante da tarefa de contar uma estória diz "estorinha, outra coisa que eu sou horrível!" Todavia, antes de começar explica "Essa história é minha vida quando eu chego em casa."

Estória: "Isso aqui é uma cena de quando eu chego do trabalho, eu chego em casa. Nunca faço isso primeiro. Geralmente o que eu faço é olhar o caderno do meu filho, isso é sagrado. Aí eu olho caderno por caderno. Depois eu tomo banho, vou preparar a janta, dou uma varrida na casa por cima porque não dá para limpar direito. Geralmente eu lavo roupa num dia, no outro eu passo. Aqui eu estou passando roupa na frente da televisão. O único momento que dá para ver televisão é essa hora. Depois que eu termino geralmente vou deitar, dormir para descansar para a rotina do dia seguinte."

Nome: Minha Rotina

Inquérito: - Como você está se sentindo aí? Uma verdadeira escrava, porque enfrentar o dia-a-dia no escritório, chegar em casa e encontrar um monte de coisa para fazer, sem ajuda, é demais! Geralmente fico com raiva porque me dá revolta. Eu peço ajuda e ele diz "por que é que você trabalha então?". Eu vejo casais em que a mulher trabalha, tem uma divisão, o marido ajuda.

3ª Produção: CENA DOMÉSTICA

- 1) Posição da folha de papel: ídem ao anterior.
- 2) Localização do desenho na folha: metade direita, o que denota extroversão, atividade, socialização, relação com o futuro.
- 3) Tamanho: pequeno, o que indica sentimentos de inferioridade e de inadequação, inibição, tendências ao retraimento, comportamento emocionalmente dependente.
- 4) Traçado: contínuo, predominância de linhas curvas e finas, o que é devido à pouca pressão do lápis no papel e denota falta de energia. O desenho de uma maneira geral é muito apagado. Quanto ao significado de linhas curvas e traçado contínuo, já foram tratados em desenhos anteriores. Observa-se contudo, que o sujeito não mantém um padrão constante quanto à qualidade das linhas, ora elas são grossas e curvas, ora, finas e retas com ângulos. Este dado aponta para uma instabilidade emocional, ou de que o sujeito talvez não tenha sua identidade bem definida e estruturada.
- 5) Linha de base: ausente, porém existe uma linha quase imperceptível que margeia o desenho, talvez com o objetivo de delimitar o espaço em que tem lugar a cena doméstica. Isto sugere que a cena para J. se situe fora da realidade, em um contexto dramático.
- 6) Detalhes: a figura possui uma cabeça grande e um corpo pequeno, infantil. As mãos praticamente não aparecem, sendo que pelo desenho não se tem uma percepção clara do que ela está fazendo. De uma maneira geral há pobreza em detalhes, o que traduz sentimentos de vazio e de energia reduzida. Ocorre transparência das pernas da figura humana em relação ao objeto que está na sua frente, o que sugere negação da realidade. Neste caso ocorre uma projeção consciente,, o nome da personagem já não é mais Michelle, mas J., o nome do próprio sujeito. Ela parece estar vestida de uma forma bastante informal, o que lembra trajes para dormir. Há falta flagrante de perspectiva, o que aponta para a fragilidade de susten-

tação dos objetos. Por outro lado, o desenho visto de longe, como de um "palco" pode refletir uma defensiva rejeição da situação do lar, neste caso, das tarefas domésticas.

7) Uso das cores: este desenho não fugiu ao padrão geral anterior quanto ao uso das cores. Foi utilizada apenas uma única cor e esta continua sendo o amarelo-ocre. A interpretação psicológica neste caso continua sendo aquela já discutida para a escolha desta cor.

8) Aspecto geral da figura: trata-se de uma figura infantilizada com "ar sonhador"; parece estar muito distante de suas obrigações rotineiras. Lembra uma criança tentando mostrar que já é gente grande. Esta é uma figura que pretende ser adulta, mas que no que diz respeito ao tamanho, é menor e mais apagada que nas duas produções anteriores, onde as personagens eram infantis. Esta incongruência revela possivelmente fixação em um modelo infantil de comportamento, e dificuldades no desenvolvimento.

9) Análise das associações: o sujeito descreve sua rotina diária desde que chega em casa do trabalho; queixa-se por não ter a colaboração do marido, e inveja outros casais em que aquele participa. O único momento de prazer que experimenta entre tantas tarefas chatas e repetitivas é quando passa roupa e assiste televisão ao mesmo tempo (isto é o que o desenho representa). Nesta produção houve uma projeção consciente, onde Jurema descreve fielmente sua rotina diária, e retrata uma de suas atividades. Trata-se de uma dinâmica típica da mulher moderna, onde esta sente-se sobrecarregada pela dupla jornada de trabalho, ao mesmo tempo que fica ressentida com o companheiro que não divide com ela os encargos domésticos. O nome da estória resume toda a temática; Jurema revela mais uma vez possuir uma boa capacidade de síntese.

Desenho Livre



DESENHO LIVRE: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: ao ser informada de que esta produção tratava-se de um desenho livre J. se anima e diz: "Ah, esse eu vou colorir!", e debruça-se sobre a tarefa sem nenhuma dificuldade. No entanto, no momento de contar a estória reafirma: "Eu sou um fracasso para desenho, não me torture!". E continua dizendo "quem que eu vou por para morar nesse cogumelo?".

Estória: "É um cogumelinho que estava sozinho no campo. Aí passava ao redor do cogumelo um casalzinho de taturana (é o único bichinho que cabe aí dentro). Aí eles foram morar dentro do cogumelo. E com o tempo foram nascendo florzinhas. De vez em quando esse casalzinho recebia visita de borboleta, pardalzinho. Aí o casalzinho de taturana começou a decorar o cogumelo; fez uma portinha, uma janelinha, enfeitou o cogumelo por dentro. Com o tempo foi nascendo mais cogumelos, passava bichinho lá, começou a fazer do cogumelo sua moradia, como o casalzinho anterior. Logo em seguida, se transformou numa vilinha de bichinhos, aquele monte de cogumelos coloridos com bastante florzinhas em volta."

Nome: Uma Vila Alegre

Inquérito: - Que tipo de bichinho morava na vila? Ah, formiguinha, caracol.

- Qual o bichinho que você mais gosta? A borboleta. Ela está de passeio, de vez em quando ela pousava lá. Ela vai e volta. Está procurando um parzinho para ela.

4ª Produção: DESENHO LIVRE (Trinca, 1976)

1) Posição da folha de papel: ídem ao anterior.

2) Localização do desenho na folha: centro; o significado psicológico é o mesmo da primeira produção.

3) Tamanho: grande (considerando que o objeto representado se trata de um cogumelo). Isto está relacionado a sentimento de expansão e agressão, falta de controle e de inibição.

4) Traçado: contínuo; predominância de linhas curvas de grossura média, o que sugere razoável nível de energia, com relativa vitalidade, espírito de iniciativa e confiança em si; meio termo.

5) Linha de base: presente, mas com ondulações. O mesmo que no primeiro desenho.

6) Detalhes: o cogumelo parece ser uma casinha de bonecas, pois possui minúsculas portas e janelas, e uma "copa" grande que se assemelha a um telhado. Nesse sentido, as bolas coloridas presentes na copa assim como as linhas de sustentação demonstram que a parte superior é bem trabalhada, o que sugere mundo de fantasias rico e predominante. Em contraposição, o contato com a realidade está fracamente delineado (a base do cogumelo parece estar no "ar"). A porta fechada demonstra dificuldade de comunicação e contato. A janela aberta localizada em um plano superior indica a presença de moradores que se colocam em um plano quase inacessível. A borboleta fagueira que pousou na copa indica ser esta "casa" receptiva e acolhedora. A borboleta recebe um destaque especial por suas lindas asas e por suas antenas em riste. Simbolicamente ela pode representar a ânsia de liberdade, mas também pode ser expressão de uma sexualidade glamourosa. As flores abaixo no solo reiteram o quadro geral do contexto bucólico e sugerem infantilização e imaturidade.

7) Uso das cores: encorajada por se sentir à vontade na escolha do

tema, J. pôde desenhar algo que lhe era bastante familiar, já que tinha o hábito de fazê-lo em casa. Mais confiante e segura aventurou-se ao uso de cores quentes (vermelho, amarelo, laranja) fugindo ao padrão anterior de uma cor neutra. O uso de cores quentes reflete maior segurança nas áreas emocionais representadas pelas cores, ao mesmo tempo que demonstra vida e energia. Também apareceram outras cores, o preto, o marrom e o verde, embora em menor escala. Isto demonstra equilíbrio entre as forças reguladoras da afetividade e da personalidade.

8) Aspecto geral da figura: o desenho de uma maneira geral sugere uma estória de conto de fadas, um mundo mágico e fantasioso; um cogumelo gigante que é habitado por pequeninos seres e que serve de repouso para uma borboleta. Tudo isso adquire um caráter compensatório muito grande não só pelo tamanho, mas pela própria temática onde um adulto cansado das formas estreitas e alienantes de sua rotina, escapa para o fantástico mundo das fábulas.

9) Análise das associações: através da estória observa-se a idealização da relação de parilha entre machos e fêmeas no reino animal; há uma supervalorização do cogumelo-toca de forma a torná-lo a morada perfeita e acolhedora, a fim de que este pudesse corresponder e se aproximar o mais possível da noção humana de um "lar, doce lar". É curioso o aspecto da propagação e da reprodução dos cogumelos, os quais chegam a formar uma vila que abriga muitos animaizinhos. Os cogumelos não podem ficar sozinhos, assim como os bichos que devem encontrar o seu par e procurar a sua morada. Forma-se um reino encantado onde os casaizinhos vivem felizes dentro de seus cogumelos. Esta implícito nisto tudo a noção de que os seres vivos devem se constituir aos pares. Por outro lado, não é possível exprimir uma sexualidade humana em um nível adulto. Esta regride visivelmente num nível de escala animal, ficando a reprodução reservada aos vegetais. Assim, resguarda-se a pureza e a inocência e os mistérios da sexualidade continuam intocáveis. Prevalece o aspecto da magia e da fantasia. O sujeito parece ter se identificado com a borboleta solitária, visita ocasional que ainda não encontrou seu "par" nem sua morada.

Síntese do Caso Jurema

1) Temática do caso: apesar de haver alguns incidentes marcados por violência física, não é isto o que caracteriza a temática deste caso, mas muito mais uma atitude de rebeldia do sujeito em curvar-se ao domínio de seu companheiro, tendo no trabalho sua arma por excelência. O trabalho associado a questões financeiras é um tema de forte colorido emocional para J., vindo a constituir um meio de afirmação pessoal.

2) Histórico de vida:

- elementos traumáticos: não houve eventos traumáticos de grande monta, a não ser que sua infância foi marcada muito mais por uma carência afetiva, e por uma "maturidade" precoce" ao assumir desde muito cedo funções de adulto, movida principalmente pela luta pela sobrevivência.
- situações de vida em relação aos pais: não houve violência física na família de origem; apesar disso eles brigavam muito vindo a se separar tardiamente. Na relação com o sujeito eles sempre foram muito "frios" e distantes.

3) Dinâmica do caso: o sujeito dispõe de uma personalidade ativa e determinada, até mesmo voluntariosa, que visa a todo custo a consecução de seus empreendimentos. Contudo, vivencia conflitos na área afetiva-emocional, mais especificamente no seu relacionamento com o marido. Este, sempre que pode, boicota todas as suas tentativas de crescimento de forma arbitrária e até violenta. J., diante disso, experimenta uma situação de ambivalência, "quer separar, mas não consegue". O grafismo revelou conteúdos inconscientes em que ela flagorosamente expõe o seu lado infantil tão severamente reprimido pela sua mente lógico-racional, sua função consciente.

4) Atitude básica em relação a si própria:

- identidade pessoal: menina de quatro anos, atrevida e impetuosa, que vivencia conflitos com punições provenientes de

: contravenções às regras. Portanto, adequada em relação ao se xo, mas regressiva em relação à idade.

- auto-imagem: positiva, com aspectos supercompensatórios, os quais possivelmente visam dissimular uma insegurança interna.
- aparência física: o sujeito se destaca por sua aparência mui to bem cuidada, que foge ao padrão geral da clientela do SOS. Além de vestir-se harmoniosamente e com esmero, dirige cuida dos especiais ao cabelo, crespo e rebelde.

5) Atitude básica em relação ao mundo: é de domínio, autonomia, necessidade de êxito, além de marcada comunicabilidade social.

6) Relação de parêntese: ocorre a projeção da figura paterna no marido, ao mesmo tempo que ela regride a níveis infantis. Com isso, configura-se a relação edipiana onde a menina tem posse exclusiva sobre o pai. Sua atitude em relação ao marido é ambígua, ela oscila entre um autoritarismo manifesto e atitudes francamente submissas. Isto supõe que o sujeito revivencia na relação aspectos arcaicos de sua situação infantil, na qual ao mesmo tempo que é filha também pode, em suas atividades de fantasia, inverter o papel e se tornar mãe.

7) Sentimentos expressos: os sentimentos marcadamente expressos foram os de solidão, abandono, carência afetiva, rejeição.

8) Tendências e desejos: desejo de sanar carência afetiva; necessidade de atenção e consideração; de aquisição e construção; necessidade de sexo. Pedido de ajuda.

9) Impulsos: persistem lado a lado impulsos amorosos (instinto de vida) através da erotização do objeto, e destrutivos (instinto de morte), manifestos através do desejo de separação e consequentemente de destruição da relação. A direção destes impulsos não é somente no sentido hetero-agressivo e hetero-erótico, como também auto-agressivo (falta de energia e desejo de morte) e auto-erótico (narcisismo em relação à sua pessoa). Contudo, isto não é num nível muito acentuado, prevalecem os impulsos dirigidos para fora.

10) Ansiedades: prevalecem ansiedades paranóides, que se caracterizam pelo medo do castigo, de desaprovação, de privação, de falta de afeto, pelo medo de ser abandonada.

11) Mecanismos de defesa: racionalização, repressão, regressão, compulsão para a ação são os principais mecanismos de defesa utilizados, sendo que a regressão o é num nível muito mais inconsciente.

12) Sintomas expressos: depressão, até então dissimulada; falta de vontade de viver; auto-crítica exacerbada; incapacidade para resolver sozinha seus problemas.

13) Alcoolismo do marido: constitui um problema de grande vulto na relação do casal, sendo inclusive apontado pelo sujeito como um fato capaz de provocar separação.

14) Tentativas de suicídio: não houve nenhuma. O manejo de tendências auto-destrutivas ocorre através de uma superatividade e de uma compulsão para a ação associadas a uma extroversão exuberante. Ocorre, pois, uma negação destas tendências, o que levou a um enfraquecimento das defesas e à capitulação do sujeito que procurou ajuda no SOS/Ação-Mulher.

5. Caso IVETE

1) Dados Pessoais:

Idade: 23 anos

Escolaridade: 2º Grau Incompleto (1ª série)

Estado Civil: casada

Número de Filhos: 01 (menino de 05 anos)

Cor: mulata

Local de Nascimento: Dracena - S.P.

Profissão: costureira

Encaminhada por: Delegacia da Mulher

2) Dados do Marido:

Idade: 30 anos

Estado Civil: casado

Profissão: encarregado de segurança

Condição sócio-econômica do casal: classe média baixa

3) Técnicas utilizadas para estudo do caso:

3.1) Entrevista semi-dirigida p. 260

Síntese e interpretação dos dados p. 272

3.2) Testes Gráficos

Figura Humana p. 279

Testes das Duas Pessoas p. 285

Cena Doméstica p. 290

Desenho Livre p. 295

4) Síntese do Caso Ivete: p. 300

Entrevista - Caso IVETE

P.: "Gostaria que você começasse contando por que razão procurou os serviços do SOS.

5 I.: Bom, eu procurei para pedir a separação legal dele, né. Por que a gente tá casado há sete anos. Nesses sete anos ele vem a-
prontando, pedindo chance, falando que vai mudar, mas está sempre a mesma coisa, ou até cada vez pior. Chegou ao ponto de eu precisar procurar a Delegacia da Mulher e agora acho que não tem mais jeito mesmo, não tem mais solução, não dá mais. Acabou tudo.

P.: O que é que ele vem aprontando com você?

10 I.: Bom, mesmo antes de casar, né, por que nós morávamos pertinho fomos criados juntos. Na verdade somos primos de primeiro grau, o pai dele é irmão do meu pai. Então, desde que eu era garotinha que ele me persegue. O meu pai não queria de jeito nenhum, nem o pai dele, eles não aceitavam o fato dele ser parente. Ele então, fazia
15 pressão em cima de mim. Aí vem sempre assim. Eu terminava o namoro com ele ... não era bem um namoro; aí, ele fazia pressão, me a-
meaçava, me batia, jogava pedra, essas coisas.

P.: Então ele já te batia desde a época do namoro?

20 I.: É, depois seguia, inventava mentira para o meu pai brigar comigo, ele era muito bravo. Quando eu tinha 15 anos, meu pai veio para Campinas para operar da vista. Eu tinha tres irmãos que moravam aqui; como eles tinham que trabalhar, então eu vim para ficar com ele, durante o dia.

P.: E sua mãe?

25 I.: Minha mãe ficou lá onde a gente morava, com meus irmãos. Quando cheguei aqui eu ainda não namorava, então aceitava o que ele fazia. Aí, eu arrumei um namoradinho aqui, não sei quem foi que falou para ele, pois logo em seguida começaram as ameaças. Ele queria que eu casasse com ele, mas eu não queria. Então, começou
30 a ameaçar meu pai, falou que ia matá-lo, por que era ele que tinha arrumado isso tudo para eu não casar com ele. Ficou ameaçando e eu fiquei com medo. Um dia à noite fez um escândalo, falou que estava ficando louco. Aí, eu aceitei fugir com ele, faltavam tres meses para eu inteirar 16 anos para a gente poder casar. O pai as

35 sinou tudo, o casamento, enfim, e nós fomos morar com a mãe dele. Eles começaram a querer me fazer de empregada, a desfazer de mim, não me davam nada. E foi indo. Depois o pai dele fêz uma casinha, e a gente foi morar nela. Ele saía e não me levava. Depois que a gente casou não me levou para lugar nenhum para passear não. Ele
40 saía a hora que queria e voltava a hora que queria. E eu tinha ' que ficar em casa, só ia na casa de minha mãe, se eu saísse ele brigava. E foi muito assim. Aí apareceu o Eduardo, meu filho, eu pensei que ia melhorar, mas piorou. Quando eu estava grávida ele queria sair à noite e me deixar em casa sozinha, não fazia nada
45 para mim quando eu precisava. Nos dois últimos meses tive que ficar de cama, pois fiquei com hipertensão. Eram minhas irmãs que me ajudavam. Depois, quando o Eduardo nasceu, continuou a mesma ' coisa, ele prometendo que ia mudar, mas empurrando tudo em cima do Eduardo. 'É, você não pode sair de casa porque tem um filho pequeno'. Foi assim até hoje. Depois nós voltamos para Mato Grosso com meu pai. Aí, ele comprou uma chacinha lá, mas logo começou a falar que sentia dor-de-cabeça por causa do sol. Então ele resolveu vender a chácara e procurar emprego aqui em Campinas. Volta -
50 mos a morar na casa da mãe dele. Foi a mesma coisa. Como sempre desfazendo de mim, me maltratando. Eu ficava em casa direto, não saía nem para tomar um sorvete. Um dia, mexendo na carteira dele, achei uma identidade, de mulher né. Eu escondi a identidade, quando ele veio me perguntar eu o pressionei para que ele me dissesse quem era. Aí ele contou. Ele tinha outra mulher. Então ele acabou
60 com tudo que a gente tinha. A gente ficou sem absolutamente nada, e começou a passar apertado. Ele arrumou uma casa, alugou, a gente foi morar. Aí ele saía no sábado à tarde, voltava no domingo. No outro dia, eu continuava sozinha com o Eduardo em casa, que ele era pequenininho. E ele mamava só no peito, porque eu nunca dei mamadeira para ele não. E deixava eu sem nada para comer. Quantas
65 vezes eu dei de mamar sem nada na barriga. E ele não reconhecia.

P.: Você não trabalhava?

I.: Não, eu não trabalhava porque eu amamentava ele só no peito, não tinha como trabalhar. Ele não comprava leite para eu dar para
70 o Eduardo, também não dava nada. Então eu vendi uma máquina que o meu pai tinha me dado e fui embora, né. Aí, ele me bateu um dia

de noite.

P.: Foi a primeira vez que ele te bateu depois do casamento?

75 I.: Não, foi a segunda já. Porque antes, eu morava na casa da mãe dele mesmo, ele já havia dado tapinha assim. Eu estava amamentando o Eduardo de noite com muita dor-de-cabeça e estava chorando, a cabeça estava doendo muito. Aí, ele me deu dois tapas, no meio da noite. Disse que eu estava fingindo chorando à toa. Depois, foi por essa vez que eu fui embora para Mato Grosso que ele me chutou.
80 Chutou a carne assim, que até sangrou. Quando eu fui embora, eu estava sangrando.

P.: Por que razão ele te bateu esta segunda vez?

I.: Foi nessa época que a gente não tinha mais dinheiro. Ele me deu uma certa importância que era pouquinha coisa na época. Um
85 dia à noite, o Eduardo estava chorando e eu fui comprar um analgésico infantil para ele na farmácia. Ele não trazia nada para mim da rua. Se eu quisesse, tinha que pegar o Eduardo no colo e sair porque lá também não tinha circular. Aí eu fui lá distante da cidade, porque era domingo e não tinha farmácia aberta no centro.
90 Eu fui comprar analgésico para o Eduardo, e ele disse que eu tinha ido vagabundar na praça. Aí ele ficou brigando comigo, disse que eu tinha gastado dinheiro à toa, ficou me xingando e eu chorei. Daí deitei na cama para dar mamar para o Eduardo, ele veio e me chutou por trás. Foi aí que eu vendi a máquina e fui embora para
95 Mato Grosso. Não passou uma semana, e ele chegou lá atrás de mim. Falou que ia mudar, que não ia mais fazer isso, prometeu tanta coisa. Eu, como já estava cansada das promessas dele, falei que não ia voltar não. Como ele viu que não tinha mesmo jeito, fez ameaça. Falou que se eu não voltasse, matava uns três, quatro de
100 minha família. Como eu não queria que ele fizesse bagunça com eles, eu vim prá cá. Nós viemos para a casa de minha irmã, porque a gente já não tinha mais nada. Ele arrumou emprego na CPFL, de guarda, e começou a implicar com a minha irmã e comigo; ficava me beliscando, me pirraçando. Aí ela ficou com raiva, saiu de casa
105 e foi morar no emprego. Deixou a casa prá gente. E nós continuamos nessa vida, sempre brigando. Antes disso, ele me chutou nas costas quando eu estava dando mala para guardar. Depois, a outra vez foi que entupiu o buraco da pia. Eu estava lavando louça, e-

110 le disse que era culpa minha que a água estava saindo para fora ,
que eu não parava de lavar louça. Aí, ele estava com um pedaço de
galho de amora, ele chegou assim por trás e me bateu. Ficou umas
duas semanas roxo.

P.: Como você reagia cada vez que ele te agredia?

115 I.: Eu chorava, ficava com raiva, mas depois não tinha jeito, dei-
xava para lá. Ele me ameaçava, falava que se eu largasse dele, e-
le me matava.

P.: Você não se defendia?

I.: Não, só uma vez que eu enfrentei ele, né. Foi dessa vez que
ele me deu a varada, mas eu também não posso com ele, que é muito
120 fortão, né. Eu estou sempre deixando passar, e ele sempre fala
que não vai fazer mais isso, que se arrependeu, não sei o quê.
Mas torna a fazer a mesma coisa. Agora, dessa vez, eu enjoei de
ficar em casa direto assim e comecei, domingo a dar uma voltinha.
Às vezes levava o Eduardo. Mas sem ele saber, porque senão ele me
125 batia mesmo, como aconteceu dessa última vez que eu fui na Delega-
cia da Mulher. Eu saí sozinha, era umas cinco e meia, quase seis
horas. Quando deu oito e quinze eu já estava em casa. Aí falaram
para ele na rua, que eu tinha saído. Isso foi no domingo. Ele fi-
cou me ofendendo a semana inteira, eu sem saber porque era. Quan-
130 do foi na sexta- feira, eu estava almoçando e ele começou a dizer
que eu estava bagunçando na rua, começou a falar... Aí eu me abor-
reci com aquela falação, peguei meu prato, ia levantando da mesa,
mas ele me agrediu. Me derrubou em cima da mesa, meu prato caiu
no chão. Derrubou tudo minha comida, começou a me dar sôco. Aí, o
135 Eduardo chegou chorando 'não faz isso com a minha mãe, não faz is-
so'. E ele continuou fazendo. Me deu sôco para todo lado. E de-
pois eu estava caída, assim, em cima da mesa. Estava indefesa ,
não tinha como reagir, e ele me dando sôco. Aí ele me puxou pela
perna e eu caí de cima da mesa, assim, com a parte das costas no
140 chão, em cima dos cacos do prato, assim, tudo. Eu fiquei com
dor nas costas um tempão; também cortou assim, e aqui assim (mos-
tra uma parte do braço), deu umas arranhadinhas nas costas também.
Aí minha vizinha chegou, gritou com ele e ele parou. O Eduardo cho-
rando, chorando, aí ele parou. E falou assim: 'ih! agora não tem
45 mais nada, acabou tudo. Só o Du que vai ficar comigo'. Disse que

eu tinha que sair de casa. Aí, a minha vizinha me deu o telefone da Delegacia da Mulher, e eu fui. Ele foi atrás de mim até lá falando: 'você não tem coragem de me denunciar, você não tem coragem, você não vai fazer isso'. Mas eu fiz, eu o denunciei. E ele ficou esse mês inteirinho fazendo pressão em cima de mim. Que eu tinha que retirar a queixa, senão ele ia fazer isso, fazer aquilo. E eu não retirei.

P.: O que é isso e aquilo?

I.: Disse que ia acabar comigo, que eu ia me arrepender. Ele faz pressão para eu retirar a queixa e joga tudo em cima do Du. 'Porque o Du vai sofrer, porque o Du vai chorar'. Mas eu não retirei; hoje nós fomos falar com a delegada, e ele começou a querer dar uma de bonzinho. Então eu desmascarei ele todinho, lá. Aí, ela deu o telefone daqui. Quando fomos chegando em casa ele começou a falar: 'você não vai atrás do advogado', eu falei: 'vou!'. Ele começou a me ameaçar, disse que ia quebrar minhas pernas. Ele falava: 'Vem, pode vir. Não adianta correr agora, porque a hora que você estiver dormindo é melhor ainda'. Aí eu telefonei para a polícia, para o plantão. Ela falou que não podia mandar viatura, mas se ele brigasse comigo era para eu telefonar que eles iam lá. Depois ele foi trabalhar; agora quando chegar a noite eu não sei.

P.: O que você está imaginando que vai acontecer à noite?

I.: Ah, eu tenho medo, eu estou com medo porque ele trabalha com arma, tudo né. Eu tenho medo. Bom, mas arrependida de fazer isso eu não estou porque é uma coisa que eu queria fazer há muito tempo. Eu estou muito segura do que eu estou fazendo, mas o que eu estou preocupada é dele fazer alguma coisa contra mim.

P.: Quer dizer que há muito tempo você tem vontade de fazer isso?

I.: Há muito tempo. Eu nunca fiz antes porque ele sempre me ameaçou também. Ele falava assim: 'ah, eu trabalho em firma boa. O advogado de lá, oh, dá uma que você não quer nem saber!' Quando ele me batia eu falava que ia chamar a polícia. Dessa vez que ele deu um chute nas minhas costas eu até pus um pouquinho de sangue pela boca; telefonei para a polícia, só que eles não foram. Eu não sabia da Delegacia da Mulher. Aí ele falava isso, que punha o advogado da firma e em dois tempos se livrava. Dizia também que delegacia não dava nada, chegava lá, punha os dois no chiqueiri -

203
nho e deixava ali para fazer as pazes. Assim que ele fazia, debo-
chava de mim.

185 P.: Como foi que você diante de tudo isso decidiu-se a dar queixa?

I.: Ah, na hora, né, eu estava sentindo muita dor nas costas.

Quando eu caí fiquei com a vista escura, não enxergava nada. E ou-
vi o meu filhinho chorando, pedia e ali abraçado comigo falava: '

'Por que o pai fez isso com você?' Eu chorava, chorava, né. Aí, na

190 quela hora eu achei que não podia continuar daquele jeito. Então
criei coragem para tomar uma atitude, para denunciá-lo.

P.: Então, de alguma maneira o seu filhinho contribuiu para isso,
para sua tomada de decisão.

I.: Eu sempre fiquei com ele por causa dele também, porque ele fa-

195 lava: 'Você vai precisar de mim, você não pode ficar só no mundo
porque não ganha bem'. Mas ele também nunca deu nada para o filho.

Eu que compro tudo essas coisas para ele com o meu dinheiro de
costura. Roupinha para ele, para mim. Porque ele falava que fruta
era supérfluo. Agora ele compra, depois que eu fui na delegacia '

200 há um mês atrás. Esse mês ele comprou de tudo, mas só para fazer
pressão. Depois que viu que eu não ia mudar mesmo só por causa dis-
so, começou a me ameaçar de novo. Mas, sei lá, eu acho que pode
ser difícil, mas é melhor do que ele ficar vendo essas coisas, né.

P.: Você quis dizer que foi para não separar o Du do pai que você
205 não se separou?

I.: Também por isso. Foi por isso e por medo dele, medo dele fa-
zer alguma coisa contra mim. Porque gostar dele mesmo, por amor
assim, eu nunca gostei. ... Se bem que separado de cama nós já es-

210 tamos faz tempo. Foi desde que ele arrumou aquela outra mulher .
Ele saiu da cama alegando que o Eduardo chorava muito de noite. E
le chorava mesmo. Nessa época ele dormia no seu bercinho, né. À
noite acordava chorando, eu dava de mamar. Isso era umas três ou
quatro vezes; ele mamava a noite inteira. Eu não aguentava sentar,
amamentá-lo, e colocá-lo no bercinho. Depois eu não aguentava o

215 sono; aí deitava de lado na cama e ele foi acostumando a dormir as-
sim de lado, mamando. Ele mamou até os dois anos. De lá prá cá, e
le vem dormindo comigo sempre. A partir de um ano e meio, mais ou
menos que ele dorme comigo. Quando viemos para cá, que a gente dor-
mia no chão, dormíamos os três no mesmo forro, assim. Mas depois,

220 quando fomos para a cama, eu e o Eduardo ficamos dormindo nela, e ele ficou dormindo sozinho. Então, eu não ligava mais porque ele saía à noite. Ele ficava bebendo pelos bares até meia noite, uma hora da manhã. E isto era quase todos os dias.

P.: Atualmente, vocês dormem juntos ou mantêm algum tipo de relacionamento sexual?

I.: Não, ele me procurava de vez em quando. Depois desse dia eu não aceitei mais, e a gente está separado mesmo.

P.: Quando ele te procurava, como é que era para você manter relações sexuais com ele?

230 I.: Muito ruim, viu. Desde quando eu me casei, sempre foi muito ruim. É como se eu estivesse sendo violentada, assim.

P.: Ele era violento com você?

I.: Não, nessa hora ele não era violento, era eu mesmo que não aceitava. Sabe, eu sempre o vi como um irmão, como um irmão. Então
235 sempre foi muito difícil para mim conviver sexualmente com ele. Mas a gente vai levando assim. Eu ia aguentando as coisas, mas agora não dá mais de jeito nenhum. Ele tirou tudo de mim. Eu perdi todas as minhas amigas, elas não iam mais em casa por causa dele. Quando elas iam lá, ele ficava passando na sala, parava, pisava du
240 ro, elas percebiam, né. Depois, começou a implicar com a minha irmã, dizendo que eu só dava atenção para ela. Minha irmã vai lá em casa só de cada oito a quinze dias, e me ajudou muito quando eu comecei a costurar. Eu não tinha freguês porque eu não saía de casa, não tinha como, aí ela arrumou as freguesas para mim.

245 P.: Seu marido te obrigava a manter relações sexuais com ele quando você não queria?

I.: Muitas vezes, quase sempre. Muitas vezes à força. Ele falava que eu era mulher dele, tinha que aceitar tudo que ele queria. Ele nunca aceitou que eu não sentia prazer com ele. Ele não aceita
250 a separação, acha que ainda vai perder. Porque ninguém queria; todo mundo foi contra ele na época que ele queria casar. Então, o casamento foi uma vitória sobre todo mundo. Agora ele não aceita a separação, de jeito nenhum. Está me ameaçando.

P.: Eu gostaria que você me contasse agora um pouco sobre sua vida quando criança, sobre sua família.

I.: Eu morava no sítio do meu avô, eu não me lembro bem assim, né.

Minha infância foi muito curtinha para falar a verdade, porque eu entrei na escola cedo com seis aninhos. Tinha pouco tempo para ficar em casa, depois eu trabalhava na roça, também. Mas até os 6 anos foi boa a minha infância, eu tinha minhas priminhas, a gente brincava muito, foi bom.

P.: Mas você tem quantos irmãos?

I.: Tenho nove irmãos, tem quatro abaixo de mim.

P.: Seu pai batia em sua mãe?

I.: Não, nunca bateu, que eu visse não.

P.: Como era o relacionamento dos dois? Ele chegava a maltratá-la?

I.: Meu pai sempre foi assim, nunca foi de muito carinho, ele é meio sério, parado. Mas para a gente ele sempre deu o que pôde, para minha mãe também. Ele não era ruim não.

P.: Você não tem queixa dos seus pais?

I.: Não, não tenho. Só tenho um pouquinho, quando o M. começou a fazer isso comigo. Ele também, coitado. Tinha tanta coisa para fazer, né. Ele nunca chegou e perguntou para mim o que estava acontecendo, se eu estava fazendo aquilo porque eu queria. Também nunca falei para ele, nunca contei nada. Ele ficava inventando as coisas de mim para o M. e não sabia que o M. estava querendo namorar eu assim como mulher, né. Então ele achava que o primo estava querendo só me defender, e falava assim: 'Vou sentar a mão aí; porque eu vou te bater'. Só que bater mesmo ele nunca bateu não, só falava.

P.: Então você diz que até os 6 anos sua vida quando criança foi muito gostosa. E depois disso?

I.: Ah, depois disso eu ia na escolinha de manhã. Chegava à tarde ia trabalhar na roça. E aos domingos era bom assim. Depois quando eu tinha uns nove anos, foi quando ele começou mais a me perseguir. Eu ia na escola; foi um tempo gostosinho que a gente recebia cartinha de namoradinho. Aí ele pegava minhas cartinhas, escrevia xingando, e entregava para quem eu escrevia. Quando o menininho escrevia para mim ele fazia a mesma coisa. Então sempre foi atrapalhando tudo, né. Ele entrava no meio e estragava com todos os meus namoradinhos. A maior perseguição. Ele falou: 'se você não casar comigo, você não casa com mais ninguém'. Falou assim, fazia medo.

P.: Como transcorreram as coisas na sua adolescência?

I.: Correu tudo bem; eu estudava e trabalhava. Na escola eu ia
 295 muito bem, não repeti nenhum ano. Na 8ª série passei em primeiro
 lugar, eu até tenho a medalha em casa. Então ganhei uma bolsa de
 estudos e fiz o primeiro colegial. Foi esse ano que ele estudou '
 na mesma classe. Ele era um ano adiantado, mas saiu da escola. No
 ano que eu entrei, ele resolveu entrar também e por azar a gente
 300 estudou na mesma classe. Foi o pior ano de minha vida. Meu boletim
 mesmo pode contar. Ele atrapalhava. Dia de prova ele ficava me cu
 tucando para eu tirar nota baixa, dizia que eu estava querendo ser
 maior do que ele. Ele também queria que eu passasse cola para ele,
 coisa que nunca fiz na escola para ninguém, nem colar. Esse foi o
 305 último ano de escola meu, eu parei por causa dele. Porque a gente
 estudava à noite. Lá tinha o caminhão da prefeitura que pegava to
 dos os alunos da zona rural. Ele passava às cinco e meia para nos
 levar para a escola. Ele ficava me insultando, chegava, ficava co
 lado em mim, não me deixava conversar com ninguém. Ficava me azu-
 310 crinando dentro da classe. Eu fiquei revoltada e saí da escola. O
 meu pai ficou bravo, não queria que eu saísse porque eu tinha ga-
 nhado a bolsa de estudos. Isso já foi perto do fim. É que eu já
 não estava mais aguentando ele.

P.: E por que você não deu um 'chega-prá-lá' nele?

315 I.: Eu dei muitas vezes, dei oito vezes um chega-prá-lá nele. Não
 resolveu porque ele fazia pressão, eu tinha medo e aceitava ele
 de volta. Aí eu saí da escola e fui estudar corte e costura. Eu
 gostava muito de costurar. Já estava no quarto mês quando aconte-
 ceu isto. Eu fugi com ele.

320 P.: A partir de quando você começou a trabalhar como costureira?

I.: Começinho do ano passado. Mas eu já trabalhei fora. Esqueci '
 de dizer isso. Foi assim: ele ficava me xingando, dizia que eu fi
 cava em casa criando bunda, vagabundando, que eu não fazia nada .
 Aí eu fiquei revoltada. Procurei creche sozinha, me virei sozinha.
 325 Coloquei o Eduardo na creche e comecei a trabalhar. Até que eu
 não conseguia emprego a patroa da minha irmã me arrumou serviço '
 de copeira no escritório dela. Fiquei lá três meses. Aí eu arru -
 mei outro emprego aqui no Cambuí. Eu estava trabalhando e o Eduaru
 do pegou pneumonia na creche. Ele foi ficando ruím, ruím, ruím.
 330 Teve que ficar internado nove dias, e eu continuei trabalhando. Aí

eu saí quando ele saiu do hospital, porque ele estava muito abati-
 dinho, muito doentinho. Ele ficou fazendo tratamento em casa um
 bom tempo, e eu fiquei tratando dele. Aí eu parei de trabalhar. De-
 pois ele teve um problema no pipizinho, que ele tinha só um grão-
 zinho, né. Eu o levei ao posto e a médica disse que ele precisava
 fazer uma cirurgia. Mas ele não queria de jeito nenhum que eu fi-
 zesse a cirurgia no Eduardo. Eu teimei e fiz assim mesmo contra a
 vontade dele. Cuidei de tudo sozinha. Agora ele está muito bem ,
 está normal como qualquer outra criança. Quando o Eduardo foi se
 internar ele ficou nove dias no hospital; ele só foi visitá-lo u-
 ma vez. Quando chegou lá a visita já tinha acabado, porque ele
 passou no bar primeiro. Aí eu tinha que trabalhar, saía do Cambuí
 e ia a pé. Eu não tinha dinheiro para pegar ônibus. Mas ele nunca
 ligou não. Depois eu coloquei o Eduardo de novo na creche e conse-
 gui outro emprego numa boutique de costureira. Mas ele dois me-
 ses depois pegou uma sinusite. Deu o maior trabalho. Eu deixei o
 emprego por causa dele; depois eu não coloquei mais ele na creche
 porque ele ficava muito abatido. Deixei de trabalhar fora porque
 vi que não dava mesmo, ia acabar com a saúde dele. Comecei a ten-
 tar costurar para fora. Eu ia costurando para as amigas, uma a-
 qui, outra ali, para as amigas da minha irmã, para a patroa dela,
 porque eu quase não conhecia ninguém aqui. Agora está dando para
 tirar mais ou menos, mas muito ainda não dá. Quando isso aconte-
 ceu o Eduardo tinha três anos, agora já está grande, está com cin-
 co anos. Ele já pegou mais saúde também. O M. dizia que eu era
 vagabunda, só que também nunca ajudou em nenhuma palha. Quer tudo
 pronto, comida na mesa, roupa lavada, passada, enxuta. Também não
 dá roupa para mim nem para o filho. Fala: 'se vira'. Agora que
 ele está trabalhando na CPFL piorou mais ainda. Nossa, piorou cem
 por cento. Porque aí ele achava que tinha emprego bom, que era o
 rei. Que o meu lugar era embaixo do pé dele. Isso me revoltou. E
 achava também que eu não ia largar dele por causa do dinheiro de-
 le. Só que ele não dava dinheiro nem para o Eduardo, punha uma
 comidinha lá. Eu dizia que não era pelo dinheiro que eu ia largar
 dele, mas porque não o queria como homem. Ele só faltava me bater
 quando eu falava isso para ele. Dizia que era mentira, que eu es-
 tava querendo ofendê-lo. Porque ele nunca aceitou minha opinião ,

né. Prá ele eu sempre tinha que achar tudo que ele achava. Minha opinião para ele não era nada.

375 P.: Você mencionou que tem mais nove irmãos. São todos homens?

I.: Só dois só. As outras são mulheres. Tenho só dois que moram a qui. Os outros moram todos no Mato Grosso juntamente com meus pais. Tenho minha irmã solteira que é essa daí, e tenho um irmão casado. Com eles eu me comunico só por carta. Vai fazer dois anos
380 que eu não os vejo. Eu até sinto saudade, mas vontade de morar lá eu não tenho não. Ele tentou fazer ameaça para a minha irmã, mas ela falou que não tem medo dele. Aí ele desistiu, mas com a minha família lá ele faz sim.

P.: Você já pensou em morrer ou já tentou se matar?

385 I.: Tentar eu nunca tentei não, mas pensei muito. Eu começava a pensar, achava que a minha vida não valia nada e pensava mesmo em me matar. Era um pensamento tão forte que eu me via no caixão com todo mundo em volta. Parece que eu via meu enterro assim. Era uma coisa bem forte, como se fosse um sonho que eu vivesse acordada. A
390 gora eu vejo alguém me matando. Eu estou pensando e começam a pas sar aquelas coisas ela minha cabeça. Isso é involuntário, sem ima ginar. É tão forte que meu filho me chama 'maã!'. Aí eu caio no real.

P.: Como você julga o que ele faz com você, acha certo, errado...?

395 (Esta pergunta veio complementar a entrevista e só foi feita algum tempo depois)

I.: Agora eu acho que está errado. Naquele dia eu não saberia res ponder. Eu estava completamente insegura. Não tinha apoio nenhum e me baseava só naquilo que ele me falava. Eu não sabia pesar se
400 o que ele me falava era certo ou errado. Começou muito cedo quando eu era ainda criança. Eu me desenvolvi com aquelas idéias que ele foi colocando na minha cabeça. Eu me sentia na escuridão. Eu me sentia como se não estivesse no meu corpo. Ele mexia no meu corpo, eu não sentia nada, nem gostava, nem deixava de gostar. E-
405 ra como se eu não estivesse no meu corpo, como se o meu corpo fos se uma coisa qualquer. Eu não conseguia me sentir dona de mim, do meu corpo, como se estivesse no ar. Depois que eu me casei foi que eu comecei a ficar no ar. Só o meu corpo que foi para o casamento. Depois o corpo caminhou para um lado e a mente para o ou-

410 tro. Foi quando eu me senti no ar, como se eu vivesse duas vidas.

P.: Você tem algum sonho repetitivo?

I.: Tenho. Eu sonho que um vulto está me perseguindo e eu começo a correr até não aguentar mais de tão cansada. Quando ele está me alcançando para me pegar, eu começo a voar. Eu vôo e já não vejo
415 mais nada.

P.: Seu marido bebe?

I.: Não. Ele não tem uma natureza agressiva, não sei porque me agri- gride assim. É como se ele tivesse momentos de explosão.

P.: Você falou pouco sobre sua mãe até agora. Fale um pouco mais.

420 I.: Quando eu era bem pequena ela brigava bastante comigo, chegava até a bater. Depois que eu fui crescendo deixei de desobedecê-la, não fazia mais malcriações. Aí melhorou.

P.: O que você sente por sua mãe hoje?

I.: Ah, uma coisa meio assim ... distante, apagada."

Análise da Entrevista (Caso Ivete)

Dados principais:

1) Queixa básica: ele a proíbe de sair de casa, restringindo suas visitas à casa da mãe; no entanto ele mesmo pode ir onde quiser e à hora que quiser. Faz pressão e ameaças quando ela tenta romper com estas normas ou se recusa a continuar com ele. A violência física também é um recurso que usa muito "veementemente" para coibi-la.

2) Caráter repetitivo da queixa: as queixas descritas acima vêm acontecendo desde o início do casamento (há sete anos), quando ele a agride, mas se arrepende e pede nova chance. Promete que vai mudar, mas está cada vez pior. Na verdade, isto vem ocorrendo desde a infância e a adolescência, época em que começou a "persegui-la". Muitas vezes ela terminou o namoro e muitas vezes voltou atrás, movida pelo medo das ameaças dele. Entre promessas, ameaças e confusos sentimentos de medo e insegurança vai perseverando a sua queixa.

3) Explicitação ou não de desejo de separação; argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência: o sujeito, além de manifestar seu desejo de separação, deixa claro a sua justificativa: não o quer como homem, se recusa a continuar apanhando, e deseja ser "dona" de sua vida. Contudo, o que a manteve presa nesta situação foi que "ele vivia repetindo que ela ganhava pouco e não daria conta de manter a si e ao filho; na prática, entretanto, ele também não ajudava". Há dois argumentos implícitos nesta afirmação, um foi o de que ela não se separou por falta de condições econômicas para manter sozinha principalmente a criança; outro, de que ele minava a sua auto-confiança e segurança em si, o que lhe possibilitaria arriscar a sobreviver sem ele. O medo que ela sentia dele, e que foi o seu grande "fantasma" que a fez inclusive fugir e casar com ele, vem de encontro a este segundo argumento. Seu marido também mobilizava intensamente a sua culpa

em relação ao filho, quando dizia que a criança iria sofrer com a separação. Segundo I. ele não queria a separação para não "perder" para as duas famílias que não queriam o casamento. Era, pois, uma questão de competição.

4) Atitudes de submissão: apesar de uma atitude de submissão e passividade diante da violência, o que tem lastros muito antigos na relação, começam a despontar atitudes combativas de defesa e auto-afirmação. Sua iniciativa de ir procurar a Delegacia da Mulher veio sendo amadurecida por longo tempo, até que se concretizou em consequência de um momento vivido de extrema impotência sua, e de sensibilização pelo sofrimento do seu filho. Paulatinamente e de uma forma não declarada ela vinha rompendo com o esquema de dominação imposto pelo marido, saindo de casa sem que ele soubesse. De qualquer forma, causa perplexidade a forma como ela se deixou cair nas malhas dele, e se curvou ao seu domínio e às suas vontades. Parece que ele dispunha de um poder magnetizante sobre a sua personalidade, que anulava seu auto-controle e a fazia caminhar em direção a ele.

5) Reação diante da violência do marido: em geral as reações mais comuns de I. diante da violência do marido são de passividade e conformismo. "Ela está sempre deixando passar e ele dizendo que não vai fazer mais isso." Também costuma expor os seus ferimentos e realçar as marcas que ele lhe deixou. Chora frequentemente quando é agredida em flagorosa declaração de impotência. Ficava com raiva, mas era mais cômodo ignorar o fato. Revidou fisicamente uma única vez. Foi socorrida pela vizinha quando vítima da última agressão, o que talvez tenha sido a gota d'água e a levou a procurar ajuda de órgãos públicos (Delegacia da Mulher e SOS/Ação-Mulher).

6) Dados relevantes de sua história de vida: proveniente da zona rural, é a sexta filha de uma família numerosa de dez irmãos, sendo dois homens e oito mulheres. Não houve violência física na família de origem. O pai, apesar de muito severo e "distante" nunca lhes deixou faltar nada. Segundo ela, sua infância foi muito "cur

ta", sendo a idade de seis anos um marco fundamental. Até essa idade brincava descontraidamente com suas priminhas; não há qualquer lembrança que apague ou obscureça o sentido de prazer que marcou esta fase de sua vida. A partir dos seis anos entrou na escola e começou a trabalhar na roça, o que também parece não ter lhe pesado. Suas queixas começam quando aos nove anos de idade seu atual marido começou a "persegui-la". Ele estava sempre por perto insistindo para que namorasse com ele, e interceptando seus namoricos com outros garotos. Quando ela não fazia o que ele queria, este lhe batia e lhe jogava pedras. Suas queixas do pai remontam desse período, em que ele dava ouvidos às invenções do primo sem nunca ter vindo saber dela o que realmente estava acontecendo. Não havia, pois, diálogo e comunicação entre ela e os pais. Por outro lado, seu desempenho escolar era excelente, o que valeu uma medalha como prêmio. Este só foi afetado pela insistência do primo, que teimava em dizer que "ela queria ser maior do que ele, tirando notas mais altas". Pensando escapar à perseguição dele, I. abandona a escola para fazer curso de corte e costura. Quatro meses depois foge para casar com ele contra a vontade das duas famílias, devido ao parentesco que os ligava (primos de primeiro grau). Sua vida em comum foi difícil desde o início. Não tinham uma boa condição financeira e ele não se preocupava muito em por comida em casa, fato que a levou a amamentar com fome. Ele logo de início impôs um regime de escravidão e de dominação, ao qual ela se submeteu. Ela não podia sair de casa, regra que não se aplicava a ele. Também tinha que se submeter a ele na cama, quisesse ela ou não pelo simples fato de ser sua mulher. O exercício da sexualidade era a tarefa mais difícil a ser cumprida no casamento, pois I. o via como irmão e sentia-se violentada cada vez que tinham relações sexuais. Mas como era sua prática abafar os seus sentimentos "foi levando", tentando viver assim mesmo. Esporadicamente, ele também lhe batia, às vezes com violência, por razões aparentemente irrelevantes e sem fundamento (uma vez foi porque ela estava chorando, outra porque saiu de casa sem que ele soubesse, etc). Em todas estas situações I. tinha muito medo das ameaças dele, do que ele poderia fazer com ela e com os membros de sua família. Sentiu-se abandonada não só quando ele saía e não a levava, mas prin

principalmente durante a gestação do único filho que tiveram. Ela ficava sempre sozinha; sem apoio, teve que "se virar" para resolver todos os problemas de saúde da criança, que foram muitos. Optou por não trabalhar fora de casa até que o filho se fortalecesse. Enquanto isso costurava para algumas freguesas que a irmã lhe arrumava.

7) Ocorrência de alcoolismo do marido; associação entre o alcoolismo deste e a violência contra a mulher: o marido bebe, mas não foi feita nenhuma associação entre o alcoolismo deste e a violência cometida contra o sujeito. As agressões deste parecem fortuitas e ocasionais, motivadas por fatos aparentemente irrelevantes para os quais o alcoolismo não funciona como fator precipitante.

Análise interpretativa:

1) Dinâmica interna do sujeito: a falta de apoio e de credibilidade dos pais durante a adolescência resultou em insegurança e falta de confiança em si. Com isso I. capitulou à influência maléfica e aniquiladora do primo em sua vida, e cedeu lugar ao medo e à impotência. Em nome desse medo ela se uniu a ele, e subjugou-se ao seu domínio. Contudo, a necessidade de auto-afirmação não foi de todo aniquilada. Ela ressurgia em seus protestos silenciosos e subversivos ao padrão de dominação que ele tentava impor sobre ela. Este padrão consistia em mantê-la "prisioneira" dentro de casa, e cortar todas as suas relações sociais. Ameaças de punição e morte mantinham-na sob controle. Todavia quando esta quebrava as normas, eram utilizados recursos mais "severos" de controle, tais como a violência física. A tendência a descrever detalhadamente as agressões de que foi vítima, além de dar especial realce às marcas e consequências destas agressões sugerem tendências masoquistas. Igualmente apontam para isto as condições de abandono e desamparo em que se deixou ficar chegando ao extremo da falta de alimentação, sem mobilizar seus próprios recursos para satisfação de suas necessidades. A dependência e a submissão ao seu "tirano" particular resultou em um sentimento de auto-desvalorização inten

so e tendências depressivas acentuadas. As fantasias de morte, sua vívida presença expressam a força de seus desejos auto-destrutivos. Tendo em si o agente de sua própria morte, vivencia isto apenas no plano da fantasia, chegando a projetar seus desejos em outra pessoa. O papel dos pais é muito apagado, cabendo ao primo o destaque na formação de sua personalidade. Sua influência origina-se na infância, quando este foi-lhe impingindo seus valores e minando em I. sua capacidade de julgamento, sua auto-estima e confiança em si. A expressão máxima do poder que ele exercia sobre ela ocorreu no casamento, quando ela perdeu todo e qualquer controle sobre si mesma, ele passou a ser o dono de seu corpo, e seu toque lhe era indiferente. Isto lhe resultou a vivência de estados de ausência e de alheamento da realidade, e a sensação de ter o corpo separado de sua mente. Ele havia se apropriado de seu corpo, mas sua mente ainda lhe pertencia. Este mecanismo de funcionamento psíquico lembra a cisão da personalidade ou splitting. Em seus sonhos, assim como no nível de consciência vigil aparecem sentimentos persecutórios explícitos. A fuga da realidade devolvem-lhe o sentido de liberdade e de domínio sobre si.

2) Dinâmica da relação: neste caso ocorre a reprodução do modelo cultural tradicional de relação homem-mulher, que se baseia no machismo do homem e na vitimização da mulher. Para o sujeito a figura do companheiro é a de um homem fraco, que quando tem o respaldo de uma grande empresa e de uma farda, começa a humilhar ainda mais a mulher. Ele costuma agir sempre de forma a mantê-la sob controle, sendo que não admite a possibilidade de perdê-la. Quando percebe que nem mesmo a violência física funciona, então muda de tática e começa a ficar "bonzinho". Todas estas atitudes visam enfraquecê-la e minar sua capacidade de reação, para que não possa libertar-se do seu domínio. Além disso, menosprezava seus esforços e iniciativas de procurar ajuda, ridicularizava-a e debochava dela. Fica claro a relação de poder estabelecida, e o papel de submissão que lhe coube na seguinte fala: "depois que ele arrumou emprego na C.P.F.L., ele passou a ser o rei, e meu lugar em baixo do pé dele." I. também nunca pôde expressar sua própria opinião, a qual devia ser a mesma que a dele. Havia ainda uma posses

sividade dele sobre ela, na qual o sujeito se via firmemente preso envolto nas malhas do determinismo e da fatalidade. I. sentia a relação de ambos como incestuosa, o que lhe impedia que tivesse qualquer prazer nas relações sexuais. Contudo, como nos demais aspectos da relação, isto também era imposto, e ela teria que se submeter independentemente de sua vontade. Portanto, do ponto de vista psicológico, pode-se falar em estupro no casamento. Parece que ele usava as relações sexuais mais para subjugar-la do que por prazer; o próprio casamento foi uma forma de auto-afirmação e de se impor diante das duas famílias. Por isso a separação é sentida como uma derrota. I. conseguiu por fim às relações sexuais indesejáveis, quando tomou sua primeira atitude de repúdio manifesto contra a violência dele. Sentia-se também expoliada e roubada por ele, tendo todos os seus conteúdos "tirados", sem ter recebido nada em troca. Psicologicamente I. permanece virgem.

3) Dinâmica familiar: o filho se aliou à mãe e a defende quando esta é agredida pelo pai. Por outro lado, pela via da amamentação a mãe pouco a pouco foi trazendo a criança para a cama do casal, e passou a dormir com ela já que o pai não dormia mais ali. Houve uma "inocente" troca de parceiro, o que induz à relação edipiana entre mãe e filho. Diante de todas as agressões e do vazio afetivo em que vivia, I. encontrou no filho o apoio procurado, a ressonância de suas dores, e resolveu então preencher um espaço que efetivamente estava vazio. O pai sempre esteve "ausente", delegando à mãe todas as responsabilidades na educação e no sustento da criança. No início de seu desenvolvimento o garoto apresentou uma debilidade física acentuada, o que obrigou a mãe a se desdobrar em cuidados, dos quais o pai se omitiu. Nesse período, I. demonstrou uma atitude estóica, quando fazia os maiores sacrifícios, inclusive do seu emprego. As relações com a família de origem são distantes e frouxas, o que atesta a pouca evidência que lhe foi atribuída em sua história.

4) Contato social: suas relações sociais são muito restritas em consequência do isolamento em que vivia e que era imposto por ele. A irmã funcionou como uma "ponte" entre ela e o mundo lá fora, tra

zendo-lhe freguesas ou facilitando para que saísse de casa. Apesar de todas as repressões sofridas, havia um desejo intrínseco de entrar em contato com as pessoas, o que vem se efetivando pela via da profissionalização, e por suas saídas escondidas.

5) Mecanismos de defesa utilizados: cisão da personalidade, re-
pressão da agressividade; negação da sexualidade.



Figura Humana

FIGURA HUMANA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: o sujeito não demonstrou nenhuma oposição diante da proposta da pesquisadora de que ela executasse alguns desenhos. Ao contrário, disse que gostava muito de desenhar, mas que ultimamente tinha sido impedida de fazê-lo em sua casa pelo seu marido. Em todas as produções mostrou-se completamente absorvida pela tarefa demonstrando não só espírito de colaboração, mas prazer nesta atividade "criadora". Não fez comentários, a não ser pela própria estória.

Estória: "Márcia está saindo para dar um passeio sozinha. Ela gosta muito de flores. Ela mora com uma amiga; os pais moram bem longe. Tem vinte anos e acho que nunca teve namorado. Ela não é feliz porque quer alguma coisa que ainda não alcançou."

Inquérito: O que Márcia tem nas duas mãos? Ela está segurando uma flor na mão direita, e a esquerda está fechada.

- Ela está levando esta flor para alguém? Não, é porque ela gosta mesmo de flores.

- Como ela está vestida? Com um short e uma blusa bem gostosa.

INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DOS TESTES GRÁFICOS

Sujeito: Ivete

1ª Produção: TESTE DA FIGURA HUMANA (Machover, 1949)

1) Posição da folha de papel: houve modificação radical na posição da folha, isto é, ela foi apresentada horizontalmente e foi posta na vertical. Isto, ao contrário de ser um sinal de negativismo, dada a sua postura na execução do teste, parece mais expressão de liberdade diante da ordem implícita, sinal de espírito curioso e aventureiro, de desejo de afirmação e expansão ativa.

2) Localização do desenho na folha: metade esquerda, o que está associado a introversão, egoísmo, predomínio da afetividade, do passado e do esquecido, comportamento impulsivo.

3) Tamanho: grande, o que traduz sentimento de expansão e agressão, falta de controle e de inibição.

4) Traçado: as linhas que compõem os traços do corpo são finas e suavemente esboçadas em contraposição àquelas que compõem a vestimenta, onde o traço é apertado e as linhas muito reforçadas. Traços levemente esboçados são freqüentemente associados com ansiedade e incerteza; linhas reforçadas geralmente constituem um índice de insegurança e ansiedade; traços apertados são característicos de sujeitos tensos, retraídos, coartados. Contudo, neste caso especificamente, a falta de um padrão geral no traçado pode estar associada a um certo peçdor artístico, visto a harmonia das linhas e formas e grande facilidade de representação gráfica do sujeito. Há um predomínio de linhas curvas, o que se associa à feminilidade, e como tal, à submissão e ao narcisismo; além disso, de nota desenvolvimento restringido e menor agressividade.

5) Linha de base: ausente, o que indica falta de contato com a realidade, predominância do mundo de fantasias.

6) Detalhes: as linhas que evidenciam o vestuário em detrimento do corpo e da fisionomia podem estar expressando narcisismo quanto ao vestuário ou ao social. As feições pouco claras ou indiferenciadas do rosto indicam falta de identidade, timidez ou comportamento auto-consciente extremado. Os olhos apagados quase imperceptíveis, com destaque apenas para os cílios e as sobrancelhas, indicam dificuldade de contato direto efetuado pelo olhar; além disso a tendência a passar despercebida expressa a vulnerabilidade do próprio ser, conflitos relativos à individualidade. Os cabelos encaracolados denotam insinuações glamourosas. No entanto, o cinto preto fortemente apertado na cintura indica uma nítida divisão entre o seu lado afetivo emocional e as pulsões instintivas. Há, pois, uma repressão da sexualidade a qual é dissimulada pelo caráter descontraído e ousado da vestimenta (um short e uma blusa que deixam entrever as formas sedutoras dos ombros e decote). A dificuldade de contato e de comunicação está explícita nos braços afastados e separados do corpo, nas mãos deformadas. Mais do que dificuldade de contato estas últimas exprimem agressividade inibida. No seu trato social Ivete tenta ser amável e delicada, o que fica expresso pela rosa que leva em sua mão direita. Contudo, esta mão é muito pequena em relação ao corpo parecendo ter ficado atrofiada; isto indica que o sujeito não é inteiramente convincente na função a que se propôs, carecendo de força e determinação. Por outro lado, a sua mão esquerda que pretende ser fechada, esconde um sôco dissimulado que se perdeu em suas intenções adquirindo uma estranha forma (a mão não parece ser um prolongamento linear do braço, mas indica ter sofrido um "esmagamento que lhe fez perder a forma). O lado esquerdo do corpo parece ter sofrido deformação não só na mão, mas também no braço, no ombro, na face menos pronunciada do que no lado direito, na linha da cintura, e os cabelos menos "desenvolvidos". Isto pode corresponder ao seu lado mais primitivo e irracional, relegado aos domínios do inconsciente. A função consciente é aquela executada por meio da flor, enquanto que as funções representadas pelo lado esquerdo do corpo acabam sendo reprimidas e sua imagem distorcida. O colar representa imaturidade e faz lembrar o despertar da adolescente para a sedução e a sensualidade. A boca fechada, bem trabalhada, por pouco

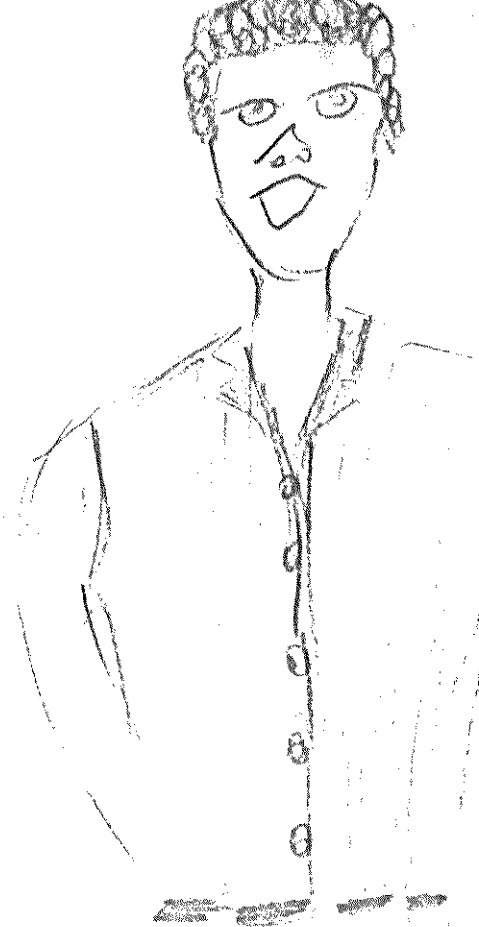
passa despercebida; o nariz, levemente sugerido, quase não se vê. Os sapatos parecem muito grandes em relação ao tamanho dos pés.

7) Uso das cores: as cores utilizadas foram o azul, o preto e o vermelho em diferentes tonalidades. O azul representa as forças reguladoras da afetividade, um controle mais através da razão; sugere presença de auto-domínio com possibilidades de desenvolvimento espiritual e racional. O preto indica vida interior sombria, repressão e depressão. Seu uso, contudo, parece ter sido mais em função da cor convencional daqueles objetos. O vermelho representa as tendências instintivas, sua escolha sugere reações emocionais fortes, rápidas e bruscas. O uso do azul e maravilha foi bastante coerente em relação às áreas do corpo em que foram empregados (tronco e abdome). O preto vem demarcar a nítida separação entre essas duas partes. A tonalidade vermelha do colar serviu para dar-lhe especial realce.

8) Aspecto geral da figura: trata-se de uma figura graciosa e jovial, que se destaca pelo seu belo corpo, por suas formas harmoniosas e seu porte de adolescente. É quase impossível deixar de fazer uma associação com o corpo real do sujeito, uma mulata alta, gorda, de aspecto bonachão. Portanto, a figura em análise pode estar representando o seu ego ideal, apesar de seus aspectos destoantes: as mãos deformadas e atrofiadas, a face apagada e indiferenciada. A cintura fina, contida por um cinto apertado pode estar expressando o descontentamento do sujeito em relação a seu próprio corpo, seu desejo de emagrecer a fim de que possa ter um corpo ágil e sedutor.

9) Análise das associações: são evidenciados os aspectos da solidão de Márcia, sem um ponto de referência afetivo, uma família em que possa se apoiar, ou até mesmo um namorado. Tudo que ela tem é a amiga com quem mora, apesar de sua pouca idade. Seu gosto por flores indica sua sensibilidade. O fato de nunca ter tido namorado, ao mesmo tempo que indica bloqueio da afetividade, demonstra dificuldade de lidar com as pulsões sexuais. Estes conflitos mais uma vez remetem o sujeito à fase da adolescência. Márcia, aparente

mente é livre; sem ter que prestar contas a ninguém, nem ninguém que dela dependa, sai descontraidamente para um passeio. Contudo, ela não é feliz e parece não ter muita consciência das razões disso. "Quer alguma coisa que ainda não alcançou". Isto sugere sentimento de vazio, necessidade de complementação. A personagem parece ser dona de si, mas isto não é tudo. Note-se a ausência do personagem masculino em sua vida.



Teste das Duas Pessoas

TESTE DAS DUAS PESSOAS: PARELHA VERBAL

Execução: o sujeito não demorou nenhuma dificuldade quanto à execução do teste (parte gráfica e verbal). Somente no momento de dar um nome às pessoas, disse não ter idéia de que nome poderia dar a elas. Após a insistência da pesquisadora e com muita relutância atribuiu-lhes o seu próprio nome e o de seu marido.

Personagens: Ivete (23 anos) e Mário (30 anos)

Estória: "Essa aqui é uma mulher que eu não sei o nome. Não sei o nome de nenhum dos dois. Ela está querendo fazer alguma coisa que ele não quer deixar e ela reagiu empurrando ele. Ele implicou com o tamanho da saia dela."

Título: Uma reação

Inquérito: - Ele é negro? Aqui no desenho sim.

2ª Produção: TESTE DAS DUAS PESSOAS (Bernstein, 1959)

1) Posição da folha de papel: ídem ao anterior.

2) Localização do desenho na folha: metade superior, o que está ligado a espiritualidade, misticismo, objetivos muito altos, praticamente inatingíveis, satisfação na fantasia, "estar no ar".

3) Tamanho: muito grande, o que constitui evidência de agressividade e descarga motora.

4) Traçado: segue o mesmo padrão do desenho anterior, a não ser pelo predomínio de linhas retas, principalmente na figura feminina. Linhas retas estão associadas ao humor agressivo, à masculinidade com predomínio do racional-volitivo, à vivacidade geral traduzindo rapidez e decisão. Apesar de se destacarem, as linhas que contornam o vestuário da figura masculina possuem menos realce que aquelas da figura feminina.

5) Linha de base: ídem ao anterior.

6) Detalhes: a figura feminina continua com o rosto indiferenciado, mas está de perfil, o que é considerado como um índice de evasão e é tido como uma característica masculina. Observa-se que a cabeça está de perfil, voltada na direção oposta ao companheiro, enquanto o corpo está todo de frente. Isto pode ser interpretado como um sinal de inquietude social, de culpa em relação à figura ao seu lado, e ainda um impulso de exibir o próprio corpo. A saia curta deixa entrever as pernas musculosas e fortes. Os ombros avantajados e imponentes seguem o padrão masculino sendo mais largos que os quadris. Há uma nítida divisão entre o tórax e abdominal como ocorre na figura humana. A dificuldade de contato e manipulação está evidenciada pela ausência de mãos, cujo aspecto é de amputação e deformação. Tanto a figura feminina quanto a masculina não possuem pernas e pés do joelho para baixo; isto indica que as figuras não têm base de sustentação, estão soltas no ar sem capacidade de auto-conduzir-se, pois não possuem percepção de seus

membros inferiores. Ao contrário da figura feminina, a masculina possui os traços de sua fisionomia muito bem definidos e personalizados. São traços fortes: os olhos grandes com a qualidade de mirar com fixidez evidenciam tendências paranóides; a boca enorme tem aspecto vampirizante; o nariz largo com as narinas abertas e em ponta na parte superior denota ao mesmo tempo rejeição, desprezo e agressividade. Os cabelos pretos típicos da raça negra assim como a sua própria cor exprimem menosprezo e depreciação do sujeito em relação à figura masculina. Sua compleição física, contudo, não expressa a mesma força agressiva estampada em sua fisionomia. Ao contrário, suas roupas folgadas induzem a uma estrutura corporal mediana sendo ultrapassado em altura e robustez pela figura feminina. Os botões enfatizados na linha mediana do corpo induzem a preocupações somáticas e apontam para uma personalidade dependente, infantil, inadequada. Os braços cruzados para trás revelam atitude defensiva e resistência à comunicação. Um cinto preto demarca bem os limites entre a parte afetiva-emocional e as pulsões instintivas.

7) Uso das cores: foram utilizadas as seguintes cores: verde, vermelho, azul, preto e marrom. O verde indica sensibilidade, sociabilidade e capacidade de contato; relaciona-se com a função de equilíbrio da afetividade. O marrom representa a força da estrutura do ego, resistência psíquica, independência e obstinação. As cores azul, vermelho e verde formam a síndrome normal. Por outro lado o uso de uma saia preta, apesar de justa e insinuante pode sugerir repressão das pulsões instintivas (sexuais). A cor marrom dos cabelos encaracolados parece estar mais em função de uma aplicação convencional, visto que não apareceu em outras partes.

8) Aspecto geral da figura: a figura feminina ocupa o maior espaço na folha; a figura masculina, apesar de estar ereta, parece estar sendo empurrada pois está saindo pelas bordas do papel. A figura feminina precisou se masculinizar e crescer para agredir fisicamente seu companheiro. Contudo, ela não consegue encará-lo. Suas mãos amputadas demonstram a impotência e a ineficiência de sua agressão. Uma ação agressiva parece ser fonte geradora de in-

tensos conflitos, resultando inclusive na falta de base de apoio e sustentação. Possivelmente estes conflitos estejam ligados a sentimentos de culpa e medo.

9) Análise das associações: a projeção consciente parece ter perturbado muito o sujeito, o que dificultou a escolha dos nomes. Ela se limitou a descrever o que o desenho insinuava: "ela reagiu empurrando ele". A justificativa para a agressão foi um motivo insignificante: "ele implicou com o tamanho da saia dela". Está implícito nisso o sentimento de posse e ciúme dele para com ela, no entanto, isto não justifica uma agressão. Possivelmente existam outros elementos mais profundos que não foram revelados. O fato de ele não querer deixar que ela use saia curta indica também tentativa de dominação do homem sobre a mulher, ao que esta se rebelou empurrando-o. Isto faz mais sentido. O nome, uma reação, não diz tudo o que acontece. Revela o desejo de uma parte sua, o seu lado masculino, sua parte saudável consciente. Contudo, sentimentos inconscientes impedem-na de tornar sua reação consistente. Esta análise se refere aos aspectos dinâmicos da parelha verbal. Quanto aos aspectos descritivos trata-se de uma parelha heterossexual, adulta, adequada à idade do sujeito, com boa diferenciação entre os sexos. A natureza do vínculo é sexual, a parelha é real e a situação é de luta, as relações são ao nível motor. A grande contribuição desta produção está em revelar a parte agressora da figura feminina, seu caráter dominante diante do apelo do homem à submissão. Conflitos associados a isto não minimizam sua disposição em recusar o domínio do companheiro e impor seus limites. A parelha verbal, por ser quase que puramente descritiva, revela pobreza das associações com forte intervenção da censura em atividades de fantasia e imaginação. Isto entra em choque com sua grande capacidade expressiva na parelha gráfica. Possivelmente o sujeito acaba bloqueando-se quando sob o domínio de sua parte racional-consciente (representada pelo lado direito do cérebro), ao passo que atinge sua maior capacidade de expressão ao liberar sua parte inconsciente, intuitiva, através do grafismo.



Cena Doméstica

CENA DOMÉSTICA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Estória: "Aqui é uma mulher fazendo três coisas ao mesmo tempo: lavando roupa, varrendo o chão e fazendo comida. Não tenho muita estória não, é o que acontece comigo sempre."

Título: Rotina doméstica

Inquérito: - Como é que ela está se sentindo aí? Ela não está gostando não, está muito aborrecida, é muita coisa para fazer sozinha.

- E por que ela faz tudo sozinha? Porque ela não tem quem ajude. Ela tem outros trabalhos para fazer.

- Que trabalhos? Cuidar do filho, trabalhar para ganhar algum dinheiro. Ela tem esperança de que melhore algum dia. No momento ela não sabe o que fazer para melhorar a vida dela.

- Qual é o nome dela? É Ivete. Tem 23 anos.

3ª Produção: CENA DOMÉSTICA

- 1) Posição da folha de papel: ídem ao anterior.
- 2) Localização do desenho na folha: metade superior; o significado é o mesmo do desenho anterior.
- 3) Tamanho: grande; o correspondente psicológico disto está na primeira produção.
- 4) Traçado: segue o mesmo padrão da primeira produção, a não ser pelo predomínio de linhas retas na figura humana e nos objetos. O significado disto já foi discutido.
- 5) Linha de base: ídem à primeira produção.
- 6) Detalhes: esta produção é rica em detalhes expressos pela profusão dos objetos. A figura feminina mantém o mesmo padrão quanto às feições indiferenciadas do rosto. No entanto, o corpo parece ter perdido as formas e se embrutecido pela sobrecarga alienante das tarefas domésticas. Ela incorporou o papel da dona-de-casa e escrava das atividades domésticas não só pela multiplicidade de funções (cozinhar, lavar, varrer), como também pela roupa discreta e pelo casquete típico de trabalhadores braçais. O casquete todo trabalhado sugere mundo de fantasias rico e marcadamente presente (um destaque especial lhe foi atribuído pela vivacidade da cor e pelas linhas fortemente reforçadas). Os olhos estão fechados, o que demonstra alienação e cegueira em relação ao mundo externo e aos contatos sociais. O nariz e a boca atribuem à figura um aspecto primitivo, animal. O pescoço fino, desproporcional em relação ao corpo e à cabeça indica frágil ligação entre o mundo das idéias e das fantasias e a parte instintiva. Talvez por isso, a aparência grotesca de seu corpo. O significado psicológico da ênfase nos botões já foi discutido anteriormente. O vestido é muito discreto e senhoril, contrastando principalmente com a representação da figura humana (primeira produção). Os objetos que ela tem nas mãos e nos pés (colher, peça de roupa, vassoura) representam

suas múltiplas funções. As mãos, neste caso, se encontram melhor representadas que nas produções anteriores, o que indica que as atividades domésticas, apesar de alienantes, não são conflitantes quanto à sua manipulação traduzindo-lhe confiança e segurança na execução. O fogão e o tanque, dispostos do lado direito e esquerdo da figura feminina, apesar de detalhadamente reproduzidos, não possuem nenhuma noção de perspectiva em relação à mesma parecendo por isso, soltos no ar. A "mulher", tripartida entre estes objetos, não está voltada para nenhum deles, mas parece muito mais mergulhada no seu mundo de fantasias.

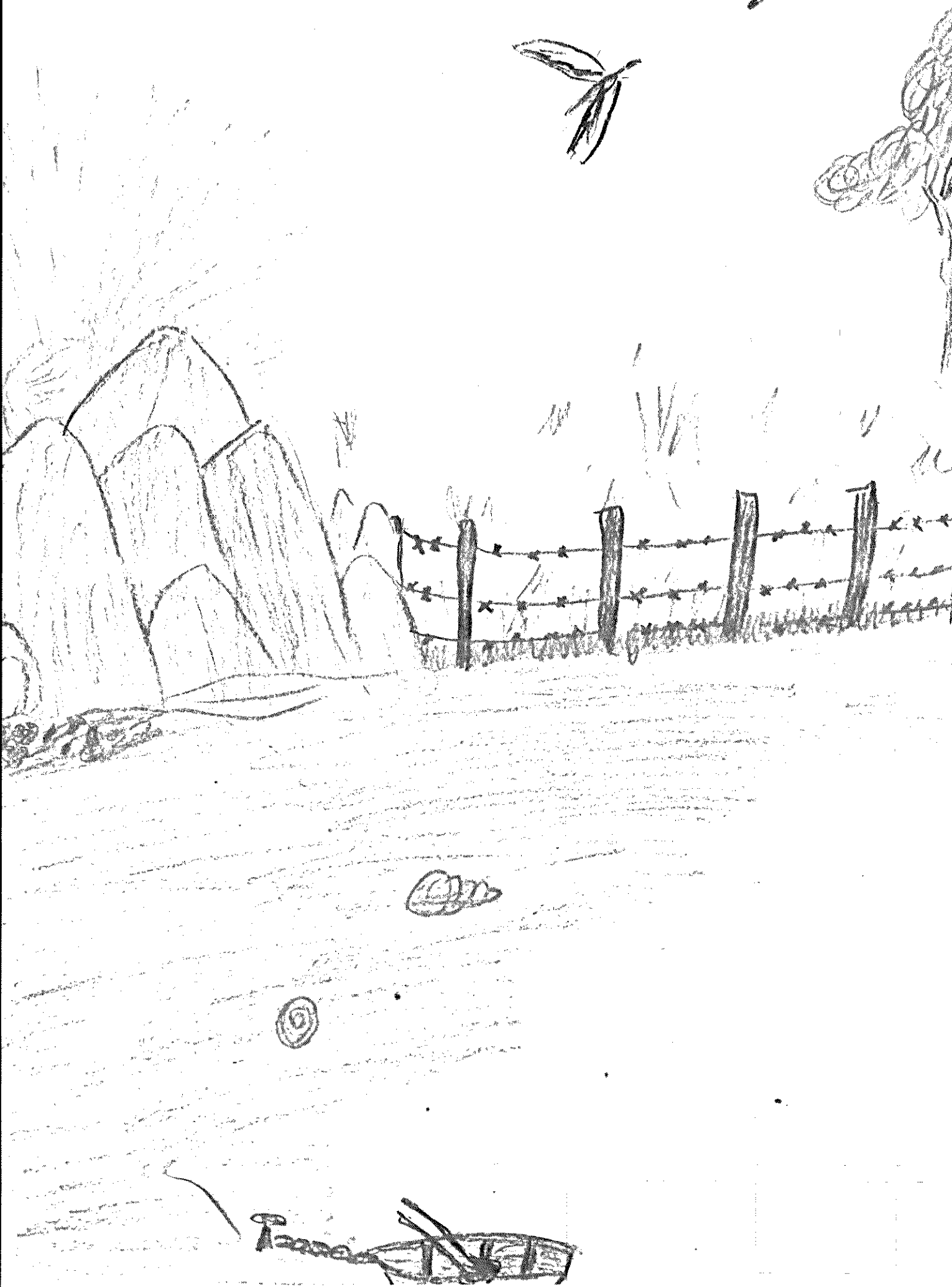
7) Uso das cores: foram utilizadas as cores, azul (em duas tonalidades); amarelo (também em duas tonalidades); preto; vermelho (em duas tonalidades), marrom, verde e cinza. O sujeito, através de uma ampla variabilidade no uso das cores entrega-se à execução da tarefa cromática com confiança, o que traduz liberdade de expressão, autonomia, segurança nas áreas emocionais representadas pelas cores. A cor dominante foi o azul seguida do vermelho, o que representa a função consciente apoiada nas forças reguladoras da afetividade e um controle mais através da razão, enquanto as tendências mais instintivas e primitivas atuam em um plano mais inconsciente. Além disso, nesta como em todas as suas produções observa-se o estilo particular do sujeito de não fazer esboço com grafite (lápiz preto comum), mas entregar-se prazerosamente à tarefa cromática. Aqui o grafite foi utilizado apenas para simular tons de cinza. Possivelmente por sentir-se segura em uma área que constitui o seu canal de expressão natural e também por uma tendência artística, ela não tenha necessitado se apoiar em um esboço inicial em grafite. Ivete "joga" com as cores ao invés de fazer um desenho a lápis e depois pintá-lo, procedimento adotado pelos demais sujeitos.

8) Aspecto geral da figura: a figura em si tem o aspecto grotesco e bonachão das mulheres que se alienam nas lides domésticas tornando-se figuras caricaturescas e assexuadas distantes de suas reais necessidades. Identificam-se com o papel de donas-de-casa ignorando a verdadeira essência do eu. O desenho como um todo tem

um ar satírico, e transparece uma crítica do sujeito diante da rotina estafante a que são sujeitadas as mulheres, e da qual ela se sente vítima. Houve neste caso uma projeção consciente, visto que o sujeito atribuiu à figura feminina seu próprio nome e sua idade.

9) Análise das associações: como nas demais produções, o sujeito limitou-se na estória a descrever o desenho sem acrescentar quase nada. Inquirida, expressou sua insatisfação por não ter com quem dividir suas tarefas. Além disso, cabiam-lhe as funções de educar o filho e ganhar dinheiro, esta última tida culturalmente como masculina. Tudo indica tratar-se de uma mulher arrimo de família que tem sobre si todas as responsabilidades de um lar. Apesar de estar expressando com isso os seus sentimentos de solidão e até mesmo a sua raiva, o sujeito não manifestou em nenhum momento a necessidade da presença de uma figura masculina. Demonstrou com isso a forma como sente o papel de seu companheiro junto à família e ao lar, uma pessoa que não existe. Além disso, transmite uma sensação de aprisionamento nos estreitos limites de seu espaço doméstico sem uma perspectiva clara de como sair disso.

Desenho Livre



DESENHO LIVRE: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: começa de baixo para cima. Capricha nos detalhes, nos retoques. Os desenhos amarelados em forma de cone são caracóis na areia; o seis invertido na rocha é uma pedrinha. Há três pássaros pretos no azul do céu.

Estória: "Aqui eu imaginei uma praia deserta com uma paisagem em volta. Um bote à disposição que a gente pudesse pegar e viajar, viajar, viajar..."

Título: Fuga dos problemas

Inquérito: - Para onde leva este bote? Para um lugar bem gostoso, bem livre.

- Quem o deixou aí? Alguém desconhecido o deixou aí há muito tempo. A cerca seria a divisão. Daqui para cá seria um mundo diferente (marrom), e da cerca prá lá (verde) o mundo que a gente vive. A diferença entre esses dois mundos é que esse (praia) é um mundo novo que a gente vai começar a descobrir, vai abrir novos horizontes. Do lado de cá da cerca tem gente, mas muito para trás. Esta é uma cerca imaginária. Ela representa uma divisão entre o passado e o futuro.

4ª Produção: DESENHO LIVRE (Trinca, 1976)

- 1) Posição da folha de papel: ídem à primeira produção.
- 2) Localização do desenho na folha: ocupa a folha toda, consequência de uma tendência expansionista do sujeito. O significado psicológico disto será descrito no item abaixo relativo ao tamanho.
- 3) Tamanho: exagerado, saindo do papel, o que sugere sentimento de constricção por parte do ambiente, com fantasia supercompensatória, mas também pode ser uma forma de expressividade artística.
- 4) Traçado: segue o mesmo padrão das produções anteriores com variação na pressão do traço (mais reforçado nas bordas), acrescido do traçado de avanços e recuos na orla marítima e na composição da vegetação, o que possivelmente está ligado a sentido artístico, intuição e sensibilidade.
- 5) Linha de base: como se trata de uma paisagem, a linha da terra encontra-se representada em três planos distintos: a vegetação, a areia da praia e a orla marítima. Contudo, não há seres humanos aí representados e não se pode falar em contato com a realidade em relação a figuras humanas.
- 6) Detalhes: a figura é extremamente rica em detalhes adequados, o que reitera a grande capacidade de representação gráfica do sujeito, além de sua criatividade e espontaneidade. A vegetação se interrompe bruscamente por uma acintosa cerca preta de arame farpado. A estrutura da vegetação é pontiaguda, o que revela agressividade do ambiente. Neste cenário também aparece uma árvore que sofreu um corte no sentido longitudinal. Um sol esplendoroso brilha por detrás das montanhas e reflete um pedido de ajuda. As linhas curvas que delineiam as montanhas são "marcas" de feminilidade e pertencem ao mundo "marrom" das areias. Isto contrasta abertamente com as varas pontiagudas que compõem a cerca, que lembram "phalus" erguidos, sinal de masculinidade e agressividade. Para chegar ao mundo onde existe prazer e liberdade, é necessário pas-

sar pelo mundo dos homens e transpor a perigosa cerca de arame farpado, símbolo do masculino, que situa-se ao lado das montanhas. A dificuldade de lidar com a agressividade do elemento masculino gera conflito entre sua própria feminilidade e masculinidade inconscientes. A água é o elemento representante do inconsciente, de suas aspirações místicas e espirituais. O bote ancorado constitui o meio que a levará dos conflitos com um mundo hostil em demanda de um mundo novo e desconhecido. Parece que ele sempre esteve ali, que é tão perene quanto o sol e as montanhas. Os pássaros no céu também estão indo embora em direção aos infinitos limites do universo. Os três espaços distintos caracterizados pelas cores verde, marrom e azul podem ser equiparados à classificação topográfica da mente freudiana: consciente, pré-consciente e inconsciente, respectivamente. A área marrom que pretende ser a areia da praia também lembra um terreno sem vegetação, e até mesmo um deserto; sua estrutura é a mesma das montanhas. Observa-se a ausência de vida nesta região, a não ser pelas flores rasteiras ao pé da montanha. O que se pretende ser conchas na areia assemelha-se a conteúdos fecais, também sinais de presença de vida.

7) Uso das cores: nesta produção foram utilizadas as cores marrom, verde (em duas tonalidades), azul, amarelo, preto e vermelho. O significado psicológico isolado quanto ao seu uso já foi descrito anteriormente. De um ponto de vista configurativo, pode-se dizer que o marrom seja a cor básica e revela a força de sua estrutura egóica. Por outro lado, o preto reforçado da cerca acaba atribuindo um destaque a esta parte do desenho, revelando a existência de safiadora de conflitos e de conteúdos fortemente reprimidos. Nesta produção através do uso associado das cores verde, amarelo e marrom fica configurada a síndrome da atividade. E ainda, através do uso do azul, vermelho e verde ficou constituída a síndrome normal. O sujeito revela com isso aspectos adaptativos e saudáveis de sua personalidade.

8) Aspecto geral da figura: no seu todo a figura se sobressai pela sua grande beleza plástica, e pelos três mundos (e não dois) nitidamente demarcados, o que sugere o mecanismo de defesa de

dissociação da personalidade, cisão ou splitting. O sujeito deixa transparecer ainda um certo misticismo, uma nostalgia em função de alguma coisa perdida ou de desejos inatingíveis.

9) Análise das associações: o sujeito em suas associações propõe a existência de dois mundos distintos, um é representado pela realidade do seu cotidiano, o outro, por alguma coisa nova que está por vir. Isto traduz prenúncios auspiciosos quanto à probabilidade de cura e expectativas em relação ao processo terapêutico. Ao mesmo tempo estes dois mundos podem representar camadas da personalidade do sujeito: o nível mais baixo da consciência de vigília diuturna e lampejos intuitivos do "eu superior", pertencente a estratos mais elevados de consciência. As referências ao bote (alguém desconhecido o deixou ali há muito tempo) parecem ser insinuações do inconsciente coletivo, o qual pode se tornar mais acessível no processo terapêutico, o mundo novo que está por vir (futuro), onde se desvenda o passado. Ivete tem consciência de seus simbolismos quando fala de uma "cerca imaginária". Ao nomear sua estória como "fuga dos problemas" revela que se sente prisioneira em seu próprio mundo, e que deseja partir em busca de prazer e liberdade.

Síntese do Caso Ivete

1) Temática do caso: o primo, que hoje é marido de I., desde a infância sempre teve sobre ela uma influência maléfica e perniciosa. Movida por pressões dele, abandonou os estudos para logo em seguida casar-se com o mesmo por medo de suas ameaças de morte. Casados, ele revelou-se muito violento e possessivo; mantinha-a sempre presa em casa enquanto ele mesmo usufruía de toda liberdade.

2) Histórico de vida:

- elementos traumáticos: a dominação que o primo já exercia sobre ela aos dez anos de idade, suas mentiras, calúnias, sem que esta pudesse contar com a defesa dos pais. Falta de diálogo, frieza e distância dos pais.
- situações de vida em relação aos pais: não houve violência na família de origem, nenhum fato digno de nota a não ser a doença do pai. O sujeito se refere aos pais de forma muito a pagada, sem grandes traumas nem fortes laços afetivos. I. mantém domicílio distante de sua família e os visita a cada dois anos.

3) Dinâmica do caso: a desvalorização familiar, o fato dela não contar com a credibilidade desta, **resultou** em um sentimento de impotência e desamparo, o que fez com que capitulasse à pressão exercida pelo primo. Ao lhe delegar domínio sobre si agiu de forma a sufocar suas necessidades de auto-afirmação e a violentar seu próprio eu. Deixou de ser dona de si. Passou então a estar "ausente" de seu corpo e a viver em dois mundos, um, a realidade que não lhe pertencia; o outro, um mundo de devaneios e fantasia, onde visualizava sua própria morte. Os impulsos para a vida não lhe abandonaram, contudo, quando tentava subverter a ordem machista que imperava em seu lar. Nestas ocasiões era agredida com violência, expediente utilizado por ele para reprimir sua rebeldia.

4) Atitude básica em relação a si própria:

- identidade pessoal: adequada em relação à idade e sexo. Figu

ra graciosa e juvenil, despreocupada, sem dúvida com aspectos idealizados e supercompensatórios. Evidentes conflitos em relação à agressividade; masoquismo latente.

- auto-imagem: positiva, com componentes de oposição e rebeldia em relação ao meio ambiente. Atitude inconsciente supercompensatória para dissimular sentimentos de desamparo e impotência.
- aparência física: mulata grandalhona, alta, gorda, de tipo bonachão. Veste-se bem "para vir à psicóloga".

5) Atitude básica em relação ao mundo: conquista, domínio, egocentrismo, altivez.

6) Relação de parêntese: manifestamente reproduz o modelo da sociedade patriarcal e machista, onde o homem domina e submete a mulher à sua vontade, restringindo sua liberdade de ação e escolha. Impera a "lei do macho", o qual recorre à violência física quando a parte mais fraca ousa subverter estas leis. No entanto, conteúdos latentes do sujeito evidenciam manifestação de força e domínio através de uma reação agressiva. Para enfrentar o marido, I. necessita se virilizar, pois não consegue fazê-lo pela via da feminilidade. O poder que ele exerce sobre ela parece transcender o limite da força física e se concentrar em sua personalidade influente e magnetizadora, capaz de submeter a vontade e o auto-domínio de I. Além disso, o sujeito sente esta relação como incestuosa, e violentada no momento do coito.

7) Sentimentos expressos: medo intenso e arcaico; impotência, desvalorização, expoliação, culpa.

8) Tendências e desejos: desejo de impor-se na relação, desejo de livrar-se de danificações físicas e psíquicas, de sanar sentimento de expoliação. Necessidade de poder e de ajuda.

9) Impulsos (instinto de vida x instinto de morte):

- anorosos: ajuda, cuidado, gratificação. Objeto: filho. Direção: hetero-erótica.

- destrutivos: morte, frustração, ataque, danificação. Direção destes impulsos: predominantemente auto-agressivos.

Prevalecem os impulsos destrutivos, e a tendência à vitimização (masoquismo).

10) Ansiedades:

- paranóides: medo de ser assassinada, de ser expoliada, de privação.
- depressivas: medo de ter danificado o próprio ego.

Prevalecem ansiedades paranóides.

11) Mecanismos de defesa: cisão ou dissociação da personalidade, repressão, negação. O primeiro mecanismo é o que mais se evidencia na dinâmica do funcionamento psíquico do sujeito, que de forma geral transmite uma imagem indiferenciada e nebulosa.

12) Sintomas expressos: ausência, distanciamento da realidade, impossibilidade de se defender diante da violência do marido.

13) Objetos e outras figuras de ligação: o filho, única figura realmente catexizada, pela qual o sujeito demonstra afetuosidade. Sua importância está não só em possibilitar a expressão de manifestações afetivas, reprimidas por I., como também em preencher um vazio e uma falta deixadas pelo marido ausente.

14) Alcoolismo do marido: este não bebe, portanto não é possível associar a violência cometida contra I. a estados alterados de consciência provocados pela bebida.

15) Tentativas de suicídio do sujeito: I. nunca tentou suicídio efetivamente, mas experimentou estados de devaneio, onde se via morta em um caixão. Nestes estados alterados de consciência o sujeito expressava seu desejo de morte, os quais não foram muito persistentes e acabaram perdendo a sua força à medida que ela ganhava em auto-afirmação.

6. Caso IRECE

1) Dados Pessoais:

Idade: 49 anos

Escolaridade: 5ª série

Cursos profissionalizantes: atendente de enfermagem; primeiros socorros.

Estado Civil: solteira (amasiada)

Números de Filhos: 01 (moça de 22 anos)

Cor: branca

Local de Nascimento: Borebi - S.P.

Profissão: dona-de-casa (ex-tecelã, ex-atendente)

Encaminhada por: elemento da equipe técnica

2) Dados do Companheiro:

Idade: 65 anos

Estado Civil: casado (possui dois filhos com a esposa)

Profissão: funcionário público aposentado

Condição sócio-econômica do casal: classe média baixa

3) Técnicas utilizadas para estudo do caso:

3.1) Entrevista semi-dirigida p. 304

Síntese e interpretação dos dados p. 320

3.2) Testes Gráficos

Figura Humana p. 326

Teste das Duas Pessoas p. 331

Cena Doméstica p. 336

Desenho Livre p. 343

4) Síntese do Caso Irecê: p. 349

Entrevista - Caso IRECE

P.: "Como foi que você entrou em contato com o SOS?"

I.: Foi há alguns anos atrás quando minha irmã foi assassinada pelo marido. De lá prá cá eu sempre venho participando das programa
ções de vocês.

5 P.: E por que razão você foi encaminhada para este trabalho comi-
go?

I.: Ah, eu estou tendo problema assim, familiar com meu marido. Pa-
rece, eu não sei, não dá mais certo direito.

P.: Desde quando isto começou a acontecer?

10 I.: Eu não sei se é porque aconteceu um problema comigo, já faz
uns 15 anos, né, lá onde eu moro. Ele não me levava na piscina lá
no clube perto de casa. Minha filha também ia, né. Daí eu descon-
fio que é isso. Ele não me levava. Eu convidava-o para ir, ele
não ia. Eu convidava para ir em baile, não ia. Todo lugar não ia.
15 Aí comecei a ir lá nadar na piscina pública com minha filha. En-
tão lá eu conversava com os colegas dela. Ela era mocinha, tinha
uns 12 anos. Conversava com os colegas dela, com mulher, com
criança. É piscina pública a gente conversa com qualquer um, né.
Daí comecei conversar com um cara lá que levava as meninas dele
20 também. Então um dia eu não fui, sabe, peguei a minha bicicleta e
comecei a andar lá na rua. Encontrei com ele, começamos a conver-
sar. A mulher dele não gostava de ir também, sabe, ele ia com as
crianças. Mas a gente conversava assunto geral. Por sinal ele era
espanhol, né. E eu gostava muito. Já havia assistido vários fil-
25 mes espanhóis; gostava de música espanhola, cantava música espanho-
la lá em casa. Continuo cantando. Então eu achei gostoso conversar
com ele, né. Porque falava diferente, outra língua, achei bacana,
como amizade, né. Então, não é que a mulher dele passa lá e o vê
conversando comigo. Eu de bicicleta e ele de carro. Aí ela pegou
30 o carro e queria vir em cima de mim, falou que eu estava andando
com ele. Falei, 'não estou andando minha senhora, não é nada disso.'
'Ah, por isso que minha filha me falou um dia que ele conversa com
um moça na piscina!' Falei, 'ah, o que é que tem conversar lá, não
é nada demais, né. A senhora está pensando mal, não é nada disso.'

35 E ela começou a pegar pedra para jogar em cima de mim, sabe. Foi uma confusão. Aí eu peguei minha bicicleta e oh, prá casa, cortei até caminho para ir embora. Ela chamou a polícia. Quando a polícia chegou eu não estava mais lá. Daí começou o inferno na minha vida. Ela ligou em minha casa contando para o meu marido, e depois ficou mais de dois anos passando trote. E falou para ele que o ma-
40 rido dela gostava de mim. Que ele ia embora comigo, inventou cada coisa! Tudo mentira.

P.: Como foi que o seu marido reagiu?

I.: Ah, ele falou assim prá ela 'pode deixar ela comigo, eu vou aí
45 na sua casa, nós vamos conversar'. Daí ele foi lá negociar se eu ia embora com o cara, ou se eu não ia. Os dois tratando do meu ne-
gocio sem eu tomar parte, sabe, assim. Nessas alturas o marido de-
la tinha fugido de casa. Depois que eu fiquei sabendo. Meu mari-
do veio falando que ele estava arrumando as coisas para ir embora
50 comigo, para a gente ir morar junto. E ainda falou que tinha dito a ele: 'quando você não quiser mais ela, você devolve ela para mim!' O homem nem lá estava. Ele mentiu para mim. Daí eu falei que não queria ir embora com ele, que ele não podia me forçar a isso. Mas os dois ficaram me forçando, os dois. Telefonema todo dia.
55 Quando ele não estava ela ligava, me xingava.

P.: E qual era o comportamento de seu marido?

I.: Ele cada dia fazia uma coisa para judiar de mim, para me cas-
tigar. Ele falava que eu não era mais nada dele, que eu estava a-
li só de pensionista. Ah, ele já fez tanta coisa que eu não que-
ria nem falar. Se eu te falar, viu...
60

P.: É importante que você fale, I..

I.: Ele falava que o cara queria morar comigo, mas não era verda-
de. Mas daí a mulher insistia falando que ele gostava de mim, que
ele queria morar comigo. Mas eu via os dois passeando numa boa na
65 cidade, os dois, sabe. E eu que fiquei sofrendo, eu que paguei tu-
do, sem dever.

P.: O que você imaginou que seu marido e a mulher dele estavam fa-
zendo com você?

I.: Castigando. Castigando porque ele falou 'deixa ela comigo' e
daí em diante ele mudou. Ele começou cada dia fazer uma coisa pa-
ra mim. Ele falava assim: 'de hoje em diante eu não saio mais com
70

você não, porque você estragou a minha vida aqui nessa cidade. E
você também não me saía mais na cidade não. E eu fiquei três anos
sem andar na cidade, sem sair com ele também. Eu não ia em lugar
nenhum, festa, nada. Daí não andei mais de bicicleta também, dei-
xei lá encostada. Também não fui mais no clube. Passaram-se dois
anos e ele falou assim: 'agora vou começar a sair com você, mas
você me espera lá em Campinas, na praça dos pombos; aqui não que-
ro que ninguém veja você comigo porque você sujou minha cara.

P.: Como você se sentiu diante de tudo isso?

I.: Nossa Senhora, que horror. Eu senti que eu estava pagando al-
guma coisa que eu não devia. Eles estavam sendo injustos comigo. U
ma conhecida minha falou que via os dois passeando de carro numa
boa, que eu era tonta, pois estava sofrendo à toa. E daí em dian-
te ele falava 'quem ama não mata', mas me matava psicologicamente,
estava sempre me castigando. Cada coisa que ele me fazia, não é
mania de perseguição, é perseguição mesmo.

P.: E o que ele fazia?

I.: Começava com as coisas de casa que ele ia consertar e deixava
lá. Fazia tudo do jeito que eu não gostava. Ia no supermercado, eu
pedia uma coisa, ele trazia tudo de outra marca, falava que não '
tinha'. Aí, minha filha passava lá e falava que tinha. Sabe, es-
sas coisas para castigar a gente. Daí começou a chamar o filho de
le para vir passear em casa todo sábado com a família. Eles iam
comprar as coisas, não me consultavam, ficavam lá de conversê, não
davam bola para mim. Para mim não comprava nada. Eu pedia óleo
de milho, ele não comprava, dizia que era luxo. Mas para o neti-
nho dele, ele comprava de tudo, mesmo que fosse caro. O menino era
um reizinho. Eu sabia que era para me castigar. Eu ia comprar ca-
miseta, sapato liquidando, o mais barato que tinha. E o chuveiro
também, eu falei que estava enguiçado, ele não arrumou. Um dia eu
fui tomar banho, me queimei porque caiu um fio em cima de mim. Saí
toda ensaboada, gritando no escuro. E ele dava risada quando acon-
tecia alguma coisa de mau para mim. Tanta coisa que eu escondi de
le só para ele não rir de mim, sabe. Daí, quando eu ia visitar mi-
nha mãe, eu queria ir num dia ele marcava no outro. Ele nunca me
dava chave para ir lá. Esse dia ele me deu a chave, mas minha mãe
não estava. Eu perdi a viagem. Daí, só por desaforo eu pousei lá.

Pousei sozinha.

110 P.: Você acredita que ele fez isso de propósito, que ele sabia que sua mãe não estava lá?

I.: Sabia. Tinha combinado de ir na formatura do neto. Inclusive, tinha dado dinheiro para ela ir de ônibus, fiquei sabendo. E eu fui lá, fiquei à toa, sozinha naquela casa. Depois voltei para ca-
 115 sa, falei prá ele que estava tudo bem. Não contei nada, não chorei no ombro dele mais. Porque todas as coisas que aconteciam de ruim para mim, eu chorava para ele, né. Ele gostava.... Ah, mas muita coisa que eu faço força prá esquecer que eu não quero nem contar, sabe. Isso já me judiou muito, sabe. Um dia ele falava
 120 que queria que eu fosse embora de casa, outro dia falava que eu devia arrumar um que me assumisse, porque este não me assumiu. E tantos anos menina, eu só andando com este homem. Apesar que a parte que a gente combinava mesmo era a sexual, né. Agora está
 125 meio diferente porque ele me procura quando nós já assistimos televisão, assistimos jornal, já trabalhei, ele já saiu, assim quando é bem tarde já. Eu não aguento e durmo, sabe, porque parece que ele quer que eu durma mesmo, porque assim ele fica sossegado. Desde que aconteceu aquilo com o homem ele passou a dormir no quarto dos fundos. Eu durmo sozinha no meu quarto. Isso há 15 anos atrás.
 130 E ele ficou uns dois anos sem andar comigo, só depois que ele começou a me procurar. E eu aguentei porque não andava com outro, só tinha ele. Por enquanto, eu ando com ele porque não tem outro para eu andar mesmo. Eu não tenho essa coragem. Parece que se eu for andar com outro, ele vai estar ali, aquela sombra. A
 135 sombra dele está ali, sabe, nem que ele não esteja, ela está ali.

P.: Por que você continua com ele ?

I.: Ah, eu não sei também. Porque conheci ele de criança, né.

P.: Como foi que você o conheceu?

I.: Ele casou com a minha mãe. A minha mãe era viúva, tinha 6 fi-
 140 lhos, só que quem foi morar com ele foram só três, né.

P.: Sim, três, entre esses você?

I.: É, eu era a mais velha, tinha nove anos, e mais dois irmãos me-
 145 nores. Ele criou a gente, né. Mas, bem dizer, era eu que olhava os meus irmãos e os filhos dele. Quem mais foi mãe em minha casa fui eu. Minha mãe não gostava muito de cuidar de criança. Só cozinhar,

mania de limpeza exagerada. Não me dava carinho, sabe. Só saíam eu e dois sozinhos para ir passear, me deixavam sozinha olhando criança. Fui mãe já aos nove anos.

P.: Sua vida quando criança não foi muito boa, então?

150 I.: Foi horrível. Eu não gostava dele. Eu não queria que minha mãe casasse. Ela me deixou com a minha avó dois anos. Não ia buscar a gente, eu me sentia rejeitada.

P.: Como foi que ela te deixou com a sua avó?

I.: Deixou para ir trabalhar na outra cidade, para ficar livre, né.
155 Ela falava, agora sou livre e desimpedida. Porque minha mãe casou nova, com 15 anos, né. Com 16 já tinha eu. Daí o meu pai morreu, e ela era nova ainda. O meu pai também morreu novo.

P.: Do que foi que ele morreu?

I.: Desastre, era maquinista. Ele era jovem, forte ainda. Foi depois disso que minha mãe nos deixou na casa de minha avó. Minha avó me adorava, mas não gostava dos meus irmãos. Eu olhava meus irmãos. A minha irmã, minha mãe deu embora, mas a minha avó foi buscar e criou, sabe. Daí, ela me mandava arrumar cozinha, torrar café. Mas a minha avó tinha uma diferença da minha mãe que ela me
165 tratava bem. Era muito boa. Eu gostava muito mais da minha avó do que de minha mãe, porque ela me dava carinho e minha mãe não. Depois quando eu cresci, adolescente, tudo quanto é namorado que eu tinha ele brigava comigo. Até aí nunca mexeu comigo, respeitou, né. Mas adolescente ele contava para a minha mãe sobre todos os namorados que eu arrumava. 'Olha lá, ela está se lambendo na esquina'.
170 Mentira, nem tinha beijado nada. Aquele tempo não podia beijar tão cedo, demorava, né. Daí piorou a relação comigo e com a minha mãe. Porque ela já não era boa para mim. Me batia, arrancava sangue, gritava comigo, não dava carinho, aí, que horror. E eu trabalhava
175 na minha casa que nem.... a mãe lá era eu. Eu cuidava das crianças ensinava-os, passeava com eles, dava banho neles, cantava para eles dormirem. Tudo eu.

P.: E sua mãe, o que ela fazia, já que você desempenhava o papel dela?

180 I.: Nada, só saía para passear com ele. Ela já não trabalhava fora de casa. Eu falava que tinha medo: 'Oh, mãe não me deixa sozinha, eu tenho medo, né.' Porque no sítio não tinha rádio, e a mi-

nha avó contava estória de assombração. Agora não tenho mais medo, mas naquele tempo eu tinha, nem respirava, cobria a cabeça. Eu
 185 passei muito medo quando criança. Eu olhava se tinha cobra, eles falavam que cobra voava. De noite eu pensava que a cobra estava na cama, sabe. Tinha amarelão também. Tinha tontura. Ih, eu fui infeliz na infância. Depois que eu tomei remédio melhorei. Fiquei bem, tive saúde.

190 P.: Houve algum fato marcante que aconteceu em sua infância?

I.: Ah, esse daí que meu pai morreu, né. Isto estragou tudo.

P.: Como é que foi? Você se lembra quando seu pai morreu?

I.: Quando meu pai morreu a gente dormia no mesmo quarto, né. Meus irmãos, minha mãe, eu e ele. De madrugada foi quando meu pai esta
 195 va morrendo. Aconteceu que ele se acidentou e não foi ver o que era não, sabe. Foi trabalhar. Daí três meses ele voltou no médico para rotina e foi informado que iria durar só mais três meses de vida. Ele tinha uma bolha na veia do coração, quando estourasse, morreria. Então, não tinha jeito, né. Então ele chorava todo dia e falava que não ia ver a gente crescer não. E daí ele durou um
 200 mês a mais do que o médico falou. (Chora).

P.: Nessa noite você viu seu pai morrendo?

I.: Acho que era de manhã, de madrugada. Estava saindo sangue da boca dele, do nariz, não parou mais de sair sangue. Até que enter
 05 rou. Eu tinha sete anos. Eu gostava muito dele. Ele me levava para passear de trem, dava sorvete. (Chora profundamente). Acho que era o único que me dava carinho, atenção. Os outros não me deram mais não. Eles não me davam atenção como eu queria. Eu queria mais, pouquinho só, não.

10 P.: Você queria mais.

I.: Ele não dava mesmo, não dava, não dava. Minha mãe não dava. De
 pois ela foi casar outra vez. Não sei se casou por amor, porque não esperou um ano e meio já casou. E ele era muito novo, ela era mais velha do que ele. Ele tinha acabado de sair do exército, edu
 15 car a gente ele não sabia não. Nem ele, nem minha mãe sabiam. O que eu sei hoje é porque eu fui atrás de livro, me interessei em aprender sozinha. Senão, não sabia nada. Acho que não tiveram nada para me dar não.

P.: Seu pai batia em sua mãe ?

220 I.: Não, nunca. Viviam bem. Minha mãe fugiu a cavalo para casar ' com ele.

P.: Mas, continue. No começo você disse que ele te respeitou. Quando foi que começou a acontecer alguma coisa entre vocês dois?

I.: Quando eu era adolescente nunca aconteceu nada, a não ser briga, perseguição. Mas ele não falava que gostava de mim, eu não sabia o que que era. Eu namorei um que era da banda, um dentista, e namorei até um médico que era de olhos azuis. E ele brigou com todos esses caras aí. Naquele tempo eu era bonita, viu, agora não sou. Eles falavam que eu parecia artista de cinema, sabe. Eu não sabia porque ele brigava comigo, me perseguia assim. Daí eu fiquei tão nervosa, só chorava, só chorava. Minha mãe então me internou no hospital porque eu era triste, sabe. Ela falou para o médico que eu era muito chorona. Daí ele foi na conversa dela e me deu choque. Não era nem para me dar choque elétrico. Me deu três choques, não no mesmo dia, assim, três vezes que eu estive lá. Eu ti nha 17 anos. Daí ele receitou calmante para mim. Eu falava prá ele: 'Eu não preciso tomar choque não, eu não sou louca!'. Assim ' mesmo ele deu. O último, eu não estava com muita anestesia, senti. Foi ruim, mordi a língua, tudo. Eu era muito triste, chorona, por causa da minha vida ser assim. Minha mãe não entendia que eu queria carinho. Uma vez eu cheguei na minha casa e tomei um vidro de calmante. Eu queria morrer. Eu não contava para eles o que é que eu tinha. Os dois ficaram andando comigo de médico em médico, porque não achava vaga para mim. Eles perguntavam o que eu tinha, eu respondia 'nada, nada, nada'. Eu só queria morrer. A cabeça es tava toda virando, o teto vinha no chão, girava tudo comigo. Eu não contei. Fiquei assim quase que um dia inteiro com calmante. Também não contei para o médico. Se eu contasse eu não morria. Eu não sei como é que o médico descobriu, tive que fazer lavagem e melhorei.

P.: Alguma outra vez na sua vida você tentou se matar?

I.: Não, só essa. Também não pensei mais nisso.

P.: Mas como foi que você acabou ficando com seu padrasto e ele se separou de sua mãe?

255 I.: Bom, daí continuei tomando calmante a vida toda, até que eu resolvi eu mesma largar. Fui largando aos poucos. Os primeiros '

dias senti mal, não conseguia dormir, mas depois fui conseguindo,
 foi uma vitória para mim. Nunca mais tomei calmante na minha vida.
 Faz uns 15 anos que eu não tomo mais, que eu era uma viciada mes-
 260 mo. Então foi assim. Eu saí de minha casa, fui trabalhar em São
 Paulo. Daí eles não andavam se combinando muito bem. Eu já tinha
 uns 20 anos, né. Ele foi me procurar, disse que gostava de mim .
 Falei 'mas gosta como?'. Ele falou que era amizade, né. Daí ele
 me levava ao cinema (eu adorava cinema), dava carinho para mim, me
 265 tratava muito bem. Eu comecei a sair com ele, assim, por amizade.
 Aí um dia ele falou que me amava mesmo. Eu estava precisando mui-
 to de alguém, de carinho, eu aceitei. Ele me convidou para morar
 com ele, mas eu achei que não fosse dar certo. Mas ele disse que
 ia fazer tudo para dar certo, então eu aceitei. E como no começo
 270 minha mãe era ruim para mim, continuava ruim, gênio forte, tudo ,
 vou falar a verdade para você, eu achava até bom. Eu achava que
 eu estava judiando de minha mãe, que eu estava me vingando. Eu
 gostava, sabe. Eu falava: 'ah, agora sim, além dele me tratar bem,
 dele fazer tudo que eu quero, que eu era mimada, sabe, eu tenho o
 275 prazer de me vingar de minha mãe'. No começo a gente se dava mui-
 to bem, eu combinava sexualmente com ele, tudo numa boa. E eu não
 tinha culpa nenhuma aquele tempo não. De vez em quando eu dava al-
 guma briguinha de ciúme dele, mas não era tão grave, né.

P.: Você já não chorava mais?

280 I.: Não. Não tomava mais remédio. Achava bom porque me vingava de
 minha mãe. Ela ficou sabendo que ele estava morando comigo e não
 fez nada, não ligou, sabe. Se ela gostasse dele, ela lutava por e-
 le. Eu queria que ela lutasse por ele também. Que ela fosse lá e
 falasse que não queria que eu morasse com ele, daí eu separava .
 285 Mas ela não falou, eu continuei. Para meus irmãos eu disse que es-
 tava cuidando dele, porque ele tomou uma pancada na cabeça no ser-
 viço e ficou com epilepsia.

P.: Então você não disse que havia tomado o lugar de mulher dele?

I.: Não, eu não tinha nada com ele, só cuidava dele. E eu mentia
 290 dizendo que essa filha é de outro homem, que não era dele. Eles
 não sabem que ela é irmã deles. Mas prá ela eu contei tudo desde
 criança; não escondi nada. Agora eu estou começando a sentir cul-
 pa porque minha mãe anda doente, né. Eu fiquei com dó dela, sabe.

Depois eu não vivo muito bem com ele também, né. Acho que é isso, 295 ele não me trata muito bem. Se ele bastasse para mim, não precisa va de mais ninguém, mas não basta não.

P.: Quando foi que ele deixou de realizar seus desejos e passou a te tratar mal?

I.: Foi desde que apareceu aquele homem. Foi, tenho certeza. Ele 300 fala que não é. Outro dia conversei com ele, perguntei, falei no assunto. Ele fala que não é, mas eu sei que é. Eu sinto. A gente nota. Minha bicicleta, ele fez um negocinho lá para eu não andar mais. Fui andar, ainda bem que não deu desastre grave. Aí, eu troquei por louça. Agora a louça eu vou vender, porque eu não vou 305 ficar usando aquelas porcarias. Era na minha bicicleta que eu adorava andar, ele não deixa mais. Então eu troquei a bicicleta ' por muito menos do que ela vale, só o pneu valia aquilo, que era pneu de tala larga.

P.: Como é que você se sentiu trocando a sua bicicleta?

I.: Ah, senti mal, senti muito mal, horrível. Senti que parece que 310 eu nem sei andar, estou engatinhando agora. Parece que eu caí e não estou sabendo andar direito. Mas alguns dias eu cheguei a andar escondido, ele não soube. Agora ele não sai comigo. Quando eu falo de ir num casamento ele diz que não vai, porque assim ele sabe 315 be que eu não vou. Tempo de política eu trabalhei, e ele brigava comigo todo dia. Não nessa que houve agora, na outra. Daí o meu candidato venceu as eleições, é do PMDB, né. Fez bastante coisa ' lá na cidade que a maior parte eu pedi junto com as mulheres. Eu chegava e falava prá ela 'o quê a senhora acha que está precisan- 320 do aqui, mais creche, casa, tem tudo aqui, falta o quê aqui.... ' Tudo que eu pedi ele fez. Ele ficava mais louco ainda. Eu comenta va, ele mudava de assunto. Ele se arrependeu de ter me deixado traba balhar na política, e nas eleições deste ano proibiu que eu fosse. Eu não fui.

P.: Como é que você reagia diante das proibições dele? 325

I.: Ah, um dia eu aceitava numa boa, outro dia eu chorava, outro ' dia eu brigava com ele. De vez em quando eu reagia de um jeito para 330 ra fazer ele entender. Uma luta, uma guerra na minha própria casa. Às vezes eu pedia para ele me levar para passear e ele dava uma desculpa. Agora ele já assume, na cidade ele não anda comigo não.

Só aqui em Campinas, e aos domingos. O passeio é o seguinte: a gente sai de casa às quatro horas, pega um ônibus, vem aqui. Eu tomo um sorvete, ele toma café. A gente fica meia hora, senta no banco do jardim, seis horas pega o ônibus e volta para casa. Todo santo
335 domingo a mesma coisa, não varia. Falei, 'vamos num motel', não vai. Vamos à praia, não vai. Vamos ao taquaral, não vai. Nada ele quer. Ele que programa o que ele quer.

P.: Como você julga a forma de tratamento e de agir que ele tem para com você, acha certo, errado...?

340 I.: Eu acho que é errado, erradíssimo. Porque eu não devo, né. Nem que eu devesse, ele deveria então separar de mim já de uma vez, não ficar me castigando. Mas ele não quer separar, ele quer mesmo é castigar. E eu não sei porque eu fico pagando. Porque às vezes eu tinha vontade de dever, até, de tanta raiva que me dá.

345 P.: Você nunca pensou em se separar?

I.: Eu pensei, mas ele pediu que eu tivesse pena dele. Ou então quando ele vê que eu quero separar fala que nós dois vamos ficar juntos até o fim, que nunca nos separaremos, e começa a agradar. Depois já vem coisa sexual e já fica numa boa. Depois começa tudo
350 de novo.

P.: E você esquece da idéia de separação.

I.: Eu esqueço porque aí já me dá carinho, já fico bem, né. É isso que eu quero. E sexual, tem que ser com ele mesmo, como é que eu vou andar com outro homem? Para mim só tem ele, né. Aí ele falava assim para mim: 'Você nunca vai andar com outro homem sabe por quê, ninguém faz que nem eu. Eu sou diferente. Os outros por
355 aí, tudo é que nem galo, não demora que nem eu.' Então eu tenho um problema comigo, né. Puxa vida, se ele faltar, o que que eu faço, se eu combinei tão bem com ele. Agora para eu ajustar com outro
360 acho que nunca vou achar do jeito que eu gosto. Então, eu gosto bastante, sabe.

P.: Você gosta de transar bastante, é isso?

I.: É. E ele fala que por aí os homens não controlam não, não conseguem segurar, entendeu. E ele aprendeu, ele conseguiu. Ele treinou comigo e aprendeu a segurar porque sabia que eu gostava bastante. Mas agora com essa idade aí, demora um mês para me procurar. Eu fico até com fantasia. Antes de surgir aquela mulher de

branco na novela eu já tinha essa fantasia. Eu tinha vontade de
pegar uma roupa que ninguém me conhecia, por um óculos escuro, u
370 ma peruca, pular uma janela e pegar um homem na rua. Porque eu
precisava, né. Mas eu pensava, a cidade é pequena, algum guarda
me conhece, daí estraga tudo. Era só fantasia, eu não ia fazer is
so, não tinha coragem. Sabe o que ele fez quando ficou dois anos
sem me procurar, comprou um vibrador para mim. Falou que era para
375 eu usar. Eu fiquei uns três meses sem usar, mas ele ficava me en-
chendo o saco. Eu dizia que não era robô. Um dia estava com tanta
raiva que eu quis experimentar (ri maliciosamente). Falei, ah, por
curiosidade, vamos ver o que que leva isso daqui. Quando eu era
mocinha, não me masturbava não. Nunca me masturbei até aí. Bom, en
380 tão eu comecei a usar. Sabe que eu gostei (ri sem graça), foi bom.
Só que daí eu não quis mais. Falei, 'Ah, eu não sou robô mesmo não;
falta carinho, falta beijo, falta abraço, falta tudo, né. Agora
fico aí feito máquina, eu, essa coisa fria, não quero mais não.' E
não usei mais, guardei de novo. Quando eu disse a ele que eu havia
385 usado e tinha gostado, ele voltou a me procurar.

P.: Ele alguma vez te bateu?

I.: Ah, bateu (riso sem graça). Em toda a nossa vida acho que ba-
teu umas três vezes já. Muitos anos assim, um longe do outro, mas
bateu. Uma vez foi quando a mãe dele morou comigo; ela morou por
390 15 anos, né. No início a gente teve alguma coisinha, depois a
gente se adaptou, combinava muito bem, sabe. Morreu em casa com
86 anos. Bom, daí foi essa a primeira briga que eu tive com a mãe
dele, por causa dele, né. Porque eu não entendia muito bem, de-
pois comecei a combinar com ela. Aí foi que ele me bateu. Eu pe-
395 guei uma bacia de água fria e joguei nele. Ele disse que nunca
mais ia me bater, que eu fiquei de mal dele tempo, né, dormindo
separado. Demorou mesmo para bater. Aí a outra vez não me lembro
porque, acho que foi coisa boba. E essa última vez foi a semana
passada. Ele me deu um sôco aqui, porque eu estava gritando com
400 ele e falando que não era aquilo, que ele estava mentindo.

P.: Ele estava mentindo sobre o quê ?

I.: Sobre o netinho dele que vai em casa, faz o que quer eu deixo.
Eu brinco com ele, saio para passear com ele. Mas como ele pegou
a manga e pegou o mapa, falei, 'ou bem uma coisa ou bem outra, vo

405 cê vai sujar o mapa com essa manga'. Ele achou ruim, e ficou me
vigilando para ouvir o que eu estava falando. Depois nós começamos
a discutir. Ele disse que eu não deveria ter falado daquele jeito
com o menino e que iria dizer para eles não virem mais em casa. Eu
disse que não tinha falado nada de mais, o menino fazia o que que
410 ria em casa, e que a estranha era eu. Aí levei um sôco.

P.: Como você reagiu?

I.: Chorei, falei que ele não devia ter feito aquilo. Pela primei
ra vez na vida eu fui na vizinha e contei prá ela. Depois saí de
lá e fui para a outra, mas para essa eu não queria contar não, só
415 queria distrair. Nesse meio tempo a primeira foi lá em casa e fa-
lou que ele tinha que dar mais carinho para mim, que não é prá fa-
zer isso, bater. Disse que me achava inteligente, que a gente de-
via combinar, enfim deu um monte de conselho para ele. Daí quando
eu entrei ele disse que eu não tinha nada que ter ido contar para
a vizinha. Então eu menti, disse que não havia contado, mas que e
420 la me escutou chorando. Daí ele ficou quieto, se eu tivesse admi-
tido era pior, né. Mas eu achei bom. No outro dia eu a agradeci,
falei 'muito obrigado que você me socorreu, estou te devendo um
favor'.

P.: Seu companheiro bebe I.?

425 I.: Não, de jeito nenhum. Epilepsia sarou também.

P.: Ele tinha epilepsia realmente?

I.: Tinha, por causa que era provocada, né. Agora sarou porque
saiu o foco de infecção, não tem mais que tomar remédio.

P.: Você acredita que os problemas que teve com ele interferiram
430 no desenvolvimento de sua filha?

I.: Não, não interferiu. Ela combina bem com ele. A maior parte
das vezes comigo também. Mas só que ela fica sempre do lado dele,
os dois contra mim, brigando, tem dia. E depois que aconteceu es-
se negócio do homem, ele fez a cabeça dela, né. Então ela fica
435 mais contra eu do que contra ele. Eu faço de tudo para combinar
com a minha filha. Às vezes ela briga, qualquer coisinha diz que
vai sair de casa. Um dia eu enchi o saco e falei 'então sai numa
boa, não sai brigado não, tá.'

P.: Você costuma ter sonhos repetitivos?

440 I.: Tenho. Eu sonho que eu estava numa casa que eu morei em Bauru.

Tinha a cerca, os campos verdes, e tinha o rio (mas só que lá não tinha rio). Tinha rio, para eu atravessar aquele puxa rio, aquelas puxa subidona, também. Barranco alto, e eu ficava a noite inteira andando. Andava no rio, subia no barranco, andava no rio, su
 445 bía no barranco, uma canseira danada.

P.: Como é que você andava no rio?

I.: Ah, andava assim bem na beiradinha, com medo de cair para dentro. Era uma margem muito estreita, não dava para andar direito, sossegada não. Meio com medo, eu subia, subia, subia, subia, subia
 450 aqueles morros, nunca que eu saía dali, sabe. E também junto comigo só sonho que eu estou com a minha filha pequena, lá em São Paulo, e me perdi dele. Ele saiu comigo e eu me perdi dele, sempre a pé. Daí eu fico desesperada, procuro gente, os outros vão me informar, mas eu não sei o que acontece, a pessoa sai de perto de
 455 mim. Depois vou falar com o guarda, mas ele fica todo enrolado e não consegue me ajudar. Eu fico lá, sabe.

P.: Como foi quando você transou com ele pela primeira vez?

I.: Ah, a primeira vez ele me pegou menstruada. Acho que não sei, eu desconfio que é prá eu não sentir muita dor. Mas foi assim um
 460 negócio meio.... em pé, eu estava menstruada, eu tive um pouquinho de dor só.

P.: Mas você queria ou não queria?

I.: Eu queria. Naquele dia não foi muito legal não por causa disso, né. Depois começou a melhorar, mas não tive trauma nenhum
 465 não. Foi relativamente bom.

P.: Você disse que é dona-de-casa, mas já trabalhou como atendente no hospital, e como tecelã. Isso faz muito tempo?

I.: Tecelã, faz. Atendente faz uns 16 anos também. Era na Santa Casa ainda, na pediatria. Eu punha minha filha na creche e trabalhava. Mas eu parei de trabalhar quando ele começou a ganhar melhor, né. Sempre foi uma luta. Já passei fome com ele. Morei em
 470 lugar ruim, um cômodo só, fogãozinho de uma boca só. Não tinha móveis. Eu tinha uma calça e uma blusa para ir trabalhar e para sair. Mas eu era feliz, sabe, na outra parte. Era, porque era gostoso ;
 475 eu trabalhava, tinha o amor dele, sexualmente combinava. Era uma delícia. Só faltava comida mesmo, né. Assim eu não via a hora que chegava sábado, domingo, para a gente comprar pão, leite e um bi-

fe cada um, pequenininho só. E não tinha filha ainda, né. Aí ele começou a ganhar melhor, falou que eu não precisava trabalhar, eu saí. E por sinal, nós mudamos de cidade, peguei casa da COHAB e não ia mais dar horário para mim.

P.: Você não quis mais voltar a trabalhar?

I.: Não. Ele também me proibiu uns tempos. Falava que se eu fosse trabalhar perderia os benefícios como dependente dele. Agora eu ando querendo voltar a trabalhar. Eu penso em fazer qualquer coisa no começo (ri), se eu arrumar, porque com essa idade! A semana passada fui ver um emprego de empacotadeira, mas eles falaram que já preencheu a vaga. Fiquei desconfiada se não era por causa da idade.

P.: Ele alguma vez te ameaçou de morte?

I.: Já. Já tentou me matar uma vez. Eu não tinha minha filha ainda. Ele me enforcou, sabe. Assim com a mão. Escureceu minha vista e eu não vi mais nada. Aí ele soltou, fiquei desmaiada um pouquinho, depois voltei. Não tinha morrido não. Para mim, parece que eu estava morrendo já.

P.: Mas como foi que isso aconteceu?

I.: Foi aquela vez que ele bateu em mim, e eu joguei a bacia de água fria nele. Ele voltou e 'tium', no meu pescoço. Só essa vez.

P.: E você nunca deu queixa dele na delegacia?

I.: Não. Não porque tenho medo dele. Acho que porque ele me conhece desde pequena, para mim ele é pai também, né. Sei lá, tenho medo. Ele não é só pai não, mas do jeito que ele age parece que eu sou para ele que nem filha, a maioria das vezes. Ele quer que eu obedeça. Outro dia falei 'nossa, mas você não faz isto para os seus filhos, não faz isto para a nossa filha, agora vem falar só para mim'. Por que só eu, falei, 'será que eu tenho que aguentar essa carga pesada o tempo todo nas minhas costas, só sobra para mim! Eu não sou sua filha não, tá esquecendo, eu sou estranha!' Ele disse que eu tenho que fazer como as mulheres do bairro fazem.

Não sair de casa, obedecer. Falei que não. Eu sou diferente. Essas mulheres vivem sentadas na calçada só fofocando, eu não gosto dessa vida. Quero outras coisas. Não vou fazer o que elas fazem não. Eu também não dou queixa dele porque sei que ele é nervoso. Se eu fizer isso, vai aprontar o maior pampeiro, vai piorar a situação

515 em vez de resolver o problema. Eu acho que conversando a gente vai levando.

P.: Você disse que teve uma irmã assassinada e que por isso procurou o SOS. Conte-me como foi que isso aconteceu.

520 I.: Ah, eu não me lembro bem a data. Só sei que ela era uma estudante de 16 anos, começou a namorar um cobrador de ônibus, ele mentiu que era solteiro. Já estavam comprando os móveis. Quando ela descobriu, todos da família ficaram contra ela, só eu que fui a favor. Um dia, chegou em casa chorando, desconfio que tinha ido conversar com a mulher dele. Ela disse que ia largar dele, continuar estudando e pegou um revólver em cima do guarda-roupa. Depois, ela chegou com ele na casa dela, minha mãe estava vendo televisão. Logo em seguida, ela escutou os dois brigando, mas não foi lá ver o que estava acontecendo. Minha mãe escutou um tiro, o cara estava com a arma na mão, pulou a janela. Levaram ela para 530 a Santa Casa, pois estava com hemorragia, operou o coração, mas não teve jeito. Ele falou que ela suicidou. Ficou provado que foi ele pelo exame de balística, e a distância a que foi dado o tiro. Foi a julgamento, mas só tinha minha mãe de testemunha, e ela não viu direito. Ele vendeu um sítio para ficar livre. E ficou. E a 535 mulher legítima dele continuou com ele.

P.: Você acredita que sua irmã não teria suicidado?

540 I.: Não, porque ela tinha um gênio diferente de mim. Era agressiva, valente; não era sentimental e chorona que nem eu. Ela era mais de matar do que de suicidar, tinha um gênio forte. Apesar de que eu penso que ela também não pensou em matar, talvez uma brincadeira de adolescente, falou 'vou assustar o cara'. Eu sofri demais com isso, e por muitos anos. Só fui me sentir melhor quando entrei na luta das mulheres, pelo SOS. Me ajudou muito. Eu já era anasiada, ~~minha filha estava no segundo ano de escola.~~

545 P.: Como sua filha encarou o fato de você ter se anasiado com seu padrasto?

I.: Ah, isto não causou nenhum problema a ela, porque é equilibrada, estudiosa, responsável, passa de ano.

P.: Sua mãe sofreu violência de algum de seus maridos?

550 I.: De nenhum dos dois. Com meu pai ela vivia muito bem. Com o outro, brigavam às vezes por ciúme dela. Mas nunca chegou a apanhar.

P.: Você tem algum problema de saúde?

I.: Tenho esporão. Eu às vezes não me sinto muito bem, porque tenho problema com biliar, por isso, não posso abusar da gordura. Eu
555 fico arrotando muito e não faz digestão, dá tontura. Daí eu ar-
roto umas trinta vezes, faz digestão e eu melhora. Estas coisas a
contecem mais quando eu estou preocupada ou nervosa por alguma
coisa."

Análise da Entrevista (Caso Irecê)

Dados principais:

1) Queixa básica: dificuldades de relacionamento com o marido. Ele começou a maltratá-la e a rejeitá-la desde que esta se viu envolvida em relações sociais equivocadas, que lhe trouxeram como consequência a calúnia de adultério. A partir deste fato sua vida se tornou um pesadelo; após 15 anos o estigma do adultério ainda lhe pesa. Há uma queixa de violência psicológica explícita e outra de violência física que permanece encoberta e dissimulada, da qual o sujeito não fala espontaneamente, e da qual se envergonha.

2) Caráter repetitivo da queixa: tanto as agressões físicas, apesar de pouco frequentes, quanto as queixas de maus-tratos têm se repetido no decorrer de longos anos de convivência. Estas últimas são observadas na sutileza das pequenas coisas, nos fatos corriqueiros do seu cotidiano, e se caracterizam por um toque refinado de sadismo. O sujeito parece submetido a uma eterna punição.

3) Explicitação ou não de desejo de separação; argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência: a possibilidade de separação foi mencionada rapidamente e sem nenhuma convicção por ela. Os fracos ecos de sua lógica racional cedem aos rogos dele para que sinta pena em deixá-lo, e se entrega face às migalhas de carinho e sexo, e promessas de amor eterno. E está formado o círculo vicioso, porque assim que se sente seguro ele volta ao padrão antigo. Outro argumento é que ela o conheceu ainda quando criança; o respeito e o temor que lhe tem não é por um homem comum, mas aquele que uma criança devota ao seu pai todo poderoso. Por outro lado, nem ela mesma encontra uma justificativa por se manter numa relação em que se sente expiando uma culpa constantemente realimentada por punições intermináveis e incomensuráveis. Ambos atribuíram proporções gigantescas a um fato banal. Um simples flerte foi vivido como um flagoroso caso de adultério. De qualquer forma, ela não chegou ao SOS pedindo separação, mas bus-

cando alternativas que a ajudassem a melhorar o seu relacionamento com ele.

4) Atitudes de submissão: apesar da aparente relutância dela em se adequar ao estereótipo feminino das mulheres de seu bairro (não sair de casa, obedecer o marido), seu comportamento é de franca submissão. Faz exatamente todas as coisas que ele quer. Nunca teve coragem para impor-se, ou fazer alguma coisa "errada", pois a sombra dele lá estava. A figura do companheiro é delineada como extremamente dominadora e onipotente. Em contrapartida, só lhe restava submeter-se e subjugar-se. Vendeu sua bicicleta, não saiu mais de casa, não fez mais amigos, deixou de se envolver em atividades políticas quando ele proibiu. Fazia com ele os passeios que ele programava fora da cidade em que moravam, pois não podiam ser mais vistos juntos. I. o tinha maculado. São regras arbitrárias a que se submetia sem questionar sua legitimidade.

5) Reação diante da violência do marido: ela não mantém um mesmo padrão de comportamento diante da violência psicológica. Às vezes aceitava, outras vezes chorava, e até brigava. Chegou a mentir e a demonstrar indiferença em algumas ocasiões. Quanto à violência física nunca deu queixa, temendo a reação dele. Prefere adotar atitudes conciliatórias e "ir levando". Acha que ele devia se separar dela ao invés de ficar castigando-a, mas não faz nada diante disso. Sua atitude geral é, pois, de passividade e acomodação. Às vezes prefere pedir a ajuda de terceiros (vizinhos) e solicitar sua defesa diante do companheiro. Isto prova que ela ainda não é capaz de se defender por si mesma.

6) Dados relevantes de sua história de vida: é a filha mais velha entre seis irmãos. Os pais se casaram muito jovens e mantinham um bom relacionamento; não houve violência física entre eles. Aos sete anos perdeu o pai em circunstâncias muito traumáticas. Era o único objeto com quem mantinha verdadeiros e profundos laços afetivos. A mãe a deixou na casa da avó juntamente com outros irmãos para ir trabalhar. Um ano e meio depois casou-se novamente com um rapaz mais jovem. O sujeito nunca manteve um bom relacionamento

com a mãe. Figura rejeitadora e punitiva, nunca foi dada a grandes demonstrações afetivas. Irecê sentiu-se abandonada quando teve que ir morar com a avó, e usada quando foi obrigada a exercer o papel de mãe precocemente, aos 9 anos de idade, papel este que sua mãe lhe delegou numa atitude pueril e inconsequente. Ao retornar a viver com o padrasto, e assim que entrou na adolescência, suas relações com a mãe pioraram. O padrasto começou a implicar com todos os seus namorados, o que não permitiu que levasse nenhuma relação adiante. Ela tornou-se uma moça triste e "chorona". A mãe a internou em hospital psiquiátrico devido à sua tristeza; foi submetida à terapia eletroconvulsivante e viciou-se em calmantes. Tentou suicídio na adolescência. Ninguém entendia que ela queria carinho. Eles não tinham nada para lhe oferecer. Foi trabalhar em São Paulo e o padrasto a procurou. Aos poucos foi sendo seduzida por pequenas demonstrações de atenção. Resolveram morar juntos. No início tinham uma vida muito pobre, mas I. sentia-se feliz embalada pelo duplo prazer: a descoberta da sexualidade e a atenção recebida por um lado e, por outro, o prazer de estar vingando-se da própria mãe. Teve uma filha. Parou de trabalhar quando a situação financeira melhorou, preferindo usufruir dos ganhos da dependência dele. Conheceu um espanhol por quem se sentiu atraída. O fato tomou dimensões catastróficas e foi vivido como um adultério, o que lhe originou um profundo sentimento de culpa. Irecê vivencia a sua sexualidade de uma forma vibrante e intensa, mas na relação com o companheiro isto ocorre de forma ilícita e pejorativa. Ao mesmo tempo que faz com ele porque não tem outro, é o único que pode satisfazê-la. Sente-se uma "estranha" em sua própria casa, porque ele a rejeita e exclui do convívio com os demais familiares. A filha também ficou do lado dele. Atualmente estão emergindo sentimentos de culpa em relação à mãe que está doente. Quando criança tinha muitos medos e nenhum continente. A mesma coisa aconteceu em sua vida adulta. Seu desejo consiste em melhorar o relacionamento com o companheiro, que ele esqueça de uma vez do infeliz incidente ocorrido há quinze anos atrás.

7) Ocorrência de alcoolismo do marido: ele não bebe de forma alguma.

Análise interpretativa:

1) Dinâmica interna do sujeito: a temática central deste caso gira em torno do complexo de Édipo; pode-se afirmar que ela literalmente roubou o marido da mãe. Relacionado com isto está a perda real do pai verdadeiro, vazio que não foi preenchido e permanece irremediavelmente dolorido; o abandono e a rejeição da mãe, figura fria e punitiva, com quem entrou em franca relação de competição durante a adolescência. Estes fatos lhe geraram uma profunda carência afetiva, o que a levou a emitir mensagens indiretas expressando suas reais necessidades. A tentativa de suicídio foi uma destas mensagens, onde ela tentou expressar o seu desespero ao mesmo tempo que solicitava atenção e carinho. A necessidade de agradar para obter a aprovação e a aceitação dos demais é uma dinâmica constante de funcionamento de sua personalidade, seja no âmbito familiar quanto no social. (É o mecanismo típico dos casos que trazem uma carência afetiva muito grande e possuem uma baixa auto-estima). A impossibilidade de dar vazão à sua sexualidade provocada pelas constantes interdições do padrasto, acrescida a uma história de perda e abandono geraram-lhe tendências depressivas tratadas erroneamente com tratamento eletroconvulsivante, mas que ela vem carregando no decorrer de sua vida e tentando a todo custo dissimular. Não se sabe se por vingança da mãe, ou para substituir a figura paterna e realizar com este desejos interditos, que com aquele não eram possíveis, ela começa a viver com o padrasto uma relação simbolicamente incestuosa, sentida como sendo ilícita e proibida. A imagem interiorizada do padrasto/companheiro é extremamente poderosa e dominadora, talvez porque a ascendência dele sobre ela remonta aos longínquos anos da infância, e vem reves-tida da idealização que a criança projeta sobre seus pais. Diante dele parece que não pode crescer e se tornar adulta permanecendo numa posição de completa dependência e submissão. Na figura do es-panhol projetou uma série de elementos de sua fantasia sobre a sexualidade e o sexo oposto. Foi brutalmente reprimida pela mão de ferro do companheiro/pai, que lhe deu em troca um "consolo". São flagrantes e intensas as culpas de I. em relação a esse episódio,

as quais a mantêm, entre outras coisas, numa relação sado-masquista, e aprisionam a sua sexualidade. O espanhol representa uma redescoberta da adolescência, e uma possibilidade de romper com o sistema de apropriação indevida de sua sexualidade pelo seu padrasto. A bicicleta, um objeto que também foi censurado e proibido representa seu desejo de liberdade, de autonomia, de conduzir a própria vida e administrar o seu próprio prazer. Seus sonhos são reveladores; por um lado expressam uma revivescência do jogo de punição e culpa que vivencia na sua realidade, (ela sobe sem parar um barranco e anda por um rio que nunca se acabam). Sua tarefa é interminável, por mais esforço que faça nunca consegue sair do lugar, o que transparece imobilidade e é indício de conflito. Por outro lado ela "se perde" dele; este dado sugere que a sua personalidade está muito associada à dele, e que ela perde o sentido de orientação quando as coisas não vão bem entre eles. Seu isolamento e sua dependência dele ficam explícitos quando ela não consegue entrar em contato e se comunicar com as demais pessoas.

2) Dinâmica da relação: o vínculo que os mantém unidos é o de pai e filha, mesclado ao de marido e mulher. A confusão gerada por estes papéis não permite que ela se auto-affirme, e que deixe de desempenhar o papel de filha e de mulher submissa. A relação assumiu um caráter sado-masquista a partir do fatídico episódio, além de lhe despertar sentimentos persecutórios explícitos. A sexualidade era o ponto alto da relação do casal, mas com o tempo também isso foi se deteriorando e assumindo um caráter ilícito e culposos. Na verdade, ela não sente como legítimas suas relações sexuais com o companheiro, apesar de ser o único que pode lhe satisfazer. I. não se sente amada e valorizada por ele, pelo contrário, o cognome de a "estranha", qualifica bem seu sentimento de exclusão e de alienação da família. Fica bastante realçada na relação a dicotomia frágil x forte, e o domínio do forte sobre o fraco onde ela mesmo sendo desprezada continuava fiel a ele. A sombra dele ao mesmo tempo que revela seus sentimentos persecutórios, reveste-se de forma ameaçadora e onipotente, evidenciando todo o determinismo que a mantém presa a ele.

3) Dinâmica familiar: a filha se aliou ao pai contra a mãe, o que resulta em dificuldades no relacionamento de ambas. Neste caso também está formado o triângulo edipiano, contudo a posição da mãe é de maior vulnerabilidade, já que exerce um papel infantil e de subordinação tanto na relação com o marido quanto com a filha. I. que competiu com a mãe agora compete com a filha pelo amor do mesmo homem, pois não consegue se sentir segura em suas relações afetivas. Entretanto, neste caso a trama das relações familiares é bem mais ampla; o companheiro de I. ainda dispensa algum tipo de atenção à sua ex-mulher (mãe de I.) e também aos familiares de seu primeiro casamento. Tudo isso faz com que ela se sinta menos-prezada e excluída de suas relações familiares. O sujeito acredita que tenha preparado bem a filha sobre o vínculo sui-generis que mantém com o pai dela, e que isto não lhe tenha causado perturbações psicológicas. Não é possível constatar isso, mas supõe-se que tenha feito esta afirmação movida pelo ressentimento que nutre para com a filha.

4) Contato social: apesar de sua natureza extrovertida e de sua necessidade de contato com as pessoas, I. sente-se isolada e fechada no seu pequeno mundo sem poder se comunicar. Um de seus contatos sociais foi confundido com adultério, o que lhe resultou consequências trágicas. "Negociaram" o seu destino sem que ela dissesse participar. Cuidaram dela como se faz numa transação comercial, zombaram dos seus sentimentos. Dessa experiência resultou que é muito perigoso se comunicar com as pessoas, principalmente porque isto pode despertar atração sexual. Então, apesar de suas intensas necessidades afetivas, que poderiam ser supridas em parte por esses contatos, ela se isola e se afasta em nome de uma suposta "falta" que teria cometido.

5) Mecanismos de defesa utilizados: neste caso destacaram-se os mecanismos da projeção, acompanhada de sentimentos persecutórios; a idealização da figura masculina; a transformação no contrário, quando ela tenta dissimular através de um comportamento extrovertido e espalhafatoso, tendências depressivas intrínsecas à sua personalidade.

Figura Humana

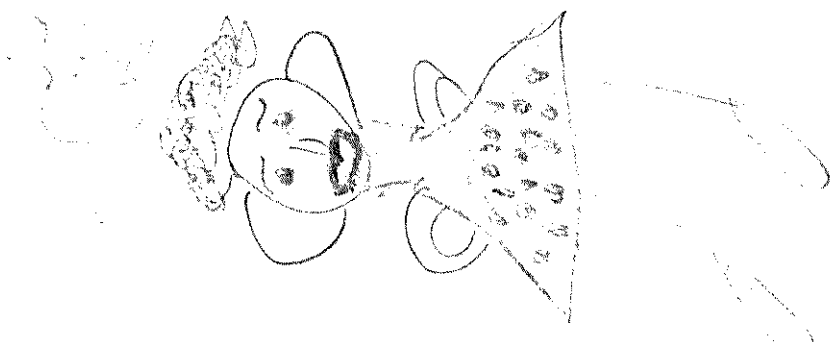


FIGURA HUMANA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: faz o esboço da cabeça com lápis verde, depois interrompe a execução e diz: "Você não vai enxergar com lápis verde.". Faz outro esboço com lápis preto comum (grafite) e apresenta o desenho à pesquisadora dizendo: "Você pode dar risada se quiser". I. comenta que faz esforço para ser séria, pois gosta de troçar, de brincar. E acrescenta: "Faz de conta que eu estou fazendo desenho em quadrinhos".

Estória: "Ela veio de outro planeta para ver como estavam as coisas aqui no planeta Terra, porque onde ela morava era ruim. Então ela veio para saber se ficava aqui ou se voltava para lá. Ih! Mas aí ela viu que os peixes estavam todos na lama sem respirar, muita gente brigando. Ela pensou que seria muito livre aqui, ficaria à vontade, faria o que ela quisesse, mas as árvores estavam todas caindo as folhas, amarelas, morrendo, e ela se esforçava muito para conviver com as pessoas daqui e não conseguia. Tinha um muro na frente, ela não conseguia chegar até as pessoas. Lá no planeta dela ela nunca havia sentido medo, não sabia o que era isso. Então ela prometeu que ia voltar com ajuda. Ela ia lá em cima pedir ajuda e ficaria morando nos dois lugares."

Nome: Mundo misterioso

Inquérito: - Qual é o nome dela e quantos anos tem? O nome dela é Ventania, tem doze anos. Não é adulta, pois está com saia de bolinha. Ela é de outro planeta por causa de suas orelhas grandes, olhos verdes, o jeito dela ficar e as mãos na cintura.

- Por que o planeta dela era ruim? Porque lá não tinha tudo que ela queria, lá não tinha verde nem rio. Faltavam muitas coisas. Ele se chamava Raio.

- Que tipo de ajuda ela foi buscar? Ajuda de dois tipos, força das pessoas (apoio moral) e material.

INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DOS TESTES GRÁFICOS

Sujeito: Irecê

1ª Produção: TESTE DA FIGURA HUMANA (Machover, 1949)

1) Posição da folha de papel: a folha foi apresentada horizontalmente ao sujeito. Não houve rotação, o que sugere tendência à colaboração e aceitação de sugestões.

2) Localização do desenho na folha: quadrante superior esquerdo, o que traduz atitude de expectativa diante da vida, passividade, inibição, reserva, nostalgia.

3) Tamanho: médio, o que indica considerável auto-estima, comportamento afirmativo em relação ao meio ambiente. Porém, o significado isolado de um aspecto perde em relevância dentro da configuração total.

4) Traçado: contínuo, o que significa energia, decisão, esforço dirigido. As linhas de grossura média indicam equilíbrio relativo, meio termo entre tendências de auto-afirmação e sentimentos de insegurança em relação ao meio. Em geral há predominância de linhas curvas, o que está ligado à feminilidade, e como tal, à submissão e ao narcisismo. Além disso, indica ainda certa passividade e obediência, sendo característica dos tipos introvertidos.

5) Linha de base: ausente, o que denota falta de contato com a realidade e predominância do mundo de fantasias.

6) Detalhes: as orelhas imensas evidenciam sentimentos persecutórios e possíveis tendências paranóides. A boca vermelha que pretende esboçar um sorriso, lembra o sorriso amarelo de um palhaço e tenta esconder uma tristeza que os olhos revelam. Não existe uma separação nítida entre o pescoço e o tórax, sendo este último a continuidade do primeiro. Mesmo o abdômem é diferenciado da parte superior do corpo por pelo uso de uma outra cor. Portanto, o

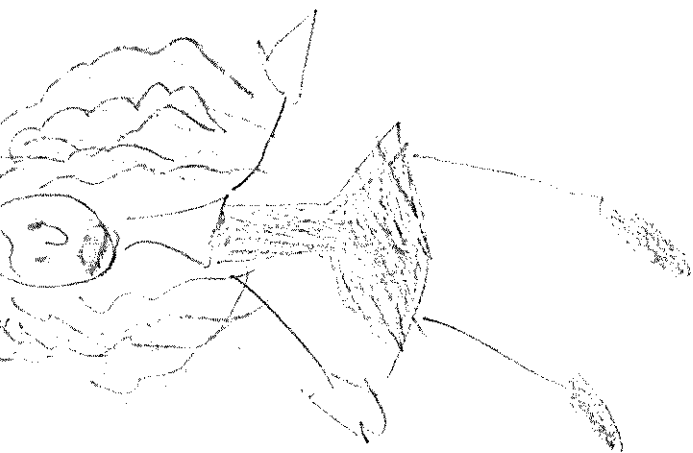
corpo se constitui por uma peça única, afunilada na parte superior, e com ângulos nas extremidades inferiores. As pernas são representadas por duas linhas, demonstrando com isso sua fragilidade. Os pés parecem estar a balançar como pêndulos de um relógio. As mãos escondidas na parte posterior do corpo revelam dificuldade de contato e manipulação. A estranha forma dos braços mais parece suporte de sustentação e apoio. A saia de bolinha é um sinal de infantilização e imaturidade, como ela mesma aponta. A estranha forma dos cabelos afastados da cabeça parece não fazer parte dela. O esboço inicial em verde abandonado pelo sujeito tem feições masculinas e austeras.

7) Uso das cores: As cores utilizadas foram o vermelho (em duas tonalidades), o azul, o verde e o marrom. Uma análise contextualizada do uso das cores indica o verde como representante do "elemento extra-terrestre". O vermelho da boca associado às bolinhas da saia simbolizam o palhaço e expressam desprezo e hostilidade em relação a si mesmo.

8) Aspecto geral da figura: a figura tem um aspecto caricaturesco que reflete ao mesmo tempo zombaria, infantilidade e tristeza. Revela profundos sentimentos de inadequação e de constrição emocional. Fragilidade, dependência psicológica, tentativa de dissimular sua tristeza através de uma pseudo-expansividade. O resultado está em uma figura desconcertada, esquisita, que lembra uma menina fazendo micagens para agradar as pessoas. O esboço verde logo acima de sua cabeça pode estar representado sua sujeição à influência poderosa da figura masculina, um "fantasma" ou uma "sombra" que lhe persegue.

9) Análise das associações: a estória mostra uma pessoa em conflito entre dois mundos tendo que optar por um deles. Parece que nenhum deles é bom inteiramente, pois não possuem as condições ideais de vida. Ela transita de um mundo para outro e resolve o impasse aparentemente decidindo por morar nos dois mundos. O planeta Raio era o seu planeta de origem, o qual pode simbolizar os primórdios da vida, que traz em si os mistérios de heranças ance

trais arquetípicas assim como a proteção e a segurança do útero que engendra. Apesar de tudo, este mundo é imperfeito, "não tem verde nem rio", e ela parte em busca do elemento telúrico no planeta Terra. Lá os "homens" se degladiam em escaramuças e depredam a natureza. Ventania sente enormes dificuldades de comunicação com os habitantes da Terra. Retorna ao seu mundo para pedir ajuda. Além de preocupações ecológicas o sujeito demonstra em suas associações um conflito entre o "eu" e o "outro". Aparecem necessidades de contato e comunicação, mas o outro é sentido como elemento muito agressivo, destituído de sensibilidade e de preocupação com a vida. I. expressa seu sentimento de estranheza e inadequação como um alienígena no mundo dos terráqueos. Este alienígena tem um nome esquisito, "Ventania", o que está ligado às forças primitivas e elementares da natureza, e que contrasta com sua aparência tão frágil. As preocupações do sujeito extrapolam a esfera individual e atingem os limites do cosmos, através de sua identificação com os elementos da natureza. Sua migração para o planeta Terra também pode ser entendida como expressão de seu desejo de liberdade e de idealização de um mundo diferente. A solução de morar nos dois lugares revela que ela não pode se separar de nenhum deles, ao mesmo tempo que revela sua tendência conciliatória.



Mente das Duas Pessoas

TESTE DAS DUAS PESSOAS: PARELHA VERBAL

Execução: mantém a mesma postura debochada em relação às suas produções ao comentar: "Se eu ficar um mês aqui, vou tirar um curso de desenho" (ri...). Ao concluir o desenho esclarece que se trata de um homem e uma mulher, e acrescenta: "Ele está parecendo um índio".

Personagens: Anaí (homem, 20 anos); Maristela (mulher, 40 anos).

Estória: "Essa aqui (Maristela) é branca, cor da lua, tem cabelo loiro. Ele é vermelho, porque é índio. Ele gostou dela porque ela é branca, cor da lua. Ele não gosta da cor dele, gosta da cor dela. Ele disse a ela 'eu te amo'. Ela falou 'eu não sei'. Ela disse 'se eu pudesse eu tentaria ver se eu gostava de você'. Mas ele continua insistindo porque ele quer mesmo. Mas ela fala 'tem muito impedimento, acho que não vai dar; se ainda der tempo pode ser um dia, mas no sonho dá'. No sonho ela gosta muito dele porque ele é lindo, é diferente. Mas ele continua insistindo, e ela também, mesmo sabendo que não pode ficar com ele. Mas na cabeça ela pode ficar com ele. Na cabeça ela pode tudo, mas na vida não pode. Ele canta em guarani e fez uma música para ela. Daí, ela canta a música dele e esse amor se realiza só em sonho."

Nome: Amor impossível

Inquérito: -Quais são esses impedimentos? Impedimentos sociais, e ela tem medo que não dê certo porque ela tem outro. Então tem dúvidas se deixa o que ela tem para ir com esse daí, ou se fica com ele. Ela tem medo; o medo a deixa paralisada. Medo que o outro faça alguma coisa, tire a vida dela.

2ª Produção: TESTE DAS DUAS PESSOAS (Bernstein, 1959)

1) Posição da folha de papel: ídem ao anterior.

2) Localização do desenho na folha: quadrante superior esquerdo, a interpretação psicológica é a mesma do item anterior.

3) Tamanho: médio; são válidos os mesmos comentários do desenho anterior.

4) Traçado: ídem ao anterior, a não ser a predominância de linhas retas com ângulos, o que evidencia rigidez, intransigência e capacidade limitada para fazer amizades.

5) Linha de base: ídem ao anterior.

6) Detalhes: ambas as figuras possuem uma estrutura corporal frágil. A figura feminina destaca-se pela imensa cabeleira em cascata, o que evidencia ocorrência de incidentes sexuais e aspirações glamourosas. Os olhos verdes e a boca vermelha denotam ao mesmo tempo sensualidade e sedução. A cabeça afastada do corpo associada a um pescoço comprido e esquisito indicam dissociação entre a parte racional e os impulsos do id; dificuldade de controle sobre estes impulsos. Os braços extremamente frágeis evidenciam sua dificuldade de comunicação, ao passo que as mãos em ponta associada às angulações da figura revelam uma agressividade não esperada por sua debilidade física. As pernas e pés seguem o mesmo padrão da figura anterior. A figura masculina é menor que a feminina quanto à estatura. Sua fisionomia possui um aspecto primitivo e arcaico, que é realçado pelo cocar que lhe envolve o pescoço. O tórax e o abdômem formam uma peça só, de tamanho minúsculo. A ligação das pernas com o tronco é muito tênue parecendo estar prestes a se soltar. A cabeça se destaca em relação às outras partes do corpo, o que evidencia a presença marcante do elemento intelectual e racional sobre os impulsos e afetos, com dificuldades no desenvolvimento. A estrutura dos braços e mãos é a mesma da figura feminina.

7) Uso das cores: foram utilizadas as cores vermelho (em duas tonalidades), amarelo, azul, preto e verde. Amarelo e vermelho são cores quentes, e foram usadas para revelar a presença marcante dos impulsos sexuais além de atribuir traços de nobreza e realeza à figura feminina, de longos cabelos louros e olhos verdes. O preto foi usado como adorno, e nos pés. As cores da figura masculina indicam que ele está vestido, e com isto evidenciam a presença da censura e da civilização sobre um personagem primitivo (um índio), que em seu estado natural estaria nu ou semi-nu.

8) Aspecto geral da figura: as duas figuras parecem ter sido constituídas por partes isoladas, agregadas uma à outra aleatoriamente, sem formar um todo organizado e harmônico. Mais do que isso, deixam de transmitir vida animada à semelhança de bonecos, ou pequenas marionetes caricaturizadas. Isto revela uma forma de funcionamento psíquico muito mais voltada para o social e expectativas alheias do que para suas reais necessidades, o que resulta uma aparência sem vida, fácil de ser comandada.

9) Análise das associações (parelha verbal):

Aspectos descritivos: trata-se de uma parrelha heterossexual, adulta, regressiva em relação à idade do sujeito, com boa diferenciação entre os sexos. A natureza do vínculo é sexual, com parrelha a nível de fantasia; relações em um plano verbal em situação de conversação.

Aspectos dinâmicos: trata-se de um amor idealizado, platônico, que para o sujeito é proibido devido a contravenções sociais. Na estória, o preconceito fica expresso pela cor da pele, ela pertence à raça branca e ele à raça indígena (vermelha). Contudo, há outros inconvenientes: a diferença de idade (ela tem o dobro da idade dele), e o compromisso de Maristela com outra pessoa. O sujeito vivencia este amor em fantasia; ao cantar a música que ele fez para ela os dois se unem em uma canção de amor, mas isto permanece um segredo entre eles. Maristela responde com evasivas aos insistentes rogos de seu admirador, porque não pode ceder abertamente. No entanto, nas entrelinhas observa-se uma cumplicidade de apaixonada, uma preocupação com o tempo, e o cultivo deste a-

mor proibido. A estória reveste-se de uma atmosfera de magia e encantamento, onde o elemento feminino se identifica com a lua, e o masculino com as forças primitivas da natureza. O seu canto é o cio da terra, que se expressa em suas múltiplas formas de vida. Isto o torna uma pessoa diferente e sedutora. Maristela, fascinada, se deixa atrair. O sujeito em suas associações projetou arquétipos inconscientes, conflitos relativos à triangulação edípica, ao qual frequentemente se reportam os temas de amor proibido. E ainda observa-se uma oposição entre o elemento branco que representa a civilização e aparece por isso, privilegiado, e as forças elementais e selvagens da natureza, belas nas suas asperezas. Com isto os opostos simplesmente se atraem simplesmente pela sua diferença e por não poderem se possuir. O nome da figura masculina é indiferenciado, por isso tanto pode ser de homem quanto de mulher. As duas partes se comunicam à distância, sendo esta comunicação carregada de intensa catexia afetiva, vivida de uma forma conflituosa e frustrante. O título da estória revela todo o desejo acalentado na fantasia de um amor proibido, a qual deve referir a uma temática muito mais arcaica e profunda na psique do sujeito. Finalmente pode-se observar todo o lirismo e poesia presentes nestas associações, o que revela a profunda sensibilidade do examinando. (A possibilidade de concretização deste amor é vivida de uma forma extremamente perigosa, pois coloca em risco a sua vida. O medo não permite que ela tome nenhuma posição).



Cena Domestica

CENA DOMÉSTICA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: diante da proposta da pesquisadora de que desenhe uma cena doméstica I. faz o seguinte comentário: "Esse negócio é tão cacete que eu queria deixar em branco, eu queria anular isso". A pesquisadora diante disso solicita ao sujeito que ela faça um esforço, que expresse no papel sua contrariedade diante deste tema.

Estória: "Eu deito na cama para ler, não uso a mesa para comer, fico mais horas vendo T.V. e quando acabo meu serviço, vou na rede dentro de casa. Lá fora não. Por isso que eu pus muita cerca. Essa rede é tudo para mim. Ali eu penso, escuto música, ali eu choro, escrevo alguma coisa. Brinco com meus gatos, eles sobem na mangueira. Às vezes um sobe, fica olhando lá de cima para mim, olho azul, a coisa mais linda! Escuto cigarra na mangueira também. Tem beija-flor que vem me olhar na rede, ver quem está lá. Eu dou água com açúcar para ele. Nessa mangueira tem um ninho de pomba que eu não deixo o gato ir até lá, toco. E a pombinha fala: 'tudo bem, tudo bem, tudo bem'. Juro, ela fala desse jeito. Essa mangueira já deu manga, já dei para a vizinhança toda. Podia chamar 'árvore da amizade'. Essa mangueira vale mais que minha casa para mim. Eu moraria bem lá embaixo dela, direto; eu gosto muito de ficar embaixo de minha mangueira. Porque já que eu não posso ficar na rua (coloquei as cercas, no portão tem cadeado), arrumei uma maneira de sair de dentro de minha casa e ficar um pouco fora. Na verdade, eu não estou fora, estou no meio. Eu queria estar na rua sentada na praça, mas como não dá... Na cerca tem uma trepadeira de cor azul que eu plantei. Ela cresceu, fechou tudo, fechou mais ainda a minha cerca. Daí meu marido falou 'aí, que bom, agora está tudo fechadinho!'. Ele gostou. Mas eu não deixei a trepadeira toda fechada, raleei um pouco. Eu abri duas janelinhas do tamanho do meu rosto de forma que desse para ver lá fora. Daí, ele falou assim: 'Você estragou a trepadeira, está toda aberta!'. Falei 'não está toda aberta, é só uma folhinha aqui, outra ali para eu enxergar lá fora'. Pior que eu menti, falei que tirei só as folhas amarelas, mas não, tirei também as verdes, que é para ele não brigar. Agora estou feliz porque posso ver lá fora e sem dani

ficar a planta. Eu tenho as duas coisas."

Nome: Vida alternativa

Inquérito: - Onde fica exatamente a sua rede? Qual é a distinção que você faz entre o dentro e o fora? A minha rede fica no quintal, mas ela ainda fica dentro da casa. O fora está depois do portão e das cercas. Existem cercas em torno de minha casa e em torno de mim mesma. (Enquanto fala sobre isso o sujeito tem um acesso de tosse, diz que não gostaria de estar tossindo na frente da pesquisadora. A tosse se prolonga enquanto executa o desenho seguinte).

3ª Produção: CENA DOMÉSTICA

- 1) Posição da folha de papel: ídem à primeira produção.
- 2) Localização do desenho na folha: o desenho ocupa a folha toda, o que cautelosamente talvez não deva ser entendido como uma atitude expansionista supercompensatória, pois os objetos representados são pequenos, mas numerosos. Isto evidencia muito mais a presença de aspectos fóbicos.
- 3) Tamanho: o desenho não forma um todo harmônico, mas um conjunto de partes isoladas sem comunicação entre si e dispostas aleatoriamente. Por isso fica difícil julgar o seu tamanho. Entre o tamanho de um todo fragmentado e o tamanho das partes isoladas optou-se pela segunda alternativa, o que resultou numa classificação pequena para as figuras humanas, e média, para os demais objetos representados. Desenhos pequenos traduzem sentimentos de inferioridade e de inadequação em relação ao meio, inibição, depressão e comportamento emocionalmente dependente.
- 4) Traçado: contínuo. Neste caso, as linhas em geral são mais finas, o que denota insegurança, timidez, sentimento de incapacidade e falta de confiança em si. Há predominância de linhas retas com exceção apenas para as curvas que compõem as copas das árvores. Isto significa esforço dirigido, rapidez e decisão, mas também quando associada a baixo nível de formas pode-se pensar em rudeza e teimosia.
- 5) Linha de base: ausente, todas as figuras estão suspensas no ar, com exceção da rede. Os comentários são os mesmos da primeira produção.
- 6) Detalhes: a figura é composta por um portão imenso com três grandes cadeados, por várias cercas e árvores ao redor, pela mangueira e a rede; por uma televisão, a cama onde o sujeito lê, e a mesa. Além disso, estão representados na parte superior da folha, o sujeito e sua família de uma forma quase esquemática. Es-

tes vários objetos estão dispostos entre si de forma caótica e desordenada. A mangueira apresenta frutos o que significa sinal de fertilidade. As raízes expostas de todas as árvores indicam transparência, e como tal, sinal de imaturidade com possível ausência de sentido de realidade. As árvores em geral não possuem nenhuma base de sustentação; o tronco da mangueira não é muito alto, mas é bem largo, o que indica que, apesar de não haver crescido muito trata-se de uma árvore bem velha. I. está separada do companheiro pela filha e a mãe, o que explicita que ela possivelmente deve competir com essas duas pessoas pela atenção dele. Ao mesmo tempo revela quanto o sente distante de si. A presença obsessiva das cercas revela ao mesmo tempo aspectos fóbicos aliados a necessidades de proteção e segurança, e sentimentos de aprisionamento. Os cadeados do portão expressam bem a idéia de prisão. O sujeito está representado duas vezes no desenho, o que revela que as partes não guardam nenhuma relação entre si, ao contrário, estão dissociadas. A rede está suspensa entre a mangueira e uma das cercas, sua estrutura é frágil, a não ser pelas extremidades de sustentação.

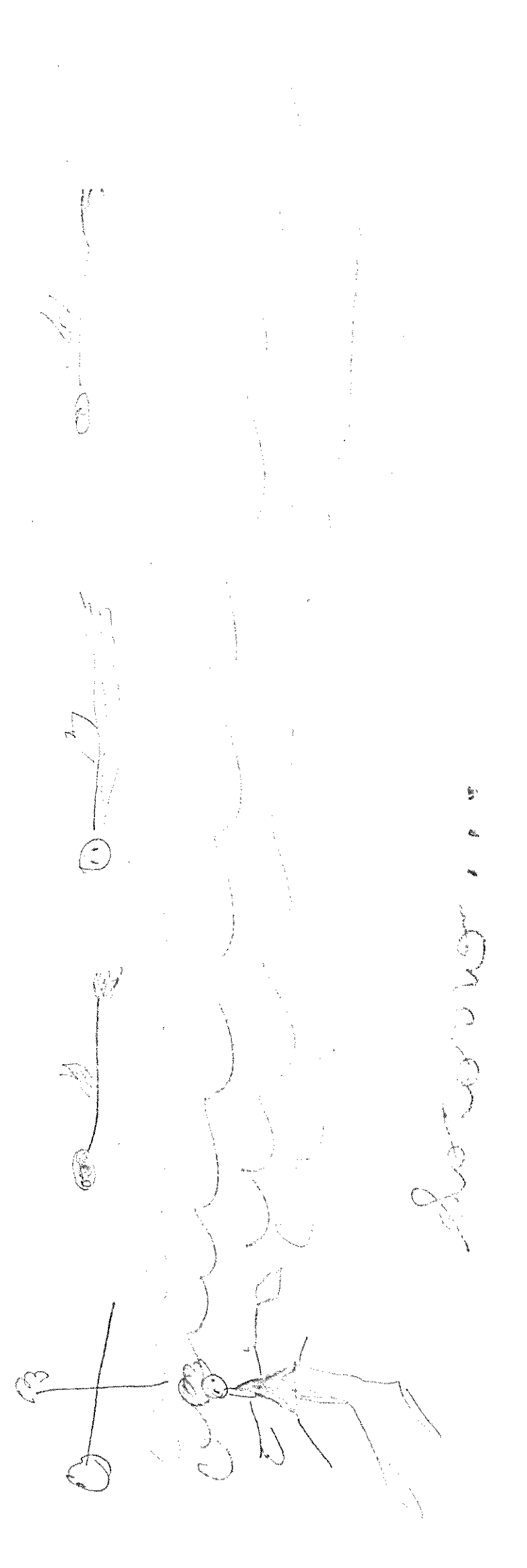
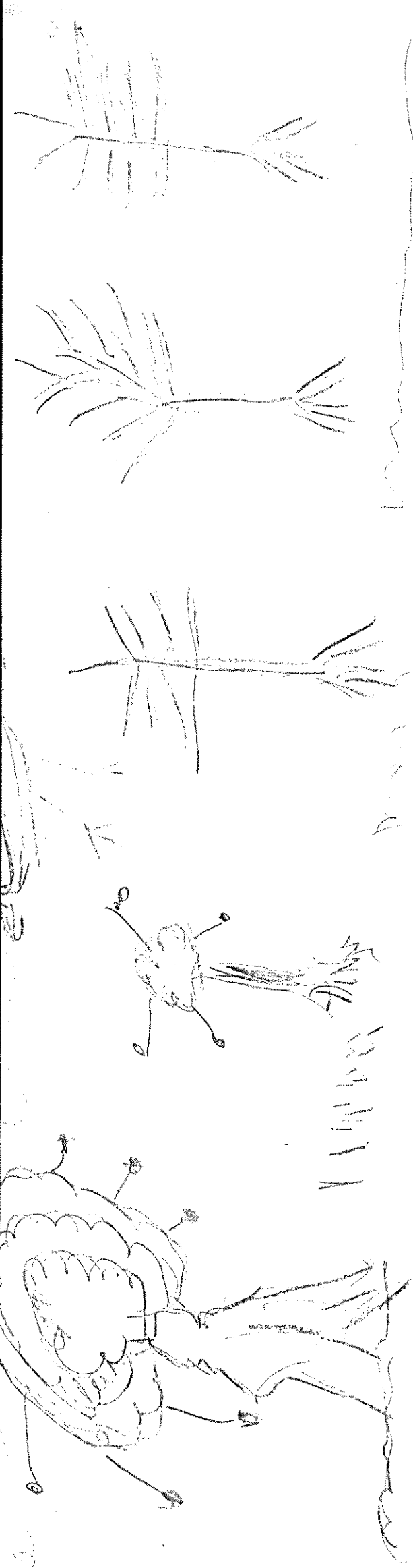
7) Uso das cores: foram utilizadas as cores, verde, maravilha, laranja, amarelo, marrom, preto e azul. A cor maravilha foi destacada, não só por se tratar de uma cor viva, mas pelo seu uso abusivo, presente em todas as cercas e na cama. Na verdade ela para realçar o papel cerceador das cercas sobre os seus impulsos instintivos. As duas figuras que caracterizam o sujeito continuam sendo marcadas pelo uso de cores quentes. O preto aplicado à mãe indica o seu caráter repressor e a forma sombria como é vista pelo sujeito. Curioso foi o fato de que a rede foi pintada por várias linhas de diferentes tonalidades, o que pode traduzir uma forma de prazer vivida através das cores da fantasia e da imaginação. A grande variabilidade no uso das cores revela espontaneidade e liberdade ao exprimir-se pela tarefa cromática.

8) Aspecto geral da figura: o aspecto caótico da figura aponta para o mecanismo de defesa de dissociação da personalidade, além de evidenciar a necessidade de "depositar" no meio. O portão se es-

tende de ponta a ponta, guardando e trancando todos os conteúdos internos expostos na parte superior da figura.

9) Análise das associações: neste caso ocorreu uma projeção consciente, o sujeito passou a relatar seus hábitos rotineiros. Sua estória é longa e reitera ao lado das produções anteriores a grande riqueza de suas atividades associativas. A temática da estória gira em torno da interdição e da censura simbolizadas pela cerca, e dos recursos utilizados pelo sujeito para burlar isto. A rede, a mangueira e a trepadeira possuem funções e simbolismos especiais. A rede é o "tapete mágico" que a leva para além das fronteiras daquele mundo onde se sente prisioneira. É um instrumento que lhe possibilita transpor do mundo real para os limites da fantasia e da imaginação. Ali ela pode se comunicar com os animais e entender a sua mensagem, pode ser autêntica e dar livre manifestação aos seus sentimentos e à sua personalidade. O mesmo não acontece em outros "espaços", onde ela subverte a função tradicional dos objetos (mesa, cama, T.V.). A mangueira é o seu elemento de identificação por excelência, fértil, produtiva, aplacadora da fome alheia, amiga, acolhedora. Expressa suas necessidades de comunicação com outros seres, e os aspectos idealizados da figura materna. Seu desejo de nutrir e ser nutrida. A mangueira associada à rede constituem o seu "paraíso encantado", fonte de vida e de energia circundante, o que entra em flagrante contradição com a sua realidade estéril. A trepadeira é um representante dissimulado da realidade que aprisiona. Ao mesmo tempo que "embelezava" a sua cerca, ela foi fechando-a e isolando ainda mais o sujeito do mundo lá de fora. Na tentativa de burlar as regras estabelecidas, I. depauperou a planta, mas não admite isto diante do companheiro. Observa-se com isto que o controle que o mesmo exerce sobre ela é realizado de uma forma muito sutil e dissimulada. Nem ela mesma se atreve a fazer uma queixa explícita. No final adota a mesma atitude conciliatória já observada anteriormente, não quer danificar a planta, mas também não quer deixar de ver o mundo lá fora. Parece que tem medo de sua própria agressividade. Talvez por isso ela se subjugue às cercas que estão tanto fora quanto dentro dela própria; elas podem representar uma defesa poderosa contra os seus

impulsos agressivos e sexuais. A temática da estória é fortemente afetiva, utilizando-se de um conteúdo emocional que sensibiliza o leitor, e pareceu ter mobilizado o sujeito através de uma reação fisiológica, a tosse. É admirável que I. tenha apresentado toda esta produção, quando sua oposição inicial foi tão enfática.



desenho

DESENHO LIVRE: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: enquanto executava este desenho levantou-se por várias vezes para ir tossir na janela, e exclamou: "Mas dói, essa garganta! Se ela não estivesse doendo eu iria falar que era tosse nervosa, mas não é. Está doendo de verdade, é físico".

Estória: "Tudo isso aqui, mundo animal, vegetal (os peixes, as árvores), enfim, o planeta todo está pedindo socorro. Por enquanto eles estão mais ou menos. Porque tudo isso daqui é bonito, perfeito; a natureza, o universo é perfeito. Mas tem alguns homens que querem acabar com tudo isso aqui. Então eles saem por aí às cegas e não enxergam essas belezas. E quebram tudo, queimam, poluem. Daí, além de atingir todos esses reinos, atinge a gente. A gente fica com muito medo que tudo isso acabe. Mas ainda tem jeito. É só as pessoas amarem a natureza, senão acaba de verdade mesmo. A natureza já está começando a pedir socorro, e eu junto. Eu, não, os homens. Preservar a natureza de verdade, não só pondo os vasiinhos dentro de casa, e cortando as árvores maiores. Os homens que são muito práticos, se preocupam muito com as máquinas, vão achar que eu sou uma panaca de falar isso. Ingênua, bôba, tudo isso aí. Mas eles têm que abrir bem os olhos e os ouvidos e ouvir o socorro da natureza. Fim."

Nome: Ecos angustiantes

Inquérito: - Você, I., tem medo que a natureza se acabe? Eu tenho porque eu acabo junto.

- O que a natureza significa para você? Tudo. Vida, beleza, alimento.

- Qual o elemento da natureza com o qual você mais se identifica? Eu acho que a terra, porque para mim ela é misteriosa, sabe. A gente depende dela também. Só que ela dá e cobra também. Ela dá alimento para a gente. Depois, se você não cuidar dela, ela te cobra, ela se vinga. Depois, quando você morre, ela come você, quer dizer, cobrou, né.

- Quem é a pessoa que está aqui embaixo (quadrante inferior esquerdo)? Sou eu, ou melhor, um ser humano qualquer.

- Por que os peixes estão em cima da água? Porque embaixo não tem oxigênio para eles.
- De que espécie são estas árvores? As três da direita são coqueiros, e as duas da esquerda, laranjeiras.
- O que é esta "cruz" que está logo acima da cabeça dela? É uma cerca. Isto aqui em cima, azul, é um pássaro.

4ª Produção: DESENHO LIVRE (Trinca, 1976)

- 1) Posição da folha de papel: ídem à primeira produção.
- 2) Localização do desenho na folha: ocupa a folha toda em consequência do tamanho exagerado. O significado psicológico disto se encontra no item abaixo.
- 3) Tamanho: exagerado, saindo do papel, o que sugere sentimento de constrição por parte do ambiente, com fantasia supercompensatória lembrando aspectos paranóides.
- 4) Traçado: contínuo, com linhas de grossura média. Há um certo equilíbrio entre o uso de linhas retas e curvas, de forma que a agressividade combinada com tendências introversivas resulta em produtividade.
- 5) Linha de base: levemente sugerida, contudo alguns elementos continuam afastados do solo, como se estivessem suspensos no ar. Além disso, não há distinção entre o plano da terra e o do mar. São válidos os mesmos comentários da primeira produção.
- 6) Detalhes: curiosamente as árvores apresentam duas formações diferentes, as três da direita são espigadas e cheias de pontas enquanto as duas da esquerda são arredondadas e possuem frutos (pode-se falar na árvore mãe, e na menor como sendo um rebento desta). Fica explícita a dualidade entre o elemento masculino e feminino, o primeiro marcado pela sua agressividade e o segundo pela sua fertilidade. A árvore mãe, envelhecida, contém as rugosidades e alterações que a vida e o tempo lhe deixaram. Mais abaixo, os peixes sobrevoam acima do mar, assumindo características de pássaros. A figura humana pateticamente presa à cerca, parece que vai ser afogada pela correnteza. Um pássaro está na postura de quem está "andando" sobre o céu. Logo abaixo há uma inscrição de "socorro". O formato da "cerca" lembra muito mais uma cruz.
- 7) Uso das cores: foram utilizadas as cores, verde (em duas tona-

lidades), marrom, azul, rosa e amarelo. O verde caracteriza a natureza e exprime a vida. Psicologicamente indica sensibilidade, sociabilidade; relaciona-se com a função de equilíbrio da afetividade. O marrom revela a força da estrutura do ego, obstinação e teimosia. O azul está ligado às forças reguladoras da afetividade, à presença de auto-domínio com possibilidades de desenvolvimento espiritual e racional. A palavra "socorro" foi escrita em um tom próximo ao vermelho talvez para salientar o conteúdo emocionalmente carregado deste apelo desesperado.

8) Aspecto geral da figura: o sujeito tenta caracterizar a natureza em perigo, mas a figura transmite uma certa estranheza quando se vêem peixes voando, um pássaro andando no céu, e uma pessoa que supostamente se entrega em sacrifício pela natureza. Isto quer dizer que a natureza foi virada pelo avesso, que está tudo ao contrário, e o pedido de socorro vem em consequência disso. À primeira vista é o elemento que mais se destaca na figura como um todo, chamando a atenção para a mensagem do desenho.

9) Análise das associações: a preocupação ecológica é um tema constante nas produções do sujeito, sendo que atingiu sua expressão máxima neste caso. Parece que é uma tendência sua priorizar temas sociais e universais, e fazer deles um canal de expressão de sua personalidade. Através de suas associações Irecê demonstrou profunda sensibilidade ao revelar ter olhos para enxergar as belezas da natureza, e ouvidos para ouvir seus gritos de socorro. Ao mesmo tempo identifica-se com a mesma ao sentir-se, como esta, violentada pelos homens. Assim como a natureza, ela também necessita ser amada. Ao mesmo tempo que critica a insensibilidade e a animosidade do elemento masculino, revela sua identificação com a terra-mãe, elemento ambíguo que ao mesmo tempo que nutre, acolhe e recebe, cobra e se vinga. Por outro lado, a terra-mãe também pode estar vinculada à imagem de sua própria mãe, mulher que abrigou-a em seu útero, para quem possivelmente experimentou a partir de tenra idade, fortes sentimentos de ambigüidade. Contra a mãe má, certamente dirigiu seus impulsos destrutivos ao ter seus desejos frustrados; no entanto emergem sentimentos de culpa e de-

pressão seguidos de tendência à reparação (desejos de mantê-la e preservá-la), pois foi esta mesma mulher quem lhe trouxe à vida, figura doadora, símbolo da mãe boa, que serviu de receptáculo às suas necessidades afetivas. O nome "ecos angustiantes" traduz a imensa angústia do sujeito em relação a uma catástrofe, e a sua impotência diante da maldade dos homens, e da destruição das coisas que lhe são caras. Contudo, através do uso das cores demonstrou um prognóstico favorável; o equilíbrio está nas forças reguladoras da afetividade associadas com possibilidades de desenvolvimento espiritual e racional. O sujeito transmite muito claramente a noção de que a terra é um ser vivo, que devolve aquilo que recebe podendo até ser traiçoeiro. Suas associações estão impregnadas de conteúdos arquetípicos. A terra-mãe é um destes arquétipos. Preservar a natureza passa a ter o invólucro do sagrado como um dos bens milenares da humanidade.

Síntese do Caso Irecê

1) Temática do caso: trata-se do complexo de Édipo explícito, onde o sujeito literalmente tomou o pai da mãe. O pai, na verdade é padrasto, o que simbolicamente não minimiza em nada o aspecto incestuoso deste caso. O que está em jogo é uma intensa competição e rivalidade com a mãe; o desejo de vingança por não ter se sentido aceita. Por outro lado este pai/marido não lhe permite crescer, nem que tenha namorados. O sujeito desenvolve então uma vida em fantasia, onde realiza o seu desejo por um amor proibido, interdito pelo pai.

2) Histórico de vida:

- elementos traumáticos: perda do pai verdadeiro na infância, única fonte de gratificação afetiva. Chegou a ser internada pela mãe em hospital psiquiátrico, por depressão e submetida à terapia eletroconvulsivante. Abandono e rejeição da mãe.
- situações de vida em relação aos pais: falecimento do pai em consequência de um acidente. A mãe não sofreu violência física em nenhuma situação, no entanto, ela mesma bateu muito no sujeito. I. foi abandonada pela mãe aos cuidados da avó, logo após a morte do pai. Em seguida, esta se casa novamente. Adolescente, o padrasto interferia em todos os seus namoros, interceptando-os. Quando já não morava mais com a mãe, acaba por fazer-lhe a corte e esta aceita.

3) Dinâmica do caso: o sujeito dispõe de uma personalidade infantil e submissa. Toda a sua trajetória foi no sentido de vingar-se da mãe má, o que apesar de lhe proporcionar prazer, ocasionalmente vem mesclado de intensos sentimentos de culpa. Por outro lado, ainda não se libertou da influência dominadora da figura paterna, a quem está atrelada por laços de autoridade e erotismo. Dependente e subjugada, não ousa crescer para romper com a sua situação de minoridade, divorciar-se do pai e fazer suas escolhas enquanto pessoa adulta.

4) Atitude básica em relação a si próprio:

- identidade pessoal: adequada em relação ao sexo, mas não à idade, que é regressiva em relação à idade do sujeito. I. exprime seu sentimento de estranheza, seu isolamento e sua dificuldade de comunicação através de uma identificação com um ser de outro planeta, uma pessoa "diferente".
- auto-imagem: negativa, com sentimentos de inferioridade e de dependência psicológica.
- aparência física: trata-se de uma mulher obesa, já de meia idade, que usa os cabelos para cima, encaracolados, numa atitude bastante excêntrica.

5) Atitude básica em relação ao mundo: exageradamente extrovertida, com uma tendência escancarada à ironia e ao deboche.

6) Relação de parêntese: a relação real é sado-masoquista com sentimentos persecutórios explícitos. Paralelamente, o sujeito vivencia outra relação idealizada a nível de fantasia, oposta àquela da realidade, sentida como apaixonada e impregnada de lirismo. Possivelmente esta última foi criada para preencher o vazio e a aspe^{re}za da primeira.

7) Sentimentos expressos: tristeza, culpa, solidão, abandono, rejeição; intensos sentimentos persecutórios.

8) Tendências e desejos: desejo de deixar de ser perseguida e castigada (tortura psicológica); desejo de sanar carência afetiva. Necessidade de ajuda, de proteção, atenção e consideração; necessidade de sexo.

9) Impulsos (instinto de vida x instinto de morte):

- amorosos: reparação, ajuda. A direção destes impulsos é hetero-erótica, ou seja, voltada para o meio circundante (natureza, planeta).
- destrutivos: abandono, morte, frustração, tentativa de suicídio. A direção destes impulsos é predominantemente auto-agressiva.

Prevalecem os impulsos destrutivos.

10) Ansiedades:

- paranóides: medo de castigo, de desaprovação, privação, falta de afeto, medo de ser abandonada.
- depressivas: medo de ter destruído ou danificado bens objetos (a mãe); medo de ter danificado o próprio ego.

Prevalecem no momento ansiedades paranóides.

11) Mecanismos de defesa: projeção, regressão, transformação no contrário, idealização, atos compulsivos (comer), distribuídos de forma balanceada.

12) Sintomas expressos: um incidente ocorrido há alguns anos (envolvimento com outro homem) perturbou o seu relacionamento com o "marido". A partir disso começaram os castigos e punições.

13) Simbolismos apresentados: a mãe-natureza, ou mãe-terra, um símbolo coletivo, arquétipo da mãe. A lua, símbolo de feminilidade. O índio e Ventania, forças indomáveis da natureza, representantes de conteúdos arcaicos e primitivos.

14) Outros objetos e figuras de ligação: animais, cuja importância está em serem representantes do próprio sujeito, que estabelece com estes uma relação de afetuosidade e de comunicação preenchendo com isso seu vazio interno.

15) Alcoolismo do marido: este não bebe.

16) Tentativas de suicídio do sujeito: houve uma tentativa de suicídio na adolescência o que não mais se repetiu. Nem tão pouco houve manifestação reincidente de pensamentos suicidas.

17) Indício de distúrbios alimentares: obesidade; comer automaticamente para minimizar a ansiedade.

7. Caso ROSA

1) Dados Pessoais:

Idade: 28 anos

Escolaridade: 1º Grau Incompleto (1ª série)

Estado Civil: casada

Nº de Filhos: 03 (meninas de 6, 4 e 3 anos)

Cor: mulata

Local de Nascimento: Arco Verde - Pernambuco

Profissão: faxineira

Encaminhada por: Delegacia da Mulher

2) Dados do Cônjuge:

Idade: 38 anos

Estado Civil: casado

Profissão: servente (construção)

Condição sócio-econômica do casal: classe social baixa

3) Técnicas utilizadas para estudo do caso:

3.1) Entrevista semi-dirigida p. 353

Síntese e interpretação dos dados p. 363

3.2) Testes Gráficos:

Figura Humana p. 370

Teste das Duas Pessoas p. 375

Cena Doméstica p. 380

Desenho Livre p. 385

4) Síntese do Caso Rosa: p. 390

Nota da pesquisadora: a entrevista transcrita a seguir refere-se a uma segunda entrevista realizada com esta cliente. A primeira não pôde ser gravada por falta de energia elétrica. Será sintetizado a qui o assunto tratado naquela ocasião. R. chegou muito mobilizada emocionalmente, sendo que mal começou a falar, pôs-se a chorar e assim o fez por quase todo o tempo. Tinha manchas escuras e cicatrizes pelo rosto. R. havia sofrido uma tentativa de assassinato pelo marido (o que será descrito detalhadamente na segunda entrevista), foi salva pela vizinha e internada inconsciente no hospital por amigas. Ao sair deu queixa do marido na Delegacia da Mulher, mas já estava sem suas três filhas, pois o marido delas se apossou e R. não teve mais coragem de voltar em casa. Passou a morar escondida na casa de uma amiga e trabalhar com faxineira nas L.A.. Contudo, foi para recuperar a guarda das filhas que procurou o SOS. R. não se conformava por haver sido agredida e ainda ter perdido as meninas; afirmava sentir muita saudade delas e dizia que isto era recíproco. Ela foi atendida por uma das advogadas do SOS, que a encaminhou ao CRAMI, para efeito de busca e apreensão de menor, o que até o presente momento não foi realizado. Funcionárias da referida instituição fizeram duas visitas à antiga residência de R. e constataram que as meninas eram bem tratadas. O marido foi intimado a comparecer até a Delegacia da Mulher. Em seu depoimento cometeu difamações sobre a conduta de R. Disse que esta vivia bêbada, dançando, e que muitas vezes deixava de levar ou buscar as meninas na creche. R. contou que começou a apanhar de seu marido quando ficou grávida pela primeira vez. Ele não queria a gravidez, nem as posteriores, mas R. não sabia como evitar filhos. E apanhava gratuitamente às vezes, sem saber por quê, e nem sempre de seu marido. Falou muito sobre a irmã e contou como foi criada sem mãe. Estes fatos serão detalhadamente descritos na segunda entrevista, que foi muito repetitiva da primeira.

R.: "Como foi que você passou desde aquele dia que conversamos?

R.: Melhor. Mas o problema de minhas meninas ainda não foi resol-

35 vido. A minha vizinha falou que elas chamam muito por mim. A pequeninhinha está até doente, apanhando febre. Diz que ele nem liga para as meninas. Ela queria fazer chá de hortelã, porque achou que a menina estava de ventre caído, mas ele não deixou, disse que ela tinha tomado café demais. Daí ela chamou a menina **escondido**, deu o chá de hortelã. Quando foi no outro dia a menina amanheceu
40 pondo verme até pela boca. (Chora)

P.: O que você está sentindo?

R.: Sinto falta das minhas filhas. Gostaria que elas já estivessem comigo. Para eu poder cuidar delas. A minha vizinha falou que se eu não for pegar as meninas sábado, a menor vai ficar cada vez
45 pior. Ele não está nem aí, nunca fez nada para as meninas, porque que agora vai se importar! Ela disse que dá até dó de noite... Eu então de noite não durmo pensando nas minhas filhas, como é que elas estão.

P.: Há quanto tempo você não vê suas filhas?

50 R.: Faz 20 dias, desde o dia cinco de outubro. Elas estão na creche, mas ele as tirou de lá, com medo que eu fosse pegá-las. Mas a encarregada não deu baixa, até que eu resolva tudo e as crianças sejam transferidas para outra creche.

P.: R., você contou da outra vez que o seu marido te batia muito, inclusive que ele te deu aquela facada. Eu gostaria que você dis
55 sesse como foi que se conheceram e como resolveram se casar.

R.: Bom, nós estamos casados há oito anos. Mas no começo ele esta
va aqui em Campinas e eu morava no norte. Daí, um dia quando eu cheguei da roça, uma colega minha disse que tinha chegado um moço de São Paulo, e me convidou para conhecê-lo. Depois de jantar
60 e tomar um banho eu fui. Quando cheguei lá, logo depois ele veio me cumprimentar e ficamos conversando. Ele já falou em namoro comigo, namoro não, perguntou se eu queria casar. Eu disse que já, já, não queria, mas ele insistiu. Disse que tinha vindo de Campinas a fim de se casar com uma moça de lá. Eu pedi um tempo para
65 pensar. Ele disse que eu podia dar a resposta no dia seguinte. Daí a minha colega contou para o meu pai, para todo mundo lá. Eles falaram "deixa de ser besta, R., casa com ele!". Daí eu fiquei pensando "ai, meu Deus, casar com esse rapaz sem conhecê-lo!". As
70 minhas primas eram primas dele por parte de pai. Só que eu nunca

530
tinha visto ele. Depois de alguns dias ele voltou a me procurar. Estava disposto a fazer a minha cabeça. Aí, eu vivia naquela vida morando na casa dos outros, então aceitei, mas só se fosse para casar mesmo, porque enrolar não me interessava. Logo em seguida e
75 le foi no meu pai e me pediu em casamento. Quando foi na outra se-
mana a gente casou no civil. Isto foi no dia 25 de agosto de 82. Quando foi no dia 4 de setembro nós viemos embora para Campinas. Assim que chegamos ele foi para Maringá para buscar umas coisas que tinha lá e comprar o barraco aqui. Mas ele voltou dizendo que
80 não iríamos mais morar aqui, mas lá mesmo. Ficamos na casa do irmão dele e eu logo fiquei grávida. Antes da gravidez até que ele me tratava mais ou menos. Mas depois que a minha cunhada mostrou o exame para ele, ele começou a ficar nervoso comigo, estúpido até esse tempo agora. Moramos um ano e quatro meses em Maringá. De-
85 pois ele ficou sem serviço e nós viemos para cá, ficamos um mês na casa da irmã dele. Ele desempregado, eu já tinha tido a menina e não tínhamos nem onde dormir. Ele dormia numa cama de solteiro que ele tinha, eu dormia no chão em cima do acolchoado mais a menina pequena. Aí nós passamos a morar numa outra casa que era des-
90 sa irmã dele. Daí o dinheiro acabou tudo. Eu tive que ir para a feira, catar feira para ter o que comer. Largava a menina com ele. Tinha dia que não tinha nem o que dar para a menina. Aí eu fiquei pegando no pé dele para ele se virar. Nós alugamos uma chácara e moramos um ano e quatro meses nela. Daí, começou tudo de novo. Ca-
95 da lugar que a gente passava ele ficava pior.

P.: E por que ele agia assim com você?

R.: Não sei. No Maringá ele não saía da casa do irmão dele. Mas a mulher dele não gostava de mim. Sempre estava provocando. Tudo que eles falavam lá a filha dela vinha e contava para mim. Ela fi-
100 cava tirando sarro de mim, e ele ficava dando risada. Eu disse que ele parasse com isso e não fosse mais à casa dela, que ficar falando dos outros é coisa de quem não tem o que fazer. "Se você acha que eu sou como ela diz 'feia, preta e baixa', por que não procura outra? A gente casou, não é obrigado a viver. Vai para a
105 casa dos outros, grande coisa! Isso é tão bonito para um homem! " Um dia a minha irmã escreveu porque queria vir morar comigo, só que ela já tinha tido um filho e estava separada. Os dois não e-

ram casados no papel. Eu conversei com ele; no dia do meu pagamento mandei dinheiro para ela vir. Quando eu chego lá na rodoviária minha irmã com um menino no braço e outro na barriga. Eu trabalhava à noite. Era faxineira de firma. Aí eu comecei a pensar que a pessoa sozinha dá para viver também, sem ser sofrendo. Já uma pessoa que só é judiada, espancada, cada dia que passa é pior. Tendo coragem de trabalhar, tendo saúde, dá para viver muito bem, melhor sozinha do que mal acompanhada. Se de tudo ele não melhorar, um dia se Deus quiser, eu quero viver a minha vida sozinha sem ele. Prá ver se um dia eu sinto felicidade na vida!

P.: Você começou a trabalhar depois de quanto tempo de casada?

R.: Lá no Paraná eu trabalhei só um mês com uma mulher. Aí ele chegava no meu serviço, começava a xingar, a gritar, e dava o que fazer. Aí eu saí. Depois nós trabalhamos juntos na chácara. Só que o patrão não pagava por mês. Ele trazia a lista de compra que a gente mandava e era só. Qualquer coisa fora disso tínhamos que telefonar para ele. O J. não queria nem sair. Aí eu conversei com o patrão e falei que não dava, prá gente trabalhar um mês só para a compra não dava. Daí nós compramos o barraco, eu já estava grávida da menina do meio. Depois de 5 meses que ela nasceu, já comecei a trabalhar. A minha sobrinha mais nova olhava a menina para mim. Trabalhando fiquei grávida da outra. Foi naquele tempo que a minha irmã veio do norte, grávida também. Nosso nenê é de um tempo só. A minha irmã morou comigo três meses. Na entrada do quarto teve que ir embora por causa dele. Eu cheguei um dia e ela estava chorando. Só no dia seguinte quando ele saiu para o trabalho, foi que contou. Disse que ia embora, que meu marido tinha lhe agredido porque ela não quis dormir com ele. Ela não gostava dele. Daí, à tarde eu chamei a atenção dele; foi na hora que ele veio com estupidez, deu um pontapé na minha barriga, e eu grávida. Minha irmã começou a chorar, e ele ficou xingando nós duas. Daí, ele foi na firma, pegou o dinheiro que estava lá e comprou a passagem para minha irmã voltar. Ela foi embora. Na semana que ela tinha chegado lá, ganhou nenê.

P.: Conte um pouco mais sobre sua história antes de você se casar. Você disse que foi criada na casa dos outros. Fale sobre isso.

R.: Quando criança minha mãe trabalhava para fora, e quem me olha

145 va era minha avó. No dia que a minha avó morreu eu estava nos bra-
ços dela. Era problema de coração, ela ia sair comigo e caiu. A
minha tia acudiu, mas ela já estava morta. Daí, eu fiquei com a
minha tia. Minha mãe trabalhava e só me pegava à noite. Às vezes
nem dava para ela me pegar, porque ensinava o Mobral e costurava
150 para fora durante o dia. E depois de eu já grande, a minha mãe te-
ve um menino, que ela me encostava. Daí, ela saiu de um serviço e
ficou cuidando de nós. Mas meu irmão morreu com oito meses. De-
pois apareceu outro menino, com três meses morreu também. Aí veio
minha irmã. Daí, eu não sei o que aconteceu. Minha mãe ficou comi-
155 go, minha irmã, meu pai, e nós fomos morar na cidade. Meu pai tra-
balhava de cabelereiro. Daí meu pai começou a beber, minha mãe
também acompanhou meu pai, ficaram os dois bebendo. Depois vende-
ram tudo que tinha dentro de casa, e para completar a história
vendeu a casa. Ficamos sem ter onde morar. Daí, minha tia que cui-
160 dou de mim quando eu era pequenininha me levou para a casa dela.
Eu e minha irmã não queríamos sair do pé de minha mãe, demos mui-
to trabalho. Eu já estava grandinha, tinha de 10 para 11 anos. De-
pois eu acostumei ficar com ela, minha mãe ia todo dia lá, mas e-
ra bêbada. Teve um dia que eu lembro como hoje. A minha mãe com u-
165 ma vara, eu me escondi debaixo da cama de minha tia. Ela me puxou
pela perna, me arranhou o corpo todo. Minha tia não estava. Ela
chegou nessa hora, a minha mãe tava que tava batendo em mim. Mi-
nha tia foi para cima de minha mãe e falou para ela tomar vergo-
nha, que aquilo não era jeito de mulher viver. Depois houve uma é-
170 poca que o meu pai ficou doente, chegou a ficar um ano de cama.
Eu tinha de 13 para 14 anos, já estava entendendo das coisas to-
das. Então voltei para casa para cuidar de meu pai. Ele estava mo-
rando num ranchinho, no sítio, feito de barro e coberto de palha
de coqueiro. Minha mãe não estava nem aí, só bebendo. Eu dava con-
175 selho para ela parar de beber, até que ela parou, e a nossa vida
foi melhorando mais um pouco. Meu pai, comida, tinha que dar na
boca; xixi, minha mãe tinha que por o pinico. Então, ensinaram um
remédio para minha tia. Daí, meu pai ficou bom. Ele nunca mais
pôs um gole de pinga na boca, nem guaraná. Ele diz que só ver coi-
180 sa de garrafa, já repugna. Aí, nós continuamos trabalhando na ro-
ça. Eu, meu pai, minha mãe, minha irmã ainda era pequena. Na co-

lheita nós compramos tijolo, telha, construímos uma casa com quatro cômodos. Ficamos todos juntos, numa boa. Não tinha mais pingaiada, brigaiada dentro de casa. Aí, com o tempo minha mãe ficou doente. Quando eu tinha de 15 para 16 anos, ela morreu. Eu falei 'já que ela morreu'; na hora da doença era a minha mãe que cuidava mesmo da gente. Meu pai nem ligava. Na hora do trabalho, eu trabalhava na roça, comprava as minhas coisas, até para o meu pai e para a minha irmã eu comprava. Mas entrava dentro do quarto de minha mãe, parecia que estava vendo-a; eu começava a chorar. Aí resolvi ir morar com a minha prima. Nós trabalhávamos na casa desse homem que quando eu casei, morava na casa dele.

P.: Quando você apanhava do seu marido, como é que você reagia?

R.: Um dia ele pegou a trave para bater em mim. Eu segurei a trave. Quando vi que não agüentava, corri. Ele soltava da trave e corria em cima de mim. Me pegava, me empurrava. Eu começava a gritar. Prá falar a verdade, nunca dei um tapa naquele homem. Eu não conseguia porque ele me surrava na cabeça, aquela dor horrível na cabeça. Eu punha a mão onde ele batia e começava a gritar. Ele batia o quanto podia.

P.: Sempre foi assim? Ele batendo o quanto podia e você apanhando?

R.: Foi. Eu sempre ali com medo, pensando. Eu sofri tanto quando solteira, depois de casada desejei tanto aquela vida! Pelo menos eu era livre, desimpedida, não tinha filho. Por tudo que eu passei, eu achei que esse sofrimento de agora foi pior.

P.: Quando você fala do sofrimento de solteira, refere-se a quê?

R.: Assim, ficar na casa dos outros que não é como ficar na casa da mãe da gente. Não se tem liberdade para nada. Quando eu estava na casa dos outros, me sentia como uma rejeitada.

P.: Quando casada você se sentiu rejeitada também?

R.: Muito pior. (Chora). Porque pelo menos quando eu era solteira não vivia apanhando, eu escutava conversa dos outros, mas não apanhava. Só minha mãe me batia, mas meu pai nunca encostou a mão em mim.

P.: Seu pai batia em sua mãe?

R.: Batia. Cheguei a desapartar meu pai, para sair de cima de minha mãe. Naquele tempo ele batia nela, e a família dele mesmo ia contra ele, a favor de minha mãe. (Chorando). E quando eu apanha-

- 220 P.: O que você sente pelo seu marido?
- R.: Ah, eu não sinto nada. Sei lá; quando eu penso em tudo que ele já aprontou comigo, sei lá, eu não sinto nada. Eu gostaria que um dia ele sentisse na pele o que ele fez comigo. E reconhecesse que eu o ajudei tanto dentro de casa, e enxergasse seu erro. Que fosse mais pela mulher, do que pelos parentes dele, como aconteceu o dia em que o marido da sobrinha dele me bateu. Ele nem sequer me defendeu.
- P.: Seu marido bebe?
- R.: Não, são contadas as vezes que ele bebe cerveja, vinho, é muito difícil. Quando ele me bate, não acontece dele ter bebido antes, e quando acontece dele beber, vai dormir em seguida.
- P.: Como é sua vida sexual com ele?
- R.: Dessa vez que ele aprontou comigo, queria ter relação na estupidez. Nós brigamos, eu sai de casa, depois de tanto ele insistir acabou voltando. Depois que eu voltei para casa, o homem parecia um tarado. Queria ter relação a noite inteira. E quando bem não terminava, já queria de novo, e numa estupidez; Eu não agüentava nem andar direito. No dia seguinte quando cheguei do serviço, encontrei a menina mais velha chorando. Ela vem e me mostra um 'galo' em sua cabeça que o seu pai tinha feito. Eu comeci a reclamar 'é assim que você gosta de sua filha?' Tive que ir comprar leite para as meninas, depois quando eu fui para a beira do rio fazer janta, a menina vai para o meu pé e começa a reclamar de novo. Eu falei: 'vá lá para o seu pai por remédio, foi ele que fez isso aí'. E ele com a cara feia, nem quis jantar. Depois eu fiquei assistindo a Tieta com as meninas, ele ficou emburrado, depois, levantou de novo. Daí me deu um sono, pus as meninas para dormir e fui me deitar. Ele deu também e veio procurar ter relação. Falei 'pra tudo tem hora J.', essa noite eu não dormi com você, agora nem bem já deita, você vem atrás de novo'. Ele ficou desconfiado, disse que alguma coisa estava acontecendo. Eu briguei com ele, disse que se ele comesse com muita besteira iria no advogado e contaria tudo, aí quem teria que sair de dentro de casa seria ele e não eu. Nós ficamos discutindo, e eu estava com um sono, eu conversando e aquele sono... Até que eu dormi e acordei

com a primeira facada. Acordai, que eu abri o olho, o sangue já estava espirrando. Ai comeci a gritar, a menina maior acordou também. Só sei que quando eu vi, as meninas estavam todas agarradas na perna dele gritando. E ele em cima de mim. Tentei me levantar e ele me empurrou. Foi quando eu bati o olho no cabegote da cama. E ele em cima. E eu gritando, gritando pela irmã dele, pela sobrinha dele. Não aparecia ninguém, comeci a gritar por só corro. Depois ele não queria sair. Eu ia correr, mas não tinha força, não achei mais força nem para levantar. Daí chegou a minha vizinha do lado gritando 'seu J., seu J., é a polícia seu J.'. O bicho escutou. Daí ele tirou a roupa suja de sangue, vestiu outra correndo, abriu a porta, jogou a faca dentro do banheiro e saiu correndo para a casa da irmã dele. Ele achava que tinha me matado. Mas minha vizinha me socorreu e foi avisar outra colega minha. Só vi quando o sobrinho dele me pegou, depois desmaiei. Quando acordei já estava na cama, no hospital. Quando foi no domingo, que é dia de visita a sobrinha dele me contou que ele tinha se escondido em Hortolândia. Ela contou para ele que eu não tinha morrido não, e ele disse que enquanto não acabar de fazer o serviço não vai sossegar. Ele não está nem aí, mexe com a minha vizinha que me socorreu e dá mais risada.

P.: Como você acha que tudo isso repercutiu em suas crianças? Isto é ruim para elas ou você não observa nenhuma diferença em seu comportamento?

R.: Ah, eu acho que pelo que a minha vizinha fala, elas estão sofrendo muito. E pra elas viverem junto com o pai delas não tem jeito. Quando a gente estava junto também não era bom para elas. Na hora que ele me batia, minhas meninas começavam a gritar e ficavam assustadas. Minha menina mais velha não gosta dele de jeito nenhum. Hoje mesmo no serviço, ela estava contando para minha colega: 'meu pai bate na minha mãe, meu pai é grândão, minha mãe é pequeninha. Eu não gosto do meu pai porque ele bate na minha mãe'.

P.: Como você julga o que ele faz com você? Acha certo, errado...? R.: Eu acho que está errado. Sempre que nós brigamos, com toda a raiva que eu passava dele, eu não tinha coragem de fazer com ele o que ele fez comigo. Às vezes quando ele batia em mim eu tentava

me defender. Uma vez ele quis me bater só porque a menina estava chorando, eu peguei um pau e bati nele. Mas ele tomou o pau, aí que ele bateu com gosto. No dia seguinte eu fiquei arrependida. Como ele tinha coragem? Eu acho que ele não tinha amor por mim. Se a gente gosta de uma pessoa não vai espancar, não vai fazer o que fez. Com a família dele, ele trazia na palma da mão, comigo e ra só na estupidez. Podia fazer o melhor, que ele não agradecia.

P.: Você já pensou em se matar?

R.: Sim, até tentei. Foi outro dia que ele me bateu quando nós ainda morávamos na chácara. Teve um churrasco lá, sobrou muito sorvigo para mim. A menina estava doente, e chorava muito. Ele come-
gou a me xingar: 'Não sei porque essa desgraça foi partir filho!'.
Aí, eu falei 'meu Deus, que dia!', abri uma lata de Balgon e to-
mei. Foi a minha sobrinha que me achou. Ele falou 'ah, deixa que
morra!'. Depois a vizinha me socorreu. Fiquei internada uma noite
e um dia. Viver uma vida dessa, a gente só pensa em bobeira. Eles
falavam que a pior vida é melhor do que a morte. Deus me livre!, eu
não quero mais nem pensar em morrer. Espero que nunca mais isso
bata em minha cabeça; foi em 84. Quando ele me batia eu sempre lá
lava. Tem tanta gente que vive feliz e morre, e a pessoa que vive
uma vida dessa Deus não vem buscar. Quando eu era solteira eu não
vivia feliz, mas nunca passou pela minha cabeça em me matar. Eu
pedia a Deus que pusesse no meu caminho uma pessoa para me tirar
daquela vida, para me sentir um dia feliz, mas foi tudo o contra-
rio. Quando minha mãe morreu eu tinha 15 anos, meu pai não se da-

va nem conta. Até parecia que não tinha filhos.

P.: Você tem algum sonho repetitivo, onde sonha várias vezes a
mesma coisa?

R.: Não sei se é porque eu durmo pensando no que aconteceu, mas
eu sonhei com ele fazendo a mesma coisa. Ele estava com uma faca
na mão correndo atrás de mim. Daí eu pulei uma cerca. Na beira da
cerca passava um rio d'água. Daí ele também pulava, caía na água
e dava uma facada no pé de minha barreira. Aí eu acordei gritan-
do. Assustei até minha colega. Outro sonho era que eu estava no
mato, era que nem lá no norte, e vinham dois homens pretos. Fa-
cão na mão, chegavam perto de mim, mandavam-me olhar para o chão.
Daí eu olhava, tinha a cabeça de uma pessoa. Eu começava a gritar.

330 O preto falava 'você não grita não; isso daí fomos nós que fizemos, se você gritar, fazemos isso com a sua cabeça também!."

Dados principais:

1) Queixa básica: violência física e tentativa de assassinato do companheiro; perda da guarda sobre as três filhas, o que lhe gerou angústia de separação. Ela, a vítima, foi atingida duplamente e a lei, no seu marasmo, até aquele momento nada havia feito para garantir-lhe a guarda das filhas.

2) Caráter repetitivo da queixa: o casal havia brigado em outras circunstâncias, ela havia saído de casa, mas retornou por insistência dele para logo em seguida sofrer a agressão. A violência física é um fato corriqueiro na vida conjugal de R., desde que ficou grávida da menina mais velha. Inclusive, ela expressa como a sua situação tem se deteriorado num crescendo com a seguinte colocação: "uma pessoa que só é judiada, espancada, cada dia que passa é pior".

3) Explicitação ou não de desejo de separação; argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência: o desejo explícito de R. é recuperar a guarda das filhas e não a separação. A hipótese de uma possível separação é colocada de uma forma muito distante e remota, e condicionada ao fato de "ele não melhorar".

Apesar de que racionalmente R. tenha clero para si que "quem não deu certo, separa", e que "a pessoa sozinha também vive sem sofrer, tendo saúde e coragem de trabalhar", ela parece não ter pensado seriamente nesta possibilidade. Houve separações "de fato", que podem ser consideradas muito mais tréguas num relacionamento conflituoso e tumultuado. R. não apresenta uma argumentação lógica sobre o que a tem mantido numa situação de violência. Contudo, oferece indícios de que pode ser o medo de ficar sozinha e a esperança de que ele mude algum dia.

4) Atitudes de submissão: no que se refere às suas atitudes diante da violência do companheiro, estas são de completa submissão e

impotência. No entanto, ela assume posições de comando e controle quando se trata de questões financeiras e empregatícias. E ainda, reveste-se da autoridade materna ao fazer-lhe advertências sobre seu comportamento desleal, pueril e inconsequente junto à família dele e às filhas do casal.

5) Reação diante da violência do marido: o sujeito, diante da violência do companheiro reage tentando se proteger e gritando por socorro. Houve uma única vez em que ela tentou revidar à violência, mas ele lhe dominou beneficiado por sua superioridade física. Outras vezes tentou fugir, embora nunca com sucesso. R. admite nunca haver dado "um tapa naquele homem", e que quando tentou agredir-lo ficou arrependida. Fica claro em todos os "assaltos" sofridos que R., indefesa e impotente, encontra-se completamente à mercê dos instintos truculentos de seu marido, e que este pode fazer dela o que quiser, inclusive matá-la.

6) Dados relevantes de sua história de vida: proveniente da zona rural nordestina, R. cresceu convivendo com a pobreza, o abandono, o alcoolismo dos pais e muito trabalho braçal. Filha mais velha de uma prole de quatro irmãos, viu os dois do meio morrerem do ainda eram bebês. Possui apenas uma irmã mais nova com quem mantém laços afetivos muito estreitos. Presenciou a violência do pai contra a mãe, e se interpôs entre eles em defesa da mãe. Sua mãe trabalhava e a deixava aos cuidados da avó, a qual veio a falecer quando a tinha em seus braços. Tanto o pai quanto a mãe bebiam muito, o que levou a derrogada financeira e a desagregação familiar. Eles tiveram que vender tudo, inclusive a casa em que viviam; as meninas foram obrigadas a ir morar com uma tia, apesar de não quererem se separar da mãe. Esta última vivia bêbada, e em uma de suas visitas às filhas espancou barbaramente R.. A doença do pai levou a família a se reconstituir novamente. Ambos pararam de beber, construíram uma nova casinha e durante algum tempo tiveram uma convivência pacífica e alentadora, e puderam recompor o calor de um "lar, doce lar". R. perde a mãe aos quinze anos de idade. Inconformada com a perda e perturbada diante de sua "presença", ela resolve sair de casa e ir morar com uma prima. Lá conhe-

ce um primo distante que de imediato lhe propõe casamento. Presionada por familiares e conhecidos, acaba aceitando. Tem desde o início uma vida muito difícil, não só devido aos poucos recursos econômicos que possuíam, como também pelo caráter explosivo e violento de seu esposo. Ficou grávida logo no início do casamento, o que o levou a agredi-la. Ele se irritava facilmente com o choro das crianças; amaldiçoava-a então "por ter partido filhos", ou até mesmo lhe espancava. Em uma destas ocasiões R. tentou suicídio. Ela sempre trabalhou, enquanto o marido, muitas vezes desempregado, reagia passivamente esperando em casa que a mulher fosse recolher restos de feira para alimentar a criança, ou que fosse negociar melhores condições salariais com o patrão. Sexualmente, contudo, ele era muito ativo, chegando inclusive a feri-la pelos seus excessos. R. apanhava frequentemente por razões aparentemente irrelevantes, não só dele, mas de pessoas de sua família. Ela não entendia bem porque apanhava, mas o fato é que ele nunca lhe defendeu. Ao contrário, aliou-se à sua família contra ela, denegrindo e ridicularizando sua imagem com atributos como "feia, preta e baixa". R. casou-se para tentar sair daquela vida em que morava na casa dos outros, mas arrependeu-se, pois o sofrimento de casa-da foi pior que o de solteira. Quando solteira "só escutava conversa, mas não apanhava". O sujeito chegou a sair de casa em decorrência das agressões sofridas, mas cedeu aos rogos e à insistência do marido. Logo em seguida sofreu a tentativa de assassinato; o marido ficou desconfiado porque ela não quis transar aquela noite. R. foi socorrida pela vizinha e hospitalizada por amigas. Com isso perdeu a guarda de suas três filhas e passou a morar escondida. Ela tem muito medo do que ele possa fazer contra ela.

7) Ocorrência de alcoolismo do marido; associação entre o alcoolismo deste e a violência contra a mulher: ele não bebe. Nas raras ocasiões em que isto acontece costuma ir dormir em seguida. Logo, esta descartada a hipótese de que o alcool functione como fator precipitante da violência neste caso.

1) Dinâmica Interna do sujeito: R. vivenciou em sua infância experiências de abandono e de "não pertencer" a ninguém. Além do sentimento de profunda rejeição isto lhe gerou uma dificuldade de "situar-se" no mundo e de reconhecimento de sua própria identidade. Sem saber onde termina o "eu" e onde começa o "outro", não consegue distinguir bem os limites tornando-se objeto de descarga de agressividade alheia. Vivências de falta absoluta de controle sobre situações na infância resultaram em uma flagorosa impotência que a coloca à mercê da crueldade de um homem. Para deixar de viver na casa dos outros ela se casa tentando resolver os seus problemas. Acontece tudo o oposto. R. está "condenada" a fatalidade e ao determinismo dos seus sofrimentos. Ela queria um salvador e encontra um algoz. Pateticamente os acontecimentos se reproduzem em sua vida. Antigamente sua mãe apanhava de seus pais e ela, ainda criança, tentava defendê-la. Agora ela apanha do marido, e suas filhas vêem em seu socorro. Con vive ainda com a pobreza. Inconscientemente reproduz o padrão antigo onde ela, "pobre diabo" não tinha ninguém que a defendesse e a amasse. A imagem dos pais é ambígua. Ao mesmo tempo que se sentia rejeitada e esquecida pela mãe, era esta que cuidava dela na hora da doença. Também foi esta mesma mãe que a espancou quando estava alcoolizada, e cuja perda foi tão mobilizadora. O pai foi objeto de seus cuidados quando adoeceu, apesar desta sentir a indiferença dele. O alcoolismo dos pais contribuía para enfraquecer e desgastar suas imagens, além de gerar no inconsciente de R. figuras controversas e contraditórias. Ambivalentes devem ser seus sentimentos em relação aos pais e ao marido. Apesar de manter com este último uma relativa independência econômica, emocionalmente contido está ligada a ele por laços de dependência. Racionalmente tem claro para si que "felicidade na vida tem que ser sozinha sem ele", mas emocionalmente tem medo da solidão, e possivelmente recusa em admitir ter escolhido ao invés de um salvador, um algoz e que continue sendo na vida "um pobre diabo" sem ponto de referência. É mais doloroso "ver" isto do que os sofrimentos que o companheiro lhe impingia. Sempre que ele lhe batia, R. pensava e morrer sendo

que chegou a tentativa de suicídio uma vez. Isto aponta para tendências auto-destrutivas, que circunstanciais ou não, estão associadas ao vínculo que mantém com o marido que de ameaça em potencial passou a agente de assassinato. Os sonhos refletem o clima de terror que se instaurou em seu inconsciente, e reproduzem o fato vivido acrescentando elementos mais profundos. Há sentimentos persecutórios explícitos. Ela pula uma cerca que pode representar o limite entre dois mundos distintos, consciente para inconsciente ("rio d'água"). Na água é pega e recebe uma facada no baixo ventre. O baixo ventre é o local do corpo onde se situam os órgãos genitais, os órgãos geradores da vida de onde saem crianças. Ele mata não só a ela, como também aos filhos que ela poderia ter e a sua sexualidade ainda incipiente. No espaço sombrio do seu inconsciente (água), ela se sente mais vulnerável e indefesa. O segundo sonho realça o clima de terror e os perigos que a circundam. A ameaça de separação da cabeça do corpo representa uma possível perda de controle racional.

2) Dinâmica da relação: fica explícito na dinâmica da relação o papel de bode expiatório desempenhado pelo sujeito, enquanto seu companheiro apresenta um comportamento que aponta para uma psicopatia. Em seus violentos e infundados ataques assim como nas constantes exigências sexuais ficam exacerbados a força dele e a fraqueza dela, que é subjugada e aniquilada através da força física. Ataques dirigidos a uma pessoa fisicamente inferior, caracterizada dos por uma violência irracional desmedida lembram mais uma "besta selvagem", cujos instintos descontrolados afloram em condições e objetos apropriados. As agressões ocorriam preferencialmente na cabeça, talvez porque sendo esta um centro de comando e controle, ele impediria sua capacidade de reação. A expressão "ele batia com gosto" revela um componente sádico em seu comportamento, ao passo que ela ao se subjugar a isto faz a complementação sado-masquista. Em nenhum momento seu companheiro demonstra sentir culpa pelo que fez, pelo contrário, diz que "não vai sossegar enquanto não terminar o serviço", e "da risada" diante de sua faganha. Este equilíbrio de forças se inverte quando se trata da luta pela sobrevivência; ele passa a ser o polo passivo da relação e ela o

ativo. Observa-se então que R. é fraca no jogo das relações afetivas, mas é suficientemente forte no jogo da luta pela sobrevivência para garantir o seu próprio sustento e reivindicar melhores condições salariais. Seu marido, no entanto, não pode admitir que ela tenha qualquer proeminência sobre ele, por isso faz escândalo no seu local de trabalho para impedir que ela lá continue. R. ao mesmo tempo que sente medo do companheiro, deseja se vingar dele movida pela raiva reprimida. Revela sua dificuldade de aceitar a realidade ao expressar o mágico desejo de que "ele se arrependesse e a valorizasse, ficasse do lado dela e a defendesse". O sujeito não consegue entender como seu marido não se arrepende do que faz contra ela e interpreta isso como uma falta de amor. Ela nem sequer suspeita de que este é um traço patológico de sua personalidade, e que ele não tem a capacidade de amar.

3) Dinâmica familiar: as meninas apanham do pai, reclamam para a mãe, que vai interceder junto ao mesmo. Esta dinâmica revela a forma de funcionamento da família patriarcal tradicional, onde o pai costuma ser muito "bravo" e consequentemente temido pela prole, que faz da mãe uma "ponte" de comunicação e protesto. Por outro lado, este sistema de mútua colaboração entre mãe e filhas se inverte, quando esta é espancada. As filhas, apesar de assustadas e amedrontadas, vêm interceder em seu socorro junto ao pai. Uma família constituída só por mulheres possivelmente deve estimular ainda mais o machismo deste homem, que deve sentir intensificado seu primitivo instinto de posse e domínio sobre o seu clã. O fato é que as crianças não gostam do pai e preferem ficar com a mãe. Porém, estão sendo obrigadas a ficar com o pai, causador e agente da separação entre mãe e filhas. A violência neste caso assume as proporções máximas; o dano causado ao sujeito e às meninas é irreparável, tanto do ponto de vista físico quanto psicológico. Quanto à família mais ampla, R. apresenta forte identificação com a irmã, sua companheira de infortúnio (ambas ficaram grávidas ao mesmo tempo, sofreram violência do marido de R., que queria ter a ambas como suas mulheres, viveram a pobreza do sertão nordestino).

4) Contato social: dificultado pela falta de limites entre o "eu" e o "outro"; com isto é colhida nas situações mais pitorescas e incompreensíveis do ponto de vista racional. Um exemplo disso é que apanhou gratuitamente de pessoas do seu círculo social. Isto prova que R. não dispõe de nenhum controle sobre seu meio ambiente, a não ser em situações de trabalho. Porém, em um âmbito mais restrito e privado é capaz de estabelecer relações fortes e profundas, mas que se dirigem apenas ao sexo feminino. Somente a figura feminina é amiga e leal. A figura masculina é violenta e traiçoeira (o sonho com os dois pretos reforça esta afirmação).

5) Mecanismos de defesa utilizados: a racionalização, a repressão dos sentimentos, a negação da realidade. Seu discurso detalhista e minucioso parece um tanto prolixo e lembra defesas de caráter obsessivo.

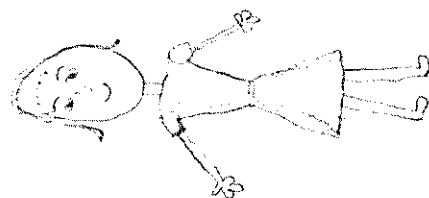


Figura Humana

FIGURA HUMANA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: assim que a pesquisadora propôs a R. que esta lhe fizesse alguns desenhos, sua reação foi de insegurança e dúvida quanto à sua capacidade de produção. O sujeito foi tranquilizado no sentido de que não estava sendo avaliada a qualidade artística de seus trabalhos, sendo que o que ela fizesse estaria bom. Foi lembrado que mesmo uma criança sem ser alfabetizada já faz os seus desenhos, e não era mais do que isso que estava sendo pedido dela. Mesmo assim R. não deixou de externar sua preocupação: "Será que eu consigo?" Em seguida, lançou-se à tarefa como quem num lance de coragem se arrisca a uma perigosa empreitada. Exclamou para si mesma: "Lá vou eu!". Aos poucos foi relaxando, e começou a rir. A tarefa acabou sendo muito prazerosa. Tendo concluído seu trabalho fez referência à cabeça da figura representada dizendo que era muito grande.

Estória: "Esta figura é uma mulher e tem vinte anos de idade. Ela está em pé, parada. Ela é solteira, pobre, mas feliz. Pensa em um dia se casar, viver feliz, ter filhos. Ela trabalha de doméstica; mora com a mãe e o pai. Seu nome é Lourdes."

Nota: estas associações foram obtidas através de inquérito direto. Foram portanto, dirigidas.

INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DOS TESTES GRÁFICOS

Sujeito: Rosa

1ª Produção: TESTE DA FIGURA HUMANA (Machover, 1949)

1) Posição da folha de papel: não houve rotação da folha que foi apresentada horizontalmente ao sujeito. Isto sugere tendência à colaboração e aceitação de sugestões.

2) Localização do desenho na folha: metade esquerda, o que sugere comportamento impulsivo, introversão, egoísmo, predomínio da afetividade, do passado e do esquecido.

3) Tamanho: pequeno, o que indica sentimentos de inferioridade e de inadequação; inibição e constrição da personalidade; comportamento emocionalmente dependente.

4) Traçado: levemente trêmulo, o que significa medo, insegurança, sensibilidade. As linhas finas denotam insegurança, timidez, sentimento de incapacidade, falta de energia e confiança em si. O predomínio de linhas retas denota agressividade, espírito crítico e indica também sinal de masculinidade.

5) Linha de base: ausente, o que sugere falta de contato com a realidade, predominância do mundo de fantasias.

6) Detalhes: a cabeça é muito grande, desproporcional ao tamanho do corpo, que é pequeno. Isto significa que o sujeito pode estar se utilizando de um mecanismo compensatório para encobrir sentimentos de incapacidade e de deficiência intelectual. As pupilas grandes e reforçadas atribuem aos olhos vivacidade, e energia pessoal. O sujeito transmite, pois, vida e movimento por meio deste ponto capital, que concentra a idéia do próprio ser. A boca curva é indício de simpatia forçada e busca de aprovação. Os cabelos parcos e curtos sugerem ao mesmo tempo sinal de meninice e de uma sexualidade ainda incipiente. Os ombros bem delineados em con-

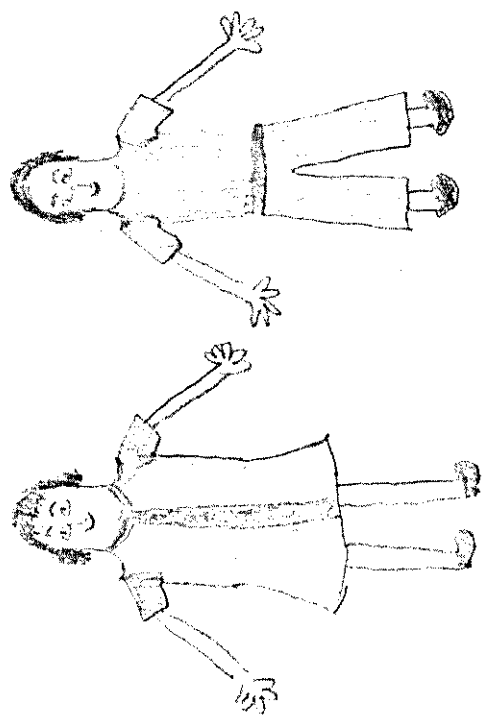
traposição ao corpo frágil constituem um sinal de virilização possivelmente em função de tendências compensatórias. Há uma nítida divisão entre as partes superior e inferior do corpo, o que evidencia cisão entre a parte afetivo-emocional e os impulsos instintivos. Os braços ligeiramente abertos, afastados do corpo, possivelmente representem um pedido de aceitação ao mesmo tempo que denotam dificuldade de contato e de comunicação. Sua estrutura é de extrema fragilidade enquanto que nas mãos pequenas e infantis falta um dedo. Isto vem reiterar evidências anteriores de conflitos relativos a contato e manipulação.

7) Uso das cores: o sujeito limitou-se a colorir apenas a vestimenta, deixando em branco as regiões que representam o corpo, mais propriamente, a pele. Isto revela maior desenvoltura no uso das cores quando estas simbolizam a presença dos padrões sociais. No que tange à representação da própria auto-imagem e das sensações corpóreas, a atitude do sujeito é de timidez e de inibição. As cores utilizadas foram o amarelo e o vermelho combinados em listras na saia e o azul. A forma como foram aplicadas as duas primeiras cores revela narcisismo em relação ao vestuário, além de tendência à perseveração e ao perfeccionismo. O azul está ligado às forças reguladoras da afetividade e a um controle mais através da razão.

8) Aspecto geral da figura: no seu aspecto geral a figura assemelha-se a uma "menina-moça", mas franzina, e de extrema fragilidade. Tem um porte delicado que transparece sensibilidade e meiguice. Tudo nela parece ter sido meticulosamente trabalhado, com cuidado e esmero, tendo cada uma das partes "no seu devido lugar". Isto revela que o sujeito dispendeu um grande esforço para produzir esta figura, o que pode ter como correlato psicológico um esforço para manter o equilíbrio da personalidade.

9) Análise das associações: Lourdes está parada, de braços abertos, possivelmente à espera do príncipe encantado que realizará os seus sonhos dourados de casar-se e ter filhos. Observe-se a influência, neste caso, de estereótipos sociais quanto ao papel da

mulher. O destino e a felicidade desta está no casamento e na maternidade. Apesar de ter uma vida simples, vive com dignidade e está ao lado da família. Em suas associações o sujeito demonstrou negação de sua situação real, refugiando-se no sonho e na fantasia de uma menina-moça, possivelmente se reportando a uma fase de sua vida em que sonhava que o casamento seria a solução para seus problemas. O choque com a realidade talvez tenha provocado esse movimento em busca de um sonho juvenil.



Teste das Duas Pessoas

TESTE DAS DUAS PESSOAS: PARELHA VERBAL

Execução: o sujeito executa lentamente a tarefa, caprichando no esboço com lápis preto. Desenha criteriosamente detalhe por detalhe, da cabeça para baixo, deixando os braços para fazer por último, tendo concluído a vestimenta com as respectivas mangas. Pinta primeiro a figura masculina, depois a feminina. Transcorre-se quase trinta minutos até que o sujeito dê por encerrada a execução.

Personagens: Maria (30 anos); Luís (32 anos)

Estória: "A Maria e o Luís são marido e mulher, e eles vivem muito felizes. O que a Maria pede o Luís faz. Aonde o Luís vai leva Maria. Formam um casal muito feliz que se combina muito bem."

Inquérito: - Eles têm filhos? Não, mas pretendem ter. Eles são casados há cinco anos.

- O que eles estão fazendo aí? Estão passeando, estão indo na casa da mãe da Maria. O que o Luís pretende fazer é combinar com a Maria, pois os dois se gostam muito.

Título: A estória do casal feliz

2ª Produção: TESTE DAS DUAS PESSOAS (Bernstein, 1959)

- 1) Posição da folha de papel: ídem ao anterior.
- 2) Localização do desenho na folha: metade esquerda; são válidos os mesmos comentários do desenho anterior.
- 3) Tamanho: pequeno; ídem ao anterior.
- 4) Traçado: contínuo, o que pode estar relacionado a, tendo decorrido a primeira prova, o sujeito pode ter alcançado um maior estado de relaxamento e segurança, o que se refletiu no traçado. O mesmo comentário é válido para a espessura das linhas, que passaram a ter grossura média. Continua a tendência ao predomínio de linhas retas com ângulos.
- 5) Linha de base: ídem ao anterior.
- 6) Detalhes: estas figuras diferem da anterior por serem mais "robustas", principalmente em se tratando da figura feminina, o que sugere aspectos supercompensatórios na relação. O vestuário parece estar emoldurando as duas figuras, que sem ele "desmontariam". Estas são muito semelhantes em sua fisionomia apresentando os mesmos traços e a mesma estrutura: o formato dos olhos, do nariz, da boca, e principalmente, a base larga do pescoço onde este parece ter se "enterrado". Também observa-se o mesmo tipo de cabelo, e formato das mãos. O conjunto pescoço e ombro sugere duas figuras atarracadas e agressivas, aspecto que entra em contradição com a fisionomia que transparece passividade, conformismo e busca de aprovação. Os braços e mãos afastados do corpo indicam dificuldade de manipulação e contato interpessoais. A figura feminina tem um aspecto grotesco, senhoril e dessexualizado devido à larga indumentária que dissimula as linhas do seu corpo inibindo qualquer insinuação de sensualidade. A carreira de botões na linha média do corpo é um sinal de infantilização e dependência psicológica. A figura masculina possui uma divisão entre as partes superior e inferior do corpo, o que denota repressão e con

trole sobre os impulsos instintivos.

7) Uso das cores: as cores predominantes utilizadas na composição da figura masculina foram o verde claro e o amarelo, e na da figura feminina, o azul e maravilha (vermelho escuro). Isto evidencia a escolha de tonalidades claras para a figura masculina, o que indica extroversão, e escuras para a figura feminina, o que está ligado a introversão.

8) Aspecto geral da figura: as duas figuras assumem uma postura corporal de profunda rigidez ao mesmo tempo que transmitem uma imagem assexuada e estereotipada quanto à sua identidade sexual. O conjunto fisionomia, cabelo e vestimenta atribui às duas figuras o aspecto característico de camponeses.

9) Análise das associações (parelha verbal):

Aspectos descritivos: trata-se de uma parrelha heterossexual, adequada em relação à idade do sujeito, cuja diferenciação entre os sexos é feita com base na indumentária somente. A natureza do vínculo é sexual, a parrelha, fantasiada, em uma situação de passeio.

Aspectos dinâmicos: é flagrante nas associações do sujeito o aspecto da idealização sobre a relação marido e mulher, onde este se dedica à esposa, sobrecarrega-lhe de atenção e cuidados, vive em função da satisfação de seus desejos e de fazê-la feliz. É uma estória de conto de fadas onde ambos vivem um para o outro numa relação de exclusividade, e habitam o mundo encantado dos sonhos onde não há conflitos nem tristeza. O sujeito com isso, nega suas dificuldades e vivências de profunda rejeição e menosprezo por parte de seu companheiro. Refugia-se em suas fantasias de idealização como um mecanismo compensatório a fim de tornar mais amena a sua dura realidade. O título da estória condensa em si magistralmente os aspectos de negação da realidade e de idealização de uma relação homem-mulher efetuados pelo sujeito. O tema afetivo é amoroso enquanto a comunicação é perfeita. Os nomes comuns lhes remetem à massa e aos costumes populares. Por isso, a temática social não deixa de estar presente refletindo-se na relação do casal, de forma a enfatizar as questões da afetividade e da sociabi-

lidade através do cultivo das relações familiares, eixo das preocupações sociais. A questão da sexualidade é negada. Ressalte-se ainda o fato de que esta estória aparece quase como uma continuidade da primeira. A adolescente sonhadora que sonhava em ser feliz, se casar, ter filhos, agora tem um marido que vive exclusivamente para ela dando-lhe repetidas demonstrações de amor incondicional. Observe-se que eles são casados há cinco anos e não têm filhos; obviamente a incursão de terceiros na relação iria perturbar a dinâmica de enlace tão perfeito, onde não há espaço para outros elementos. Possivelmente, Maria não deseje compartilhar com ninguém o afeto tão exclusivo que recebe.



Cena Doméstica

CENA DOMÉSTICA: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: diante da solicitação da pesquisadora de que desenhasse uma cena doméstica R. coloca que desta vez não está sabendo fazer de nenhuma forma. Pára e pensa longamente para depois reafirmar a sua dificuldade: "Desta vez não estou conseguindo fazer nada! A i déia que me veio foi fazer um quadro; posso fazer?" A pesquisadora responde que ela faça como quiser. R. põe-se a desenhar.

Estória: "Esse quadro, a mulher gostava muito dele. Daí um dia, vinha um temporal, a porta estava aberta e o quadro caiu e quebrou. E a mulher chorou; daí ela tirou o vidro quebrado e ficou só com o quadro e o desenho."

Nome: A estorinha do quadro estimado

Inquérito: O que tem no quadro? Um pézinho de flor, um passarinho beijando a flor e mais dois pézinhos de flores.

- Por que a mulher gostava desse quadro? A mulher gostava muito desse quadro porque no dia do seu aniversário ela ganhou de presente da mãe dela. Ele estava pendurado na parede há 15 anos.

- O que ela fez com a parte que ficou? Ela mandou colocar outro vidro e continuou pondo no mesmo lugar.

3ª Produção: CENA DOMÉSTICA

- 1) Posição da folha de papel: ídem à primeira produção.
- 2) Localização do desenho na folha: quadrante superior esquerdo, o que tem como correlato psicológico uma atitude de expectativa diante da vida, passividade, inibição, reserva e uma certa nostalgia.
- 3) Tamanho: pequeno. O significado psicológico encontra-se na primeira produção.
- 4) Traçado: contínuo; linhas de grossura média; ênfase nas linhas retas com ângulos. São válidos os mesmos comentários do desenho anterior.
- 5) Linha de base: o desenho encontra-se como se estivesse no ar, sem base de sustentação, o que denota falta de contato com a realidade, predominância do mundo de fantasias.
- 6) Detalhes: a figura é pobre em detalhes; representa uma paisagem bucólica onde um passarinho beija a sua flor, sendo que há duas pequenas flores mais abaixo. Esta imagem foi congelada na moldura de um quadro. O significado específico do beija-flor possivelmente esteja relacionado à temática afetiva. Apesar de ser uma ave pequena e frágil ele nunca cessa de fazer a corte às suas musas: as flores, numa sucessão de "beijos" frenéticos. O beijo simbolicamente expressa amor e carinho, sendo uma manifestação de forte conteúdo emocional. A flor, representante do feminino, tem conotações de fragilidade e singeleza. O sujeito, ao expressar-se através destes elementos fala sutilmente de sua carência afetiva, de sua natureza delicada e sensível, da presença de temas bucólicos em sua vida. As duas flores geminadas abaixo pertencem a uma espécie diferente daquela que está localizada num plano superior, mas possivelmente não serão esquecidas pelo beija-flor.
- 7) Uso das cores: foram utilizadas as cores, azul, vermelho (em

duas tonalidades), amarelo e verde. O azul serviu para compor a moldura do quadro, e representa as forças reguladoras da afetividade, elemento terapêutico que possivelmente o sujeito necessita para se reequilibrar. O azul associado ao vermelho e verde constituem a síndrome normal e insinuam tendências adaptativas do sujeito.

8) Aspecto geral da figura: a idéia de um quadro vem em contradição ao que é solicitado do sujeito, já que uma "cena" sugere movimento, e um quadro, um flash de uma imagem congelada. Acrescenta-se a isto a dificuldade inicial de R. em cumprir a tarefa proposta pela pesquisadora. Improvável que seja esta uma atitude negatista, mas uma atitude que reflete a dificuldade do sujeito em lidar com conceitos abstratos que envolvam movimento. Não necessariamente isto esteja relacionado a um rebaixamento intelectual, mas ao horizonte limitado de seu universo cultural, e à sua profunda insegurança pessoal quanto à sua capacidade de realização.

9) Análise das associações: R. conta a estória de um quadro de grande valor afetivo para "uma mulher", o qual caiu e quebrou-se em consequência de um temporal. Em linguagem simbólica fala de seus sonhos idealizados, de seu ideal do ego, que se estilhaçaram e caíram por terra em consequência dos vendavais da vida. O temporal representa, pois, o inesperado, um evento traumático que atingiu de chofre seu ego despindo-o das defesas de idealização, explicitadas nas produções anteriores. A mulher chora, mas logo em seguida se recompõe e se adapta à nova situação, tira o vidro quebrado e guarda para si a moldura e a gravura. Com isto, ela continua mantendo uma relação afetiva com o "quadro estimado", não perdeu a esperança apesar das adversidades da vida, e guardou dele o essencial. No momento em que ela manda colocar outro vidro e continua pondo o quadro no mesmo lugar, isto significa que ela não pode viver sem um sonho idealizado, e que necessita de uma fantasia para preencher o seu vazio interior. Este quadro reveste-se de um significado tão especial por sua simbologia afetiva como prova do amor materno, assumindo a partir disso as proporções de uma fantasia longamente acalentada. Possivelmente o sujeito

ressente-se de carências e "faltas" profundas em relação à figura materna. O nome "a estorinha do quadro estimado" supervaloriza o referido objeto, principalmente quando é acrescido do dado de que este ficou quinze anos na parede, um número significativo que inaugura a passagem para o mundo dos adultos e lembra a figura humana, objeto da primeira produção. Observe-se que até aqui as três produções estão intimamente relacionadas, mantendo uma ordem sequencial.



Desenho Livre

DESENHO LIVRE: VERBALIZAÇÕES E OBSERVAÇÕES

Execução: diante do solicitação de um desenho livre por parte da pesquisadora, o sujeito questiona se pode ser flor e logo em seguida faz a seguinte verbalização: "Vou ver se hoje eu ando rápido!". E realmente faz o esboço rapidamente com lápis preto comum, mas demora para colorir chegando a alcançar vinte minutos no tempo transcorrido durante a execução.

Estória: "Essas flores foi uma mulher que plantou. Ela aguava todos os dias até que ela se formou, e deu flor. E a mulher ficou muito feliz. E ela continua tratando da flor dela."

Nome: A estorinha da mulher que ama as flores

Inquérito: - Que tipo de flores são essas? A flor vermelha é margarida, as outras duas são botões de rosa.

- Quem "nasceu" primeiro entre as margaridas? A do lado direito brotou primeiro; depois que ela estava quase reformada brotaram as do lado esquerdo. A do meio é a mais velha.

- Quem é a mulher que cuidou das flores? É a dona Maria. As flores estão na frente da casa dela. Ela não colhe as flores, prefere deixá-las no pé.

- Faz muito tempo que elas floriram? Não, faz pouco tempo. Mas elas não ficam mesmo por muito tempo, logo vão secar. As folhas das flores caem, e elas tornam a brotar novamente.

4ª Produção: DESENHO LIVRE (Trinca, 1976)

- 1) Posição da folha de papel: ídem à primeira produção.
- 2) Localização do desenho na folha: metade esquerda; o significado psicológico é o mesmo da primeira produção.
- 3) Tamanho: médio; possivelmente diante da proposta de escolher livremente um tema a ser representado o sujeito tenha se sentido mais seguro, não só porque isto o desobrigava de submeter-se ao julgamento de seu trabalho em termos da adequação quanto à solicitação da pesquisadora, como também pela própria natureza do tema escolhido, familiar, de fácil representação, não mobilizador de conteúdos emocionais fortes. Consequentemente o tamanho do desenho foi aumentado.
- 4) Traçado: contínuo; linhas de grossura média. Neste caso houve predominância de linhas curvas, o que significa certa passividade e obediência, caracterizando os tipos introvertidos. Além disso, as linhas curvas em geral são menos agressivas, menos desenvolvidas e mais femininas, e como tal, mais submissas e narcisistas. Interessante comparar isto com a tendência até então ao predomínio de linhas retas, o que revela uma forma de funcionamento psíquico onde co-habitam pares de opostos, sendo que possivelmente a tendência mais consciente seria esta última, de linhas curvas expressando passividade e submissão.
- 5) Linha de base: ausente, o que denota falta de contato com a realidade, além de predominância do mundo de fantasias.
- 6) Detalhes: observa-se que o pé de margaridas possui um eixo central do qual partem outras três flores. Cada flor, cada pétala, cada folha foi trabalhada nos seus mínimos detalhes, do que se depreende tendência à perseveração e ao perfeccionismo. A margarida em si é uma flor singela, de cultivo fácil, bastante conhecida e difundida o contrário da rosa, tida como flor imponente e preciosa, tendo como traço característico, a sua nobreza. Curiosamen

te estas rosas crescem à sombra da margarida, o que evidencia que do ponto de vista da psique individual de R. esta última é a flor dominante e melhor expressa sua personalidade. Observe-se com base nas duas últimas produções, a preferência do sujeito pela temática das flores, o que além de ser um objeto muito comum ao seu universo cultural, expressa sua fragilidade e sensibilidade psíquicas. Um dado que vem reiterar isto seria o fato de que as flores não possuem uma base em que possam se afirmar; qualquer leve brisa as poria por terra.

7) Uso das cores: as cores utilizadas foram o verde e o vermelho em duas tonalidades. Curioso que as margaridas são flores brancas, aqui elas foram pintadas de maravilha, uma tonalidade mais escura do vermelho. Talvez o sujeito tenha pretendido com isso atribuir um conteúdo mais emocionalmente carregado a essas flores. De maneira geral são cores vivas, que traduzem vibração e energia. Além disso, o sujeito revela boa adaptação aos padrões sociais através de uma aplicação convencional das cores. A técnica utilizada na pintura revela extremo cuidado em não ultrapassar os limites estabelecidos pelo esboço. Além de tendências óbvias ao perfeccionismo, mais uma vez sublinhadas, isto pode representar uma preocupação em adaptar-se aos padrões sociais, e ainda uma necessidade de demonstrar sua capacidade.

8) Aspecto geral da figura: o desenho no seu aspecto geral parece mais uma ampliação da gravura do quadro (produção anterior), notando-se a mesma estrutura no que diz respeito às plantas com exceção apenas para o beija-flor, que está ausente. A estrutura do pé de margaridas, que tem um eixo central e três outros galhos que dele partem, possibilita fazer uma analogia com uma possível margarida-mãe e três margaridas-filhas, as quais têm o destino tão unido e interligado uma na outra, que constituem uma só e mesma planta.

9) Análise das associações: o personagem da estória é uma "mulher que ama as flores", a qual por algum tempo "mimou" e se dedicou às suas plantas, que no devido tempo, floresceram. A mulher não

colheu as flores para seu deleite, preferindo admirá-las no jardim. Até aqui o sujeito expressa sua profunda identificação com as flores, assim como revela sua fertilidade, a renúncia ao egoísmo e o respeito ao ciclo biológico natural. Está previsto no ciclo vital das flores, um período de vida fugaz e efêmero que é logo seguido, conforme descreve o sujeito, pela morte, quando as folhas secam e as flores caem, e pelo renascimento. Com isto R. expressa seus fortes laços com a natureza elegendo elementos desta como seus representantes, ao mesmo tempo que insinua questões de ordem transcendental. E deixa entrever por meio destas imagens preocupações acerca de sua fragilidade física e psicológica, e de um decurso de vida breve. A estória toda fala de um investimento afetivo em uma flor muito preciosa, através de constantes cuidados que lhe são dispensados. Isto talvez possua a mesma conotação psicológica que a estória do quadro estimado. A flor aqui representando um sonho, uma fantasia, ou ela mesma da forma como ela gostaria de ser cuidada. A mulher que cuidou das flores é a mesma mulher do quadro, e consiste também em uma projeção do próprio sujeito.

Síntese do Caso Rosa

- 1) Temática do caso: violência física brutal, exacerbada até o limite extremo de tentativa de assassinato; angústia de separação ocasionada pela perda das filhas.
- 2) Histórico de vida:
 - elementos traumáticos: experiência de desagregação familiar; os pais bebiam muito e perderam tudo, inclusive a própria casa em que moravam. Rosa foi morar com a avó, mas esta também faleceu abruptamente. A doença do pai serviu para reunificar a família, contudo, a mãe morre algum tempo depois. Através de um casamento intempestivo procura solucionar o problema de sua vida.
 - situações de vida em relação aos pais: são os elementos acima acrescidos do fato de que não houve eventos marcantes de violência física entre os pais. Contudo, o sujeito apanhou muito da mãe quando criança porque esta vivia bêbada.
- 3) Dinâmica do caso: a experiência de desagregação familiar sofrida pelo sujeito associada a sentimentos de profunda rejeição resultou em falta de um sentido de referência interno, o que levou-a a agir no mundo de forma desordenada e caótica. O fato dela não se sentir pertencente a ninguém, nem ser importante para alguém de forma a viver perambulando tal qual um "pobre diabo", levou-a a entregar sua vida nas mãos do marido, na esperança de que ele a "adotasse" e a salvasse de uma situação tão miserável. Contudo, inconscientemente, Rosa não fez mais do que reproduzir uma história de abandono, solidão, rejeição e maus tratos de forma ainda mais acentuada, confirmando sua vivência de "pobre diabo".
- 4) Atitude básica em relação a si própria:
 - identidade pessoal: adolescente frágil, física e psicologicamente, com pouca confiança em sua capacidade de realização, espera que a vida lhe apresente soluções mágicas. Age de acordo com as convenções sociais, sem nenhuma convicção de

seus valores, e sem uma atitude de afirmação pessoal que seja genuinamente sua.

- auto-imagem: negativa, com sentimentos de inferioridade e impotência muito acentuados.
- aparência física: mulata com aparência tipicamente nordestina. Possui a fala arrastada e fisionomia com ar bonachão. Destacam-se no seu rosto várias marcas e cicatrizes, principalmente uma maior situada próxima à raiz dos cabelos.

5) Atitude básica em relação ao mundo: energia para a luta pela sobrevivência; domínio sobre os meios de produção. Inibição nas relações sociais.

6) Relação de parêlha: sua atitude manifesta em relação ao companheiro é de submissão, impotência e medo. Ocasionalmente, no entanto, o sujeito manifesta na dinâmica da relação atitudes de autoritarismo ao repreender o marido por seu comportamento desleal para com ela. Observa-se uma cisão e uma negação completa entre a sua situação real vivenciada na relação de parêlha, e aquela fantasiada, onde por meio de uma flagorosa idealização, ameniza a dureza de sua realidade da forma que ela gostaria de ser tratada pelo seu companheiro.

7) Sentimentos expressos: angústia de separação e perda, rejeição, impotência, desamparo, medo, solidão.

8) Tendências e desejos: desejo de recuperar as filhas; desejo de evitar dano físico (ser assassinada), de evitar humilhações. Necessidade de ajuda, de proteção. O sujeito parece estar mais ligado à satisfação de suas necessidades básicas, sem percepção clara de necessidades mais sutis. Assim, apesar de esboçar sentimentos de rejeição, não manifesta explicitamente desejo de sanar carência afetiva. Os sentimentos de perda e a necessidade de saná-los parecem ser muito mais agudos.

9) Impulsos:

- amorosos: neste caso o objeto são as filhas, em consequên -

cia da ação do instinto de conservação.

- destrutivos: impulso de morte; frustração, abandono, danificação. Neste caso os impulsos são auto e hetero-agressivos, visto que houve tentativa de suicídio e tentativa de assassinato do companheiro. Prevalece a ação esmagadora do instinto de morte por meio de impulsos destrutivos. Os impulsos amorosos são hetero-eróticos e manifestam-se na direção sacramentada pela sociedade: o amor materno.

10) Ansiedades:

- paranóides: medo de privação, de ser assassinada, medo de ser abandonada.
- depressivas: medo de ter destruído ou danificado bons objetos; medo de ter danificado o próprio ego.

Prevalecem, ou são melhor comunicadas pelo sujeito ansiedades do tipo paranóide.

11) Mecanismos de defesa: idealização, repressão, racionalização e negação são os principais mecanismos de defesa utilizados, sendo que o primeiro é o mais evidenciado.

12) Objetos e outras figuras de ligação: flores, quadro, são objetos que sofrem uma valoração afetiva intensa por parte do sujeito. A importância que possuem está em que o primeiro constitui um elemento de identificação, enquanto o segundo possibilita escape e negação da realidade por meio da idealização.

13) Alcoolismo do marido: este bebe apenas socialmente e muito raramente. Portanto, não se caracteriza o quadro de alcoolismo.

14) Tentativas de suicídio: houve uma ocorrência de suicídio em consequência de maus tratos e menosprezo por parte do marido. Após isto o sujeito não voltou a repetir a tentativa nem pensou em fazê-lo, apesar de sua descrença na vida.

VIII - ANÁLISE COMPARADA

Tendo chegado a este ponto se faz necessário remeter-se ao ponto de partida deste estudo, ou seja, à investigação dos fatores psicológicos possíveis que estariam levando mulheres a se submeterem a situações crônicas de violência doméstica. O que mantém aprisionadas mulheres a relações violentas? Se não é possível responder a esta questão, tentar-se-á pelo menos lançar um pouco mais de luz e compreensão sobre a mesma.

A princípio será feito um resumo de cada caso, a partir do que constitui a essência de cada um deles. Os pontos que servirão de roteiro para esta síntese são os seguintes:

- especificação se se trata de violência física e/ou psicológica;
- verificação de violência física na família de origem;
- situações traumáticas de infância;
- tentativas de suicídio;
- sentimentos explícitos;
- alcoolismo do marido;
- ganhos secundários provenientes da utilização da submissão à violência;
- limite para a fraqueza e a impotência da mulher diante destas situações.

1. Síntese geral dos casos:

1.1) Caso Ivete: trata-se de um caso de violência física e psicológica, onde o sujeito apresenta atitudes manifestas de impotência e submissão; contudo, em estado de latência engendra uma reação fortemente agressiva. O medo é o sentimento que a mantém imobilizada e aprisionada na relação. Portanto, uma face fraca e submissa dissimula e mantém sob controle perigosos impulsos agressivos que são associados à masculinidade. Não houve praticamente violência física na família de origem. As situações traumáticas de infância relacionam-se à virtual "ausência" dos pais, e ao sentimento de desvalorização e desamparo oriundo destes, o que a dei

xou exposta e indefesa diante das ameaças do "perseguidor", seu primo e marido. Não há alcoolismo do marido, nem tão pouco o sujeito cometeu tentativas de suicídio, apesar de ter experimentado fantasias de morte muito vívidas acompanhadas da sensação de estar fora de seu próprio corpo, assistindo ao seu próprio funeral.

1.2) Caso Célia: trata-se de um caso de violência psicológica, falando mais especificamente, de adultério do marido e do sentimento de rejeição do sujeito diante disso. A contradição vivenciada por ela consiste em sujeitar-se e acomodar-se em uma relação, onde se sente humilhada e menosprezada. No entanto, apesar de suas queixas de falta de controle sobre a situação, aspectos dinâmicos revelam-na como a parte dominante da relação que tenta se impor exigindo exclusividade e complementação ao papel de esposa. Na medida em que o marido se recusa a corresponder aos seus desejos, este deixa de se submeter ao seu domínio. Neste caso, portanto, uma relação afetiva e sobretudo, de fidelidade é sentida como uma forma de dominação. Não houve violência física na família de origem, mas intensos conflitos de ordem psicológica. Uma situação traumática vivenciada pelo sujeito na infância foi o abandono da mãe, a qual acabou por coroar uma conduta irregular já instaurada indo embora com outro homem. O marido é alcóolatra, o que constitui razão de conflito na relação do casal. Os sentimentos expressos pelo sujeito são basicamente de carência afetiva e rejeição. Célia tentou compulsivamente o suicídio na infância e adolescência, perfazendo um total de oito vezes.

1.3) Caso Mirtes: caso de violência física e psicológica, onde esta é agredida violentamente pelo marido, quando este é tomado por seus delírios de ciúme. O marido é impotente; experiência extra-conjugal do sujeito resultou-lhe intensos sentimentos de culpa. Seu conflito está ligado à vivência culposa da sexualidade, sem poder extrair desta prazer e felicidade. Este caso se destaca pelos ganhos secundários provenientes da utilização pelo sujeito da estratégia da submissão à violência do companheiro. Seu caráter belicoso e aguerrido, sujeito a brigas e agressões físicas cede lugar a uma atitude de aparente submissão e desamparo perante

a violência, acompanhada até mesmo de uma sensação de fraqueza a nível corporal. Mirtes demonstra ambigüidade no que tange a sujeitar-se perante a violência do marido. Indefesa, admite claramente sua disposição para tirar vantagens disto, como por exemplo isentar-se de todo sentimento de culpa e delegar toda maldade ao com-nheiro, caracterizando-o como o "vilão da história". Houve manifestações insignificantes de violência física na família de origem; as situações traumáticas de infância consistiram na perda precoce dos pais de forma abrupta (falecimento inesperado) e sem possibilidade de fechamento da experiência, nem elaboração do luto. O marido é alcóolatra, o que se constitui um grave problema na relação do casal. O sujeito tentou suicídio uma vez, e continuou perseverando nesta idéia por meio de pensamentos obsessivos, cada vez que se sente pressionada pelo ambiente e exacerbam seus sentimentos de culpa.

1.4) Caso Irecê: trata-se de um caso de violência psicológica, apesar de haver algumas manifestações isoladas de violência física. A natureza deste caso é francamente edípica. O sujeito convive e ao mesmo tempo carrega sobre si a opressão milenar do homem sobre a mulher, através do poder da figura paterna acrescido ao poder do companheiro. Fica muito difícil libertar-se deste jugo, pois mantém o duplo vínculo pai/marido sedimentado por uma profunda dependência psicológica e uma necessidade de orientação infantil. Assim, o sujeito mantém com o companheiro uma relação incestuosa de exclusividade, onde só cabem fantasias de amores impossíveis. Paralelamente, sua relação com a mãe é de intensa rivalidade e disputa, onde o sentimento básico é de rejeição, hostilidade e culpa. Sua carência afetiva é gritante e se expressa na necessidade compulsiva de comer. Não houve violência física na família de origem. Situações traumáticas de infância consistiram na perda do pai verdadeiro (falecimento), e na ação de uma figura materna rejeitadora e punitiva. Não se verifica alcoolismo do marido. Em contrapartida, houve uma tentativa de suicídio por parte do sujeito, caracterizada muito mais como um pedido de ajuda. Irecê continuou dissimulando suas tendências depressivas através de um comportamento manifestamente extrovertido e debochado. Os ga-

nhos secundários oriundos da utilização estratégica da submissão ao domínio do homem, possivelmente estão relacionados neste caso à necessidade de apoio e proteção do sujeito, além de uma mão-de-ferro que lhe auxilie a conter com energia seus impulsos sexuais e agressivos. Aparentemente, Irecê se apresenta de forma submissa e impotente na relação com o seu companheiro, vivendo à mercê deste. Talvez por estar muito regredida a um estado psicológico infantil, ela se alienou de seus recursos internos, sem deixar de manter, contudo, lastros com sua parte saudável. Suas vindas constantes ao SOS e sua participação no grupo terapêutico atestam isso.

1.5) Caso Jurema: caso de violência psicológica com algumas manifestações isoladas de violência física. Caracteriza-se por uma tentativa de afirmação através do trabalho, o que entra em competição com sua relação com o marido. Seu caráter manifesto lógico-racional, cuja tônica são operações financeiras, reprime um ego infantil carente por expressar-se em suas fantasias reparadoras e fábulas pitorescas. Em suas fantasias inconscientes o sujeito realiza desejos incestuosos proibidos e de posse exclusiva do pai (complexo de Édipo) e revela sentimentos de ter sido abandonada pela mãe, aspectos completamente reprimidos em sua consciência de vigília. O sentimento predominante é de carência afetiva. Em relação ao companheiro aparecem os sentimentos de rejeição, abandono, medo; falta de sexo. Não houve violência física na família de origem, nem tão pouco situações traumáticas de vulto na infância, a não ser o fato de haver desempenhado funções de adulto desde a mais tenra idade e a grande "frieza" e "distância" dos pais. Apresentou precocemente firme determinação para afirmar-se diante do mundo e fazer cumprir seus desejos, atitude que se choca frontalmente diante de sua sujeição a uma relação onde se sente oprimida, tendo interceptadas suas iniciativas em direção ao crescimento. O medo é novamente apresentado como o entrave que a mantém presa. A fraqueza do sujeito, portanto, está restrita à área afetiva-emocional, tendo investido libidinalmente o objeto com quem compete por domínio e poder. O alcoolismo do marido é um problema de grande monta na relação do casal. Não houve tentativas de sui-

cídio neste caso, tendo o sujeito afastado vivamente suas tendências depressivas.

1.6) Caso Rosa: caso de violência física e psicológica, em que o sujeito sofreu tentativa de assassinato e fica caracterizado o estado de extrema impotência, de falta absoluta de defesa diante da violência do companheiro. Transparece também a sensação de impunidade diante do atentado de que foi vítima, tendo sido duplamente atingida, pois foi obrigada a separar-se de suas filhas. Neste caso há falta de controle total sobre a situação, Rosa encontra-se completamente à mercê, à deriva, tendo perdido todo contato com seus recursos internos. Situações traumáticas de desagregação familiar na infância contribuíram em favor disso. Ambos os pais bebiam e em consequência disso perderam seus bens e dissolveram a família. Sem um sentido de referência e alguém a quem "pertencesse", o sujeito passou a atuar na vida de forma caótica e desorganizada. A perda da mãe na adolescência (falecimento) também foi um fator de desorientação, que intensificou ainda mais sua condição de órfã. Os sentimentos explicitados foram os de rejeição (quanto à sua história) e a angústia de separação e perda relativa às filhas (situação atual). Não houve violência física do pai sobre a mãe, no entanto, o sujeito foi alvo de espancamento por parte da mãe bêbada. Mais tarde ela reproduziu esta experiência sendo sistematicamente espancada, não só pelo marido, como também por outras pessoas. Amaldiçoada pelo companheiro e "desprivilegiada pela sorte", Rosa tenta suicídio, o que não volta a se repetir nem mesmo na forma de desejos e pensamentos suicidas. Parece ter havido projeção do instinto de morte na pessoa do companheiro.

1.7) Caso Otília: trata-se de um caso de violência psicológica, mais especificamente de prostituição, cuja curta passagem pela "vida" lhe deixou marcas indeléveis. Este é o estigma que está presente em sua relação com o companheiro, quando este repetidamente a humilha e a desqualifica pelo seu passado. A culpa passa a ser, portanto, o sentimento mais fortemente manifesto, além de rejeição no passado. Sua infância e adolescência estão marca-

das por situações traumáticas, as quais estão relacionadas ao rigor despótico e arbitrário do "patriarca" que via nos demais membros da família seus súditos, isto é, ao modelo familiar em que se viu inserida. Testemunhou tomadas de violência brutal do pai contra a mãe. "Perdeu-se" para subtrair-se ao regime "absolutista", de aniquilamento da personalidade individual e domínio do homem sobre a mulher. A expulsão de casa seguida da entrada subsequente na zona de prostituição foram passos sucessivos de uma história já iniciada no reduto sacrossanto do lar, onde cada capítulo dispunha e já preparava o campo para o seguinte. A exposição precoce ao desamparo e a um ambiente hostil geraram-lhe um estado confusional e de desorientação da personalidade, onde a ameaça de desestruturação é sentida de forma iminente. O ganho secundário proveniente da submissão de Otília à violência psicológica está na legitimidade que lhe foi conferida pelo casamento diante da sociedade, assim como na forma de apoio e sustentação a um ego frágil. Não há alcoolismo do marido, nem houve tentativas de suicídio por parte do sujeito, apesar de haver manifestações passivas de desejo de morte. Neste caso observa-se uma personalidade eminentemente masoquista em consequência de identificação contundente com a figura materna.

2. Comparação dos casos entre si:

Após esta ligeira incursão sobre os aspectos essenciais de cada caso, pode-se partir para a comparação propriamente dita, prevista nos objetivos deste estudo. Casos marcadamente de violência física são os de Ivete, Mirtes e Rosa. Nos demais há algumas agressões ocasionais, mas o que caracteriza realmente é a violência psicológica, onde o homem humilha a mulher ou tenta coibi-la em seus esforços de crescimento. Somente em um dos casos houve constatações de violência na família de origem (Otília), do pai sobre a mãe, sendo que houve espancamento da mãe sobre o sujeito em dois casos (Irecê e Rosa). Portanto, a violência na família de origem não pode ser considerada um fator causal da submissão da mulher a situações de violência, mas correlacional. Fatores de or

dem psicológica parecem estar imbuídos de muito maior relevância.

Tão pouco o alcoolismo do marido pode ser considerado um agente determinante da violência. Fator precipitante em alguns casos (Mirtes), deixa, no entanto, de estar presente em outros onde a violência atinge níveis extremos (Rosa). No quadro geral, dentre os sete casos examinados, em três encontra-se alcoolismo do marido, o que não se correlaciona diretamente com a violência (nos casos Jurema e Célia o marido é alcóolatra, mas isto raramente redunda em agressões físicas).

Um dado alarmante, contudo, refere-se às tentativas de suicídio, onde, é importante deixar claro, isto não foi utilizado como critério na seleção dos casos. Dos sete casos estudados, em quatro deles houve tentativas de suicídio declaradas (Irecê, Mirtes, Célia e Rosa). No caso Ivete o desejo de morte é expresso em fantasias intensamente vívidas. No caso Otília o desejo de morte é projetado no companheiro através da insinuação de "deixar que ele cumpra suas ameaças de mandá-la para o inferno". Somente no caso Jurema os impulsos auto-destrutivos são mais diluídos aparecendo na forma de sentimentos depressivos reprimidos. Estes dados atestam a favor da ação ostensiva do instinto de morte sobre o instinto de vida, principalmente quando o meio não apresenta atenuantes favoráveis à ação de Eros. O vínculo com um companheiro violento, ou mesmo com aquele que age no sentido de sufocar e abafar seus impulsos em direção ao crescimento opera em favor da ação de Tanatos, projetado na figura do companheiro. Disto se depreende que a mulher não é vítima do companheiro em si, mas dos próprios impulsos agressivos ativados pelas vivências traumáticas de infância no sentido de aniquilamento do próprio eu. Trata-se de um quadro tipicamente masoquista, onde a própria convivência e a submissão a uma relação de violência garantem a depauperação do eu ao mesmo tempo que se exime de toda culpa e de toda maldade projetando a própria agressividade no outro. Os casos explicitamente masoquistas foram os de Otília, Ivete e Irecê. Nos demais os impulsos auto-destrutivos estão mais dissimulados, o que não neutraliza a ação paralela dos instintos de vida. Na verdade, estas duas forças estão em constante conflito "guerreando-se" no transcorrer de sucessivas batalhas; ora prevalece uma, ora outra.

Contudo, se faz necessário salientar que as investidas de Tanatos nunca foram definitivas. As tentativas de suicídio (e mesmo de assassinato) não ultrapassaram o umbral de ensaios frustrados, e as mulheres continuaram vivas para contar suas peripécias. Disso se depreende a concepção de Eros e Tanatos como dois personagens brincalhões, habitantes do psiquismo feminino, duas crianças envolvidas em perigosas brincadeiras, mas que, quando se aproxima o momento decisivo, ambas recuam. Através da observação dos casos estudados, parece ser muito difícil para estas mulheres conviver com este par de opostos, obter uma conciliação, e fazer com que ambos trabalhem a seu favor. É mais fácil dissociá-los e projetar o mais incômodo (instinto de morte) na figura do companheiro (casos de Otília, Irecê, Mirtes, Rosa, Ivete). E elas continuam jogando um jogo interminável onde nenhuma das partes sai vencedora. A eterna dança dos contrários, da vida e da morte, onde se faz indispensável uma certa dose de coquetismo.^(*) Somente este jogo excitante é capaz de proporcionar sentido a uma existência já por si só tão vazia e inócua. É o próprio visgo que as mantém de pé.

Ficou constatado através do resumo dos casos elaborado anteriormente que algumas mulheres se submetem à violência do marido com perfeita consciência dos ganhos que poderão advir disso (caso Mirtes). Por isso, apesar de estarem desempenhando um papel de fracas, elas não o são efetivamente (o caso Ivete constitui claro exemplo disto). Casos como os de Rosa e Otília onde a impotência é tão gritante conduzem a uma reflexão acerca de até onde vai a força e a fraqueza da mulher. Parece que experiências de desamparo na infância, da falta de um elemento que constitua um ponto de referência afetivo para o sujeito desorientam-no a ponto de sujeitar-se às situações mais degradantes. A submissão tem, pois, uma dupla face, uma em que a mulher se expõe fraca e indefesa para a sociedade, para o companheiro, coerentemente à imagem que faz de si mesma; outra, seu oposto agressivo, forte e racional,

(*) Coquetismo: "comportamento de aproximação e de fuga que convi-
da à perseguição" (Eibl-Eibesfeldt, apud Belotti, p. 50)

que sabe tirar vantagens da situação. Esta parte de si mesma (seu animus, na linguagem de Jung) parece ser mantida rigorosamente à sombra de sua personalidade, sendo ignorada por completo, submergindo-se na alienação pelo extremo da submissão.

São comuns os sentimentos de medo (do companheiro), rejeição (relativo à sua história), e uma profunda carência afetiva. Na verdade, o medo do companheiro refere-se ao medo de seus próprios impulsos destrutivos projetados nele.

Observa-se que na história de vida dessas mulheres estão presentes experiências de abandono, rejeição e perda (caso Célia, Mirtes, Irecê, Rosa, Otília), o que pode ser caracterizado como um estado de orfandade, seja ele real ou sentido como tal, isto é, psicológico. Parece que as mesmas entraram num estado de desorganização psíquica de forma mais ou menos acentuada, conforme o caso, por não terem tido nas situações mais primordiais e primevas de suas vidas um ponto de referência afetivo, o que lhes proporcionaria segurança interna pelo fato de se sentirem pertencentes e cuidadas por alguém.

Trata-se de uma das necessidades psicológicas básicas do ser humano, que é aquela de se sentir amado, que constitui o aspecto mais essencial e nivela a todos num mesmo patamar. Quando não se dispõe desta matriz nas etapas mais primevas do desenvolvimento, estabelece-se uma relação de profunda dependência para com aquelas pessoas que virtualmente representam a possibilidade de satisfação desta necessidade.

Isto poderia ser um dos fatores que justificam e subjazem a atitude de submissão a situações de violência nos casos estudados. Além disso, existe um outro aspecto importante que é o trauma constituído pelo rompimento dos laços afetivos. A fina rede constituída pela trama destes laços simboliza inúmeros elementos do psiquismo humano. Do ponto de vista psicanalítico pode ocorrer a projeção de uma figura idealizada na pessoa do companheiro, capaz de lhe proteger, amparar, resguardar dos perigos do mundo, isentando-a dos riscos e da responsabilidade de viver a sua própria vida. Cada nova tentativa acompanhada da esperança de que o mesmo venha a se corrigir, representa na verdade a esperança de que emergja o companheiro ideal projetado nele. Esta projeção é

um recurso utilizado para satisfazer necessidades afetivas preenchendo assim um vazio aterrador, através da negação da realidade e do vínculo com um objeto altamente catexizado seja pelo amor ou pelo ódio. Também existe o perigo por demais alarmante de reprodução de vivências infantis avassaladoras envolvendo privação, perda e desamparo. Qualquer coisa constitui menos perigo e ameaça ao ego do que isto. Até mesmo a própria violência rotineira do companheiro e as perturbações causadas por ele em decorrência do alcoolismo, tão velhas e conhecidas, causam menos angústia e ansiedade do que a sensação de perigo iminente causado por um passado remoto que se pretendeu esquecer a todo custo. Portanto, o trauma constituído pelo rompimento dos laços com o companheiro parece ser maior do que qualquer outro vivenciado na própria relação; a perspectiva de solidão é apavorante porque representa a revivescência de situações de tensão, desamparo e abandono presentes em sua história de vida.

Porém, há outros aspectos que merecem ser investigados quando se trata do rompimento de uma relação, cujas contribuições estão na psicologia analítica ou jungiana. A união dos opostos é algo que se encontra imprimido na estrutura psíquica da humanidade, através dos arquétipos do inconsciente coletivo, mais propriamente pelo arquétipo da coniunctio. Então, todas as coisas no universo se dirigem para este fim, sejam elas da própria natureza humana, animal, ou do mundo inorgânico. Os organismos tendem sempre a preservar esta lei cósmica agindo de forma às vezes contraditória e incompreensível, sendo que opõem sérias resistências diante de um movimento no sentido oposto. Todos estes fatores são ignorados pela mente consciente, mas as mulheres agem por caminhos tortuosos de forma a desembocar neles. A prática de atendimento no SOS/Ação-Mulher aponta para um número muito elevado de casos, que solicitam a separação como sendo a melhor solução diante do problema que estão vivenciando com o companheiro, e desistem a meio caminho, convencidas em proporcionar ao mesmo "uma nova chance". Causa espanto e admiração ouvir de casais em conflito, mas que não conseguem se separar, a afirmação de que o outro representa "uma parte de si mesmos, profundamente entranhada em seus corpos da qual se sentiriam mutilados se viessem a se separar!"

Outro fator de relevância que atua na manutenção das mulheres em situações crônicas de violência doméstica seria o peso insuportável provocado pelas culpas por ter que arcar sozinha com a opção pela separação. Assumir responsabilidades é algo que assusta muito às mulheres, principalmente quando se trata de sua vida afetiva e sexual. De uma maneira geral as mulheres ocupam uma posição de minoridade, necessitando do apoio e da proteção de uma outra pessoa (um homem) para se afirmarem no mundo e se sentirem reconhecidas e respeitadas perante a sociedade. Sobretudo, lhes apavora a idéia de serem más, já que desde cedo aprenderam a se orientar em função da aprovação do outro. Sentem-se inseguras e não têm o mínimo de confiança em si quando se trata de ganhar a vida sozinhas, de sair detrás da sombra confortável e segura projetada pela figura do seu companheiro, e expor-se à luz escancarada do sol. Tímidas, constrangidas pela própria vida, nunca ousaram dar os primeiros passos. Ancoradas através da dependência alienante do marido, mantêm um potencial brilhante reprimido pelas algemas do medo e pelas vendas da ilusão. Acabam sendo o protótipo de um projeto de pessoa, sombras tremulantes de um ego ideal.

Por terem medo de crescer, de lidar com seus impulsos agressivos e sexuais, articulam relações onde vêem coartados todos os seus esforços para o crescimento. Os casos de Irecê, Mirtes, Otília e Ivete ilustram muito bem isto. Quanto à agressividade, impedidas de descarregá-lo externamente, mais propriamente na pessoa do companheiro - já que isto seria dissonante com sua auto-imagem e não suportariam o sentimento de culpa consequente a este ato - dirigem sua agressividade contra o próprio eu ou projetam-na na figura do marido. O elevado número de casos em que houve tentativas de suicídio é um dado que atesta a primeira hipótese. Há muitos liames que envolvem a questão do masoquismo feminino.

Paradoxalmente as mulheres sentem uma obscura e indefinida atração por aquele que se constitui no seu algoz, e na tentativa de ser um pouco mais coerentes dividem-no em dois (caso Célia): elas não gostam de seu marido mau, mas é devido à sua parte boa que continuam com ele. Uma análise mais minuciosa das motivações intrínsecas de cada caso e de sua história de vida pode acrescentar um pouco mais de compreensão e lógica a estas atitudes.

Sujeitando-se aos atos supostamente agressivos de seu companheiro, a mulher poderia estar se preservando perante a desestruturação iminente provocada por um mau maior advindo da separação. Poderia estar expiando culpas milenares absorvidas pelas estruturas arcaicas do inconsciente coletivo, e intensificadas em suas vivências hodiernas, culpas estas resultantes da "maldição" que tradicionalmente lhe foi impingida pela cultura patriarcal. Poderia representar a face retaliadora e intransigente de um ego que, em sua soberba e narcisismo exacerbados não tolera a chamada injúria narcísica. Ataques desferidos ao ego ideal podem abalar profundamente a estrutura e a auto-estima do sujeito, que para se defender e agredir o agente de tal injúria se entrega a um comportamento masoquista compulsivo. Portanto, nas raízes do masoquismo pode-se encontrar um ego narcisista, o qual não podendo tolerar a gravos aquilo que constituía o seu ideal de perfeição, descarrega a sua ira sobre si mesmo de forma a não perverter o seu ideal, isto é, ser uma pessoa boa, destituída de maldade e agressividade para com o outro. Submetido ao rigor de seu superego o sujeito priva-se de uma possível correção deste ideal a partir do contato com a realidade; com isto reverbera masoquistamente a tão degradante ofensa, intercepta possíveis reparações, e com elas, suas oportunidades de crescimento.

Outras vezes o companheiro é "pintado" como o próprio demônio, através de uma projeção maciça da própria agressividade sobre ele. Com isto, livram-se por completo de fardo tão incômodo assumindo por completo o papel de vítimas, despertando a comiseração de todos. No entanto, conforme já foi discutido neste estudo a condição de vítima gera muitos ganhos a quem quer que se utilize deste expediente; ela se constitui em estratégia vantajosa, e pode ser entendida como uma forma de resistência. São caminhos tortuosos escolhidos pelas mulheres para obter satisfação. Desfiando o rosário de suas lamúrias, despertando a atenção e a compaixão das pessoas que lhe ouvem ao confirmar pela sua triste história que nasceram para ser infelizes, conseguem de uma maneira indireta obter o controle da situação. Além disso, depuram-se de toda a maldade e da perversão de desejos escusos tomando-se tão "santificadas" quanto o próprio ideal de religiosidade cristã.

Mas para isso é preciso que alguém se aproprie de coisas tão ruins e se torne o cruel algoz, a imagem perfeita que se acopla perfeitamente àquela que foi criada pela sua psique.

Uma outra forma de compreensão do comportamento masoquista evidenciado nestes casos refere-se à teoria do amor negativo (*). A mulher pode ter desenvolvido desde a infância a necessidade de atenção negativa e mantém este padrão na relação com seu companheiro. Neste sentido, as marcas da violência podem ser entendidas e aceitas como "marcas de amor". Para quem está habituada a nada receber uma pancada pode representar um sinal de que sua presença foi notada. Continua-se buscando e mendigando um amor que nunca se recebeu na infância através da persistência em padrões inveterados de um comportamento auto-destrutivo. A contínua indagação subliminar presente nestes casos é esta: "Se eu for do jeito que você quer, ou até como você é, você me amará?"

Um expediente frequentemente usado pelas mulheres consiste em valer-se das marcas da violência exibindo-as como troféus (caso Ivete), reafirmando o seu vitimismo e a sua impotência diante de si mesma e da própria sociedade, e com isso perverter por subterfúgios a ordem machista reinante, instaurando a supremacia da mulher pelas rebarbas da vitimização.

As considerações feitas até aqui referem-se aos caminhos tomados pelo impulso da agressividade nos diversos casos estudados. Quanto ao impulso sexual, observou-se que estas pouco se referem à sua vida sexual (exceção aos casos Mirtes e Irecê), mantendo este aspecto de suas vidas soterrado por pesadas camadas de repressão e censura. A ação de Tanatos torna-se tão opressiva que mantém sufocados no silêncio os gemidos de Eros. A arte da sedução e os prazeres do corpo, uma vez utilizados pela mulher primordial, denegriram por completo a sua imagem, e aquelas, sujeito deste estudo, parecem ter perfeita consciência da carga que carregam quando insinuam que se quiserem preservar a sua reputação e cumprir com perfeição o papel que lhes foi designado, devem manter-se afastadas destes perigos. No entanto, negando-se os pra

(*) Hoffman, 1982

zeros do amor, matam também a vida dentro de si.

A sexualidade, quando não reprimida, é vivenciada com muita culpa (caso Mirtes) sendo responsável por todos os desmandos que ocorrem na relação, portanto, um mau a ser execrado. Sexo parece estar associado somente à reprodução, pois a livre fruição destes impulsos é sentida de uma forma muito perigosa sem que se possa ter controle sobre eles, pondo a perder a própria reputação. Elas parecem não se sentir muito seguras de que possam por si mesmas conter seus impulsos, necessitando para isso da mão castradora de seu companheiro. Parecem necessitar de um dono e um senhor, que assegure a sua condição de menoridade e a própria incompetência diante da vida, pois temem emancipar-se, serem donas de seus corpos, de seu prazer, de sua vida, enfim (caso Irecê).

No estudo realizado destaca-se ainda uma intensa relação de competição entre as mulheres e o seu companheiro (caso Jurema, Célia) através da qual um tenta subjugar a vontade do outro segundo seus próprios desejos. Manifestamente a dinâmica da relação se processa de forma a ser o homem quem domina, e a mulher, a aquela que se submete. Porém, nas tramas ocultas da relação existe uma outra ordem que subverte a primeira, onde a mulher exerce domínio sobre o homem pelos "laços do coração" e pelas malhas do vitimismo. Nos casos citados os maridos são também muito dependentes de suas mulheres e não desejam a separação, pois, entre outras coisas, necessitam de seus "cuidados" e de manter o status conquistado à custa de uma relação de poder. Rivals, eles se antagonizam na disputa da posse sobre o outro, fazendo do amor e do ódio personagens constantes que convivem lado a lado. Parece que o conflito permeia as relações entre os sexos; pode-se aprender com isto e transcender o padrão das emoções básicas, se se exerce uma ação consciente e não automática diante dos fatos da vida.

3. Perfil psicológico dos casos estudados:

Pensando em um perfil psicológico que delinearasse os casos estudados através de seus elementos comuns, o qual pudesse clarear o fenômeno da submissão da mulher a situações crônicas de

violência doméstica, o primeiro elemento que se destaca é o impasse entre Eros e Tanatos, ou aquilo que poderia ser chamado de "a eterna dança dos contrários". Além disso observa-se o estado de insegurança interna e carência generalizada; a condição de imaturidade psicológica e de dependência do companheiro; o papel determinista das experiências de abandono e rejeição vividos na tenra idade; o controle racional sobre as emoções e os impulsos instintivos; a censura à própria sexualidade; a condição de animosidade sob a qual é vivenciada a relação conjugal; a projeção no exterior dos conflitos existentes no interior de cada uma das partes; a utilização da submissão como uma estratégia para obtenção de poder e controle sobre o companheiro, e ainda, como uma forma de exorcizar-se de toda "maldade" efetuando o splitting ou dissociação entre o bem e o mal; utilização da submissão para obtenção de vantagens outras, tais como a ilusória proteção do outro e a isenção da responsabilidade individual; o medo do companheiro que mais pode ser entendido como medo de assumir a própria vida e enfrentar o mundo lá fora, com todos os riscos que advêm disso; tendências masoquistas explícitas.

Em suma, assumem formas de expressão diversas o conflito declarado entre as forças que operam no sentido da vida, e aquelas que constituem a ação inexorável e silenciosa dos instintos de morte. Assim como os princípios masculino e feminino estão presentes em ambos os sexos, mas acabam se excluindo mutuamente pela dificuldade humana de conviver harmoniosamente com estes pares de opostos, também Eros e Tanatos se degladiam internamente como personagens ativos no psiquismo de homens e mulheres, sendo muitas vezes projetados na figura do companheiro, e como tal, se agridem acirradamente. Nessa condição eles não podem jamais se separar, pois são dois princípios ativos intrinsecamente incorporados aos organismos vivos sendo movidos pela projeção cega de cada uma das partes, e terminando por selar definitivamente este enlaço.

Contudo, é possível trabalhar terapeuticamente com estas forças, domá-las e utilizá-las de forma inteligente e sensata em favor da saúde e do bem-estar de seus possuidores. É como se fossem cavalos selvagens, um preto, relegado aos domínios som-

brios e obscuros da personalidade, e um branco, representante da mente consciente e lúcida, a face com que esta se apresenta ao mundo. Quanto mais distantes um do outro, maior a alienação e os riscos à desestruturação psíquica. Tornando-se conhecidos poderiam deixar de ver-se como inimigos, mas se perceberem como partes distintas de uma personalidade capazes de se complementarem harmoniosamente num enlace das forças elementais da natureza.

IX - CONCLUSÕES E REFLEXÕES

Chega-se com tantas expectativas em um curso de pós-graduação pensando-se em encontrar respostas miraculosas que aliviem os problemas do mundo, quando se depara com a realidade das pesquisas em uma universidade. Há muito mais questões do que respostas definitivas que façam mitigar a angústia do pesquisador. O máximo que se pode conseguir é encontrar algumas pistas, soluções momentâneas para o problema que está sendo estudado. Neste sentido é possível que esta pesquisa tenha cumprido os objetivos a que se propôs: realizar um estudo exploratório, isto é, sem grandes pretensões nem hipóteses rocambolescas, verificar o fenômeno em si tal qual ele funciona na realidade, com o fim único e exclusivo de conhecê-lo.

De qualquer forma a realização deste estudo resultou em vários ganhos para a pesquisadora:

- treinamento do papel e das atitudes enquanto pesquisadora. A própria atitude de humildade diante do fenômeno a ser estudado, o exercício de limitar-se a uma pequena parcela ao invés de tentar abarcar o todo, a difícil tarefa de escrever cientificamente de forma fria e impessoal foram algumas lições levadas desta experiência. Em se tratando do objeto de estudo desta pesquisa, que constitui o elemento humano, a prática de uma atitude de aceitação e de constatação diante de sua natureza complexa e paradoxal. Quem quer que se decida a investigar os meandros da natureza humana deve se despir de preconceitos lógico-racionais, e se preparar para encontrar o inesperado sem demonstrar com isso perplexidade.
- exercício de disciplina e de afirmação da competência da pesquisadora, o que faz parte do difícil caminho a ser trilhado pela mulher a fim de alcançar o reconhecimento profissional, tanto do pequeno grupo a que pertence, quanto da comunidade mais ampla.
- aprofundamento dos conhecimentos relativos à psicologia feminina e à relação homem x mulher. Contribuição para compreensão do problema da violência contra a mulher. Contribuição para aclarar as sombras do "continente negro" (Freud, 1932).
- suscitamento de outras questões para estudo, tendo em vista a

"maldição" milenar que pesa sobre a mulher, e as estruturas mais arcaicas da personalidade (arquétipos).

- uma reflexão sobre os conflitos que perpassam a relação homem x mulher; possibilidade de dissolução destes conflitos.

- maior proximidade com as mulheres-alvo, o que se constituiu em uma importante via de aprendizagem.

Efetuada uma análise a partir do referencial teórico, observa-se que para os fins deste estudo foram apresentados apenas alguns conceitos básicos na sua forma mais ortodoxa, relacionando diferentes abordagens dentro da psicologia e até de um ponto de vista interdisciplinar com o fim de complementação e de captação do problema, considerando sua abrangência. Contudo, estudos posteriores requerem necessidade de aprofundamento destes conceitos, e de uma revisão à luz de autores mais modernos. Além disso, talvez fosse mais aproveitável se houvesse uma redução no número de casos estudados, considerando a extensão e a profundidade dos dados coletados. As técnicas gráficas revelaram-se de extrema utilidade, sendo que uma especialização nesta área traria grandes benefícios para futuras pesquisas. Sua associação com a entrevista também revelou-se produtiva. Este estudo em si, possui seus alcances e limites, mas, sem dúvida sua maior contribuição está em servir de ponto de partida para pesquisas posteriores. Um campo bastante atraente que se insinua é o da psicologia jungiana, com toda a mística que envolve as relações entre os sexos e questões que transcendem as pulsões básicas da espécie humana, despertando para aspectos mais primitivos e arcaicos inscritos na própria natureza das coisas.

Se faz necessário informar que foi excluído dos resultados finais deste estudo, o teste de associação de palavras, por ter se revelado pobre e truncado em sua aplicação e não ter possibilitado nenhuma aprendizagem significativa sobre os casos em estudo. O teste se mostrou inoperante no sentido de não ter correspondido aos objetivos da pesquisadora, já que não foi possível "traduzir" coerentemente dados brutos e percentuais em termos do funcionamento dinâmico da personalidade. Talvez tenha faltado mais informações à pesquisadora, já que não foi possível ter acesso à fonte primária do referencial teórico utilizado para inter-

pretação, reduzindo com isso a fonte de conhecimentos para a análise dos dados obtidos, que limitou-se à classificação das respostas dentro de categorias formais. No conjunto das demais técnicas utilizadas, o teste de associação de palavras mostrou-se uma parte separada do todo, perfeitamente prescindível na elaboração da síntese de cada caso. Por isso, apesar de ter sido sua análise concluída para todos os casos, o mesmo foi excluído do corpo deste estudo sendo que todo o material relativo a este assunto se encontra arquivado em poder da pesquisadora.

Tendo como referencial os casos estudados, e uma possível população de mulheres, clientes do SOS/Ação-Mulher que manifestem o fenômeno da submissão a situações crônicas de violência doméstica, a pesquisadora elaborou uma reflexão suscitada por esta investigação teórico-prática.

De uma maneira genérica este estudo versa sobre os conflitos do amor e a relação homem x mulher. E tudo isso parece se enredar numa trama muito complexa. Homens e mulheres necessitam um do outro, mas vivem se degladiando. Parece que eles são infelizes porque não podem se desarmar e expor um ao outro, sem defesas, o âmago do seu ser, aquela parte que necessita ardentemente ser amada, e que é tão semelhante em todos os seres humanos. Aparentemente não conseguem se despir da couraça caracterológica imprimida pela cultura e firmemente aderida a seus corpos, que os fez inimigos e eternos rivais. Não podem, cada um pelos seus próprios recursos, cumprir com a finalidade que está inscrita na própria lei cósmica: realizar-se como um ser inteiro, uma pessoa plena e total e alcançar a máxima expressão de suas potencialidades, tendo na relação com o outro e nos possíveis conflitos que advêm dela uma mola propulsora para o seu crescimento. Esta lei cósmica pressupõe a ordem dentro do caos e a integração harmoniosa das partes, no entanto, é preciso estar em sintonia com ela.

Perdidos daquilo que constitui a sua essência mais profunda, alienados de sua sabedoria interna, de um eu superior capaz de reparar e reconstruir, homens e mulheres se odeiam e deixam que o "lobo" que ruge adormecido nos subterrâneos do seu inconsciente, desperte e atue com toda a força devastadora de seu instinto animal, aproveitando-se do caos instaurado circundante.

No entanto, ao ferirem o ser a quem supostamente amam, acabam ferindo a si mesmos, e bloqueando o canal da livre manifestação afetiva tornam-se seres mutilados. Além disso, amor e ódio, sentimentos opostos, parecem estar muito próximos, pois representam os dois extremos de um mesmo continuum afetivo. Enquanto se está numa relação de amor com uma pessoa, constituindo o amor a face manifesta desta relação, o ódio continua presente em estado de latência, bastando um fator externo desencadeante para que o mesmo seja ativado. Isto explica em parte que as manifestações e descargas de ódio e agressividade frequentemente se dêem no reduto doméstico, com pessoas com quem se estabelece relações afetivas e pretensamente se uniram pelo amor.

Assim como uma relação de amor facilmente se transveste em ódio (visto que o contém no seu bojo), o que deveria ser um espaço de respeito mútuo e de companheirismo, assume as feições de uma relação de dominação/poder. Quando se tem trançado os laços de uma relação sexual-afetiva, observa-se frequentemente que uma das partes, cada uma a seu modo, se arvora de uma ação de posse e de exclusividade sobre o outro, e tenta estender seus tentáculos sobre o companheiro, assenhoreando-se dele e impedindo que respire e cresça. Aquilo que poderia ser uma relação construtiva e de renovação torna-se uma via destrutiva e alienante para ambos.

Porém, o problema parece que não está na relação em si, mas nos conteúdos energeticamente catexizados que cada uma das partes possui dentro de si e projeta na figura do companheiro. As ligações se fundamentam sobre as necessidades individuais de cada um, as quais são satisfeitas neuroticamente no vínculo com o outro.

Estas necessidades individuais das mulheres surpreendentemente passam pelo desprezo por si mesmas. A mulher que procura o SOS comumente possui uma auto-estima baixíssima e se atormenta envolvida em intensos sentimentos de culpa. Isto parece ter tido início muito cedo, quando não se sentiu tratada como uma pessoa que é amada por aquilo que é, mas, ao contrário, teve repetidas lições que a levaram a se desculpar por ter nascido. Um objeto; uma empregada que teve expoliada sua força de trabalho, e mesmo assim não era reconhecida e aceita; um "cachorro" escorraçado; um

"macaco", de tão feia. São estas algumas das vivências trazidas pelas mulheres que contribuíram para que registrassem o padrão de comportamento que levaram para a vida. Desamparadas, sem perspectivas, se deixavam ficar na sarjeta da vida, expostas ao desprezo do transeuntes.

O presente estudo, além de tentar minimizar os mistérios que envolvem a psicologia feminina, tenta resgatar e devolver à mulher um pouco do seu valor e de sua auto-estima. Apesar do caráter fortemente determinista das admonições citadas, as quais são sentidas como herança, não se trata de hereditariedade ou destino, mas de coisas que podem ser mudadas. A auto-estima e o conceito que se tem de si próprio são elementos a que se tem acesso direto através da consciência, e que pertencem ao domínio pessoal.

O feminismo foi um movimento que refletiu o despertar das mulheres neste século, a nível coletivo. No entanto, isto foi uma macro-ampliação do que acontecia com algumas mulheres a nível individual, que jogaram fora uma frágil identidade que lhes foi imputada e construída socialmente. Mudanças de foro íntimo concernem uma tomada de posição diante da vida, o que requer uma predisposição interna no sentido de dar uma resposta ao mundo e correr os riscos implicados nisto.

A mulher, assim como o homem, é um ser pleno de potencialidades as quais, no entanto, muito dificilmente são atualizadas permanecendo soterradas por aqueles fatores que constituem o perfil psicológico descrito anteriormente. A sua condição natural como um ser no universo, que tem um papel a desempenhar e um lugar a ocupar exerce pressão no sentido de dar sua contribuição respondendo ao "chamado da vida". Cedendo a este impulso da natureza, o passivo se transmuta em ativo, a vivência da dor e da fraqueza conduzem ao encontro da força e do equilíbrio, e a mulher vai escrevendo e fazendo sua história. Ela recusa incorporar uma identidade fabricada para o feminino a partir de sua trajetória particular e coletiva, e se impõe como um ser pensante, produtivo, sexuado, que tem direito ao prazer, à felicidade e ao respeito dos demais.

Em meio aos ecos do passado das mulheres de Atenas que

ainda reverberam nas últimas décadas do século XX, o movimento de mulheres e o trabalho de entidades feministas mostram que as mulheres estão renascendo para si mesmas, estão assumindo a responsabilidade pela própria vida tornando-se donas de seu destino. No entanto, as mudanças ainda não se solidificaram. Muitas mulheres ainda são prisioneiras de antigos valores, como aquelas sujeitos deste estudo. Então, para que esta nova mulher cresça e se fortaleça, se faz necessário um constante trabalho de lapidação daquilo que era apenas um esboço. Lentamente, mas de forma determinada e constante se vai amassando o barro das próprias fraquezas, e de tudo aquilo que constitui uma imagem fabricada pelo social, e com isso se engendra paulatinamente um novo ser, o qual se cria e se recria continuamente, através dos constantes toques e retoques que vão delineando e moldando a sua verdadeira identidade. Do barro fértil pode nascer então uma nova mulher. Fluente, dotada de sensibilidade, de espontaneidade e criatividade; capaz de dar e receber, de amar e ser amada, de brincar despreocupada como criança travessa, de chegar ao êxtase do gozo da fêmea no cio, de ser ativo e passivo, de recolher-se serena dentro de si mesma, de ser continente do amante desfalecido, mas também de ser a face crispa da do rigor exasperado.

Essa multiplicidade de personagens está na própria natureza da essência feminina e vai muito além dos estereótipos da vítima e da mulher desprezível. São as inúmeras facetas da personalidade feminina, que estão soterradas nas mais profundas camadas do seu inconsciente sob o peso de uma opressão que se transveste de várias formas através do tempo, e sob a censura e o medo diante da possibilidade de viver plenamente a existência.

Porém, apesar de toda a força condicionante deste "legado", não é possível se furtar ao crescimento e à evolução, sentido para o qual estão voltadas todas as coisas vivas. Mesmo por caminhos tortuosos o objetivo é sempre este, quando não é a própria natureza movida pelas circunstâncias que impele cada um a romper com o marasmo e a tendência à estagnação.

Em se tratando da forma como se processa o crescimento e a evolução, um interessante modelo seria a dialética de Hegel, que como abordagem filosófica se aplica perfeitamente ao paradoxo

das mulheres, sujeitos deste estudo.

Um dos pressupostos básicos do pensamento hegeliano afirma que a lei da história é a dialética, a qual se funda no princípio da contradição. Inerente à natureza das coisas, a contradição lhes confere inteligibilidade. Com este novo conceito Hegel revolucionou a Filosofia, pois até então entendia-se que as coisas se fundamentavam no princípio da identidade, o que significava esgotar a questão através de uma resposta única e acabada. Para Hegel o ser humano é inacabado em um mundo inconcluído. Em cada novo momento vivido se é diferente do anterior. Tudo é vir a ser. Tudo está vindo a ser porque ainda não é. Isto é o devir, afirmar e negar ao mesmo tempo aquilo que se afirma. O devir lembra o movimento constante de um caleidoscópio, que a cada momento ganha nova configuração. E o modelo espiralado é uma forma geométrica que representa perfeitamente o processo da dialética; nunca se volta sobre o mesmo ponto. Cada passo, cada etapa ao mesmo tempo nega e afirma os anteriores. Nega porque eles são diferentes entre si. Afirma porque é a energia em potencial e a força presente no primeiro que gera e se manifesta no segundo.

Um diagrama elucidativo poderia ser o símbolo do Tao, um círculo dividido em duas metades iguais por uma senóide, sendo que a metade negra possui no seu centro um ponto branco, e a metade branca, um ponto negro. O referido diagrama, em sua simplicidade, expressa toda a grandiosidade dos processos naturais. Tendo como base o movimento circular (o círculo simboliza a unidade, a totalidade proveniente da união dos opostos), a sua evolução forma espirais e esferas. O Yin e Yang representam este par de opostos, energia feminina (a metade negra) e masculina (a metade branca) presente na essência de todas as coisas no universo. Yin é também o princípio do caos, Yang, o princípio da ordem. Estes polos embora opostos estão unidos, sendo que cada um contém dentro de si a semente do outro, possibilitando o constante nascer e morrer, a mutação e o movimento. À medida que o primeiro declina, a semente do segundo cresce e se desenvolve. Por isso, apesar de chocarem-se em seus princípios, eles não se contrapõem, mas complementam-se e interpenetram-se. Um exemplo deste movimento pode ser a sequência dos dias e noites. O dia ao nascer nega a noite,

visto que um é o oposto do outro. Por outro lado a afirma, pois sua manifestação plena só se tornou possível porque a noite continha dentro de si a "semente do dia", que foi se desenvolvendo enquanto esta lentamente ia expirando. Também o dia ao nascer já contém em si a "semente da noite". E cada dia e cada noite nunca repetem os anteriores, mas é sempre mais em relação aos que já foram.

As mulheres que se deixam ficar em situações de violência, experimentando uma contradição interna, também reproduzem o mecanismo acima descrito e encontram na dialética uma lógica para o seu conflito e o seu movimento. No auge de sua crise, está a chave que a liberta do marasmo e da imobilidade. Por outro lado, o próprio uso do sintoma e da doença adquire uma dupla conotação: ao mesmo tempo que aparentemente representa um impecilho para se chegar à "felicidade", também garante um estado precário de segurança interna, do qual a mulher não pode se descartar. Assim, esta forma de funcionamento psíquico encontra na dialética uma lógica para este conflito. Outra prática das mulheres consiste em afirmar e negar ao mesmo tempo a culpabilidade do marido (ao mesmo tempo que o acusam sentem pena dele); neste caso verifica-se a dialética como lógica da relação.

Sob outro ponto de vista, poderia-se tomar o diagrama do Taoísmo como um modelo de funcionamento para a relação homem x mulher, considerando Yin e Yang como a energia masculina e feminina presentes no homem e na mulher. O diagrama representa a união dos opostos (círculo = totalidade), e isto deve se processar internamente no interior de cada uma das partes para depois passar para um plano externo, no nível do relacionamento heterossexual. Observa-se que os dois polos estão estreitamente unidos, interpenetrados, que cada um guarda a exata medida do limite do outro, e estão em perfeita harmonia. É o que se depreende desse perfeito dinamismo de forças antagônicas, onde só é possível a harmonia porque a desarmonia também existe. Yin e Yang funcionam como uma unidade, exprimindo com precisão a noção da própria conjunção (união mística). O andrógino é o símbolo mais adequado disto, e expressa perfeitamente a necessidade que o ser humano tem de viver de forma mais harmoniosa, juntando as polaridades que estão sepa-

radas. O andrógino era um ser esférico, símbolo da totalidade, do encontro do masculino com o feminino, e disto se originava o seu poder. Este símbolo adquire uma importância muito grande neste momento histórico em que as relações homem e mulher passam por um processo de transformação. (Cavalcanti, 1987)

As crises do casamento nada mais são do que a crise em que se encontra o ser humano. As relações entre os sexos se tornam relações de dominação, quando poderiam ser de complementação e camaradagem, possivelmente a partir de uma vivência unilateral destas polaridades. Entre outros fatores, uma das partes por estar desconectada de seu próprio centro (caminho do meio consequente à reunião dos opostos), e com isso atribuir poderes desmesurados à outra que acredita não possuir dentro de si. Assim, alienando-se de sua própria força torna-se "escrava", e permanece aprisionada pelas algemas da servidão, pela imagem mutilada e deformada de si mesma e pela imagem poderosa e idealizada do outro. Aquele, no papel de "senhor", suga e extrai a energia desta, fortalecendo-se pela sua fraqueza, crescendo de forma desproporcional, envolvendo e aniquilando a outra parte. Trata-se de um modelo aberrante de relação, onde a parte mais fraca ignora que suas algemas, foi ela mesma quem as colocou, e constituem partes integrantes dela própria, alimentadas pelas trevas da ignorância e pelo bloqueio aos caminhos para percepção de si mesma. À primeira vista, os papéis de senhor e escravo costumam ser interpretados pelo homem e pela mulher, respectivamente. Contudo, isto não pode ser tomado ao pé da letra, pois ambos possuem o contra-papel em estado de latência, o qual pode emergir quando se lhe apresentam circunstâncias favoráveis.

Neste modelo de relação, as naturezas intrínsecas de cada um são distorcidas e passam a ser vividas sob o prisma da dominação. O homem tenta dominar a mulher pelo poder da força física e da força mental. Quando não é ele o mais forte fisicamente, é ele quem sabe mais sobre o mundo e as coisas, e detém a verdade sobre ela. Por seu turno, a mulher domina o homem jogando sobre ele a sua rede em que são trançados os laços do coração. Submissa, ela detém o que pode ser entendido como a força do fraco, pois tornou-se indispensável na vida dele, nutrindo diuturnamente sua for

ça artificial. Acrescente-se ainda o poderoso fascínio que o sexo da mulher exerce sobre o homem, o qual pode ser considerado como herança primitiva e animal. Logo, o poder da mulher sobre o homem extrapola os aspectos afetivo-emocionais, estendendo-se aos impulsos instintivos, uma influência muito mais arcaica e porque não dizer, arquetípica.

A forma caótica em que são vividas as relações entre os sexos não são por si mesmas negativas, pois o caos precede o equilíbrio e a harmonia. Do caos é possível aprender alguma coisa quando se entende e se elabora o conflito. Do caos pode nascer o novo, se forem abertos os canais de passagem.

A estreita vereda da feminilidade é ainda desconhecida e misteriosa para a maior parte das mulheres. Em geral elas confundem a sua "cruz" (por sentirem-na tão firmemente aderida aos seus corpos e à sua personalidade) (*) com a própria identidade, como uma fatalidade e um castigo do qual não é possível fugir. E não conseguem subverter aos desígnios de seu destino, construindo para si uma existência nova em que este veredicto seja quebrado e o prazer tenha lugar garantido. O feminismo vem justamente fazer um questionamento dessa condição da mulher e propor novas estratégias de ação.

Ser mulher constitui ainda um desafio e um tema obscuro para a maior parte das mulheres, que frequentemente identificam esta experiência com aquela da maternidade, e portanto, com um destino quase que biológico.

A estreita vereda está à espera de qualquer uma que se atreva a expor-se aos perigos do mundo. E esta é uma viagem para a qual não existem roteiros ou mapas, porque a trilha é inacabada e precisa ser construída a meio do caminho. Uma viagem que precisa ser vivida palmo a palmo, passo a passo, e que se processa de forma coletiva e individual. Coletiva, no sentido de que as mulheres só conseguem realizar suas conquistas perante a sociedade e atingir sua emancipação, se unidas pela sua semelhança. Individual,

(*) Cruz: palavra que traduz o destino que a mulher "herdou" para o sofrimento (Popularmente: "Mulher nasceu para sofrer").

no sentido de que é preciso haver um momento em que possam estar sós consigo mesmas para se defrontarem com o feminino dentro de si, identificando as formas com que este se expressa, e subsequentemente efetuar a união dos opostos.

No seu trajeto solitário, a mulher pode se deparar com personagens arquetípicos, lendários, povoadores do seu psiquismo: Ártemis, Deméter, Lilith, Hécate (Cavalcanti, 1987). Cada uma delas fala pela voz da mulher e tem a sua face distinta das demais; são as múltiplas facetas que constituem a essência da feminilidade soterradas e aliçadas da consciência por uma sociedade patriarcal, que tinha na unilateralidade do masculino a única conduta valorada.

O feminino passou a ser associado ao fraco, ao submisso, ao incapaz, pois era uma estratégia menosprezar aquilo de que se tinha medo e sobre o qual não possuíam controle. A mulher, estigmatizada, acabou incorporando psicologicamente o estigma; o que se viu neste estudo foram mulheres que manifestamente demonstravam submissão e obediência ao homem. A submissão subentende o uso do poder e do domínio de alguém sobre um outro. A qualidade receptiva do feminino, que permite a expressão das sementes de vir-a-ser sem interferência diretiva, dispensa quaisquer intervenções de poder. Esta característica foi, pois, distorcida e usada como instrumento de dominação.

Bradley (1985) tenta resgatar por uma ficção literária o poder que foi subtraído das mulheres, criando personagens soberanas de um mundo mágico e fascinante. "Eu chamei pela Deusa e a encontrei em mim mesma", disse Morgana das Fadas nas Brumas de Avalon. A Deusa simboliza a fonte secreta do poder feminino. Sua descoberta, a descoberta do caminho para si mesma, do arquétipo da mulher primordial, portentosa e soberana. Um ser mitológico que habita as profundezas do psiquismo feminino assumindo diversas formas: a Mãe, a Terra, a Mãe-Terra, Senhora doadora da luz e das sombras, símbolo sagrado da fertilidade. Estar imbuída do poder da Deusa significa deixar de estar à mercê da sociedade dos homens, mas participar da trama dos destinos. No decorrer da história, várias vezes Morgana comparou o trabalho de uma mulher fiando ao de uma Deusa, que, em sua magia tece os destinos do ho-

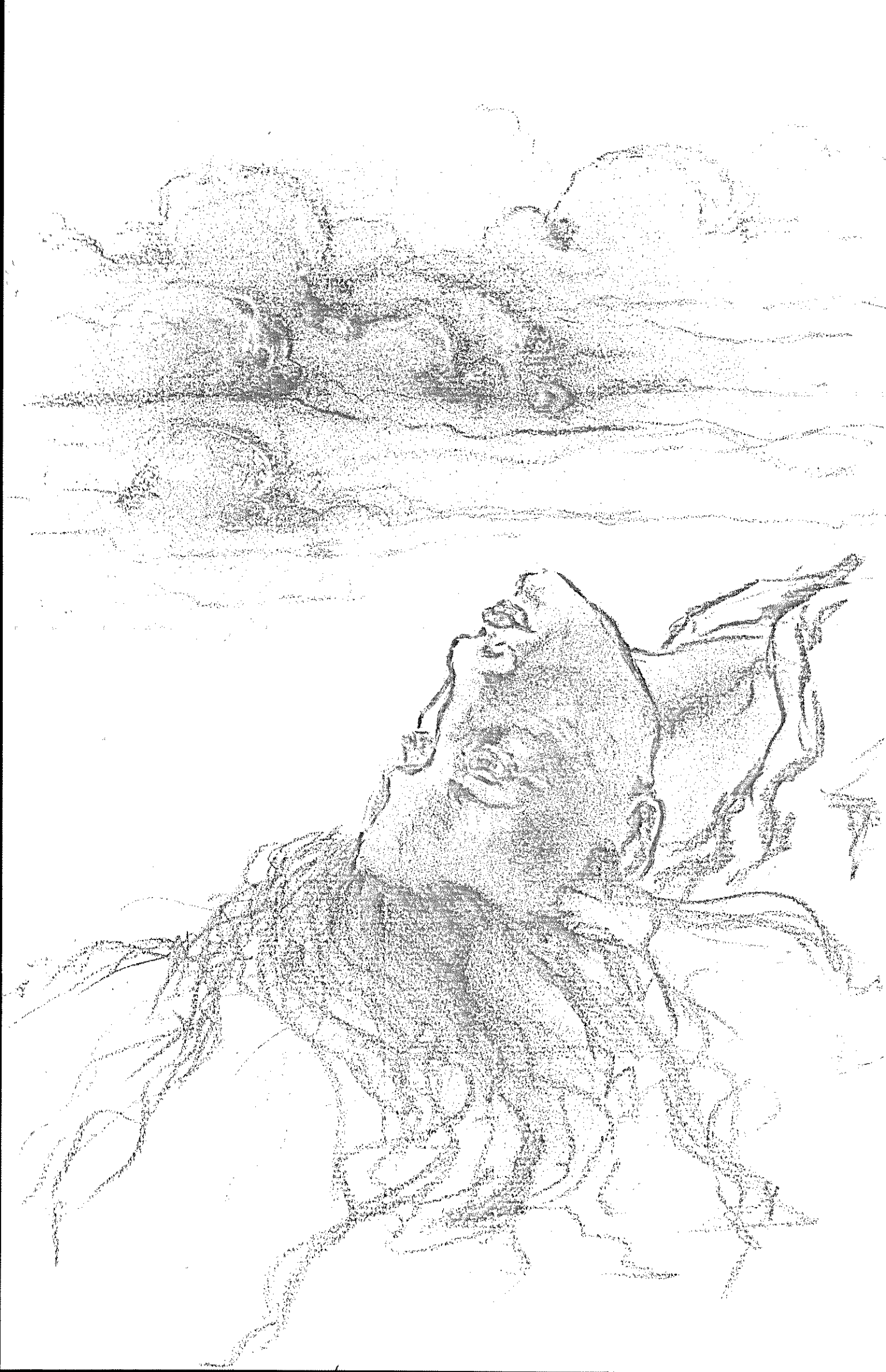
mem: "À medida que tecia, assim ela manipulava a vida dos homens - era uma maravilha o fato de que uma das visões da Deusa era uma mulher tecendo... a partir do momento que um homem vem ao mundo, nós tecemos sua mortalha. Sem nós, a vida dos homens seria de fato nua... " (*)

A Deusa acima referida parece onipotente e voluntariosa. Sua manifestação pode ser observada na mulher que por detrás de uma atividade aparentemente alienante, já que repetitiva e escravizadora, vai imprimindo nela os desejos e as sombras que passam pela sua alma. (É isto que muitas mulheres ignoram ao viverem resignadas à sombra de um homem. Ao mesmo tempo que estão "morrendo" lentamente, também estão "matando" seu companheiro pelo fel venenoso que trespassa por sua alma e por suas tramas inconscientes).

Considerando que neste caso o fel não é somente venenoso, mas que também nutre, a ênfase deste estudo está no aspecto diferenciado da Deusa, ou seja, que na busca do feminino dentro de si a mulher se utilize dessa força interior, arcaica e primitiva, que tem suas raízes na própria natureza. E o faça no sentido da promoção de sua dignidade e de sua auto-estima, o que se reflete automaticamente na relação com o companheiro.

O caminho está aberto para todas as mulheres que vivem o momento de romper com uma identidade pré-fabricada e imposta artificialmente. Fica aqui um convite que se estende a todas as mulheres, principalmente àquelas capazes de CUSAR

(*) Bradley, 1985



E um orador disse: FALA-NOS DA LIBERDADE

E ele respondeu:

" Nos portões da cidade e junto ao fogo de vossas casas, eu vos vi prostrar-vos e adorar vossa própria liberdade.

Até mesmo como escravos que se humilham perante um tirano, e o louvam, embora ele os destrua.

Sim, na alameda do templo e à sombra da cidadela, tenho visto o mais livre entre vós carregar a liberdade como jugo e grilhões.

E meu coração sangrou dentro de mim; pois só podereis ser livres quando até mesmo o desejo de buscar a liberdade se tornar uma armadilha dura para vós e quando cessardes de falar em liberdade como uma meta e um fim.

Sereis realmente livres não quando vossos dias forem sem preocupação e vossas noites sem desejo e aflição.

Mas sim quando estas coisas envolverem vossa vida e, entretanto, conseguirdes elevar-vos acima delas, nus e desatados.

E como vos elevareis além de vossos dias e de vossas noites a menos que rompais as correntes que, na aurora da vossa compreensão, estão em torno da metade do vosso dia?

Na verdade, o que chamais de liberdade é a mais forte destas correntes, embora seus elos brilhem ao sol e ofusquem vossos olhos.

E o que rejeitareis, serão fragmentos de vós próprios, para vos tornardes livres?

Se é uma lei injusta que quereis abolir, esta lei foi escrita por vossa própria mão, em vossa própria testa.

Não podeis apagá-la queimando vossos códigos, nem lavando a testa de vossos juizes, mesmo que despejeis o mar sobre eles.

E se é um déspota que quereis destronar, verificai antes se o seu trono erigido dentro de vós está destruído.

Pois como pode um tirano dominar livres e altivos, senão através da tirania em vossa própria liberdade e vergonha, em vossa própria altivez?

E se é uma preocupação que quereis rejeitar, a preocupação foi escolhida por vós, e não vos foi imposta.

E se é um temor que quereis dissipar, o centro desse temor acha-se em vosso coração e não na mão daquilo que temeis.

Na verdade, todas as coisas se movem dentro do vosso ser constantemente semi-entrelaçadas, as coisas desejadas e as coisas receadas, as coisas repugnantes e as coisas atraentes, as coisas almejadas e as coisas de que fugis.

Estas coisas movem-se dentro de vós como luzes e sombras em pares fortemente unidos.

E quando a sombra desaparece e não mais existe, a luz que brilha torna-se sombra de outra luz.

E assim a vossa liberdade, quando perde seus grilhões, torna-se o grilhão de uma liberdade maior."

(Kahlil Gibran, 1923, p. 43-5)

X - A N E X O S

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1) Dados Pessoais:

Nome; idade; escolaridade; estado civil; número de filhos; cor; local de nascimento; endereço; telefone.

2) Condição sócio-econômica do casal:

profissão dela, salário; profissão dele, salário; classe social a que pertencem; condição sócio-econômica da família de origem; duração do casamento; dependência econômica da mulher.

3) Antecedentes:

Constelação familiar: irmãos, posição da entrevistada na referida constelação; características de cada um dos pais isoladamente; relação do casal parental; relação de cada um destes com a entrevistada.

Dinâmica familiar: como o poder era administrado pelo casal parental, qual dos membros exercia posições de chefia e comando; hierarquia familiar. Como são as relações atuais do sujeito com o pai e a mãe, e destes entre si; ocorre de forma harmoniosa, conflituosa, agressiva, submissa, ambivalente. Ocorrência de violência na família de origem.

4) Desenvolvimento (Infância):

Condições financeiras e psicológicas em que o sujeito foi criado; principais atividades quando criança; presença de eventos traumáticos; mudanças de ambiente e de pessoas; transferência de domicílio para outro grupo familiar (parentes, conhecidos) possivelmente por falta de condições econômicas da família de origem; impressões deixadas por esta experiência. Separações dos pais. Espancamento do sujeito quando criança; testemunho de espancamento da mãe, interposição para defender a mãe.

5) Condições em que se deu o casamento:

Motivo manifesto do casamento: por livre escolha, por imposição dos pais, para legitimar uma gravidez, por "amor"; quais

os sentimentos em relação ao marido na ocasião; sentimentos na atualidade. Conhecimento prévio do mau gênio do marido; espancamentos e perseguições anteriores ao casamento.

6) Investigações sobre a ocorrência de violência doméstica:

Violência física: ocorrências de espancamento da mulher pelo marido; ocasião em que isto se deu pela primeira vez, razões apontadas e reação da mulher diante disso; repetição da violência e com que frequências; duração; motivos atuais que levam o marido a lhe bater. Como este efetua suas agressões; utilização de seu próprio corpo ou de algum instrumento; área visada no corpo feminino.

Violência psicológica: menosprezo e humilhações do marido sobre a mulher, quando este se lhe dirige com palavras de baixo calão, calúnias, injúrias, difamações, ameaças de morte. Hábito rotineiro de desqualificar as potencialidades e capacidades da mulher, de tal forma que esta reduza sua auto-estima e perca a confiança em si. Prática de manter a mulher "aprisionada" restringindo sua liberdade de ação e de pensamento à custa de trocas afetivas. Domínio e aniquilamento da personalidade feminina.

Posicionamento da mulher diante da violência do marido: julgamento desta sobre o fato em si, acha certo, errado, não sabe dizer; desejo de separação; tentativas nesta direção; razões pelas quais não efetivou este objetivo; fatores que a mantêm presa nesta situação.

7) Mudanças na dinâmica da relação:

evolução do jogo de forças; inversão da figura que detém o papel de mando (a mulher passou a mandar e o marido a obedecer); deterioração crescente nas relações do casal; sentimento predominante; aprendizagem de auto-defesa da mulher; comportamento manifesto de maior agressividade, ou ao contrário, tornou-se mais impotente e submissa no decorrer do tempo; comportamento do marido: tornou-se mais tirânico ou conscientizou-se de suas atitudes agressivas deixando de bater na mulher.

8) Alcoolismo:

Ocorrência de alcoolismo do marido: em que circunstância; observação de maior agressividade deste ao ingerir álcool; associação entre as alterações provocadas pelo álcool no comportamento do marido e os ataques impingidos à mulher; ocorrência de alcoolismo feminino; utilização de tóxicos pelo homem.

9) Vida sexual do casal:

É prazerosa, entendida como um dever (a mulher deve "servir" o marido), ou imposta; relações sexuais compulsórias (estupro pelo marido); imposição por parte deste de práticas sexuais não aprovadas pela mulher; carência de relações sexuais, baixa frequência.

10) Consequências para a prole:

Repercussão dos conflitos do casal e das tensões do ambiente sobre as crianças; formas em que isto ocorre: dificuldade de aprendizagem na escola, comportamento inadequado em casa, agressividade, inquietação, isolamento, comportamento de birra, insônia, falta de apetite, dependência psicológica. Relacionamento da mãe com os filhos, o que estes representam para ela; punição das crianças, como e por que isto ocorre.

11) Problemas de saúde:

tendência à somatização; formas em que a tensão psicológica se expressa fisicamente; doenças congênitas, hereditários, blemas psiquiátricos da mulher e do marido.

12) Tentativas de suicídio do sujeito:

Ocorrências de tentativas de suicídio, condições em que isto se deu; justificativas apresentadas para a utilização deste expediente; repetição de tentativas de suicídio; desejo de morte sem ousar, contudo, efetivá-lo; fantasias de morte, pensamentos obsessivos auto-destrutivos; tendências depressivas.

13) Sonhos repetitivos:

Ocorrência de sonhos repetitivos, sejam eles quais forem. Re-

lato dos mesmos.

Nota: É necessário ressaltar que este roteiro não foi elaborado para ser seguido rigidamente, mas como um guia de orientação a ser utilizado pela pesquisadora. A estratégia adotada é aquela de entrevista semi-dirigida, onde se respeita o curso do pensamento do sujeito com sua dinâmica própria, mas ao mesmo tempo se impõe o ritmo da pesquisadora na forma de questões que ainda ficarão obscuras, as quais são pontos importantes dentro do roteiro. Com isso, ao mesmo tempo que se obtém importantes informações a respeito daqueles aspectos que parecem ao sujeito imbuídos de maior colorido emocional, também se esclarecem questões relevantes para a pesquisa. O discurso do sujeito é, pois, o caminho sobre o qual se apóia a pesquisadora sem, contudo, ser conduzida por ele.

XI - BIBLIOGRAFIA

- ABBELE, F.M. O Desenho e a Cor como Manifestações da Sociabilidade Infantil, in Gazeta Sanitária, Milano, 17 (1), p. 105-9, 1969
- AZEVEDO, M.A. Mulheres Espancadas: A Violência Denunciada, 1ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 1985
- BADINTER, E. Um É o Outro, 4ª ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986
- BELL, J.E. Técnicas Projectivas, 4ª ed. Buenos Aires, Editora Paidós, 1948 / 1978
- BELLOTTI, E.G. Educar para a Submissão, 2ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1973
- BENDER, L. Childhool Psychiatric Techniques, Springfield, Thomas, 1952
- BERNSTEIN, J. Tests projectivos lúdicos, verbales y gráficos, in Bell, J.E. Técnicas Projectivas, Buenos Aires, Editora Paidós, 1958, p. 275-300
- BIBLIOTECA SALVAT DE GRANDES TEMAS, A Libertação da Mulher, 1ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Brasil S.A., 1979
- BLEGER, J. Temas de Psicologia: Entrevista y Grupos, 7ª ed. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1971 / 1977
- BRADLEY, M.Z. As Brumas de Avalon, 17ª ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1985, 4 volumes
- BRAGHINI, L. Estatística Aplicada ao SOS/Ação-Mulher, Campinas, 1986

CAVALCANTI, R. O Casamento do Sol com a Lua, 1ª ed. São Paulo, Círculo do Livro, 1987

CORRÊA, M. Os Crimes da Paixão, 1ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981

DALBIEZ, R. O Método Psicanalítico e a Doutrina de Freud, 1ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1947, Tomo II

DEUTSCH, H. La Psychologie des Femmes, traduit d'après la 7ª édition américaine par le Dr. Hubert Benoit, Paris, Presses Universitaires de France, 1945 / 1949, p. 190-239

FADIMAN, J. e FRAGER, R. Teorias da Personalidade, 1ª edição brasileira, São Paulo, Editora Harper & Row do Brasil Ltda, 1976/1979

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1920 / 1980, v. XVIII, p. 51-85

_____. Análise de um Sonho Modelo. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1900 / 1980, v. IV, p. 119-27

_____. Ansiedade e Vida Instintual. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1932 / 1980, v. XXII, p. 103-38

_____. As Características Especiais do Sistema Inconsciente. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1915 / 1980, v. XIV, p. 213-7

_____. Uma Criança É Espancada. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1919 / 1980, v. XVII, p. 223-253

_____. As Duas Classes de Instintos. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1923 / 1980, v. XIX, p. 55-63

_____. O Ego e o Id. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1923 / 1980, v. XIX, p. 13-41

_____. Emoções Inconscientes. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1915 / 1980, v. XIV, p. 203-6

_____. Estar Amando e Hipnose. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1921 / 1980, v. XVIII, p. 141-7

_____. Feminilidade. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1932 / 1980, v. XXII, p. 139-65

_____. Fixações de Alvos Sexuais Provisórios: Sadismo e Masoquismo. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1905 / 1980, v. VII, p. 146-50

_____. Os Instintos e suas Vicissitudes. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1915 / 1980, v. XIV, p. 137-62

_____. O Problema Econômico do Masoquismo. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1924 / 1980, v. XIX p.199-212

_____. Psicanálise. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1926 / 1980, v. XX, p. 295-309

_____. O Mal-Estar na Civilização. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1930 / 1980, v. XXI, p. 119-57

_____. Sexualidade Feminina. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1931 / 1980, v. XXI, p. 259-79

_____. Sobre o Mecanismo da Paranóia. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1911 / 1980, v. XII, p. 81-104

_____. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1914 / 1980, v. XIV, p. 85-119

_____. O Tabu da Virgindade. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1918 / 1980, v. XI, p. 175-92

GREEN, A. Narcisismo de Vida - Narcisismo de Morte. 1ª ed. São Paulo, Editora Escuta, 1988

HAMMER, E.F. Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos. 1ª edição brasileira. Rio de Janeiro, Editora Interamericana, 1981

_____. Tests Projectivos Gráficos. Buenos Aires, Editora Paidós, 1969

HOFFMAN, B. Terapia Hoffman da Quadrinidade. 4ª ed. Campinas, Papirus Editora, 1979 / 1987

JUNG, C.G. Ab-reação, Análise dos Sonhos, Transferência. In: Obras Completas de Carl Gustav Jung. 1ª edição brasileira, Petrópolis, Editora Vozes, 1946 / 1987, v. XVI, t. 2

_____. O Eu e o Inconsciente. In: Obras Completas de Carl Gus-

tav Jung. 1ª edição brasileira, Petrópolis, Editora Vozes, 1928 / 1979, v. VII, t. 2

_____. Psicologia do Inconsciente. In: Obras Completas de Carl Gustav Jung. 6ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1917 / 1987, v. VII, t. 1

KAHLIL GIBRAN, G. O Profeta, 1ª edição brasileira, Rio de Janeiro, Associação Cultural Internacional Gibran, 1923 / 1951, p.43-5

KLEIN, M. A Psicanálise de Crianças. 1ª edição brasileira, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1952 / 1969, p. 259-311

_____. e RIVIERE, J. Amor, Ódio e Reparação. 2ª ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1937 / 1975

LAING, R.D. Laços. In: Coleção Psicanálise. 2ª edição brasileira, Petrópolis, Editora Vozes, 1974 / 1977, v. IX

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário de Psicanálise, 9ª ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1967 / 1986

LEVY, S. Figure Drawing as a Projective Test. In. ABT, L.E. and Bellack, L. (Eds.), Projective Psychology, New York, Grove Press, 1959

LOEWEFELD, L. O Método Psicanalítico de Freud. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1904 / 1980, v. VII, p. 231-8

LOURENÇÃO van KOLCK, O. Interpretação Psicológica de Desenhos, 1ª ed. São Paulo, Editora Pioneira e Universidade de São Paulo, 1968

MERWISE, T. How Women Are Forced to Stay: An Examination of Societal Responses to Battered Women. Hanover, United Nations Secretariat, 1986

PICCOLO, E.G. A Defesa nos Testes Gráficos. In: OCAMPO, M.L.S. de
O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas. 5ª ed.
São Paulo, Martins Fontes Editora, 1986

PONTES, H.A. Do Palco aos Bastidores, Dissertação de Mestrado, U-
niversidade Estadual de Campinas, 1987

SEGAL, H. Introdução à Obra de Melanie Klein. 1ª ed. Rio de Janei-
ro, Imago Editora, 1964 / 1975

TAUBE, M.J. "Na casa manda ela, nela mando eu." O Mundo Doméstico
e a Atuação Comunitária: Um Paradoxo Feminino, Campinas, 1990
Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas - V Concurso
de Pesquisas sobre a Mulher.

TRINCA, W. Investigação Clínica da Personalidade: O Desenho Livre
como Estímulo de Apercepção Temática. Tese de Doutorado,
Belo Horizonte, Editora Interlivros, 1976

"A flor e até mesmo o fruto são apenas o começo.
Na semente está a vida e o futuro."

(Bradley, 1985, p. 234, v. 3)

(Mesmo tendo que se adequar aos padrões de
cientificidade, este estudo não deixou se
ser escrito pela pena da emoção e pela óp
tica da mulher...)